

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
Mestrado em Arquitetura e Urbanismo

Dissertação de Mestrado



CAMINHAR NA CIDADE:

RESSIGNIFICAÇÃO DO LUGAR SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Aracele Rocha Mahfuz

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

M214c Mahfuz, Aracele Rocha

Caminhar na cidade [recurso eletrônico] : ressignificação do lugar sob uma perspectiva de gênero / Aracele Rocha Mahfuz ; Adriana Araujo Portella, orientadora ; Gisele Silva Pereira, coorientadora. — Pelotas, 2023.

224 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Ambiente e comportamento. 2. Percepção. 3. Gênero. 4. Mobilidade a pé. 5. Caminhabilidade. I. Portella, Adriana Araujo, orient. II. Pereira, Gisele Silva, coorient. III. Título.

CDD 711.4

Elaborada por Michele Lavouro da Silva
CRB:10/2502

Aracele Rocha Mahfuz

CAMINHAR NA CIDADE:

Ressignificação do lugar sob uma perspectiva de gênero

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Portella

Co-orientadora: Profa. Dra. Gisele Pereira

Pelotas, 2023

Aracele Rocha Mahfuz

Caminhar na cidade: ressignificação do lugar sob uma perspectiva de gênero

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 29 de setembro de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Adriana Portella (Orientadora)
Doutora em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University

Profa. Dra. Gisele Pereira (Coorientadora)
Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental pela Oxford Brookes University

Profa. Dra. Louise Prado Alfonso
Doutora em Arqueologia pelo Museu de Etnologia da Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Ligia Maria Ávila Chiarelli
Doutora em História Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Liziane de Oliveira Jorge
Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo

Aos meus filhos Agnes e Heitor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à minha família pelo amor, oração, apoio, carinho, paciência e incentivo para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

Às minhas amigas e aos meus amigos, que estiveram comigo nessa jornada e que me acolheram com um café, uma conversa, um colo ou um abraço nos momentos mais difíceis: Cláudio, Daniele, Marco, Carlos, Paola, Cláudia, Guilherme, Maureen, Camila e Rochele.

Aos meus colegas de PROGRAU Mateus e Tailline, por tornar o caminho até aqui mais leve ao compartilhar as alegrias e angústias desse processo.

Meu muito obrigada à minha orientadora, Adriana Portella, e coorientadora, Gisele Pereira, por acreditarem no potencial desta pesquisa e, com paciência e compreensão, me darem a oportunidade de desenvolvê-la.

Em especial, quero agradecer a todas as mulheres que participaram das entrevistas, que enriqueceram este trabalho ao dividirem seu tempo e suas experiências de forma tão generosa comigo.

Por fim, a todos os professores, colegas e funcionários do PROGRAU que contribuíram direta ou indiretamente para essa pesquisa.

Muito obrigada.

RESUMO

MAHFUZ, Aracele Rocha. **Caminhar na Cidade:** ressignificação do lugar sob uma perspectiva de gênero. Orientadora: Adriana Araújo Portella. Coorientadora: Gisele Pereira. 2023. 230 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Para tornar as cidades melhores e mais habitáveis, é imprescindível torná-las caminháveis. A caminhabilidade propicia a vitalidade urbana e é, ao mesmo tempo, uma referência para medir tal vitalidade. Porém, caminhar nas ruas das cidades com tranquilidade é privilégio de poucos. As mulheres são as mais prejudicadas nos deslocamentos a pé, tendo, além de uma experiência negativa e desmotivadora, seu direito de ir e vir, e, conseqüentemente, o direito à cidade, ceifados. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivos gerais analisar como o desenho urbano pode contribuir para o fortalecimento dos deslocamentos a pé das mulheres e apresentar diretrizes para elaboração de políticas públicas de planejamento urbano, visando criar espaços públicos mais seguros e acolhedores, incentivando cada vez mais a mobilidade ativa. Para tal, escolheu-se fazer um estudo de caso no bairro Porto na cidade de Pelotas/RS. O local escolhido tem grande valor histórico que remonta aos tempos de quando Pelotas era o principal centro econômico e comercial do Rio Grande do Sul. Atualmente, depois de um tempo de abandono, a região vem sendo recuperada pouco a pouco, principalmente com projetos da Universidade Federal de Pelotas, que viu nos grandes prédios desocupados a possibilidade de expandir sua estrutura. Para realização da pesquisa, foram aplicados os seguintes procedimentos metodológicos: entrevista caminhada, levantamento físico e observações. Verificou-se que fazer planejamento urbano sob uma ótica feminina é fundamental para superar as desigualdades de gênero e as diferentes formas de discriminação das mulheres brasileiras; principalmente, há a necessidade de incluir nas políticas públicas aquelas que são mais vulneráveis (negras, lésbicas e trans), a fim de fortalecer a cidadania de mais da metade da população.

Palavras-chave: Ambiente e comportamento. Percepção. Gênero. Mobilidade a pé.

ABSTRACT

MAHFUZ, Aracele Rocha. **Walking in the City: reframing place from a gender perspective**. Advisor: Adriana Araújo Portella. 2023. 230 f. Dissertation (Master in Architecture and Urbanism) - Graduate Program in Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

To make cities better and more livable, it is essential to make them walkable. Walkability promotes urban vitality and serves as a reference for measuring such vitality. However, walking peacefully on the streets of cities is a privilege for a few. Women are the most affected when it comes to walking, experiencing not only negative and demotivating encounters but also having their right to move freely, and consequently, their right to the city, infringed upon. Thus, the present work aimed to analyze how urban design can contribute to the enhancement of women's walking experiences and present guidelines for the development of public urban planning policies aimed at creating safer and more welcoming public spaces, increasingly encouraging active mobility. To do so, a case study was conducted in the Porto neighborhood in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul. The chosen location holds great historical value dating back to the time when Pelotas was the main economic and commercial center of Rio Grande do Sul. Currently, after a period of neglect, the area has been gradually revitalized, primarily through projects of the Federal University of Pelotas, which saw the opportunity to expand its infrastructure in the vacant large buildings. To carry out the research, the following methodological procedures were applied: interviews, walking tours, physical surveys, and observations. It was found that urban planning from a female perspective is crucial to overcome gender inequalities and different forms of discrimination against Brazilian women. There is a particular need to include those who are more vulnerable (Black, lesbian, and transgender women) in public policies to strengthen the citizenship of more than half of the population.

Keywords: Environment and behavior. Perception. Genre. Mobility on foot.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Horas diárias dedicadas a cuidados com pessoas.....	23
Figura 2 – Participação feminina no mercado de trabalho.	24
Figura 3 – Jornadas duplas/triplas do trabalho.....	25
Figura 4 – Vida pública e tomada de decisão.....	28
Figura 5 – Conceito de caminhabilidade.	36
Figura 6 – Área ocupada pelos pedestres e situação de circulação em calçada bidirecional.	41
Figura 7 – Dimensões referenciais para deslocamento de pessoas em pé.	42
Figura 8 – Largura para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeira de roda.	43
Figura 9 – Distinção entre calçadas e passeio.	45
Figura 10 – Faixas de uso da calçada – corte.....	47
Figura 11 – Rebaixamento de calçada – Vista superior.	48
Figura 12 – Rebaixamento de calçada entre canteiros – Exemplo.	48
Figura 13 – Mobilidade dos habitantes por porte do município e modo principal, 2018.	50
Figura 14 – Distribuição percentual das viagens por modo de transporte, 2018.....	51
Figura 15 – Distribuição percentual das viagens por porte do município, 2018.	51
Figura 16 – Número de viagens por modalidade no município de Pelotas	52
Figura 17 – Padrão de viagens para atividades reprodutivas.	54
Figura 18 – Padrão de viagens para atividades produtivas.....	55
Figura 19 – Localização de Pelotas no Rio Grande do Sul.	59
Figura 20 – Mapa da divisão da Sede do Município de Pelotas.....	60
Figura 21– Mapa de Microrregiões Administrativas.	61
Figura 22 – Foto aérea de Pelotas (região do centro e zona portuária).	61
Figura 23 – Delimitação da Cidade Histórica.	63
Figura 24 – Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC – 3).....	64
Figura 25 – Áreas Especiais de Interesse Social (AEIS).....	65
Figura 26 – UFPel: Uma História Escrita em Três Séculos.....	66
Figura 27 – Delimitação da área de pesquisa.	67
Figura 28 – Delimitação da área de pesquisa.	68
Figura 29 – Evento “Sofá na rua” na região portuária de Pelotas/RS.	69

Figura 30 – Evento cultural Sofá na Rua, entre o prédio da Faculdade de Engenharia, depósitos em desuso e a antiga fábrica de cerveja.....	69
Figura 31 – As cores e formas artísticas de diversos autores dão mais vida ao contexto urbano e à zona portuária.	70
Figura 32 – Fachada do Instituto Hélio D’Angola.	71
Figura 33 – Batucantada – Carnaval do Quadrado 2023.	72
Figura 34 – Pesquisadora e participante do estudo na entrevista piloto.	78
Figura 35 – Na imagem, a entrevistada sinalizou com os blocos verde e vermelho, indicando que o espaço tem tanto pontos negativos quanto positivos.	79
Figura 36 –Trajeto escolhido pela Entrevistada EM_01_33 anos	84
Figura 37 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_01_33 anos.	85
Figura 38 – Trajeto Escolhido pela Entrevistada EM_03_38 anos.	86
Figura 39 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_03_38 anos.	86
Figura 40 – Trajeto Escolhido pela Entrevistada EM_02_49 anos.	87
Figura 41 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_02_49 anos.	88
Figura 42 – Trajeto Escolhido pela Entrevistada EM_04_26 anos.	89
Figura 43 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_04_26 anos.	89
Figura 44 – Trajeto Escolhido pela Entrevistada EM_05_33 anos.	90
Figura 45 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_05_33 anos.	91
Figura 46 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_06_33 anos.	92
Figura 47 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_06_33 anos.	92
Figura 48 – Guia tátil em frente ao Centro de Artes da UFPel.	96
Figura 49 – Guia tátil em apenas um trecho da calçada na rua Conde de Porto Alegre.	97
Figura 50 – Ciclofaixas do bairro.....	98
Figura 51 – Rua Conde de Porto Alegre.	99
Figura 52 – Casas com muro baixo na rua João Pessoa e na Conde de Porto Alegre.	99
Figura 53 – Calçadas irregulares, entulhos e muros que podem servir de esconderijo para assaltantes e/ou abusadores.	100
Figura 54 – Calçadas sem manutenção e presença de fachadas cegas na rua Dona Mariana.	101
Figura 55 – Ausência e/ou iluminação precária.....	101

Figura 56 – Rua sem pavimentação no Quadrado e Calçada com diversos desníveis na rua Uruguai.....	102
Figura 57 – Calçadas sem manutenção: Rua Dona Mariana.	103
Figura 58 – Pichação homofóbica.	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dimensões da calçada conforme o fluxo de pedestres	45
Tabela 2 – Áreas urbanas com e sem calçadas.....	52
Tabela 3 – Caracterização da Coleta de dados.	77
Tabela 4 – Amostra de pesquisa.....	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Motivação	17
1.2 Objetivos Da Pesquisa	18
1.2.1 Objetivos Gerais	18
1.2.2 Objetivos Específicos	18
1.3 Estudo de Caso	18
1.4 Estrutura da Dissertação	19
2 CAMINHAR NA CIDADE: RUAS E VIOLÊNCIA SOB UMA PERSPECTIVA FEMININA	20
2.1 Gênero e Cidade	20
2.1.1 Papel de gênero, divisão sexual do trabalho e sua relação com a cidade	22
2.1.2 Participação das mulheres nas tomadas de decisões sobre o território	26
2.2 Percepção de Segurança ao Caminhar pelo Espaço Urbano	29
2.3 Violência de Gênero no Espaço Público	31
2.3.1 Legislação de combate à violência contra a mulher no Brasil	33
2.4 Caminhabilidade	35
2.5 Características do Deslocamento a pé	40
2.5.1 Características físicas da mobilidade a pé	40
2.5.2 Características psicológicas da mobilidade a pé	44
2.6 Circulação de Pedestres: Calçadas e Passeios	44
2.7 Mobilidade a Pé no Brasil e em Pelotas	50
2.8 Gênero e Caminhabilidade	53
2.9 Síntese do Capítulo	56
3 METODOLOGIA	58
3.1 Estudo de Caso	58
3.2 Caracterização do Município de Pelotas/RS	58
3.3 Caracterização do Bairro Porto (Pelotas/RS)	62
3.4 Métodos e Técnicas para Coleta de Dados	72
3.4.1 Levantamento bibliográfico e documental	74
3.4.2 Observação Participante	74
3.4.3 Entrevista caminhada	77
3.4.4 Levantamento do espaço físico	80

3.5 Métodos de Análise dos Dados.....	81
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	82
4.1 Relação e Afinidade com a Região	83
4.2 Condições Físicas a que estão Sujeitas as Usuárias.....	95
4.3 Mobilidade e Violência.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA CAMINHADA.....	125
APÊNDICE B – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_01.....	127
APÊNDICE C – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_02.....	137
APÊNDICE D – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_03.....	151
APÊNDICE E – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_04.....	160
APÊNDICE F – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_05.....	175
APÊNDICE G – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_06.....	196
APÊNDICE H – QUADRO SÍNTESE ANÁLISES E OBJETIVOS.....	210
APÊNDICE I – ANOTAÇÕES DA PESQUISADORA.....	216
ANEXO A – CÓDIGO DE TRÂNSITO BRASILEIRO	224
ANEXO B – ARTIGO 102 DO III PLANO DIRETOR	226
ANEXO C – MAPA CALÇAMENTO E ILUMINAÇÃO DAS RUAS DE PELOTAS ...	228
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE...	230

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como ponto de partida o entendimento de que, para criar cidades humanizadas, que priorizem o espaço público das ruas, este entendido como elemento-chave de integração econômica e social, é fundamental um planejamento urbano que estimule a mobilidade ativa – principalmente de pedestres e de ciclistas. Nesse sentido, saúde, prosperidade e sustentabilidade são os principais argumentos para estimular que as cidades sejam caminháveis. Todavia, os conflitos nas discussões sobre planejamento urbano, sobretudo no que tange às duas primeiras décadas do século XXI, não se dão pela falta de consciência do que precisa ser feito, e sim pela total desconexão entre essa conscientização e as tomadas de decisão por responsáveis pelo planejamento de espaços comunitários (SPECK, 2017).

O conceito de caminhabilidade, nesse sentido, implica a qualidade do lugar, bem como a boa acessibilidade do pedestre às diferentes partes da cidade. O espaço urbano, por sua vez, deve proporcionar uma motivação para as pessoas adotarem o caminhar como forma de deslocamento (BARRETTO; GILSON, 2013). Sendo assim, para estimular os deslocamentos a pé, é necessário compreender a percepção de diferentes grupos, com as heterogeneidades inerentes, sobre o desenho urbano ao se deslocar pelo espaço público.

Segundo Lynch (1960), o olhar para os espaços urbanos cria, a cada indivíduo, uma associação de fatores única. Isso porque cada sujeito vivencia e sente a cidade de forma singular. Lembranças, identificação e significados são evocados pela paisagem conforme as experiências vividas por cada cidadão. Da mesma forma que o ambiente é percebido diferentemente por cada indivíduo, a cidade é um produto, especialmente, das pessoas e de suas atividades, que, por razões próprias, constantemente modificam a estrutura local (LYNCH, 1960). Dessa maneira, a paisagem urbana está em constante modificação e pode ter seu significado alterado no decorrer do tempo conforme as circunstâncias de cada época.

Percebe-se, portanto, que a imagem do espaço urbano é criada por diferentes tipos de estímulos. Nesse sentido, Lynch (1960) apresenta algumas variáveis que podem interferir na imagem urbana: sensações visuais de cor, forma, movimento ou polarização da luz, além de outros sentidos, como o olfato, a audição e o tato. Assim,

a mesma realidade poderá ser interpretada de forma significativamente diferente conforme observadores diferentes. Ainda segundo Lynch (1960), contudo, parece existir um consenso significativo entre membros de um mesmo grupo sobre as imagens da cidade que, quando representam um considerável número de observadores, podem auxiliar no planejamento de ambientes que venham a ser utilizados por várias pessoas.

Dessa forma, a identidade do ambiente, criada a partir da imagem do espaço urbano, deve construir no indivíduo o sentimento de que faz parte de algo maior, com base na consciência de pertencimento em um grupo com o qual partilha um espaço (LYNCH, 1960). Essa sensação de fazer parte dos espaços públicos, entretanto, é restrita a um número pequeno de pessoas que podem usufruir desses locais, bem como de processos e dinâmicas da cidade de maneira digna e com qualidade. Para as mulheres, historicamente excluídas dos ambientes públicos, a problemática maior reside no direito de ir e vir. Isso porque a mobilidade e circulação das mulheres nos espaços urbanos as expõem ao assédio e a situações de violência sexual (KERN, 2021).

Tendo em vista que as mulheres foram, historicamente, restringidas aos espaços privados, ao adentrar o espaço público, deparam-se com recorrente sentimento de insegurança e medo de assédio ou de violência (BANDEIRA, 2014; DUTRA; MACHADO, 2017; FERNANDES; LIMA, 2019; GALETTI, 2017; KERN, 2021). A violência de gênero, por sua vez, é um fenômeno social decorrente das relações de poder e de uma sociedade culturalmente machista (DUTRA; MACHADO, 2017).

As relações entre estrutura urbana e desigualdade de gênero também propiciam vulnerabilidade às mulheres que circulam, locomovem-se e ocupam o espaço público. Ou seja, o sentimento de insegurança e vulnerabilidade que as mulheres percebem nos espaços urbanos decorrem das relações de poder entre homens e mulheres (DUTRA; MACHADO, 2017). As referidas autoras afirmam, ainda, que é fundamental observar esses fenômenos sociais ao abordar a violência de gênero. Trata-se de analisar as influências do meio sobre o indivíduo quanto a essas práticas, bem como formas de combate e prevenção à violência de gênero contra a mulher.

A partir dessas reflexões, instituiu-se a seguinte pergunta norteadora desta pesquisa: Como o desenho urbano pode contribuir para o fortalecimento dos deslocamentos a pé das mulheres?

Para tanto, este estudo se baseia em três categorias principais: a divisão sexual do trabalho, a violência de gênero nos espaços públicos e a mobilidade a pé, as quais são detalhadas no Capítulo 2, intitulado *Caminhar na cidade: ruas e violência sob uma perspectiva feminina*.

1.1 Motivação

A motivação para esta pesquisa reside, primeiramente, no interesse pelo estudo de calçadas, resultante do Trabalho Final de Graduação no curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Pelotas. O referido estudo teve como objetivo fazer uma avaliação da caminhabilidade em algumas faces de quadra na região do Porto em Pelotas. No decorrer da pesquisa, a percepção sobre esse delimitado espaço em frente às casas foi se modificando. Mais do que uma via de pedestres, as calçadas têm potencial para mudar as dinâmicas das cidades. Desse modo, sua estrutura e uso são fundamentais para que os espaços urbanos sejam mais saudáveis, sustentáveis e humanizados.

Contudo, a experiência de caminhar pelas ruas das cidades não é igual para todos. Minha experiência, como mulher, foi conviver com o assédio desde muito cedo, desde “cantadas” até ser perseguida. Esses acontecimentos moldaram a forma como me relaciono com a cidade, assim como ocorreu com as mulheres da minha família, das minhas amigas e tantas outras.

Sendo assim, o quão pode ser transformador para uma cidade valorizar as calçadas se uma parcela da população sequer se sente segura em estar ali? Por isso, senti a necessidade de estudar como se relacionam gênero e mobilidade a pé, com o intuito de tornar os espaços mais democráticos.

Acredito que, para combater a violência de gênero, é preciso compreender as raízes e as causas e procurar desenvolver formas de prevenção. Por isso, creio que a relevância desta pesquisa está na necessidade de ampliação da discussão, no âmbito da Arquitetura e da Engenharia, sobre a violação dos direitos das mulheres nos espaços urbanos e o direito à cidade, para que planejadores tenham mais subsídios para criar espaços que contemplem a todos.

1.2 Objetivos Da Pesquisa

1.2.1 Objetivos Gerais

Diante da referida pergunta norteadora desta pesquisa, optou-se por dividir em dois objetivos gerais: 1) analisar como o desenho urbano pode contribuir para o fortalecimento dos deslocamentos a pé das mulheres e 2) apresentar diretrizes para elaboração de políticas públicas na área de planejamento urbano, visando criar espaços públicos mais seguros e acolhedores, incentivando cada vez mais a mobilidade ativa.

1.2.2 Objetivos Específicos

Como desdobramento dos objetivos gerais, os objetivos específicos são:

- a) Analisar como as mulheres estão inseridas na cidade (trabalho, lazer, atividades de cuidado e manutenção da casa), observando as relações público/privada;
- b) Avaliar as condições da estrutura física das cidades às quais estão sujeitas as usuárias da mobilidade a pé;
- c) Analisar como se dá o deslocamento das mulheres no contexto urbano;
- d) Verificar como outras características (cor da pele, orientação sexual, identidade de gênero etc.) interferem na vivência das mulheres nos seus deslocamentos a pé.

1.3 Estudo de Caso

O local escolhido para o estudo de caso é o bairro Porto na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul. A região é um dos bairros mais importantes na história de Pelotas. Formado às margens do Canal de São Gonçalo, conta com construções (fábricas e depósitos) que narraram os rumos da economia da cidade (AL-ALAM, 2011).

A escolha deste local se deu pela presença da Universidade Federal de Pelotas na região, que vislumbrou, nos grandes prédios abandonados, a possibilidade de

ampliação da sua estrutura física. O movimento gerado pela comunidade acadêmica, a retomada das operações portuárias e as iniciativas de recuperação do patrimônio arquitetônico estão desenhando uma nova identidade da Zona do Porto de Pelotas (INCHAUSPE; SILVA NETO, 2019).

Além disso, desde 2001, a Prefeitura Municipal de Pelotas passou a discutir a Cidade Universitária dentro do plano Diretor, prevendo um projeto de humanização de uma ampla área da zona do Porto, priorizando o pedestre e fazendo da rua um espaço de convivência, conforme se observa na Lei nº 5.502 (PELOTAS, 2008a).

Com vistas ao desenvolvimento deste estudo, inicialmente, realizou-se pesquisa documental e bibliográfica que permitissem realizar a análise morfológica, além de fazer um reconhecimento de campo que se deu via caminhadas na região, para, através de observação e registro fotográfico, encontrar elementos capazes de influenciar a percepção de segurança das mulheres que transitam na região. Ademais, foram realizadas entrevistas caminhadas com mulheres que frequentam ou moram no bairro. No Capítulo 3, *Metodologia*, essas etapas são detalhadas.

1.4 Estrutura da Dissertação

Este trabalho de dissertação está estruturado na forma cinco capítulos articulados entre si e dispostos da seguinte maneira:

Na primeira seção, *Introdução*, é feita uma breve introdução, em que se salienta a justificativa da pesquisa, pergunta norteadora, os objetivos, motivação e uma breve introdução aos aspectos teóricos do estudo.

Na segunda seção, *Caminhabilidade feminina: cidades, ruas e violência*, apresenta-se a revisão bibliográfica sobre as questões relacionadas à mulher no espaço urbano, a mobilidade de pedestres nas cidades e a violência de gênero nos espaços públicos.

A terceira seção, *Metodologia*, versa sobre a metodologia e a caracterização da área escolhida. São expostos também os métodos e técnicas de coleta de dados, bem como os métodos de análise desses dados, fundamentados na área de Percepção Ambiental.

A quarta seção apresenta os resultados e discussão.

E, por fim, na última seção, são apresentadas as considerações finais.

2 CAMINHAR NA CIDADE: RUAS E VIOLÊNCIA SOB UMA PERSPECTIVA FEMININA

O presente capítulo apresenta o referencial teórico que embasa a pesquisa e foi estruturado sob três categorias principais: divisão sexual do trabalho, violência de gênero nos espaços públicos e mobilidade a pé das mulheres.

O capítulo está organizado em oito partes e se inicia com a investigação sobre como se dá a relação das mulheres com a cidade, como elas participam das atividades e quais espaços ocupam. Em seguida, o estudo busca entender quais fatores favorecem a percepção de segurança dos pedestres para que se sintam seguros nos espaços públicos. Depois, procura-se compreender a violência de gênero sofrida pelas mulheres ao se deslocarem pela cidade e o que diz a legislação brasileira no que tange ao combate à violência contra a mulher no país. A quarta parte trata das questões de caminhabilidade, que servem como medida para determinar o quanto uma área, rua, bairro ou cidade é apropriada para caminhar. A quinta parte descreve quais são as características físicas e psicológicas do deslocamento a pé. A sexta subseção, por sua vez, apresenta as características da estrutura física destinada ao deslocamento de pedestres (calçadas e passeios) e sua legislação. Já na sétima subdivisão, procura-se entender como se dá a mobilidade a pé no Brasil e em Pelotas. Por fim, faz-se uma análise de como a mobilidade se difere conforme o gênero, o que é resultante da distinção das atividades de homens e mulheres nos processos da cidade.

2.1 Gênero e Cidade

Os principais planejadores e tomadores de decisões das cidades ainda são homens e as formas de planejamento urbano são baseadas em um conjunto de suposições sobre necessidades, planos de viagem diários e desejos do “típico” cidadão urbano. Esse sujeito, geralmente, é representado por uma figura masculina, ou seja, um marido e pai provedor, fisicamente apto, heterossexual, branco e do gênero cis¹. Desse modo, as escolhas, desde a política econômica urbana, o

¹ Cis. - referente ao termo Cisgênero utilizado para se referir ao indivíduos que se identifica, em todos os aspectos, com seu gênero de nascença (masculino ou feminino) (CAMPOS, 2022).

planejamento de moradias, localização das escolas até aos assentos de ônibus, são tomadas sem preocupações sobre como essas decisões afetam as mulheres. Assim, estabelecendo as experiências dos homens como “regras”, a cidade foi criada para apoiar e facilitar os papéis de gênero, ignorando o contato diário das mulheres com a vida urbana ao administrar a “dupla jornada” de trabalho, o remunerado e o não remunerado (KERN, 2021). As cidades são percebidas e vivenciadas de maneiras diversas por cada segmento da população. Nesse sentido, as diferenças sociais e as relações de poder entre gêneros estão diretamente relacionadas à evolução do espaço rural e urbano (CALIÓ, 1997). Para Gonzaga (2004), as questões de gênero se relacionam ao acesso desigual a espaços e processos das cidades. Ademais, as desigualdades atravessam a produção e reprodução e são, por princípio, estruturadoras e dinamizadoras delas. Sendo assim, a cidade apresenta às mulheres uma série de barreiras (físicas, sociais, econômicas e simbólicas) que moldam suas vidas cotidianas, em conjunto com outros fatores, de acordo com o gênero (KERN, 2021).

Consoante Santoro (2005), se há diferenças entre homens e mulheres, o planejamento urbano não pode ser visto de forma generalista e deve compreender o olhar diferenciado das mulheres sobre o espaço. Naturalmente, existem diferenças resultantes das desigualdades regionais, classes sociais e raciais, porém as experiências cotidianas de discriminação, opressão e os permanentes estigmas que reforçam a ideia de inferioridade/incapacidade feminina em diferentes âmbitos da esfera pública conferem às mulheres brasileiras uma identidade de gênero comum à sua condição (VENTURI; RECAMÁN, 2004). Nesse sentido, para que as cidades sejam funcionais às mulheres, é preciso levar em consideração suas experiências de ocupação e participação no espaço urbano. Segundo Santoro (2005), para fazer o planejamento territorial com perspectivas de gênero, é necessário compreender: como as mulheres têm participado das decisões sobre o território; como se relacionam com o espaço doméstico e com o público; e como suas reivindicações foram se modificando ao longo do tempo, de uma luta por equipamentos por uma luta por direitos.

Contudo, ainda que o planejamento urbano com perspectiva de gênero procure incluir uma visão feminina, a mulher imaginária também foi limitada. Ela é representada como uma mãe branca, casada e apta com um emprego. Isso, provavelmente, não atenderá às necessidades de grande parte das mulheres nas

idades contemporâneas. Dessa forma, mulheres negras de baixa renda, por exemplo, são as mais vulneráveis e são empurradas para áreas com serviços insuficientes, em que os benefícios da vida urbana são significativamente diminuídos (KERN, 2021).

2.1.1 Papel de gênero, divisão sexual do trabalho e sua relação com a cidade

Para situar o referencial teórico, entende-se o gênero como um produto da realidade social de ideias sobre os papéis apropriados aos homens e às mulheres, e não como decorrência da anatomia de seus corpos (SCOTT, 1995). A mulher aqui apresentada está relacionada à percepção subjetiva do que é ser feminina a partir dos diversos espaços nos quais ela se constrói: na família, no mercado de trabalho, na cidade e nas instituições. Além disso, adota-se o conceito de divisão sexual do trabalho como sendo decorrente das relações sociais entre os sexos; mais ainda, é um fator essencial para a sobrevivência da relação social entre os gêneros, designando à esfera produtiva o homem e as mulheres à esfera reprodutiva (HIRATA; KERGOAT, 2007). A relação sexual do trabalho divide-se em dois princípios organizadores: o princípio de separação – existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e o princípio hierárquico – um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Como resultado dessa construção cultural da divisão sexual do trabalho, segundo Merli (2018), às mulheres são impostas funções, tarefas, responsabilidades, obrigações, interesses e posturas ditas como específicas ao seu gênero. Assim, sobre elas recaem as responsabilidades sobre a manutenção do lar e da unidade familiar. Em 2019, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021a), as mulheres dedicaram 21,4 horas contra 11,0 horas dos homens. As desigualdades entre homens e mulheres em relação ao tempo dedicado às atividades de cuidado e manutenção da casa também são sentidas nos recortes de cor ou raça e regionais.

A referida pesquisa aponta que, na Região Sudeste, as mulheres se dedicaram mais horas a estas atividades (22,1 horas), porém a maior desigualdade era observada na Região Nordeste do Brasil. Quanto ao recorte por cor ou raça, os dados indicaram que as mulheres pretas ou pardas utilizaram 22h semanais em 2019, com atividades de cuidado de pessoas e os afazeres domésticos, ante 20,7 horas para

mulheres brancas. Esses indicadores pouco variaram para os homens quando se considerou a cor ou raça ou região (IBGE, 2021a).

Além disso, também há diferenças marcantes por rendimento domiciliar *per capita* entre as mulheres: aquelas que fazem parte dos 20% da população com menores rendimentos trabalham cerca de 24,1 horas semanais; já as que se encontram nos 20% da população com maiores rendimentos utilizam 18,2 horas semanais nas mesmas atividades. Percebe-se, então, que a renda é um fator que impacta no nível da desigualdade entre as mulheres na execução do trabalho doméstico não remunerado, “uma vez que permite acesso diferenciado ao serviço de creches e à contratação de trabalho doméstico remunerado, possibilitando a delegação das atividades de cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, sobretudo a outras mulheres” (IBGE, 2021a). A Figura 1, a seguir, detalha esses indicadores:



Figura 1 – Horas diárias dedicadas a cuidados com pessoas.
 Fonte: IBGE, 2021a, p. 3.

Dados do IBGE (2021a) também apontam que as mulheres têm maior dificuldade de serem inseridas no mercado de trabalho. Em 2019, 54,5 % das mulheres com 15 anos ou mais estavam na força de trabalho (trabalhando ou

procurando trabalho e disponível para trabalhar). Já entre os homens esse percentual chegou a 73,7% (IBGE, 2021a). A Figura 2 apresenta os indicadores numéricos acerca da participação de homens e mulheres no mercado de trabalho.



Figura 2 – Participação feminina no mercado de trabalho.
Fonte: IBGE, 2021a, p. 3.

Mesmo inseridas no mercado de trabalho, as mulheres ainda mantêm os vínculos com as atividades de cuidado, o que gera jornadas duplas/triplas, que são marcadas pela necessidade de conciliação entre trabalho remunerado e não-remunerado, conforme sintetiza a Figura 3. Em 2019, as mulheres estavam ocupadas em tempo parcial (jornadas duplas/triplas) por até 30 horas, quase o dobro do verificado para os homens (15,6%). Na análise por cor ou raça, o percentual de mulheres brancas que exerciam trabalho parcial foi de 26,0% enquanto as mulheres pretas ou pardas eram as que mais exerciam o trabalhado parcial, representando 32,7% do total (IBGE, 2021a).



Figura 3 – Jornadas duplas/triplas do trabalho.
 Fonte: INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO (ITDP) E BRASIL, 2018.

Ainda de acordo com dados do IBGE (2021a), as mulheres trabalham 73% de horas a mais na rotina de cuidados com pessoas, tais como membros da família, e afazeres domésticos, mas recebem cerca de 79,5% do salário de um homem, mesmo se for mais qualificada. Ainda, destaca-se que 63% dos lares chefiados por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza. Por isso, as mulheres, principalmente negras, são mais vulneráveis à inadequação da infraestrutura, pois “enfrentam a cidade em condições objetivamente muito desiguais” (D’ÁVILA, 2021, p. 14).

A cidade não é um espaço neutro, livre de conflitos, e, assim, cada uma ou um circula e desfruta o território a partir de diferentes realidades (D’ÁVILA, 2021). Segundo Calió (1997), a cidade transparece espacialmente as relações sociais e as reproduz na forma de segregação, organizando o espaço e o tempo dos indivíduos. O ambiente construído, estático ao longo dos anos, molda a forma como as pessoas vivem suas vidas e determina quais escolhas e possibilidades estão disponíveis para elas. Contudo, esses espaços, muitas vezes, refletem realidades sociais desatualizadas e imprecisas (KERN, 2021).

Nesse contexto, é fundamental trazer à tona as relações sociais entre os sexos no que se refere à evolução do espaço rural e urbano. A construção dos papéis de

gênero é articulada a partir das hierarquias estruturadas pelo patriarcado², que, junto com a lógica capitalista, fortalece o entendimento sobre o mundo urbano, opondo, gradativamente, trabalho-feminino/trabalho-masculino, trabalho-dentro/trabalho-fora, vida pública/vida privada e, conseqüentemente, espaços-tempos diferenciados para homens e mulheres. Ao longo da história das cidades, o lugar reservado às mulheres sempre foi o espaço privado e doméstico; aos homens, o espaço público, político e econômico. Essas distinções “sexuaram” a cidade e geraram uma dominação masculina, o que resultou na invisibilização das mulheres na multidão que compõe o espaço urbano (CALIÓ, 1997).

Portanto, para que as cidades funcionem de forma mais igualitária, é preciso que sejam criadas políticas públicas capazes de fomentar a criação de espaços que façam as atividades de manutenção e cuidado do ambiente doméstico funcionar e a reprodução social mais coletiva. Trata-se de buscar mudanças mais profundas e formas de cuidar da casa e da família que rompam os binários do trabalho remunerado e não remunerado, espaço público e privado, produção e reprodução social (KERN, 2021).

2.1.2 Participação das mulheres nas tomadas de decisões sobre o território

Tendo em vista que a esfera territorial expressa fisicamente a vida pública, as mulheres são mais afetadas pelas desigualdades socioterritoriais (SANTORO, 2005). Dessa forma, as relações de desigualdades que estipulam quais os espaços podem acessar/ocupar desde o nascimento, impostas pela divisão sexual do trabalho, têm efeito perverso para as mulheres e podem ser percebidas pela:

[...] concentração de mulheres nas profissões relacionadas ao cuidado, na baixa presença de mulheres nos espaços de poder de decisão, nas já observadas diferenças salariais entre homens e mulheres, na maior taxa de desocupação das mulheres, na invisibilidade da violência doméstica, na jornada dupla de trabalho feminino, entre outros (FIRMINO; SILVA; VIANA, 2015, p. 89).

² Como outros fenômenos sociais, o patriarcado está em constante transformação, o que dificulta sua definição em um único conceito. Contudo para situar o leitor, entende-se patriarcado pela própria origem da palavra, sendo “[...] o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens [...]” (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Além disso, o direito mais básico de ir e vir e o direito à cidade ficam prejudicados nesse processo de diferenciação. Por isso, entende-se a necessidade de incluir o olhar feminino no planejamento das políticas urbanas e aumentar a participação das mulheres nas tomadas de decisão para potencializar o direito das cidadãs, tornando as cidades mais justas e igualitárias (KERN, 2021).

Diante disso, em 1995, durante a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, nasceu a Declaração da Plataforma de Ações de Beijing. O documento, que se tornou um importante marco no que tange à justiça de gênero, busca a efetiva superação das desigualdades entre homens e mulheres e define como objetivo estratégico a adoção de “medidas para garantir às mulheres igualdade de acesso às estruturas de poder e ao processo de decisão e sua participação em ambos” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU MULHERES, 1995, p. 216). O referido documento, acrescenta, ainda, que “sem a participação ativa das mulheres e a incorporação do ponto de vista próprio das mulheres em todos os níveis do processo de tomada de decisões não se poderá alcançar os objetivos de igualdade, desenvolvimento e paz”. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU MULHERES, 1995, p. 215).

Segundo a Plataforma de Ações da ONU Mulheres, a justificativa para que haja a presença equitativa de mulheres nos espaços de poder e tomada de decisão é que tal composição desses espaços deve se assemelhar mais à constituição da sociedade. Nessa ordem, tal defesa se dá também porque é “condição necessária para que os interesses das mulheres sejam levados em conta”, contribuindo para “a redefinição das prioridades políticas e para a inclusão nos programas governamentais de novos tópicos, que refletem suas preocupações específicas, seus valores e experiências, e instilam novas perspectivas na corrente principal da temática política” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU MULHERES, 1995, p. 215).

Depois de quase três décadas desde a criação da Plataforma de Ações de Beijing (1995), percebe-se a presença expressiva das mulheres no mercado de trabalho emergindo como um ator chave na transformação das cidades (SANTORO, 2005). Entretanto, conforme Firmino, Silva e Viana (2015), mesmo representando a maioria da população e do eleitorado, as mulheres ainda são minoria nos cargos de poder e de decisão nas empresas, nos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, assim como nos cargos de maior visibilidade nos partidos e sindicatos. Ou seja, falta representatividade política, pois são poucas conselheiras, vereadoras, deputadas, senadoras, líderes dos movimentos sociais, entre outros cargos.

Para garantir a participação das mulheres na política no país, em 1995, estabeleceu-se, através de legislação, cotas eleitorais para garantir um percentual mínimo de candidaturas femininas. Contudo, só a partir de 2009, com a Lei nº 12.034, de 29.09.2009, essas cotas tornaram-se obrigatórias, garantindo que haja no mínimo 30% e no máximo 70% de candidaturas de cada sexo por cada partido ou coligação partidária em eleições proporcionais. Com isso, em 2018, o percentual de candidaturas de mulheres para o cargo de deputada federal foi de 32,2%. Já em 2020, apenas 14,8% do total de parlamentares em exercício na câmara dos deputados eram mulheres (IBGE, 2021a).

Sendo as mulheres a maioria da população brasileira, percebe-se, portanto, um significativo quadro de sub-representação, que se dá também no nível de governo local. Em 2020, somente 16,0% dos vereadores eleitos eram mulheres (IBGE, 2021a). Em Pelotas, dos 21 vereadores eleitos no pleito de 2020, apenas 5 são mulheres. (CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017).

Além da política, a participação das mulheres em cargos gerenciais, públicos e privados é fundamental para assegurar igualdade de oportunidades nos processos de tomada de decisão, potencializando o enfoque direcionado a necessidades específicas no planejamento e execução de políticas públicas. Ademais, trata-se de uma questão de representatividade, capaz de se tornar exemplo para outras mulheres. Nesse sentido, em 2019, as mulheres ocuparam 37,4% dos cargos gerenciais no Brasil (IBGE, 2021a). A Figura 4, exposta na sequência, apresenta um detalhamento dos citados indicadores.

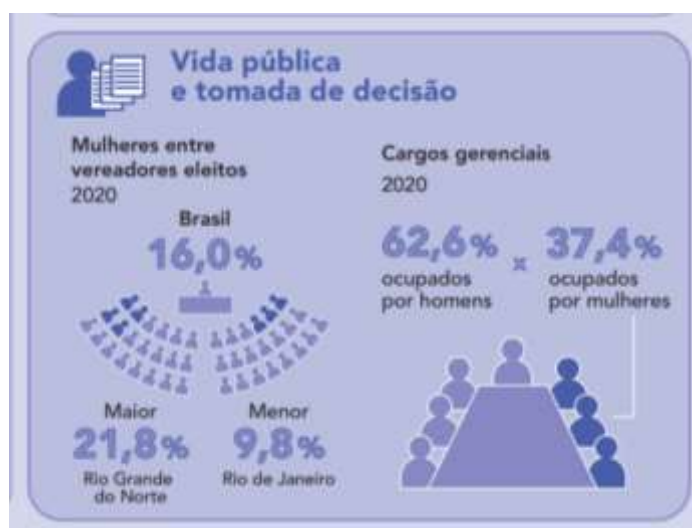


Figura 4 – Vida pública e tomada de decisão.

Fonte: IBGE, 2021a, p. 5.

Todavia, a segregação espacial que o urbano impõe no cotidiano das mulheres está em pauta nas suas reivindicações, mesmo que não tenham uma “consciência formal”, pois as lutas das mulheres por creches, formação profissional, grupos culturais, delegacias de defesa da mulher, entre outros, são lutas pelo direito à cidadania e à cidade (CALIÓ, 1997). No tocante à cidadania, Santoro (2005) destaca que o alicerce de quase todos os movimentos sociais de bairro, vizinhança e comunitário têm base feminina.

2.2 Percepção de Segurança ao Caminhar pelo Espaço Urbano

A sensação de segurança é fundamental para que as pessoas se apropriem dos espaços urbanos. Gehl (2013) aponta para dois setores importantes aos quais os esforços de tornar a cidade segura devem ser direcionados: segurança no tráfego e prevenção à criminalidade. Caminhar de forma confortável e segura é requisito para criar cidades que sejam convidativas e funcionais, uma vez que “em geral, a vida e as próprias pessoas tornam as cidades mais convidativas e seguras, seja em termos de segurança percebida ou vivenciada” (GEHL, 2013, p. 91).

A segurança de tráfego é essencial, porém ainda falta preocupação com o pedestre e uma incompreensão sobre os diversos mecanismos que tornam uma rua segura (SPECK, 2017). Por muito tempo, urbanistas e planejadores de tráfego deixaram de priorizar o espaço urbano e a vida nas cidades. Isso se deve à carência de informações acerca de como a estrutura física influencia o comportamento humano (GEHL, 2013). No entanto, as cidades, que antes cresciam de forma orgânica, baseadas em atividades cotidianas, ao longo do tempo, perderam sua escala adaptada ao pequeno e lento. Passaram, dessa forma, a ter uma escala muito longe do que se considera significativo e confortável – a velocidade das novas formas de transporte e das novas proporções dos projetos dos edifícios. Assim, o senso de proporção e de escala foi sendo paulatinamente determinado pelo carro (GEHL, 2013). Segundo Speck (2017), sistemas de quadras grandes e faixas múltiplas dificultam a travessia de pedestres e estimulam o motorista a acelerar. Portanto, pensar na segurança do pedestre é retornar os projetos à escala humana, com quadras menores e faixas mais estreitas, com o intuito de reduzir a velocidade dos carros. Gehl (2013) defende, ainda, que crianças, jovens, idosos e pessoas com deficiências sejam prioridade nas escolhas das soluções de tráfego.

Já nas questões de prevenção à criminalidade, Jacobs (2011) aponta a fundamental importância das ruas e de suas calçadas. Isso porque as ruas são um retrato da cidade e, desse modo, os espaços urbanos estarão livres do medo e da violência se suas ruas assim o estiverem. A citada autora afirma, ainda, que a insegurança também é resultado da diminuição do fluxo de transeuntes. Assim, uma rua, embora não tenha indicadores de violência expressivos, pode vir a tê-los se as pessoas deixarem de ocupar esse espaço.

O individualismo moderno, em que cada um cuida de si e faz por si, contribui para a forte tendência das pessoas se sentirem inseguras, ameaçadas e amedrontadas, suspeitando dos outros e de suas intenções (BAUMAN, 2009). Assim, buscam cada vez mais qualquer coisa que tenha relação com tranquilidade e segurança, isolando-se das ruas. Bauman (2009) aponta que, progressivamente, surgem nas cidades zonas e espaços construídos com o intuito de proteção para seus habitantes, o que gera uma crescente sensação de afastamento em relação às localidades e às pessoas fisicamente vizinhas. Contudo, para Jacobs (2011), a paz nas calçadas é mantida especialmente pela complexa rede de controle de padrões de comportamento dos próprios usuários. É preciso uma rua movimentada para garantir-lhe segurança. Ademais, Jacobs (2011) apresenta três características para que as ruas sejam receptivas aos desconhecidos e que a presença deles aumente a sensação de segurança: a) existir uma clara separação entre o espaço público e privado; b) possuir pessoas atentas ao que acontece na rua (proprietários naturais da rua); e c) a calçada ter trânsito ininterrupto tanto para aumentar o número de pessoas circulando quanto para atrair o interesse daqueles que gostam de ficar observando o movimento.

Outro ponto importante para a prevenção da criminalidade é uma boa iluminação, capaz de aumentar o alcance da visão e estimular pessoas a caminharem. Trata-se de uma condição para que cidadãos transitem pelas ruas à noite, porém uma excelente iluminação é insuficiente como fator de segurança em áreas desertas, como se observa: “as luzes não têm efeito algum se não houver olhos e não existir no cérebro por trás dos olhos a quase inconsciente reconfirmação do apoio geral na rua para a preservação da civilidade” (JACOBS, 2011, p. 43).

2.3 Violência de Gênero no Espaço Público

Estudos sobre violência de gênero, sobretudo contra as mulheres, fazem parte de um campo teórico-metodológico com uma abordagem política singular, que visa à criação de serviços públicos especializados e leis particulares. Tal campo de estudo foi formado a partir de reivindicações do movimento feminista brasileiro e internacional. Ressalta-se que a violência de gênero é motivada pelas relações assimétricas de poder baseadas na condição de sexo, em que feminino e masculino se organizam a partir de disputas simbólicas e materiais no âmbito privado. Por consequência, tais relações se projetam nos espaços públicos (BANDEIRA, 2014).

O assédio sexual de rua é uma interação bastante frequente no cotidiano das mulheres nos espaços públicos. Diferente da violência doméstica, que pode ser rastreada por meio de denúncias e ocorrências, mesmo que subnotificadas, a violência de gênero no espaço público é de difícil identificação e, muitas vezes, é absorvida na premissa de que espaços urbanos são perigosos por definição (FERNANDES; LIMA, 2019).

Os insultos, ofensivos ou violentos, representam as agressões mais frequentes no espaço urbano. Tais hostilidades são potencializadas pelos aspectos de raça, cor e lugar. Isso faz com que as mulheres negras, que em sua maioria vivem em regiões periféricas das cidades brasileira, sejam as mais vulneráveis (FERNANDES; LIMA, 2019).

Essa violência pode se apresentar de diversas maneiras em diferentes culturas, “porém, mesmo que sejam culturas diferentes, elas se assemelham em um aspecto: permitem que as mulheres sofram discriminação e sejam agredidas” (DUTRA; MACHADO, 2017, p. 3). A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, em seu artigo primeiro, refere: “entende-se por violência contra a mulher qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado” (COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS, 1994)³.

O assédio sexual em espaços públicos é uma das formas mais prevalentes de violência de gênero (RIBEIRO, 2021). Ademais, enquanto os homens têm receio de

³ Documento consultado on-line e, portanto, não paginado.

assaltos, as mulheres têm medo de serem violentadas, perseguidas e agredidas. Isso demonstra que elas são as mais prejudicadas na sua mobilidade geográfica e que a sua presença nos espaços públicos ainda é conflituosa.

Não se trata apenas de agressões ou violações sexuais. Vale ressaltar que assédios e ofensas impactam negativamente a experiência cotidiana das mulheres ao caminhar pelas ruas ou em outros espaços públicos. Para Santos (2015), ataques psicológicos e verbais são uma modalidade de violência internalizada, tratada como natural, em razão de as mulheres serem vistas como seres passivos, objetos de domínio do masculino e culpabilizadas pelo assédio sexual que sofrem dos homens.

O exposto é corroborado por pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão, intitulada “Menina pode tudo”, que ouviu 2.285 mulheres com idades entre 14 e 24 anos. Do total de participantes, 77% afirmaram já ter sofrido assédio sexual físico e 90% disseram que já deixaram de fazer alguma atividade por medo da violência, como sair à noite, usar roupas que expõem o corpo, ou por responder a uma “cantada”⁴ (ÉNOIS INTELIGÊNCIA JOVEM, 2015). O Instituto Datafolha (2018) também relaciona a violência de gênero com o espaço público e aponta que uma em cada três brasileiras adultas (29%) já sofreu assédio sexual na rua, sendo que 25% sofreram assédio verbal, e 3%, físico, além das que sofreram ambos. Isso indica que, em muitos casos, as mulheres experimentam o espaço público através de uma visão pouco agradável.

Conforme Dutra e Machado (2017), é possível afirmar que os ambientes públicos são um bom ponto de observação da violência contra a mulher na sociedade brasileira contemporânea. Nesses locais, as interações sociais ocorrem com a circulação constante de desconhecidos passíveis de serem expostos a situações de abordagens violentas, importunações e constrangimentos. Isso decorre do crescimento desordenado das cidades, o que faz com que as pessoas se tornem estranhas umas às outras. Ademais, nessas conjunturas, há o desaparecimento do controle social informal, o qual se relaciona com o controle exercido pela família, escola, religião, entre outras instituições. Dessa forma, como afirmam Fernandes e Lima (2019), o indivíduo sente-se protegido pelo anonimato da metrópole e livre para expressar seu machismo e gerar constrangimento.

⁴ Manteve-se o termo “cantada” utilizado na pesquisa.

Além disso, Kern (2021) aponta que existe um conjunto de ideias falsas e de equívocos, antes chamadas de “mitos do estupro” e agora conhecidas como “cultura do estupro”, que sustentam o assédio sexual e a violência de gênero, transferindo uma parte da culpa para as vítimas. Para a autora, as questões clássicas dessa cultura, tais como “O que estava vestindo?” e “Por que não denunciou?”, também contêm uma geografia: “O que estava fazendo naquele bairro?”, “Esperando sozinha um ônibus?”, “Por que você estava andando sozinha à noite?”. Todos esses mitos estão embutidos no mapa mental de segurança e perigo que as mulheres carregam em sua mente, tanto quanto uma ameaça real, e servem para delimitar a liberdade de caminhar, trabalhar, divertir-se e ocupar espaço na cidade (KERN, 2021).

Com efeito, a violência de gênero é agravada quando os corpos dessas mulheres não se enquadram nos padrões normativos que regulam a sociabilidade nos espaços públicos (FERNANDES; LIMA, 2019). Dessa maneira, as agressões se manifestam também a respeito da cor da pele das mulheres e os símbolos que, culturalmente, são associados ao feminino e ao masculino. Assim, acrescenta-se, mulheres negras, lésbicas e transexuais, sobretudo as que não performam feminilidades, aos moldes do construto patriarcal, são as que mais se tornam passíveis do convívio com abusos.

Consoante pesquisa realizada pelo Instituto Patricia Galvão/Locomotiva (2021), as mulheres são percebidas como as mais vulneráveis em seus deslocamentos. Elas saem, sobretudo, para realizar atividades ligadas à manutenção da casa, da família e de cuidados pessoais. Ainda conforme dados da referida investigação, 81% das mulheres ouvidas já passaram ao menos por uma situação de violência ao se deslocar pela cidade, entre elas: agressão física, estupro, racismo, importunação/assédio sexual, assalto/furto/sequestro relâmpago, receber olhares e “cantadas”⁵ insistentes.

2.3.1 Legislação de combate à violência contra a mulher no Brasil

A legislação de combate à violência de gênero no Brasil tem conquistado inúmeros avanços nos últimos anos, principalmente com a criminalização do assédio sexual e a tipificação do feminicídio como homicídio qualificado. São três as principais

⁵ Novamente, optou-se por manter o termo empregado na referida pesquisa.

leis voltadas à defesa dos direitos fundamentais das mulheres, apresentadas nesta subseção.

A Lei nº 11.340, de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, é um marco importante na proteção de mulheres vítimas de violência doméstica. Promulgada em 2006, visa erradicar a violência doméstica e familiar, de todos os tipos, contra a mulher. Ela fornece uma base legal para a punição de atos de violência e crimes contra a mulher, seja de origem física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral. Essa lei, no entanto, somente diz respeito à esfera privada, uma vez que são consideradas apenas questões relacionadas ao âmbito familiar, na unidade doméstica e em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a vítima (BRASIL, 2006).

Em 2015, entrou em vigor a Lei nº 13.104, a Lei do Feminicídio, que alterou o Código Penal para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. No âmbito desta lei, é considerado feminicídio quando o assassinato envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima (BRASIL, 2015).

Por sua vez, a Lei nº 13.718, a Lei de Importunação Sexual, sancionada em 2018, é a primeira lei de combate à violência de gênero em todos os espaços (público e privado). Ela está baseada na ideia de que ninguém deve ter medo de se deslocar pela cidade por causa de seu gênero, sexualidade e raça (BRASIL, 2018). Ressalta-se, ademais, que a Lei de Importunação Sexual alterou o Código Penal, permitindo identificar, definir e punir os diversos atos de violência que podem ser cometidos contra uma mulher, ou qualquer outra pessoa:

- a) O assédio sexual: caracteriza-se por constrangimentos com a finalidade de obter favores sexuais feitos por alguém de posição superior a vítima (conforme art. 216-1 do Código Penal);
- b) A importunação sexual: praticar contra alguém e sem sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou de outrem (conforme art. 215-1 do Código Penal);
- c) O estupro: constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso (conforme art. 213 do Código Penal).

2.4 Caminhabilidade

A caminhabilidade é uma medida do quanto uma determinada área, rua, bairro ou cidade é apropriada para caminhar. Para Barretto e Gislon (2013), o conceito de caminhabilidade implica a qualidade do lugar, a boa acessibilidade do pedestre às diferentes partes da cidade, que, por sua vez, deve proporcionar uma motivação para as pessoas adotarem o caminhar como forma de deslocamento.

Apesar de o deslocamento a pé ser importante para o sistema de transporte urbano de qualquer país, apenas na década de 1990, através da Agenda 21 Global⁶, a mobilidade ativa teve seus princípios incluídos na formulação de políticas públicas sobre desenvolvimento sustentável. Contudo, percebe-se que, decorridos mais de 30 anos da elaboração da Agenda 21, os investimentos públicos no Brasil priorizam a infraestrutura voltada para a circulação de veículos motorizados (AZEVEDO, 2008). Segundo Aguiar (2003), as condições físicas e ambientais da maior parte dos espaços públicos voltados ao deslocamento de pedestres são desprovidas de ações por parte dos órgãos públicos, responsáveis pelo planejamento, projeto, execução, fiscalização e manutenção desses espaços.

A mobilidade ativa é composta, sobretudo, por pedestres e ciclistas, mas também pode ser com auxílio de muletas, por meio de cadeira de rodas, entre outros. Ou seja, compreende todo deslocamento que, com utilização de ajuda técnica ou não, permite ao cidadão se locomover de forma autônoma. Por conseguinte, essa forma de deslocamento traz benefícios para a saúde, economia, meio ambiente e identidade das comunidades. O deslocamento a pé influencia o transporte urbano de qualquer país e sua importância varia entre diferentes regiões e depende de muitos fatores, tais como a política de transporte adotada, condição socioeconômica da população, forma de uso e ocupação do solo urbano (AZEVEDO, 2008).

A apropriação das ruas pelas pessoas cria espaços de lazer e trocas culturais, trazendo ganhos de qualidade ambiental e social para as cidades. Speck (2017) aponta que comunidades com ruas cheias de vida e vibrantes tornam as cidades mais atraentes para uma classe de cidadãos “jovens criativos” que buscam saúde e bem-

⁶ Agenda 2030- é um plano de ações desenvolvido no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), assinado por 193 países em 2015. Ela visa à erradicação da pobreza e a promoção do desenvolvimento econômico, social e ambiental em escala global até o ano 2030 (MICHAELSEN, 2020).

estar além de eficiência nos deslocamentos, gerando ganhos para a economia local. A ideia não é nova, uma vez que, ainda na década de 1960, Jacobs (2011) apontou que cidades mais atraentes significam ruas mais atraentes. Para a autora, se as ruas e calçadas parecem agradáveis e seguras, as cidades também irão transparecer essas sensações. Da mesma forma, se as ruas e calçadas transmitem percepções ruins, a cidade transmitirá o mesmo. Por isso, ruas e calçadas são consideradas os órgãos mais vitais dos espaços urbanos. Para Gehl (2013), a vida na cidade pode ser uma experiência divertida e estimulante, com cenas que mudam a cada minuto, e estão relacionadas a um dos principais temas da vida humana: as pessoas.

Motivos não faltam para tornar as cidades mais caminháveis. Para Speck (2017), sustentabilidade, saúde e prosperidade são os principais argumentos. Contudo, o autor enfatiza que a discussão sobre as cidades no sentido de priorizar o pedestre no planejamento urbano não é uma obstinação tola ou falta de consciência sobre o que precisa ser feito. Pelo contrário, é uma falta de conexão entre o conhecimento e o planejamento e as tomadas de decisões. Gehl (2013) acrescenta que o espaço urbano democraticamente gerido e bem planejado pode influenciar a forma como se dá o uso de determinadas regiões e áreas urbanas. Sendo assim, para atrair as pessoas a caminharem e permanecerem no espaço público, o planejamento deve ser em escala humana. A Figura 5 esquematiza, visualmente, esses conceitos:



Figura 5 – Conceito de caminhabilidade.
Fonte: ADAPTADO DE INSTITUTO CAMINHABILIDADE, 2022.

Consoante Speck (2017), caminhabilidade é a medida que, dentre os proveitos físicos e sociais do caminhar, talvez seja a mais útil, já que contribui para a vitalidade urbana. Para ser adequada, uma caminhada precisa ser proveitosa, segura, confortável e interessante. Vale ressaltar que cada uma dessas características é essencial, mas não pode ser considerada isoladamente. Dessas características, Speck (2017) desenvolveu dez passos criados para tornar as cidades caminháveis:

- a) Passo 1 – Pôr o automóvel em seu lugar: o automóvel continuará a fazer parte das características das cidades, porém é essencial relegar a ele seu papel correto. Devido à sua crescente demanda por espaço, velocidade e tempo, o carro modificou cidades e estilos de vida em torno de suas próprias necessidades. A chave é a comunidade fazer escolhas coletivas a respeito da infraestrutura, atraindo automóveis em número e velocidade adequados, e, assim, poder ditar a qualidade de sua vida e de sua paisagem (SPECK, 2017).
- b) Passo 2 – Mesclar os usos: para incentivar a caminhada, as cidades precisam buscar reestabelecer um equilíbrio entre as diversas atividades em seus centros. Pessoas trabalham, compram, estudam, visitam, dormem, esparecem, entre inúmeras outras ações, e deveriam conseguir realizar todas elas sem sair do centro. As calçadas, bairros e cidades prosperam com a diversidade de afazeres e pessoas, que usam a rua em diferentes horas do dia, mantendo-as ativas todo tempo. O uso misto gera caminhabilidade, que, por sua vez, gera mais moradias no centro e que, num círculo virtuoso, promove mais caminhabilidade (SPECK, 2017)
- c) Passo 3 – Adequar o estacionamento: A forma como as cidades lidam com os estacionamentos nas ruas, e fora delas, pode ser determinante para a vida ou morte de muitos centros urbanos. As vagas ofertadas em abundância e, muitas vezes gratuitas, estimulam as pessoas a dirigir. Isso contribui com a geração de diversos problemas, tais como: aumento do congestionamento de tráfego, piora da qualidade do ar, enfraquecimento do capital social e a quebra do transporte público. Um custo de estacionamento nos centros urbanos adequado seria algo que gerasse cerca de 85% de ocupação em todas as horas do dia, aumentando a rotatividade e garantindo aos lojistas mais clientes por hora. Além disso, a renda dos parquímetros

poderia ser usada para financiar melhorias de infraestrutura de calçadas, iluminação, fachadas, entre outras (SPECK, 2017).

- d) Passo 4 – Deixar o sistema de transporte fluir: Cidades caminháveis dependem totalmente do transporte público, pois, salvo raras exceções, cada viagem desse tipo começa e termina com uma caminhada. Na maioria das cidades, o tráfego ainda é leve e o estacionamento barato. Isso faz com que as pessoas optem pelo carro e os ônibus se tornam a opção de quem não tem opção: idosos, pobres e doentes. Sendo assim, trata-se de uma forma de locomoção vista como um serviço social com pouco investimento e lutando para sobreviver. O transporte público precisa deixar de ser um simples veículo de recolhimento de pessoas. É necessário oferecer, aos usuários do sistema, urbanidade (localizar as paradas no centro da ação), clareza (trajetos simples, com poucos desvios), frequência e prazer, para não desperdiçar o tempo das pessoas e deixá-las satisfeitas. Só assim será possível convencer as pessoas a usarem menos os seus carros (SPECK, 2017).
- e) Passo 5 – Proteger o pedestre: A segurança do pedestre não é suficiente para tornar a cidade caminhável, porém é essencial. Para tanto, são muitas variáveis envolvidas, as quais frequentemente são mal executadas pelos construtores das cidades por duas razões principais: a falta de preocupação com o pedestre e a incompreensão dos fatores fundamentais sobre o que torna uma rua segura. O tamanho das quadras, sentido do fluxo, largura da faixa de rolamento, sinalizações, geometria das vias, junto com outros fatores, determinam a velocidade do automóvel e a probabilidade de atropelamento de pedestres (SPECK, 2017).
- f) Passo 6 – Acolher as bicicletas: Bicicletas são a forma de transporte mais sustentável, saudável e eficiente que existe. Em comparação com o automóvel, as exigências espaciais da bicicleta são mínimas. Um carro dá lugar a dez bicicletas e uma ciclo faixa padrão pode receber de cinco a dez vezes o volume de uma faixa de automóveis com duas vezes a largura. É necessário investir em infraestrutura ciclística para que mais ciclistas surjam. Ressalta-se que cidades onde mais pessoas adotam esse meio de transporte são consideradas mais seguras, tanto para quem pedala, quanto para pedestres. Além disso, cidades com grande quantidade de faixas para

ciclistas passam a mensagem de defensora do transporte alternativo, do estilo de vida saudável e que apoia as pessoas que assim se deslocam, atraindo uma nova geração de moradores (SPECK, 2017).

- g) Passo 7 – Criar bons espaços: Espaços públicos são bons quando seus entornos também o são. Mesmo quando a maioria da população gosta de espaços abertos e vida ao ar livre, é necessária uma certa sensação de fechamento e proteção para que o pedestre se sinta confortável. O urbanismo tradicional se baseia no espaço figurativo, entendendo que os espaços entre os edifícios são mais importantes do que os edifícios em si, uma vez que é nos lugares públicos que a vida cívica acontece. Em contrapartida, o urbanismo moderno, baseado no culto ao objeto figurativo, faz com que a forma do espaço público não tenha significado e seja hostil aos pedestres (SPECK, 2017).
- h) Passo 8 – Plantar árvores: As árvores nas ruas têm grande impacto na caminhabilidade, contribuindo para o conforto do pedestre e habitabilidade urbana. São diversos os benefícios que ruas arborizadas propiciam: sombra, proteção contra os raios UV, redução da temperatura ambiente, absorção de água da chuva, redução dos efeitos da emissão de gases pelos veículos, diminuição do efeito dos ventos, entre outros (SPECK, 2017).
- i) Passo 9 – Criar faces de ruas agradáveis e singulares: Estimular o deslocamento a pé requer, além de conforto e segurança para o pedestre, criar atratividade nas ruas. Caso contrário, quem tem escolha optará por dirigir. O pedestre tem necessidade de ser entretido e, desse modo, paisagens repetitivas ou paredes vazias desestimulam o caminhar. Outro cuidado diz respeito a grandes áreas abertas, criadas nas cidades, muitas vezes, em busca de sustentabilidade. Tais espaços podem estimular algumas pessoas a caminharem, porém, se o objetivo for fazer com que a caminhada seja adotada como forma de transporte prático, pode ter um efeito negativo (SPECK, 2017).
- j) Passo 10 – Eleger suas prioridades: Por fim, é preciso estabelecer, de forma consciente, quais ruas receberão revitalização, uma vez que aplicar todos os passos em toda a cidade torna inviável o processo. Essa abordagem, chamada de triagem urbana, categoriza as ruas em “A”, “B” e “C”. As ruas “A” são as que têm maior potencial para atrair e garantir a vitalidade nas

ruas por já estarem mais bem preparadas para se beneficiarem da ação. As Ruas “B” precisam de um esforço maior para se tornarem caminháveis, mas são fundamentais para unir as melhores ruas em uma rede adequada. Já as ruas “C” são ruas que não têm atratividade para pedestres. São, então, descartadas e continuarão a ser, sobretudo, para veículos automotores. Com o intuito de beneficiar todos os cidadãos, os investimentos em caminhabilidade devem ser direcionados ao centro, pois essa é a única parte da cidade que pertence a todos. Além disso, a reputação de cada cidade está bastante vinculada aos atributos físicos de sua área central. Um centro urbano vivo pode, inclusive, alavancar outras áreas da cidade (SPECK, 2017).

2.5 Características do Deslocamento a pé

Caminhar nos espaços públicos não exige do usuário nenhum conhecimento prévio de leis de trânsito, tampouco algum tipo de treinamento ou habilitação, visto que o caminhar é resultante do aprendizado cotidiano, informal, autônomo e intuitivo, baseado na utilização dos sentidos e reflexos dos pedestres. Porém, dependendo da situação urbana onde ocorre o deslocamento a pé, a ação de caminhar se torna mais complexa e pode potencializar o grau de vulnerabilidade dos usuários. A escolha do modo e os locais nos quais as pessoas preferem caminhar depende das características físicas e psicológicas da mobilidade a pé, as quais são descritas a seguir (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2015).

2.5.1 Características físicas da mobilidade a pé

Considerando-se o deslocamento de um pedestre não portador de limitações ou restrições físicas, seu corpo permite percorrer praticamente todo tipo de local, mesmo em condições adversas, tais como grandes declividades, irregularidades, obstáculos e escadarias. Sendo assim, para um pedestre “padrão” fazer uma caminhada bidirecional, é necessária uma faixa de 1,20m de largura (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2015).

A Figura 6 ilustra o exposto anteriormente:

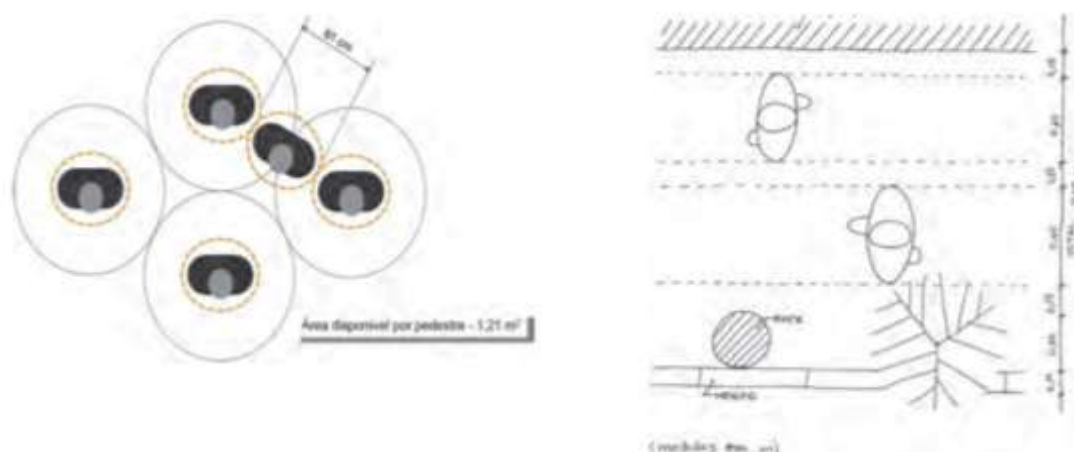


Figura 6 – Área ocupada pelos pedestres e situação de circulação em calçada bidirecional.
Fonte: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2015.

Contudo, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2020), na Norma 9050:2020 de acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, estipula parâmetros antropométricos considerando 5 e 95% da população brasileira, ou seja, os extremos correspondentes a mulheres de baixa estatura e homens de estatura elevada. A referida norma também traz as dimensões referenciais para o deslocamento a pé de pessoas com restrições físicas. O exposto é ilustrado na Figura 7.

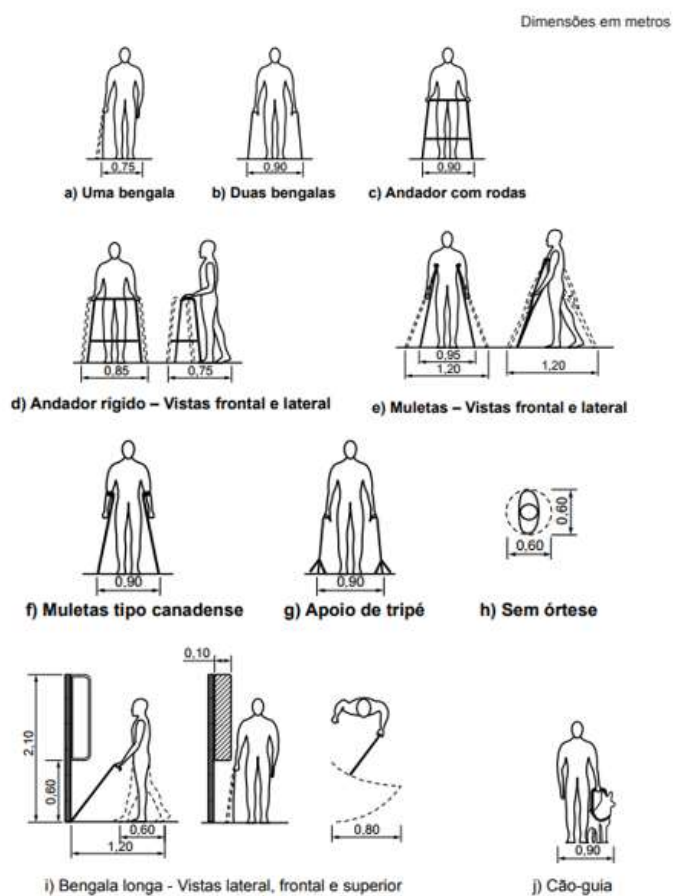


Figura 7 – Dimensões referenciais para deslocamento de pessoas em pé.
 Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 9050, 2020.

A NBR 9050 (2020) também estipula as dimensões referenciais para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeiras de rodas, apresentadas na Figura 8 (dimensões em metros).

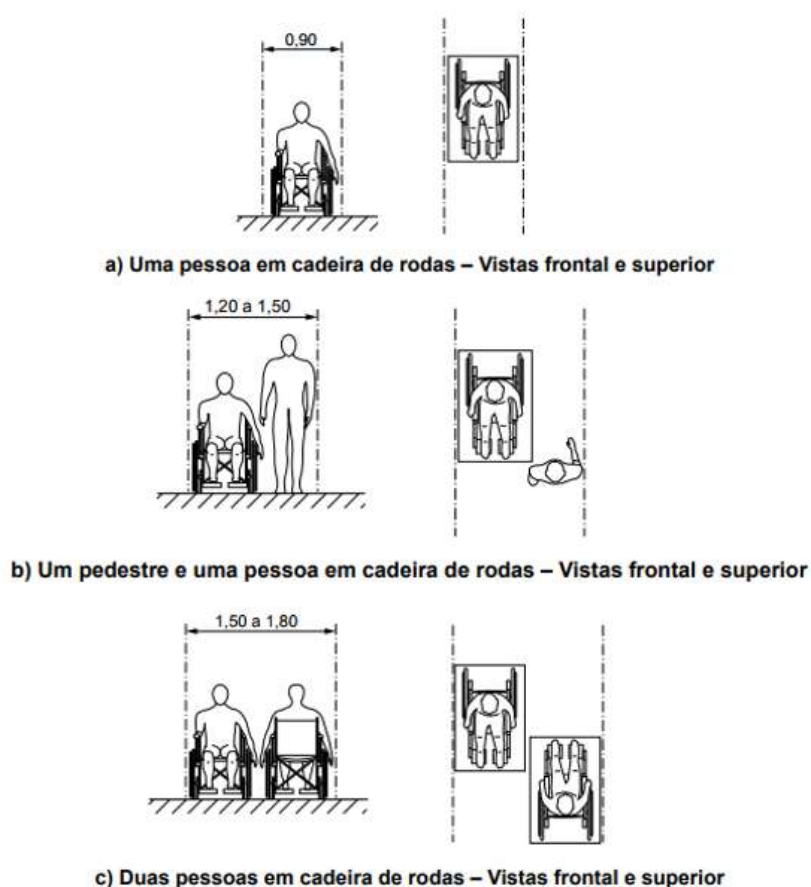


Figura 8 – Largura para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeira de roda.
 Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 9050, 2020.

Outra característica física do deslocamento a pé é a velocidade média. Conforme o *Highway Capacity Manual* (TRANSPORTATION RESEARCH BOARD, 2010), a velocidade média de um pedestre é 1,2 m/s, considerando um adulto, sem restrições de movimento, em terreno horizontal e livre de obstáculos. Para pedestres com deficiência, idosos, grávidas, crianças e adultos portando carrinhos ou pacotes, pelo manual, adotam-se velocidades menores, de aproximadamente 0,6 m/s. Além disso, existem outros fatores no meio urbano que também interferem nas características físicas da caminhada, sendo alguns deles:

- a) Fluxo de pedestres no local;
- b) condições meteorológicas e de temperatura: vento, chuva, frio ou calor;
- c) características da superfície do piso: derrapante, irregular, acúmulo de água ou sujeira, buracos;
- d) uso do solo: ruas comerciais, de serviço, hospitais, escolas.

2.5.2 Características psicológicas da mobilidade a pé

Diversas variáveis compõem a escolha do percurso pelo pedestre, tais como a cultura e realidade de cada localidade. Contudo, em geral, a escolha do trajeto é dada por três fatores básicos: o caminho mais curto, rápido e com menos dispêndio de energia. Ao escolher a sua rota, as pessoas também consideram os estímulos oferecidos pelo espaço, tais como sinalização, vitrines e buzinas. Ademais, os fatores psicológicos do pedestre, como humor, medo e pressa, também o levam a escolher por um trajeto em detrimento de outro. Salienta-se que a identificação com o ambiente urbano e a sensação de conforto pessoal são aspectos psicológicos que interferem na escolha do percurso e, por extensão, na apropriação da área de circulação pelo pedestre (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2015).

2.6 Circulação de Pedestres: Calçadas e Passeios

Caminhar nem sempre é uma opção, e sim uma situação imposta ao cidadão. Em ambos os casos, a caminhada deve ser realizada em condições de conforto e segurança. Dessa forma, é preciso prover as cidades de uma infraestrutura que assegure a qualidade de deslocamento dos pedestres (AZEVEDO, 2008). As calçadas e espaços públicos devem ser compatíveis com as necessidades dos usuários quanto aos aspectos de segurança, conforto e autonomia, mesmo que haja limitações físicas, sejam elas permanentes ou temporárias (FERREIRA; SANCHES, 2001).

O Código de Trânsito Brasileiro, instituído pela Lei nº 9.503, de 1997, apresenta conceitos distintos para calçada e passeio: o passeio corresponde à parte da calçada, que, livre de obstáculos, destina-se exclusivamente ao trânsito de pedestres (BRASIL, 1997). Esse espaço também pode ser uma parte da via de rolamento, separada por pintura ou elemento físico separador, que, além de pedestres, pode permitir a circulação de ciclistas. Já a calçada abrange a parte da via destinada, quando possível, à implantação de placas, mobiliário urbano, vegetação, e a circulação de pedestres. Essa parte da via normalmente se encontra separada e em nível diferente da área de rolamento. A Figura 9 ilustra a distinção entre passeio e calçada.



Figura 9 – Distinção entre calçadas e passeio.
Fonte: INCLUA-SE, 2010.

Além disso, consoante o manual de urbanismo de Prinz (1980), são recomendáveis outras variações de dimensões para calçadas conforme o fluxo de pedestres, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Dimensões da calçada conforme o fluxo de pedestres

Número de pedestres em passagem simultânea	Medidas base	Largura de calçada mínima recomendável
1 pedestre	0,75 m	1,50 m
2 pedestres	1,50 m	2,25 m
Encontro de 3 pedestres	2,25 m	>2,25 m

Fonte: PRINZ, 1980.

Sobre mobilidade a pé, a legislação atua na construção das políticas de desenvolvimento urbano na promoção de políticas públicas que proporcionem o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade e do bem-estar de seus habitantes, assim como no ordenamento e planejamento de uso e ocupação de seu território urbano e rural (LIBÓRIO; SAULE JÚNIOR, 2017).

São vários os instrumentos que regulamentam o planejamento e a mobilidade urbana. Entre eles, destaca-se, nesta subseção, leis que se aplicam às calçadas e as compreendem como espaço urbano que prioriza a circulação de pedestres, pessoas com deficiência e idosos.

O Estatuto da Cidade, instituído pela Lei nº 10.257, de julho de 2001, regulamenta e estabelece diretrizes gerais da política urbana (BRASIL, 2001). O documento, de abrangência federal, surgiu com o intuito de nortear as políticas públicas e regulamentar a prática dos Planos Diretores dos municípios brasileiros. Ademais, a referida lei trouxe à tona este termo: Mobilidade Urbana (LIMA, 2010). Ainda, frisa-se que esse estatuto estabelece que o Plano Diretor é obrigatório para cidades com mais de 20 mil habitantes (BRASIL, 2001).

A Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012, conhecida como Lei de Mobilidade Urbana, institui os princípios da Política Nacional de Mobilidade Urbana. Na seção II, no art. 6, são instituídas suas diretrizes e, em seu inciso II, observa-se que há “prioridade dos modos de transporte não motorizados sobre os motorizados e dos serviços de transporte público coletivo sobre o transporte individual motorizado”. Por sua vez, o inciso III do Art 7º apresenta como um dos objetivos da Política Nacional de Mobilidade Urbana “proporcionar melhoria nas condições urbanas da população no que se refere à acessibilidade e à mobilidade” (BRASIL, 2012).

O capítulo IV do Código de Trânsito Brasileiro, Lei nº 14.071, de 13 de outubro de 2020, compreende os aspectos referentes aos pedestres e aos condutores de veículos não motorizados. Ele assegura ao pedestre, em seus art. 68 a 71, a utilização dos passeios ou passagens apropriadas das vias urbanas para seu deslocamento seguro (BRASIL, 2020) (ANEXO A).

Por sua vez, a Norma Brasileira de Acessibilidade, a NBR 9050:2020, estabelece critérios e parâmetros técnicos que, levando em consideração condições de mobilidade e percepção do ambiente, direcionam projeto, instalação e adaptação do meio urbano e rural e de edificações às condições de acessibilidade (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2020).

O item 6.12.3 da referida norma trata das condições para circulação em calçadas e vias exclusivas para pedestres. Estabelece uma inclinação transversal máxima de 3% na área livre (passeio) e divide a largura da calçada em três faixas de uso: faixa de serviço (mínimo 0,70m), faixa livre ou passeio (Mínimo 1,20m) e faixa de acesso (possível apenas em calçadas com largura superior a 2,00m), como apresentado na Figura 10.

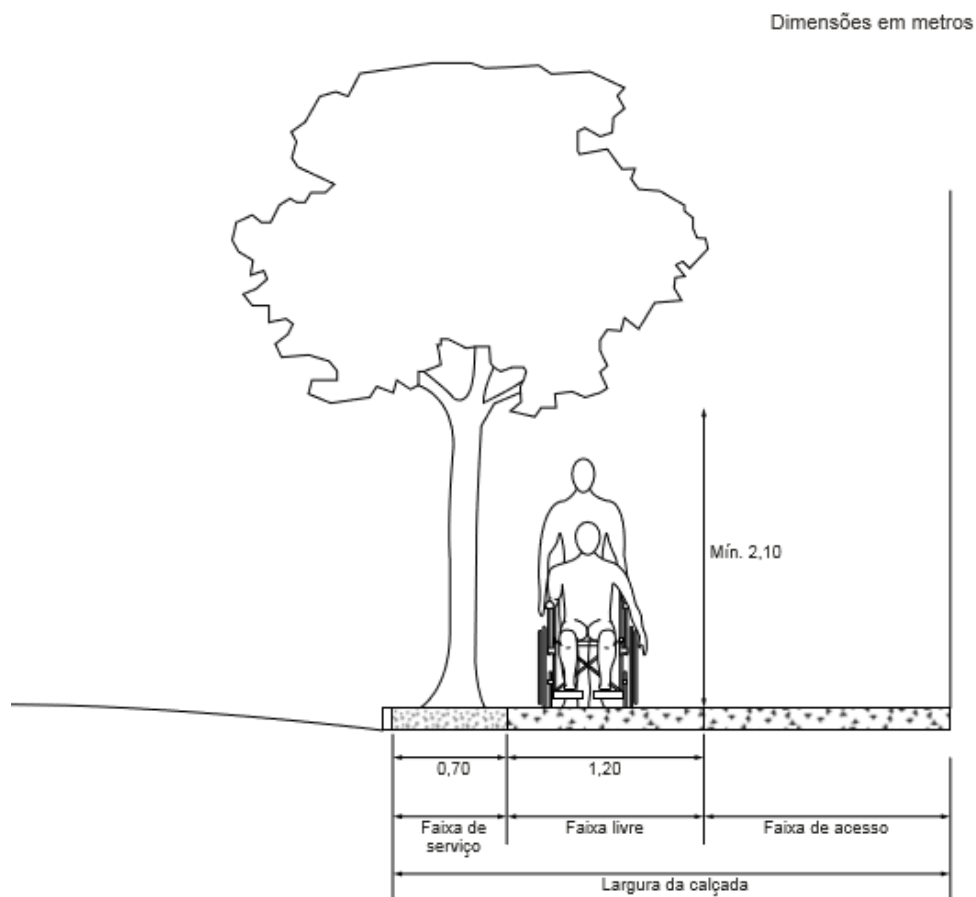


Figura 10 – Faixas de uso da calçada – corte.
 Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 9050, 2020.

A NBR 9050:2020 traz também especificações para rebaixamento de calçadas, admitindo inclinação máxima de 8,33 % (1:12), no sentido longitudinal da rampa central e nas abas laterais. Recomenda-se que a largura do rebaixamento seja maior ou igual a 1,50 m, admitindo-se o mínimo de 1,20 m. O rebaixamento não pode diminuir a faixa livre de circulação da calçada de, no mínimo, 1,20 m como mostra a Figura 11.

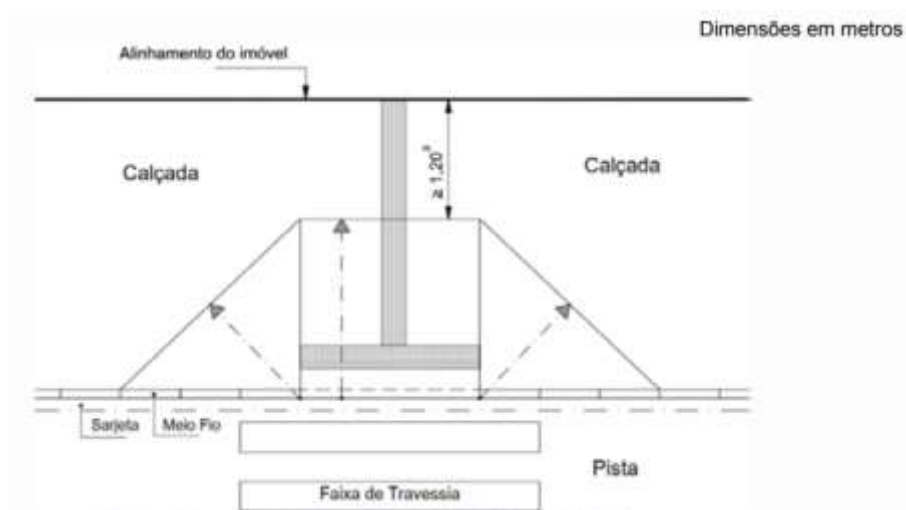


Figura 11 – Rebaixamento de calçada – Vista superior.
Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 9050, 2020.

Nos locais em que o rebaixamento estiver localizado entre jardins, floreiras, canteiros, ou outros obstáculos, abas laterais podem ser eliminadas ou adequadas, como exemplifica a Figura 12.

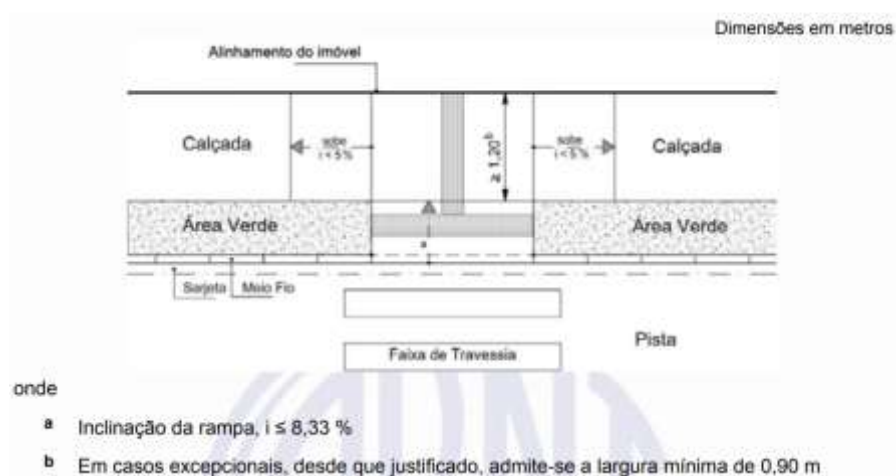


Figura 12 – Rebaixamento de calçada entre canteiros – Exemplo.
Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 9050, 2020.

As passarelas de pedestres, consoante item 6.13.1 da referida norma, devem possuir rampas, ou rampas e escadas, ou rampas e elevadores, ou escadas e elevadores, para sua transposição. A largura da passarela deve ser determinada em função do volume de pedestres estimado para os horários de maior movimento (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2020).

Na cidade sobre a qual versa este estudo, observa-se o art. 2 do III Plano Diretor de Pelotas, instituído pela Lei nº 5.502, de 11 de setembro de 2008:

O Plano Diretor Municipal de Pelotas é o instrumento básico da política de desenvolvimento municipal, abrangendo os aspectos físicos, sociais, econômicos e administrativos do crescimento da cidade, visando a orientação da atuação do Poder Público e da iniciativa privada, bem como ao atendimento das necessidades da comunidade, sendo a principal referência normativa para as relações entre o cidadão, as instituições e o espaço físico municipal (PELOTAS, 2008a).

O Capítulo II do III Plano Diretor trata da mobilidade e sistema viário e apresenta algumas diretrizes para a mobilidade urbana. Em especial, cita-se o art. 102, que apresenta diretrizes amplas da mobilidade urbana e sistema viário para melhorar a caminhabilidade na cidade de Pelotas, com melhorias no sistema viário, integração dos diferentes modais e priorizando a mobilidade ativa. As questões de acessibilidade para PCDs são contempladas pelo texto do III Plano Diretor. Contudo, não há nada relativo às questões de gênero e raça. O Art 102, consta, na íntegra, no Anexo B.

Nos Arts. 106 e 108 do referido Plano Diretor, encontram-se as diretrizes para as dimensões dos passeios: cinco metros de largura com dois de faixa verde arborizada em vias arteriais e quatro metros para passeios em vias coletoras.

Por sua vez, o Plano de Mobilidade Urbana Sustentável de Pelotas, instituído pelo Decreto nº 6.209, de 19 de setembro de 2019, complementa o III Plano Diretor do Município. O objetivo principal é o de conceber estratégias e ações para uma mobilidade sustentável, capaz de garantir a coexistência e a integração dos diferentes modais estabelecendo prioridades entre eles. O Transporte a pé e de pessoa com deficiência – PCD está entre as prioridades do Plano de Mobilidade e tem o objetivo de criar condições mínimas de circulação por toda cidade (PELOTAS, 2019a).

Destaca-se, por fim, o Código de Obras de Pelotas, criado pela Lei nº 5.528, de 30 dezembro de 2008. Em seu art. 2, observa-se:

O Código de Obras é instrumento normativo para o planejamento e a ordenação do espaço municipal, juntamente com o III Plano Diretor de Pelotas, o Código de Posturas Municipal e os demais instrumentos do sistema de planejamento e gestão municipal, indicado no art.4.º do III Plano Diretor de Pelotas (PELOTAS, 2008b).

A seção IV, do capítulo IV, trata diretamente dos passeios para pedestres. Conforme o art. 85, os passeios, “devem ter superfície regular, firme, estável, antitrepidante e antiderrapante, sob qualquer condição climática, contínuos, sem mudanças abruptas de nível ou inclinações que dificultem a circulação, executados com pavimentação em cor neutra” (PELOTAS, 2008b).

O art. 89 trata dos materiais a serem empregados na pavimentação dos passeios públicos ou de uso comum. Podem ser utilizados os seguintes materiais: Granitina lavada, Cimentado, Ladrilho Hidráulico, Basalto, Granito Lixado, Laje de Grês, Concreto Pré-moldado, Blocos de Concreto Inter travado tipo Unistein, Pisos Cerâmicos específicos para passeios, Tijolos Maciços ou qualquer material semelhante e adequado aos pisos estabelecidos anteriormente, devendo os rejuntas ser executados no mesmo nível do material de pavimentação. É vedado o uso de películas, pinturas selantes ou polimento nos materiais, além de pedras de formação lamelar, como a ardósia, e pisos cerâmicos comuns, ainda que designados comercialmente por antiderrapantes. Para os meios-fios, deverão ser usados o Granito ou Concreto Pré-moldado (PELOTAS, 2008b).

2.7 Mobilidade a Pé no Brasil e em Pelotas

Segundo dados apresentados no relatório do Sistema de Informações de Mobilidade Urbana – SIMOB da Associação Nacional de Transportes Públicos – ANTP (2020), relativos ao ano de 2018, percebe-se que a escolha do modal principal e o número de viagens por habitante por dia varia conforme o porte das cidades. Essas viagens correspondem a uma mobilidade média de 1,65 viagem por habitante por dia. O gráfico apresentado na Figura 13 evidencia o exposto.

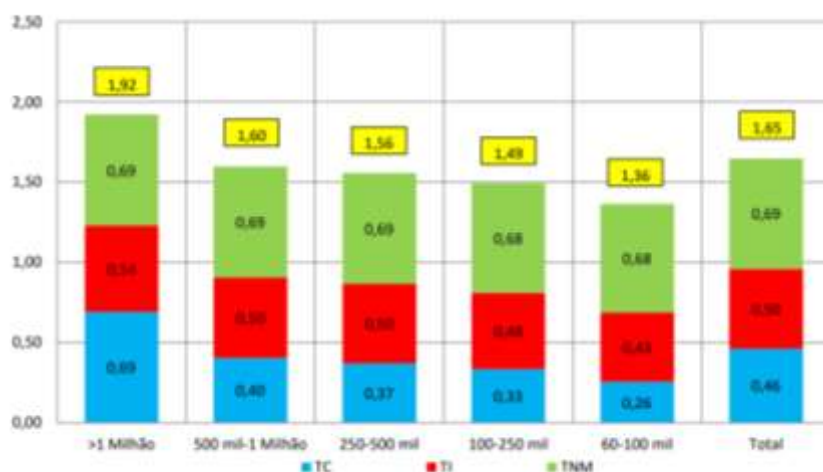


Figura 13 – Mobilidade dos habitantes por porte do município e modo principal, 2018.
Fonte: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2020.

Em relação à distribuição percentual das viagens por modo de transporte, a maior parte das viagens em 2018 foi realizada a pé e por bicicleta (42%), seguidos

dos meios de transporte individual motorizado (30%) e de transporte público (28%), (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2020). A Figura 14 apresenta a distribuição das viagens por modo de transporte em 2018.

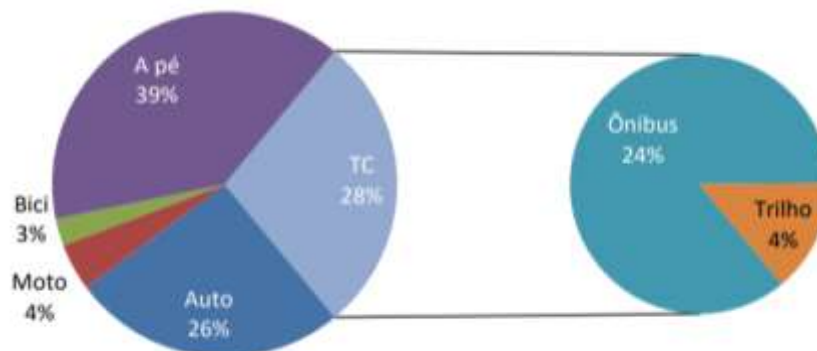


Figura 14 – Distribuição percentual das viagens por modo de transporte, 2018.
Fonte: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2020.

A participação do Transporte Não Motorizado – TNM (bicicletas e a pé) eleva-se com a redução do tamanho do município. Enquanto os municípios maiores possuem maior quantidade de viagens nos modos motorizados, os municípios menores possuem maior quantidade de viagens a pé e por bicicleta (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2020). A distribuição percentual das viagens por porte do município está representada na Figura 15.

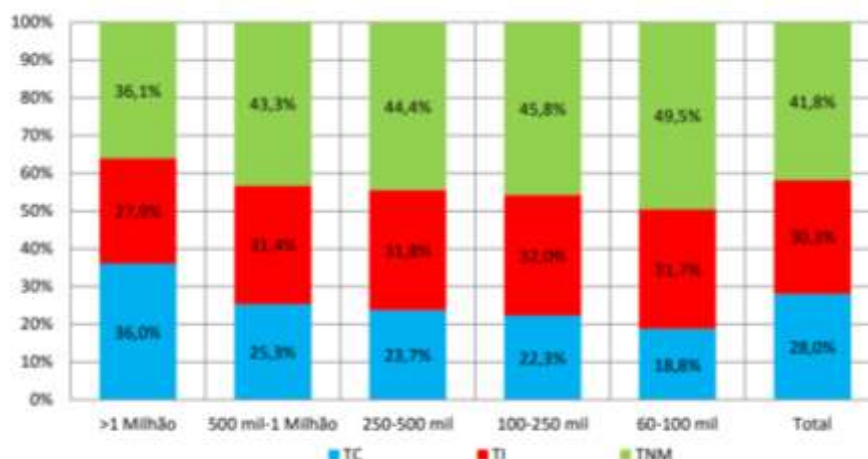


Figura 15 – Distribuição percentual das viagens por porte do município, 2018.
Fonte: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2020.

Além disso, constatou-se que 41% dos brasileiros utilizam exclusivamente o modo a pé nos seus deslocamentos. Se incluídos os 28% dos deslocamentos em transporte coletivo, que sempre possuem um trecho também a pé no início e/ou final

do deslocamento, o total de deslocamentos a pé no Brasil chega a 69% (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2020).

Em Pelotas, as diretrizes para estabelecer estratégias e ações para uma mobilidade sustentável são apresentadas pelo Plano de Mobilidade Urbana (PELOTAS, 2019 b). O PlanMob, considera formas para “estimular, fomentar e garantir a coexistência e a integração dos diferentes modais, e também considera a relação entre planejamento, mobilidade e política de uso do solo (PELOTAS, 2019b), porém em nenhum momento são citadas diretrizes que levem em consideração o gênero ou raça dos usuários.

A pesquisa Origem-Destino obteve a seguinte distribuição de viagens por modal: 33,53 % por automóveis, 27,37 % a pé, 24,20 % por ônibus, 5,81 % por motocicleta e 5,52 % por bicicleta (PELOTAS, 2019b), como indica a Figura 16.

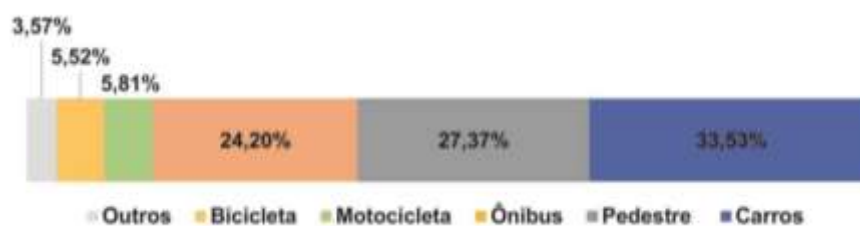


Figura 16 – Número de viagens por modalidade no município de Pelotas
Fonte: PELOTAS, 2019b, p. 13.

Quanto à infraestrutura para o deslocamento por transporte não motorizado, Pelotas apresenta uma rede de faixas exclusivas para bicicletas ou ciclovias de 55 quilômetros, sendo mais de 90% de sua extensão pavimentada. Já a rede exclusiva para pedestres, as calçadas, é de 1708,57 quilômetros. Desse total, 532,57 Km são pavimentados e 1176,00 Km não têm pavimento, conforme Tabela 2 (PELOTAS, 2019b).

Tabela 2 – Áreas urbanas com e sem calçadas

	Calçadas	Km	%
1	Com pavimentação	532,57	31,17
2	Sem pavimentação	1176	68,83
Total		1708,57	100

Fonte: PELOTAS, 2018.

O transporte a pé em Pelotas se desenvolve nas áreas exclusivas para pedestres, pistas de caminhadas e calçadas ao longo do sistema viário da cidade. Para realização do Plano de Mobilidade de Pelotas, foram feitas consultas com a comunidade e, de forma resumida, os principais problemas apontados foram a falta de iluminação/segurança, a falta de pavimentação, falta de manutenção nas calçadas, alagamento das vias, travessias inseguras, impossibilidade da circulação de PCDs (PELOTAS, 2019b).

O PlanMob (2019), também estabelece critérios para política de iluminação, definindo diferentes níveis de iluminamento conforme o uso da via e para auxiliar na legibilidade da hierarquia viária. O Anexo C apresenta o sistema de iluminamento para a Região Central de Pelotas.

2.8 Gênero e Caminhabilidade

Se as atividades de homens e mulheres são distintas nos processos das cidades, a mobilidade também se difere conforme o gênero. Todavia, o planejamento de mobilidade geralmente é feito sem levar em consideração as questões de gênero, raça e renda, como se fossem variáveis indiferentes nos deslocamentos na cidade. Essa “neutralização” da mobilidade gera efeitos negativos e as mais prejudicadas são as mulheres negras e mulheres com baixa renda, que se tornam mais vulneráveis aos riscos da violência e da exclusão social (INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO, 2021). Embora as questões de raça e renda sejam mais apontadas neste contexto, é preciso destacar que mulheres trans e lésbicas também devem ser contempladas em tais processos, conforme se observa, mais adiante, na análise dos resultados desta pesquisa.

A maneira como as mulheres se deslocam na cidade resulta, em grande parte, da manutenção da divisão sexual do trabalho doméstico, uma vez que elas precisam conciliar uma atividade remunerada com as tarefas domésticas e de cuidados. Os deslocamentos feitos para acompanhar e cuidar de outras pessoas são chamados de “mobilidade do cuidado” e incluem saídas para atividades de lazer, visitas a parentes ou amigos, buscar serviços de saúde e educação, entre outros. Esses fatores têm grande efeito na mobilidade das mulheres e no seu padrão de viagem, sendo o de maior impacto a presença de crianças pequenas, de cinco a nove anos de idade (INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO, 2021). A

“mobilidade do cuidado” – atividade reprodutiva – não obedece ao movimento pendular, deslocamentos diários casa-trabalho, entre periferia e centro das cidades nos horários de pico, para as quais os sistemas de transporte foram pensados – atividade produtiva – sendo distribuída de forma mais complexa e diversificada em relação aos dias, horários e destinos. O padrão poligonal de viagens para atividades reprodutivas está representado na Figura 17.



Figura 17 – Padrão de viagens para atividades reprodutivas.
Fonte: GAMRANI; TRIBOUILLARD, 2021.

A seguir, apresenta-se a Figura 18, que evidencia o modo como viagens produtivas tradicionais são realizadas.

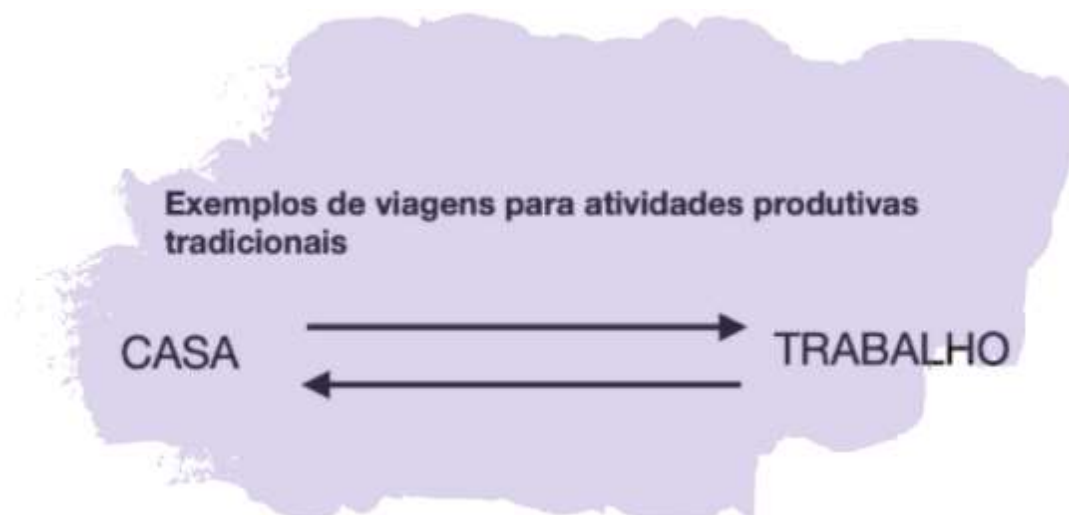


Figura 18 – Padrão de viagens para atividades produtivas.
Fonte: GAMRANI; TRIBOUILLARD, 2021.

O machismo e o racismo estão na estrutura de todos os aspectos da formação e consolidação do Brasil e não é diferente quando se trata de mobilidade urbana. Sendo assim, as mulheres negras são as que mais sofrem com os efeitos das desigualdades. As falhas relacionadas à micro acessibilidade restringem os deslocamentos das pretas e pardas devido à má conservação das paradas de ônibus e falta de iluminação nas ruas das periferias onde a maioria delas vive (INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO, 2021).

Segundo o Boletim do Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (2021), cidades e regiões metropolitanas brasileiras que queiram realmente fazer um planejamento com enfoque em gênero e raça devem abordar cinco aspectos fundamentais:

1. Promover a diversidade de gênero, raça, classe, idade e a inclusão de pessoas com deficiência no corpo técnico e nos cargos de tomada de decisão nas instâncias de planejamento, implementação e operação da mobilidade e dos sistemas de mobilidade urbana;
2. Coletar e publicizar dados de origem e destino responsivos ao gênero e raça/cor que considerem: no mínimo, as variáveis de gênero, raça, renda e idade de cada pessoa e; idealmente, a existência de crianças no domicílio e o grau de responsabilidade das mulheres com os cuidados dos dependentes; os modos de transporte em cada trecho de deslocamento; o tempo diário gasto em deslocamentos a pé, por bicicleta, de espera e dentro do transporte público.
3. Propor indicadores de mobilidade e de desenvolvimento urbano que possam apoiar o monitoramento do alcance do objetivo de redução das desigualdades, promoção da inclusão social e do acesso aos serviços básicos e equipamentos sociais, previsto na Política Nacional de Mobilidade Urbana.

4. Desenhar indicadores que consigam promover análises de acesso a partir de linhas de ônibus convencionais, para avaliar a frequência, confiabilidade e as origens e destinos das pessoas em relação ao acesso a oportunidades básicas como empregos, serviços de educação, saúde e proteção.
5. Coletar dados relativos à violência de gênero nos deslocamentos urbanos, considerando os trechos percorridos em modos ativos e no transporte público de forma separada, para desenhar políticas de combate à violência de gênero na mobilidade (INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO, 2021, p. 16).

Percebe-se, portanto que não basta ter uma boa estrutura de calçadas, iluminação e segurança, embora sejam aspectos de fundamental importância, para que a caminhabilidade seja desenvolvida nas cidades. É preciso um conjunto de fatores que facilitem a mobilidade das mulheres (transporte coletivo, ciclofaixas, etc.) para que acessem oportunidades de estudo e trabalho assim como, possam exercer as atividades de cuidado e manutenção da casa.

2.9 Síntese do Capítulo

Os eixos estruturantes desta pesquisa foram construídos com base na revisão bibliográfica apresentada neste capítulo, abordando a forma como as mulheres se relacionam com a cidade, sua forma de estar e se deslocar no espaço público, mobilidade e violência de gênero. Pensando em desenvolver diretrizes urbanas que favoreçam a mobilidade das mulheres a fim de garantir o direito à cidade, é importante que se entenda como a divisão sexual do trabalho afeta a forma como as mulheres se deslocam em viagens.

Como visto, a divisão sexual do trabalho conferiu às mulheres as atividades domésticas, “sem valor” e não remuneradas, tornando-as responsáveis pela criação dos filhos, cuidados com os mais idosos e com manutenção da casa. Tais atividades, ditas como reprodutivas, fazem com que as mulheres se desloquem mais a pé, em percursos menores e com mais paradas (padaria, mercado, creche etc.). Além disso, a percepção de violência nos espaços públicos é diferente conforme o gênero. Enquanto os homens têm medo de roubo e agressão, as mulheres sentem medo de serem assediadas e sofrerem abuso sexual.

A partir do que foi apresentado no presente capítulo, entender as relações entre caminhabilidade, cidade e violência de gênero são fundamentais para a compreensão da percepção das mulheres sobre os espaços nos quais estão inseridas.

Embora já se saiba que a caminhabilidade é vital para que as cidades sejam saudáveis, sustentáveis e acolhedoras, percebe-se que ainda há cidades que continuam a ser pensadas e planejadas favorecendo o automóvel, destinando poucos recursos à mobilidade ativa. Quanto às questões de criminalidade, ficou evidenciado que as mulheres, principalmente negras e moradoras das periferias, são mais vulneráveis, devido, principalmente, às relações de poder estruturantes da cultura da sociedade e à ausência um planejamento urbano que leve em consideração suas particularidades de vivenciar os espaços públicos.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresenta-se o detalhamento dos procedimentos metodológicos, a área delimitada para o estudo e critérios que norteiam tais escolhas. Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foi adotado o método de pesquisa de estudo de caso, o qual se justifica pois é um estudo contemporâneo, em que não há controle sobre os eventos comportamentais (YIN, 2001).

3.1 Estudo de Caso

O objeto de estudo selecionado para a realização deste trabalho é a região do Porto, na cidade de Pelotas (RS). Os critérios para a escolha dessa região foram:

- a) ser considerada uma Zona de Preservação do Patrimônio Cultural dentro do III Plano Diretor do município;
- b) a presença da Universidade Federal de Pelotas, que ocupou prédios antes abandonados, para aumentar sua estrutura física, modificando a paisagem do bairro;
- c) a nova dinâmica da região com a circulação de estudantes e a presença de novos moradores e atividades no bairro;
- d) a retomada das operações portuárias e as iniciativas de recuperação do patrimônio arquitetônico;
- e) por fim, a previsão, pelo III Plano Diretor (PELOTAS, 2008a), de um projeto de humanização de uma ampla área da zona do Porto, priorizando o pedestre e fazendo da rua um espaço de convivência.

3.2 Caracterização do Município de Pelotas/RS

Conforme dados do IBGE (2021b), a população do município é estimada em 343.826 habitantes. Ainda, Pelotas é a quarta cidade mais populosa do Rio Grande do Sul e está localizada na da região sul do estado, às margens do Canal São Gonçalo. O canal São Gonçalo liga as Lagoas dos Patos e Mirim, as maiores do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil. O município ocupa uma

área de 1609 km² e cerca de 92% da população total reside na zona urbana do município, tem uma densidade demográfica de 203,89 hab/Km², sendo 1586,5 hab/Km² na área urbana e 15,6 na zona rural (IBGE, 2021b). Pelotas está localizada a 250 km de Porto Alegre, a 135 km da fronteira do Uruguai, por Jaguarão, a 220 km, pelo Chuí, e a 600 km da fronteira da Argentina, conforme Figura 19.



Figura 19 – Localização de Pelotas no Rio Grande do Sul.
Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE
CONSTRUÍDO, 2023.

De acordo com o art. 47 do III Plano Diretor de Pelotas (2008a), a Área Urbana do Município é composta por sete regiões administrativas: Centro, Fragata, Barragem, Três Vendas, Areal, São Gonçalo e Laranjal, como mostra a Figura 20.

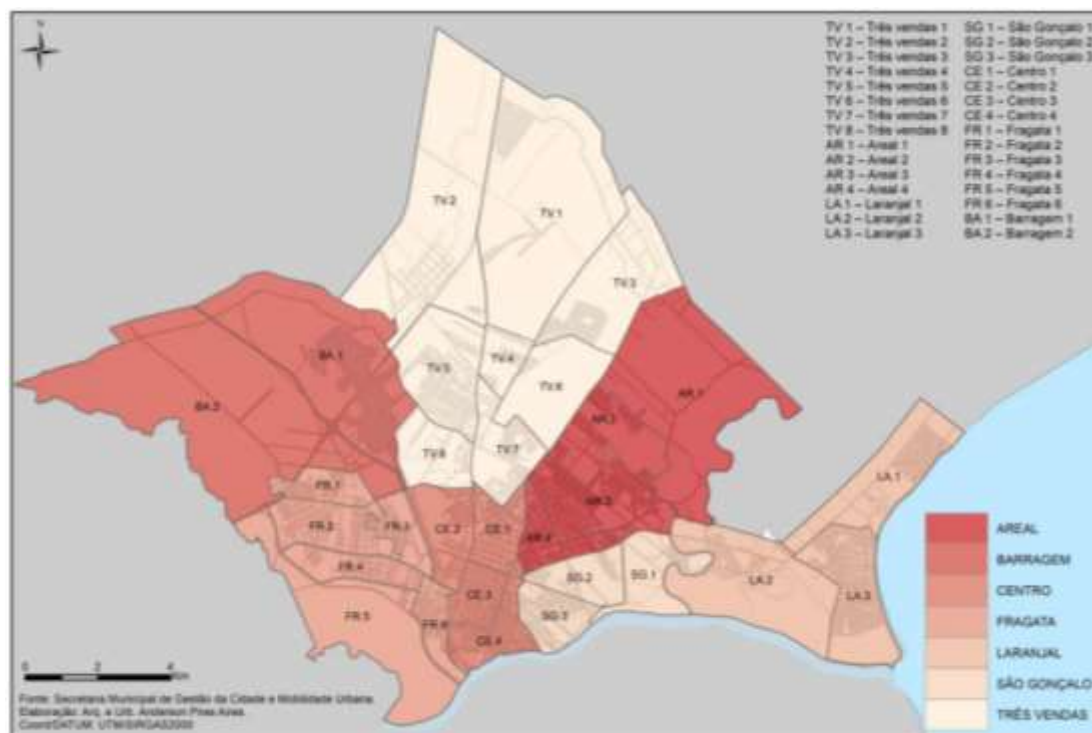


Figura 20 – Mapa da divisão da Sede do Município de Pelotas.

Fonte: PELOTAS, 2018.

O Sistema de Territórios do município de Pelotas organiza o planejamento da cidade, partindo da identificação dos seus limites definidas por um sistema orgânico de gestão e desenvolvimento ao município. Assim, as regiões são classificadas por escalas de território (conforme o plano diretor), como pode ser visualizada na Figura 21, a seguir:

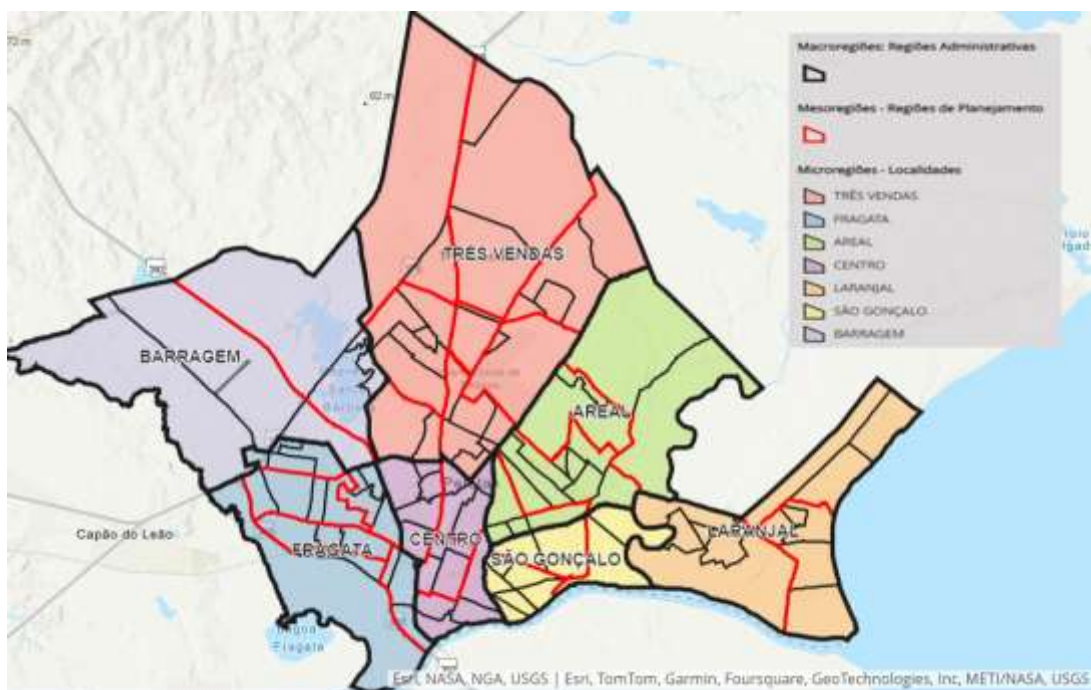


Figura 21– Mapa de Microrregiões Administrativas.
Fonte: PELOTAS, 2018.

A seguir, a Figura 22 destaca a região central e Zona do Porto, a qual se refere a localização para desenvolvimento da presente pesquisa.



Figura 22 – Foto aérea de Pelotas (região do centro e zona portuária).
Fonte: CIDADES EM FOTOS, 2020.

Neste ponto buscou-se apresentar o município de Pelotas, visando caracterizar sua configuração e desenvolvimento urbano. No ponto seguinte, o enfoque é sobre a caracterização do Bairro Porto, enquanto importante zona para formação do município de Pelotas e localização sob a qual esta pesquisa é desenvolvida.

3.3 Caracterização do Bairro Porto (Pelotas/RS)

Entre 1860 e 1890, com o auge do ciclo do charque, Pelotas experimentou grande desenvolvimento em termos econômicos e recebeu importantes melhorias, contando com novos equipamentos urbanos (ALMEIDA, 2022).

Já em 1940, o Porto foi remodelado e consolidou ao seu redor um bairro de fábricas e depósitos, o qual se expandiu com o início do processo de industrialização no Rio Grande do Sul. Pelotas e Rio Grande tiveram grande importância para o escoamento das produções do estado, atraindo a instalação de diversas indústrias, depósitos e armazéns. No começo do século XX, a área do Porto teve grande valorização urbana e a paisagem passou a contar com casarões de estilo eclético que contrastavam com a arquitetura das fábricas (INCHAUSPE; SILVA NETO, 2019).

Contudo, com o passar dos anos, houve uma queda sensível no movimento de cargas, tendo seu período mais acentuado na década de 1990. A zona do Porto passou por um extenso processo de desvalorização e decadência, ao ponto de transmitir uma imagem “deserta, fantasmagórica, em contraste total com o período áureo do bairro” (ALMEIDA, 2022, p. 39). Atualmente, o bairro passa por um processo de revitalização, após a instalação do Campus da Universidade Federal de Pelotas (e outras unidades da instituição), em antigas fábricas e em prédios da região. Vale ressaltar que há muitos deles ociosos e que o Porto está voltando a movimentar grandes volumes de cargas (ALMEIDA, 2022).

A Figura 23 demonstra a região do Porto como parte integrante da Cidade Histórica de Pelotas, por onde inicialmente o município foi estabelecido. Além de apresentar o processo de expansão da centralidade de Pelotas.



Figura 23 – Delimitação da Cidade Histórica.

Fonte: PELOTAS, 2018.

O III Plano Diretor de Pelotas considera esta área uma Zona de Preservação do Patrimônio Cultural – ZPPC, corresponde a uma Área Especial de Interesse do Ambiente Cultural – AEIAC, por ser referência histórico-cultural na formação da cidade. Isso se dá em razão da singularidade entre os espaços construídos e abertos e pelo conjunto de unidades arquitetônicas com potencial de reciclagem (PELOTAS, 2008a). O referido plano sugere, como diretriz, que haja qualificação da área através da viabilização de acesso ao canal São Gonçalo, além de incentivo à reciclagem de prédios que estão em desuso e valorização do patrimônio arquitetônico da região. A Figura 24, apresentada a seguir, destaca a área da ZPPC 3, a qual corresponde ao Sítio Porto.



Figura 24 – Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC – 3).
Fonte: PELOTAS, 2018.

Ainda, conforme o 3º Plano Diretor de Pelotas (2018), existem Áreas Especiais de Interesse Social (AEIS) do tipo 2, ou seja, áreas ocupadas por população de baixa renda. Sob as quais existe um interesse público em promover a regularização fundiária, além da produção, manutenção e recuperação de habitação de interesse social. Conforme elucidado na Figura 25:



Figura 25 – Áreas Especiais de Interesse Social (AEIS).
Fonte: PELOTAS, 2018.

Ressalta-se, ainda, que esta área se tornou um atrativo para projetos de desenvolvimento da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, que adquiriu antigos prédios visando à sua vitalização e utilização como unidades acadêmicas. Estas, revitalizadas pela UFPel, encontram-se ao longo da região do Porto e abrigam cursos das áreas das ciências humanas, política, sociologia, educação, arquitetura, artes e design, engenharias, matemática, física, entre outras (INCHAUSPE; SILVA NETO, 2019). A seguir (Figura 26), são apresentados alguns dos prédios adquiridos pela UFPel e que fazem parte do patrimônio industrial da cidade.



Figura 26 – UFPel: Uma História Escrita em Três Séculos.
Fonte: DIAS. Arquivo da CCS.NEAB/FAUrb/UFPel, 2014.

A figura 26, apresenta quatro prédios do patrimônio industrial, adquiridos pela UFPel, sendo eles:

- 1- **Anglo:** Adquirido em 2006, é um conjunto de edificações construídas entre os anos de 1942 e 1943, para abrigar o Frigorífico Anglo. Atualmente sedia o Campus Anglo da UFPel. (MICHELON, 2019).
- 2- **Cotada:** Antiga fábrica de Massas e Biscoitos, a Edificação construída em 1959. A mesma, foi adquirida pela UFPel em 2009 para receber o Centro de Engenharias e o setor de TV do Centro de Educação à distância da Universidade (MICHELON, 2019).
- 3- **Cervejaria Sul Rio-grandense:** A Cervejaria Sul-Rio-Grandense foi fundada em 1889 e esteve em funcionamento até 1946, quando foi comprada pela Cia Cervejaria Brahma. A edificação foi doada à UFPel em 2012 e, atualmente, abriga a Livraria e Editora da mesma universidade (MICHELON, 2019).
- 4- **Alfândega:** A Universidade Federal de Pelotas adquiriu o prédio em 2010 para abrigar os cursos de Engenharia do Petróleo, Hídrica e Geológica. Foi construído entre 1935 e 1938 com a finalidade de abrigar a Alfândega do Porto (MICHELON, 2019).

O movimento gerado pela comunidade acadêmica trouxe consigo um conjunto de significados, arranjos e atores, mudando o panorama do bairro e atraindo comerciantes e prestadores de serviços interessados em atender à nova demanda. A

presença da UFPel, somada à retomada das operações portuárias e às iniciativas de recuperação do patrimônio arquitetônico, estão desenhando uma nova identidade da Zona do Porto de Pelotas (INCHAUSPE; SILVA NETO, 2019). Além disso, desde 2001, a prefeitura de Pelotas trouxe a discussão da Cidade Universitária dentro do III Plano Diretor (PELOTAS, 2008a), que seria um projeto de humanização de uma ampla área da zona do Porto, priorizando o pedestre e fazendo da rua um espaço de convivência. De acordo com o Mapa Urbano Básico (PELOTAS, 2023), a região Porto é delimitada pelas ruas Três de Maio, Almirante Barroso, João Manoel e arroio São Gonçalo. Baseado no Mapa da prefeitura, foi definida a delimitação da área de pesquisa, conforme se evidencia na Figura 27:



Figura 27 – Delimitação da área de pesquisa.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

O 3º Plano Diretor de Pelotas considera os prédios do Centro de Artes (blocos 1 e 2), o Centro de Ciências Sociais e A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo como pontos atrativos da região do Porto. Restringindo as rotas acessíveis apenas nesta região, conforme retratado na Figura 28.

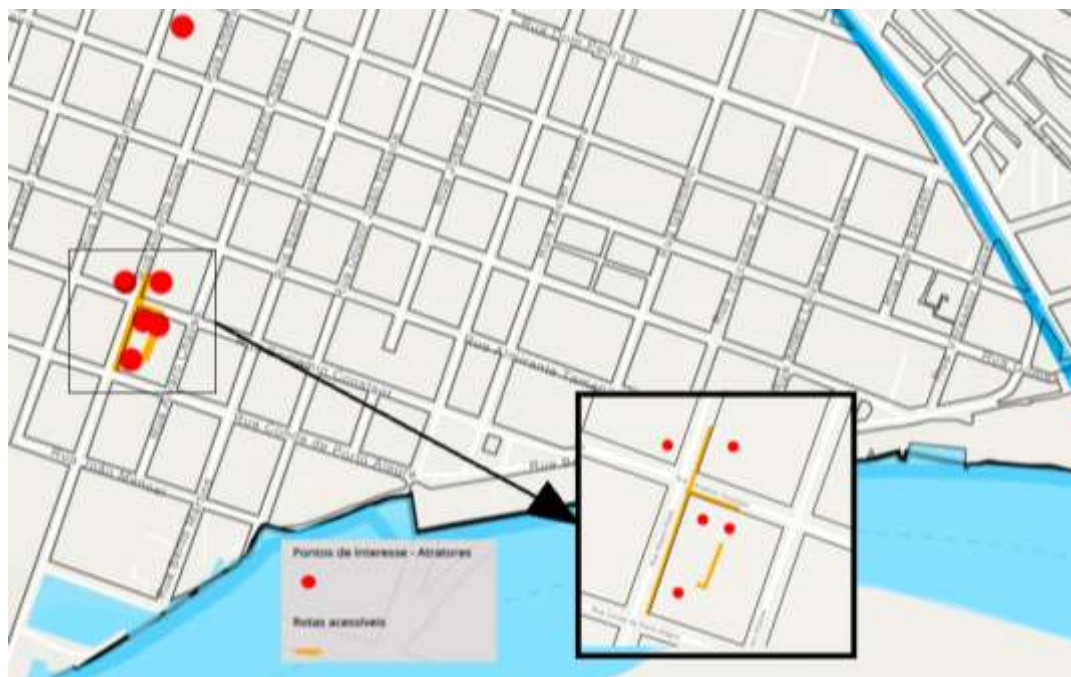


Figura 28 – Delimitação da área de pesquisa.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Segundo Soares (2014), o bairro possui uma identidade própria, a qual é reflexo da relação entre a identidade pessoal dos moradores e o ambiente urbano que as circunda. Além disso, enfatiza a importância do ambiente no fornecimento de um sentido de continuidade da formação e manutenção da identidade pessoal aos indivíduos. Constatou, ainda, que a chegada da Universidade trouxe um novo dinamismo ao local, com o aparecimento de papelarias, bares, cafés, conjuntos habitacionais e outras atividades relacionadas ao público estudantil.

Diante da diversidade de moradores que a cada ano chegam em razão da presença das faculdades na região, a dinâmica do lugar está a todo momento sendo modificada. A Universidade Federal de Pelotas tem quase 21 mil alunos, oriundos de vários estados brasileiros e de outros países da América Latina, sendo que grande parte deles soma-se aos moradores do bairro. Tais características ressignificam os diferentes espaços através de uma ampla gama de atividades lúdicas, políticas, performáticas, esportivas e artísticas, como é o caso da atividade “Sofá na Rua”, apresentada na Figura 29.



Figura 29 – Evento “Sofá na rua” na região portuária de Pelotas/RS.
Fonte: SOFÁ NA RUA, 2022.

A presença da Universidade e de atividades artísticas e culturais estão modificando os usos e dinâmicas da região, como mostra a Figura 30.



Figura 30 – Evento cultural Sofá na Rua, entre o prédio da Faculdade de Engenharia, depósitos em desuso e a antiga fábrica de cerveja.
Fonte: SOFÁ NA RUA, 2022.

Além disso, registra-se, na Figura 31, festivais de Grafitti que ocorrem na região do Porto. Tais eventos acontecem pela ligação entre a paisagem urbana com a estética produzida pela temporalidade, produzindo, assim, um território urbano com grande potencial criativo (INCHAUSPE; SILVA NETO, 2019).



Figura 31 – As cores e formas artísticas de diversos autores dão mais vida ao contexto urbano e à zona portuária.
Fonte: MARQUES, 2019.

Por fim, na região, encontra-se o ‘Quadrado’, localizado no início da rua Alberto Rosa. Trata-se de um antigo atracadouro da zona portuária pelotense, também conhecida como Doquinhas. É nesse local que ficam abrigados os barcos de pescadores do bairro. É, ainda, no ‘Quadrado’ que se encontra a ONG Instituto Hélio D’angola, antes conhecido como Espaço Katangas Nova Geração. Trata-se de um “espaço cultural aberto e acessível ao público, que promove eventos, festas e atividades que contemplam a comunidade local e a comunidade universitária, possibilitando trocas valiosas para nossas práticas artísticas, sociais e ecológicas” (MONSELL, 2022, p. 489). A Figura 32 apresenta a fachada do citado espaço:



Figura 32 – Fachada do Instituto Hélio D'Angola.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Entre as atividades oferecidas no Instituto, há as oficinas de percussão da Batucantada, oferecidas exclusivamente para mulheres, como mostra a Figura 33.



Figura 33 – Batucantada – Carnaval do Quadrado 2023.
Fonte: ACERVO BATUCANTADA, 2023.

Trata-se de um coletivo feminino que existe desde maio de 2022, com o objetivo de trazer mais mulheres para o cenário da percussão em Pelotas e que também vem contribuindo com o fortalecimento do bairro, realizando eventos de carnaval e festa junina.

3.4 Métodos e Técnicas para Coleta de Dados

Para atingir os objetivos deste trabalho, o método científico da presente pesquisa classifica-se como fenomenológico, pois tem como objeto de conhecimento o mundo enquanto vivido pelo sujeito, procurando perceber os significados atribuídos por cada um ao objeto que está sendo estudado (GIL, 2008).

A fim de aumentar a confiabilidade da análise dos resultados na avaliação da percepção das mulheres ao se deslocarem nas áreas públicas, foram empregadas diferentes técnicas de pesquisa, bem como de coleta de dados.

Os métodos propostos para o estudo de caso são: pesquisa documental; observação; levantamento físico; entrevistas caminhadas.

Já a etapa da coleta de dados deu-se via entrevistas caminhadas com mulheres que costumam se deslocar a pé no espaço sobre o qual versa a presente investigação. Para tanto, utilizou-se, como instrumento, um roteiro de entrevista semiestruturada. As entrevistas semiestruturadas possibilitam que o pesquisador siga um conjunto de questões, abertas e fechadas, previamente definidas, aplicadas em um contexto similar a uma conversa informal, com o intuito de obter um maior direcionamento das respostas para o tema de estudo (BONI; QUARESMA, 2005). A presente pesquisa também se classifica como observação participante, tendo em vista que, no momento da entrevista, a pesquisadora percorreu, junto com as entrevistadas, as rotas por elas apontadas. Durante o trajeto, para além do conteúdo verbal trazido pelas participantes, observou-se o comportamento delas e vivenciou-se as mesmas circunstâncias. Sobre esse método de pesquisa Yin (2016, p.108), refere: “a prática da observação participante acentua o papel do pesquisador como instrumento de pesquisa em um estudo qualitativo”.

A Observação do Espaço Físico foi realizada *in loco* com base nos parâmetros da metodologia de avaliação de calçadas apresentada por Aguiar (2003). Para ilustrar as situações críticas de qualidade do serviço de calçadas em relação a tal metodologia, foi procedido levantamento fotográfico, ilustrativo.

O Quadro 1, a seguir, sintetiza os procedimentos de pesquisa quanto aos objetivos propostos neste estudo.

Quadro 1 – Relação entre os métodos escolhidos e os objetivos da pesquisa

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	MÉTODO
Analisar como o desenho urbano pode contribuir para o fortalecimento dos deslocamentos a pé das mulheres e apresentar diretrizes para elaboração de políticas públicas de planejamento urbano, visando criar espaços públicos mais seguros e acolhedores, incentivando cada vez mais a mobilidade ativa.	Analisar como as mulheres estão inseridas na cidade observando as relações público/privada.	Pesquisa bibliográfica e documental.
	Avaliar as condições da estrutura física das calçadas às quais estão sujeitas as usuárias da mobilidade a pé.	Observação participante, entrevista caminhada e levantamento físico.

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	MÉTODO
	Analisar como se dá o deslocamento das mulheres no contexto urbano	Pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevistas caminhadas.
	Verificar como outras características (cor da pele, orientação sexual, identidade de gênero etc.) interferem na vivência das mulheres nos seus deslocamentos a pé.	Pesquisa bibliográfica e entrevista caminhada

Fonte: Elaborado pela autora.

3.4.1 Levantamento bibliográfico e documental

Para fundamentar a produção do capítulo anterior de referencial teórico, assim como permitir o conhecimento e aprofundamento do tema da atual pesquisa, fez-se um levantamento bibliográfico e pesquisa documental de fontes primárias e secundárias, conforme mostrado no Quadro 2, agregando assim as temáticas sobre caminhabilidade, divisão sexual do trabalho, violência de gênero e direito à cidade.

Quadro 2 – Fontes primárias e secundárias

Fontes Primárias	Fontes Secundárias
Pelotas (2008, 2018); Brasil (2001, 2012).	Aguiar (2003), Calió (1997), Fernandes (2019), Gonzaga (2004), Hirato (2004), Kern (2021).

Fonte: Elaborado pela autora.

Foram consultados o Código de obras, Plano de Mobilidade e Plano Diretor de Pelotas para conhecer previamente o objeto escolhido para estudo de caso e, assim, auxiliar as demais aplicações metodológicas.

3.4.2 Observação Participante

A principal dificuldade da pesquisa qualitativa encontra-se na condição humana de responder aos estímulos externos de forma seletiva, baseadas na maneira como as pessoas definem e interpretam situações e acontecimentos. Ou seja, tal abordagem não permite obter padrões formais ou conclusões definitivas (QUEIROZ *et al.*, 2007), mas apresenta interpretações implicadas e aproximadas. Dessa forma, é preciso compreender que a incerteza faz parte de sua epistemologia.

A observação participante é uma elaborada técnica de coleta de dados, bastante utilizada em pesquisas que adotam uma abordagem qualitativa, consistindo na inserção do pesquisador no interior do grupo pesquisado (QUEIROZ *et al.*, 2007). O pesquisador não apenas olha o que está acontecendo, mas observa atentamente, com olhos treinados, em busca de certos acontecimentos específicos ao contexto de desenvolvimento da pesquisa, para, através dessa interação, formar um conhecimento claro e preciso (QUEIROZ *et al.*, 2007). Na observação participante há uma relação de integração na relação entre o objeto de pesquisa e pesquisadora:

a pesquisa participante que valoriza a interação social deve ser compreendida como o exercício de conhecimento de uma parte com o todo e vice-versa que produz linguagem, cultura, regras e assim o efeito é ao mesmo tempo a causa. Outro princípio importante na observação é integrar o observador à sua observação, e o conhecedor ao seu conhecimento. (QUEIROZ *et al.*, 2007, p. 278)

Pode-se definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo e é classificado como natural “quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga” (GIL, 2008, p. 103).

A primeira etapa da observação participante é a aproximação do pesquisador ao grupo social em estudo (QUEIROZ *et al.*, 2007). Na presente pesquisa, essa técnica foi utilizada com o intuito de perceber as interações das mulheres entrevistadas com o ambiente físico durante a caminhada no Porto de Pelotas.

É importante ressaltar que, nesta investigação a observadora também assume o papel de membra do grupo de maneira natural. O que, conforme Gil (2008), seria quando o pesquisador já faz parte da comunidade investigada. Questão presente e que atravessa esta investigação, uma vez que a pesquisadora, além de ser uma mulher, frequenta a região investigada para estudar e participar de atividades culturais, e, está deste modo, exposta ao mesmo meio que as entrevistadas. O método de observação permite que os fatos sejam percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Assim, a subjetividade do processo de investigação tende a ser reduzida (GIL, 2008).

A segunda etapa consiste no esforço do pesquisador obter uma visão de conjunto da comunidade do objeto de estudo, a qual pode ser feita com o auxílio de alguns elementos, como observação da vida cotidiana, levantamento das instituições

e formas de atividades econômicas, história do local e do grupo, identificação de pessoas chave (conhecidas pelo grupo) e a realização de entrevistas com as pessoas que possam ajudar na compreensão da realidade (QUEIROZ *et al.*, 2007). Conforme a dinâmica da pesquisa sucedeu, não foi possível um registro simultâneo dos dados em diário de campo. Assim, optou-se por outras ferramentas de registro de dados. Como, a gravação das entrevistas, em áudio e registro fotográficos ao longo do percurso, realizados tanto pela pesquisadora quanto pelas entrevistadas.

Também, com o intuito de registrar dados não-verbais no contexto da entrevista, foram relatadas, de modo manuscrito, as observações e impressões captadas durante o trajeto. Essas anotações estão disponíveis no Apêndice I.

A última etapa da observação participante, segundo Queiroz (2007), é sistematizar e organizar os dados. Permitindo que a pesquisadora compreenda a situação real do grupo e a percepção que esse grupo possui acerca de si mesmo, durante a análise dos dados.

Sendo assim, estando aqui, pesquisadora e sujeito da pesquisa, em contínua e mútua transformação, percebe-se uma invalidade na pretensa criação de um “ambiente natural”, ausente de interferências. Decorrendo na escolha de trabalho com uma metodologia qualitativa, a qual permite o levantamento das informações no momento em que ocorrem os fatos observados, sem invalidar a presença subjetiva presente no processo de investigação. Além, de permitir o estudo de uma maior variedade de fenômenos acerca do comportamento humano (QUEIROZ *et al.*, 2007).

Contudo, como aponta Velho (1978), o fato da pesquisadora pertencer ao mesmo grupo que as entrevistadas, não significa necessariamente um conhecimento integral sobre elas. Pois o que pode ser familiar não é necessariamente conhecido.

Com isso, se afirma como necessário distinguir o sociocultural do psicológico e a presença de ambos na análise da realidade. Admitindo certo grau de subjetividade na interpretação qualitativa dos fenômenos, com uma caracterização que é ao mesmo tempo possibilidade de ampliação dos conhecimentos sobre os fenômenos e o grupo, e um caráter aproximativo e não definitivo na interpretação dos dados.

A observação participante ocorreu durante as entrevistas caminhadas. As datas, horários e duração de cada conversa são apresentadas na Tabela 3:

Tabela 3 – Caracterização da Coleta de dados.

Entrevista	Data	Horário de Início	Duração
1	30/03/2023	17:05h	41 min
2	04/04/2023	15:50h	44 min
3	06/06/2023	17:24h	41 min
4	20/06/2023	17:20h	49 min
5	21/08/2023	9:15h	54 min
6	24/08/2023	14:15h	50 min

Fonte: Elaborada pela autora.

Durante a caminhada, foram observados as características e os comportamentos não verbais de cada participante, bem como as circunstâncias físicas dos trajetos escolhidos para a caminhada.

3.4.3 Entrevista caminhada

O roteiro para a entrevista caminhada foi organizado por pautas, apresentando certo grau de estruturação, ou seja, desenvolvida a partir de uma relação de pontos de interesse da pesquisa (APÊNDICE A). “Na entrevista por pautas o entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas” (GIL, 2008, p. 112).

Nesse sentido, apesar de uma relação fixa de questões, a verbalização das mesmas pode diferir conforme o contexto e o ambiente da entrevista (YIN, 2016). Trata-se de uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados de profundidade acerca do comportamento das respondentes (GIL, 2008). A entrevista caminhada, ademais, foi utilizada como principal método para identificar os aspectos positivos e negativos que as mulheres percebem ao se deslocar a pé, nos aspectos psicológicos e de estrutura urbana.

Inicialmente, foi realizada uma entrevista caminhada piloto, no dia 22 de novembro de 2022, com o intuito de verificar a compreensão das perguntas pelas participantes e o tempo necessário para a realização dessa etapa da pesquisa. Essa entrevista iniciou às 19h 30min e teve duração de 46 min. A participante escolhida foi uma moradora do bairro, indicada por um colega pesquisador, que acompanhou a entrevista e auxiliou nos registros fotográficos. A caminhada aconteceu à noite e o percurso escolhido passou pelas ruas Conde de Porto Alegre, Dona Mariana, Benjamin Constant e Alberto Rosa até chegar na região do Quadrado.

Nessa ocasião, muitos trechos estavam mal iluminados e com pouco movimento de transeuntes. Assim, foi possível observar que a participante, apesar de, em seu discurso, afirmar que se sentia segura, aparentava estar em constante estado de atenção. Notou-se que, a qualquer movimento de pessoas na rua, ela acelerava ou retardava o passo. O registro fotográfico dessa entrevista piloto consta na Figura 34.



Figura 34 – Pesquisadora e participante do estudo na entrevista piloto.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

A proposta inicial era realizar todas as perguntas da entrevista semiestruturada e depois realizar o percurso de maneira mais informal. Assim, esperava-se deixar a participante livre para fazer questionamentos e ir registrando, através de fotografias, pontos que consideraram positivos e negativos no que tange à sua percepção de segurança, deslocamento a pé, sentimento de pertencimento ou qualquer outro valor que fosse significativo para ela, no percurso escolhido. Os registros fotográficos foram feitos usando câmera fotográfica digital e o número de fotos não foi limitado. Para sinalização dos pontos positivos e negativos nas fotos, foram entregues dois blocos de madeira às entrevistadas: verde para os pontos positivos e vermelho para os negativos. Esses blocos deveriam aparecer em algum canto da fotografia, como exemplificado na Figura 35.



Figura 35 – Na imagem, a entrevistada sinalizou com os blocos verde e vermelho, indicando que o espaço tem tanto pontos negativos quanto positivos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Porém, nem todas as fotos do levantamento possuem tal marca, uma vez que algumas entrevistadas esqueceram de fazer tal sinalização e/ou mesmo por dificuldade de enquadrar o material na imagem. Como explicitado anteriormente, o tempo para realização da entrevista piloto foi de 46 min, o que serviu como referência para as entrevistas posteriores. Após a entrevista piloto, realizou-se convites a mulheres para participar da pesquisa.

A escolha da amostra se deu de forma intencional, sendo as entrevistadas escolhidas de forma deliberada, com a intenção de selecionar a unidade de estudo representativa, para obter aquelas que gerem dados mais fartos e relevantes (YIN, 2016). Para tanto, a seleção da amostra considerou a pluralidade de raça, identidade de gênero, orientação sexual e maternidade.

Inicialmente, o convite foi realizado através de grupos de WhatsApp, de coletivos de mulheres e grupos de estudantes da UFPel, tendo como requisitos apenas ser mulher e caminhar na região do Porto. Assim, foi marcada a primeira entrevista caminhada para o dia 30 de março de 2023. A partir da segunda participante, a escolha das entrevistadas passou a ser por indicação das próprias

entrevistadas e definida através de contato prévio via telefone ou rede social. Assim, essa técnica de construção de amostra utilizou-se dos preceitos da técnica de amostragem em bola de neve (*snowball*), neste caso por: a) não haver precisão sobre a quantidade de entrevistadas e, b) utilizar o conhecimento das mulheres pertencentes ao grupo para localizar informantes para estudo (VINUTO, 2014).

Vale ressaltar que o desenho metodológico aqui empregado exigiria que a participante que aceitasse colaborar com o estudo deveria possuir algum vínculo com a região e dispor de agenda para a realização da entrevista. Assim, foi possível contar com seis mulheres entrevistadas ao longo do período de coleta de dados para a pesquisa, ocorrido de março a agosto de 2023.

Quanto à coleta de dados, foi necessário fazer alguns ajustes, pois as dinâmicas entre as perguntas e o trajeto com os registros fotográficos não funcionaram nas duas primeiras entrevistas, pois as entrevistadas preferiram seguir caminhando enquanto respondiam às perguntas. Sendo assim, as perguntas, o trajeto e os registros de cada entrevistada, foram acontecendo simultaneamente.

O percurso foi escolhido por cada entrevistada, de forma livre, com base em escolhas pessoais. Para registro das entrevistas, as participantes receberam, no início do trajeto, uma máquina fotográfica e um gravador de voz para pendurar no pescoço, de modo que o aparelho capturasse suas falas adequadamente. Assim, todas as entrevistas foram gravadas em áudio e o trajeto registrado através das gravações e anotações em campo. As falas das entrevistadas foram, posteriormente, transcritas e estão disponíveis nos Apêndices B, C, D, E, F e G.

3.4.4 Levantamento do espaço físico

A fim de fazer um levantamento do espaço físico com o intuito de ampliar a compreensão do caráter e da qualidade do lugar, escolheu-se a aplicação da observação Incorporada, apresentada por Rheingantz *et al.* (2009). Nesse sentido, observa-se:

A contribuição e a utilidade da observação incorporada para o estudo das relações pessoa-ambiente está no reconhecimento da importância da subjetividade na observação e da sua influência na compreensão, por parte do observador, do processo de explicar e traduzir estas relações e que esta compreensão se baseia no pressuposto de que todo relato é o relato de uma observação ou experiência vivenciados pelo observador (MATURANA, 2001 *apud* RHEINGANTZ *et al.*, 2009, p. 107).

O pesquisador passa a considerar a interação pessoa-ambiente de forma indissociável e independente se baseando na subjetividade produzida na sua experiência de interação com o ambiente e seus usuários. Para complementar a observação incorporada, foi utilizado o método do percursos à deriva, em que o pesquisador entra em contato com o lugar sem uma diretriz predeterminada, possibilitando ao observador pontuar e registrar suas primeiras impressões apoiadas apenas no olhar técnico-arquitetônico e objetivo do pesquisador (ALCANTARA *et al.*, 2006).

3.5 Métodos de Análise dos Dados

Os dados coletados nesta pesquisa foram agrupados em categorias de análise, com base na proposta de análise de conteúdo de Bardin (1977). A citada autora preconiza que, após a coleta dos dados, faz-se uma leitura dos dados brutos, em uma fase compreendida como exploração do material e análise flutuante. Essa etapa, em síntese, diz respeito à organização para a análise. Logo após, são sistematizadas as principais ideias e categorização dos conteúdos para análise. Para tanto, destacou-se, primeiramente, recortes de frases dos sujeitos de pesquisa e as similaridades entre percepções expostas.

As categorias (Apêndice H) foram geradas tendo em vista, ainda, as características do espaço urbano para o deslocamento das mulheres a pé, bem como a percepção delas quando se deslocam por estes lugares. Os dados coletados, a partir da observação do espaço físico, foram associados às análises feitas nas entrevistas caminhadas com o intuito de compreender como os elementos físicos contribuem nas experiências (positivas e negativas) das mulheres em suas caminhadas.

Os resultados apresentados nas entrevistas evidenciam tanto características físicas observadas no lugar, quanto aspectos mais subjetivos, repletos de emoções e de memórias, ricas em significados. Esses aspectos e impressões são agregados e entrelaçados à análise técnica do pesquisador, baseada em conceitos consolidados de avaliação de desempenho urbano apresentados (RHEINGANTZ *et al.*, 2009).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresenta-se os resultados obtidos com a aplicação dos métodos de coleta e de análise dos dados com o intuito de responder à pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos propostos. Na Tabela 4, a seguir, apresenta-se uma síntese da amostra de pesquisa. A fim de preservar a identidade das respondentes, foram atribuídos códigos a elas:

Tabela 4 – Amostra de pesquisa

Codinome	Identidade de gênero	Orientação Sexual	Cor	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Data da entrevista
EM_01	Cis	Homossexual	Branca	Solteira	Superior Incompleto	Produtora Cultural / Estudante	30/03/2023
EM_02	Cis	Heterossexual	Branca	Solteira	Superior Completo	Servidora Pública / Estudante	04/04/2023
EM_03	Cis	Heterossexual	Negra	Casada	Superior Incompleto	Diarista / Estudante	06/06/2023
EM_04	Trans	Heterossexual	Branca	Solteira	Superior Completo	Cantora / Estudante	20/06/2023
EM_05	Cis	Heterossexual	Negra	Casada	Superior Incompleto	Professora / Estudante	21/08/2023
EM_06	Cis	Homossexual	Negra	Solteira	Superior Completo	Recepcionista	23/08/2023

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

As participantes, antes mesmo das entrevistas, foram informadas sobre os detalhes da pesquisa de mestrado e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, cujo modelo está disponível no Anexo D. Após a transcrição das entrevistas, disponibilizadas integralmente nos Apêndices B, C, D, E, F e G, agrupou-se, as falas das integrantes do estudo em três categorias: violência de gênero nos espaços públicos, a mobilidade a pé e a divisão sexual do trabalho. Ao longo do processo de análise, considerou-se necessário acomodar os conteúdos das falas em categorias, que emergiram nas entrevistas. Isto posto, foram definidas e analisadas as seguintes temáticas: relação e afinidade com o bairro, barreiras físicas e psicológicas e experiências positivas e negativas nos deslocamentos a pé.

Os resultados obtidos na investigação estão organizados com base no referencial teórico e nos objetivos específicos, que são: a) analisar como as mulheres estão inseridas na cidade (trabalho, lazer, atividades de cuidado e manutenção da casa), observando as relações público/privada; b) avaliar as condições físicas a qual

estão sujeitas as usuárias da mobilidade a pé; c) compreender e analisar como se dá o deslocamento das mulheres no contexto urbano e d) verificar como a raça interfere na vivência das mulheres nos seus deslocamentos a pé.

4.1 Relação e Afinidade com a Região

Esta subseção visa aos objetivos de (a) analisar como as mulheres estão inseridas na cidade (trabalho, lazer, atividades de cuidado e manutenção da casa), observando as relações público/privada; e (b) avaliar as condições físicas a qual estão sujeitas as usuárias da mobilidade a pé. Assim, inicia-se apresentando trechos das entrevistas em que as mulheres participantes da pesquisa narram as suas relações com o bairro. Em seguida, são dispostos mapas que evidenciam os trajetos por elas escolhidos para as entrevistas caminhadas, bem como fotografias que fizeram para indicar aspectos negativos e positivos no que tange ao espaço físico do trajeto escolhido.

As entrevistadas, como já referido, foram selecionadas levando em consideração as suas vivências na região. São mulheres que moram ou trabalham no bairro, além de frequentar os espaços públicos para lazer, como se percebe na fala de EM_01_33 anos: *“Eu frequento esse bairro porque é o bairro que eu vim morar depois que eu saí das casas dos meus pais. E aí é um bairro que **eu me sinto familiarizada**”,* afirmando também que conhece a região há mais de 15 anos.

As participantes EM_05_33 anos e EM_06_33 anos nasceram no bairro e escolheram permanecer nele. A entrevistada EM_05_33 anos rememorou como era a região na sua infância: *“Desde que eu nasci, há 33 anos. Cresci aqui. Da época que mal tinha casas, que eu atravessava pelo banhado pra vir aqui pro pai, pelo pátio da minha avó Lucy.”*

A Universidade, as atividades sociais e os espaços de lazer, como o Quadrado, são atrativos para as respondentes.

Ah, eu tenho bastante coisa da minha vida que é aqui, né? Eu faço mestrado ali no ICH, agora não tô com disciplina nesse semestre, mas, mesmo assim, tem reunião de orientação, tem um monte de coisa. Como eu trabalho na universidade, e essa parte toda do Porto aqui é uma parte que eu tenho bastante contato, tem a coisa da batucantada que a gente tem nos finais de semana, vai no centro de artes, vai no quadrado. [...]. Então, tem bastante referência, assim, o Porto é um lugar que tem bastante atividade, então, apesar de eu não morar nessa região, é um lugar que eu frequento bastante (EM_02_49 anos).

Uma vez que as entrevistadas escolheram os trajetos das entrevistas caminhadas, é importante ressaltar o aspecto emocional implicado nessas escolhas, como é possível verificar na fala da EM_01_33 anos: “*Sabes que eu fotografei essa rua por causa dessa **memória bem afetiva** assim mesmo, que é a questão da gente sair das festas, ali, na cervejaria, na Original Beer*”.

Vale lembrar que, ao longo das entrevistas caminhadas, as entrevistadas foram convidadas a fotografar elementos urbanos que chamam sua atenção. Assim, na Figura 36, observa-se o mapa do trajeto selecionado por EM_01_33 anos, e, ainda, as fotografias que essa entrevistada capturou no decorrer da caminhada.



Figura 36 –Trajeto escolhido pela Entrevistada EM_01_33 anos .
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.



Figura 37 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_01_33 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Quanto às fotografias, sinalizadas na Figura 37 com algarismos arábicos em verde, a entrevistada justificou suas escolhas explicando que a Foto 1, uma casa na rua D. Mariana, foi selecionada pelos seus aspectos arquitetônicos. Na Foto 2, a Cervejaria Original Beer foi escolhida porque a entrevistada trabalhou e frequentou festas no local, que lhe trouxeram memórias positivas da paisagem nos domingos pela manhã. Já na Foto 3, Rua Benjamim Constant, esquina José do Patrocínio, a participante do estudo contou que o local foi escolhido como aspecto negativo devido à presença dos carros da autoescola. A Foto 4, de um prédio da antiga fábrica de cerveja na rua José do Patrocínio refletida em poça de água, também foi destacada pela entrevistada. A Foto 5 mostra os grafites na rua José do Patrocínio, onde acontece o evento Sofá na Rua e a Foto 6 apresenta os grafites de cafeteira na rua Conde de Porto Alegre. Na Foto 7, há um cartaz na rua Conde de Porto Alegre. Por fim, na Foto 8, constam toras de madeiras prontas para serem carregadas vista através de um buraco no muro.

O aspecto emocional nas escolhas dos trajetos também apareceu na fala da entrevistada EM_03_38 anos: “a gente morava na Gomes Carneiro com o José do Patrocínio, **a gente costumava colocar as cadeiras na frente, sentar, era bem bom**”. Assim como as demais participantes do estudo, essa entrevistada capturou imagens do trajeto, que podem ser observadas na Figura 38:

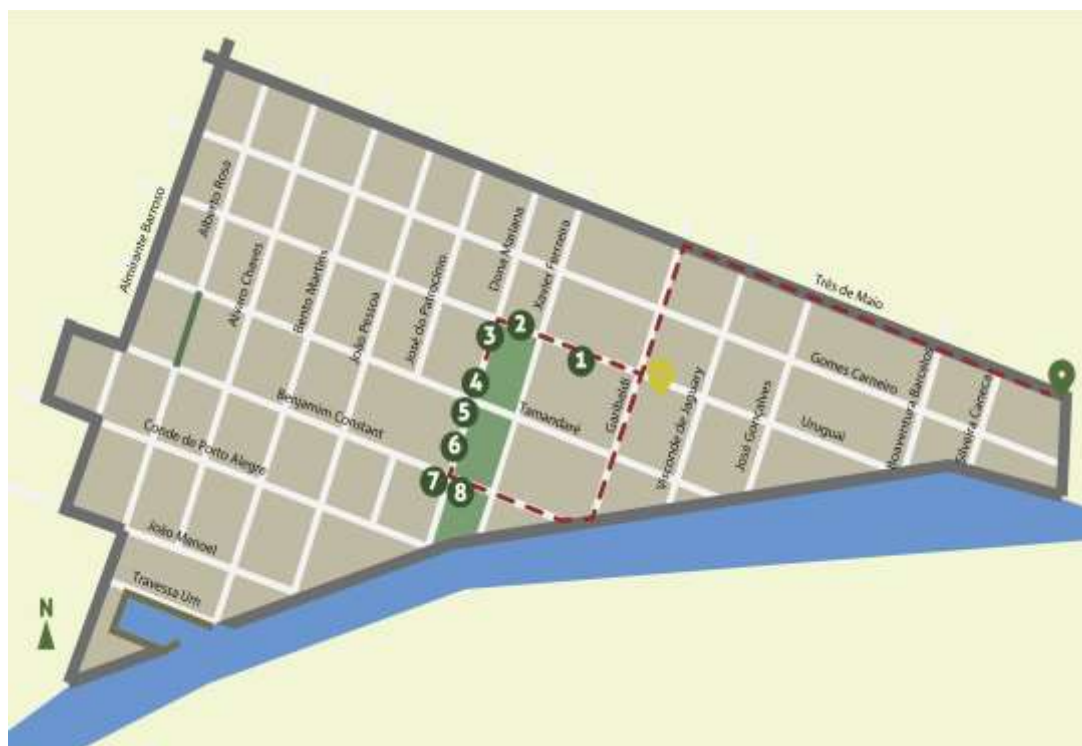


Figura 38 – Trajeto Escolhido pela Entrevistada EM_03_38 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.



Figura 39 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_03_38 anos
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Os registros fotográficos da participante EM_03_38 anos, em geral, se referem a lembranças de quando ela morava na rua D. Mariana e estão sinalizados com algarismos arábicos na Figura 39. São eles: Foto 1, Telhado de antiga fábrica na rua Uruguai, escolhida como ponto positivo pelo contraste do prédio com o pôr do sol. Na Foto 2, a Cervejaria Original Beer, escolhida porque a entrevistada morou próximo e considera uma paisagem bonita que traz memórias positivas. A Foto 3 tem como ponto

negativo a iluminação. A Foto 4 mostra o campinho de futebol em que ela costumava levar o filho. A Foto 5 mostra a casa que ela morou e a Foto 6 registra a rua onde ela se sentava para observar o movimento. Na Foto 7, a sensação de insegurança para quem precisa esperar o ônibus, e por fim, na Foto 8, o registro da pracinha da Alfândega revitalizada.

Já para a participante EM_02_49 anos, o caminho é escolhido por aspectos paisagísticos e estímulos do ambiente urbano, como fica evidenciado na sua fala: “*eu sei de onde eu parti e onde eu preciso chegar. E daí **eu construo o meu trajeto de acordo com o que me agrada ver no caminho, passar pelo caminho***”. Na Figura 40, a seguir, apresenta-se o trajeto e as fotos capturadas por essa entrevistada:

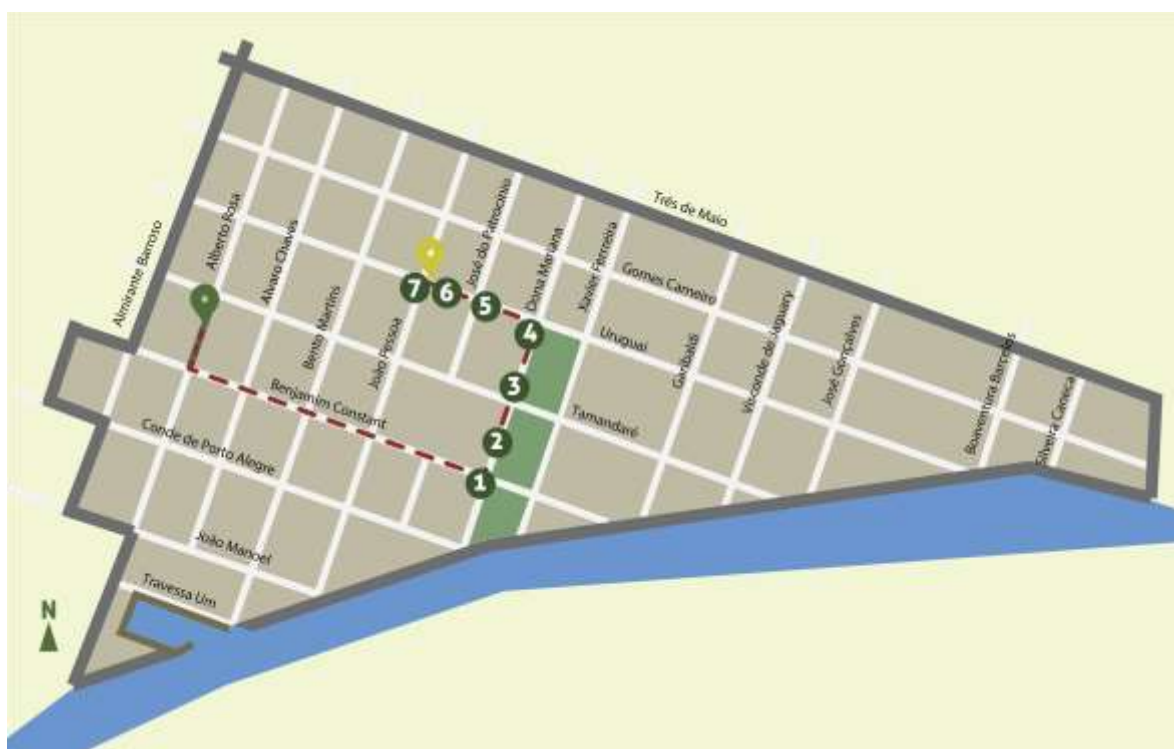


Figura 40 – Trajeto Escolhido pela Entrevistada EM_02_49 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.



Figura 41 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_02_49 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

A Figura 41 representa o trajeto e os pontos onde foram registradas as fotografias feitas pela entrevistada EM_02_49 anos. Na Foto 1, aparece a praça Domingos Rodrigues, como ponto positivo, devido à paisagem e tranquilidade. A Foto 2 mostra a pracinha com o colégio no qual a respondente buscava a sua sobrinha. Na Foto 3, uma casa que representa o estilo de construção da região e que também é vista como ponto positivo. As Fotos 4 e 5 representam aspectos que EM_02 considera negativos: o lixo espalhado na esquina da praça e a falta de manutenção das calçadas. Na Foto 6, as calçadas foram associadas a ponto positivo no bairro pelo fato de as pessoas se apropriarem desse espaço como extensão de suas casas, com cadeiras de praia. Por fim, na Foto 7, aparece a Unidade Básica de Saúde também como algo positivo na área. Nesse sentido, EM_02_49 anos explica o que ela gosta na região:

*Eu acho que o Porto tem um clima gostoso, assim, eu não sei o que é aqui, mas eu até já andei procurando casa para morar aqui, porque eu gosto muito dessa região, eu acho assim, ele não tem uma estrutura de bairro, parece, o Porto tem uma coisa meio de centro da cidade, assim, essas ruas grandes, o movimento, e acho que o contato com a universidade também, por ter esse monte de prédio da universidade aqui, e as atividades assim, que tem no Porto, porque é isso, assim, tem barzinho, tem festa, tem atividade de final de semana, as coisas que tem, sofá, tem, sei lá, tem um monte de coisa legal para se fazer no Porto, tem umas praças boas, tem... [...] eu tenho **uma sensação de acolhimento**, assim, do Porto, parece que, de uma mini cidade dentro da cidade, sei lá, eu acho gostoso, assim, eu acho que o Porto tem essa, essa característica (EM_02_49 anos).*

A identificação com o ambiente e a sensação de conforto também podem ser vislumbradas no seguinte trecho da entrevista com EM_02_49 anos:

Mas eu gosto de andar a pé, **eu gosto da experiência**, assim, de ver coisas, de cruzar com cachorro, com criança, com gente sentada na beira da calçada. Às vezes tem uns velhinhos sentados na beira da calçada, sabe? É que essa **coisa de observar as pessoas**. Eu acho gostoso isso, de tu estar andando, de tu estar prestando atenção em detalhes que quando tu estás andando de carro tu não vê (EM_02_ 49 anos).

A entrevistada EM_04_26 anos também fez registros do trajeto, como se apresenta na Figura 42:



Figura 42 – Trajeto Escolhido pela Entrevistada EM_04_26 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

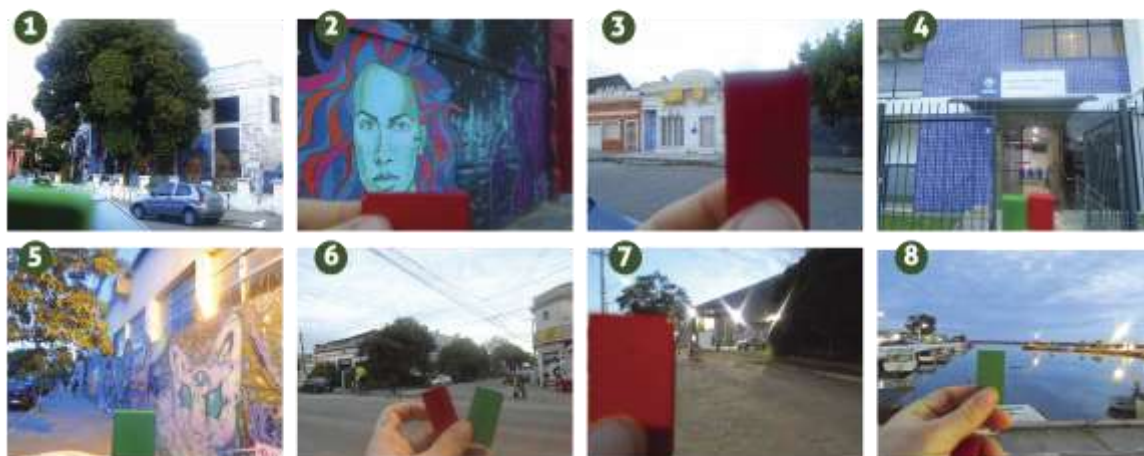


Figura 43 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_04_26 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

A participante EM_04_26 anos fez oito registros fotográficos. Os significados de cada imagem, conforme EM_04_26 anos, são: Na Foto 1, aparece a Ocupação Canto de Conexão, por ser um lugar em que a entrevistada se sente acolhida; Na Foto 2, a pouca iluminação da região foi destacada como aspecto negativo; a Foto 3 indica um trecho no qual a entrevistada passou por situações de transfobia; Na Foto 4, tanto aspectos positivos (possibilidade de realizar seus sonhos) quanto negativos (conviver com pessoas transfóbicas) foram associados ao Centro de Artes da UFPel; A Foto 5 mostra como aspecto positivo os grafites do bairro; A Foto 6 representa uma dualidade para a participante, pois o local é de festas e encontros, mas já foi cenário para muitas brigas. Na Foto 7, a sede da Patram (Patrulha Ambiental da Brigada Militar) é um ponto negativo para a participante porque considera a polícia racista e discriminatória; por fim, a Foto 8 é no Quadrado, local que EM_04_26 anos costuma frequentar com as amigas para tomar chimarrão e conversar.

Na Figura 44, observa-se o mapa com os registros do trajeto da Entrevistada EM_05_33 anos:



Figura 44 – Trajeto Escolhido pela Entrevistada EM_05_33 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.



Figura 45 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_05_33 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023

A entrevistada EM_05_33 anos nasceu e cresceu nas proximidades da área do Quadrado. Ela escolheu seu trajeto com base no critério de precariedade das ruas. O percurso e os pontos onde foram feitos os registros fotográficos estão representados na Figura 45. São eles: a Foto 1 é na rua Álvaro Chaves, onde a pavimentação acaba. Esse aspecto foi considerado negativo; a Foto 2 apresenta como ponto positivo a paisagem; já as Fotos 3, 4 e 5 são registros da falta de pavimentação, pouca iluminação e lixo acumulado. Na Foto 6, é a praça Domingos Rodrigues, local que ela gosta de frequentar; por fim, a Foto 7 mostra como a rua em frente ao Instituto Hélio D'Angola fica embarrada nos dias que chove.

Cabe destacar, nesse sentido, a fala dessa entrevistada sobre o Quadrado:

*Aqui é um lugar que **eu amo estar**, né? Tanto que eu tentei ir embora, eu vou ali, com a minha irmã, antes do meu pai falecer, e eu não consegui ficar lá. De jeito nenhum, **eu sonhava com o Quadrado** todos os dias. E hoje em dia eu tô aí, né? Na função, tentando fazer o máximo que dá pra comunidade. Agora a gente vai pra uma rua ali também, que eu adoro bastante de estar, mas tá bem danificada, já prometeram um monte. Diz que tem... diz que tem... no papel que tá arrumado lá, mas não tá. Como várias ruas da cidade de Pelota, diz que no papel tá asfaltado, arrumado, chega nas comunidades, não estão, né? (EM_05_33 anos).*

O último mapa dos trajetos e fotografias capturadas pelas entrevistas é apresentado a seguir, na Figura 46:

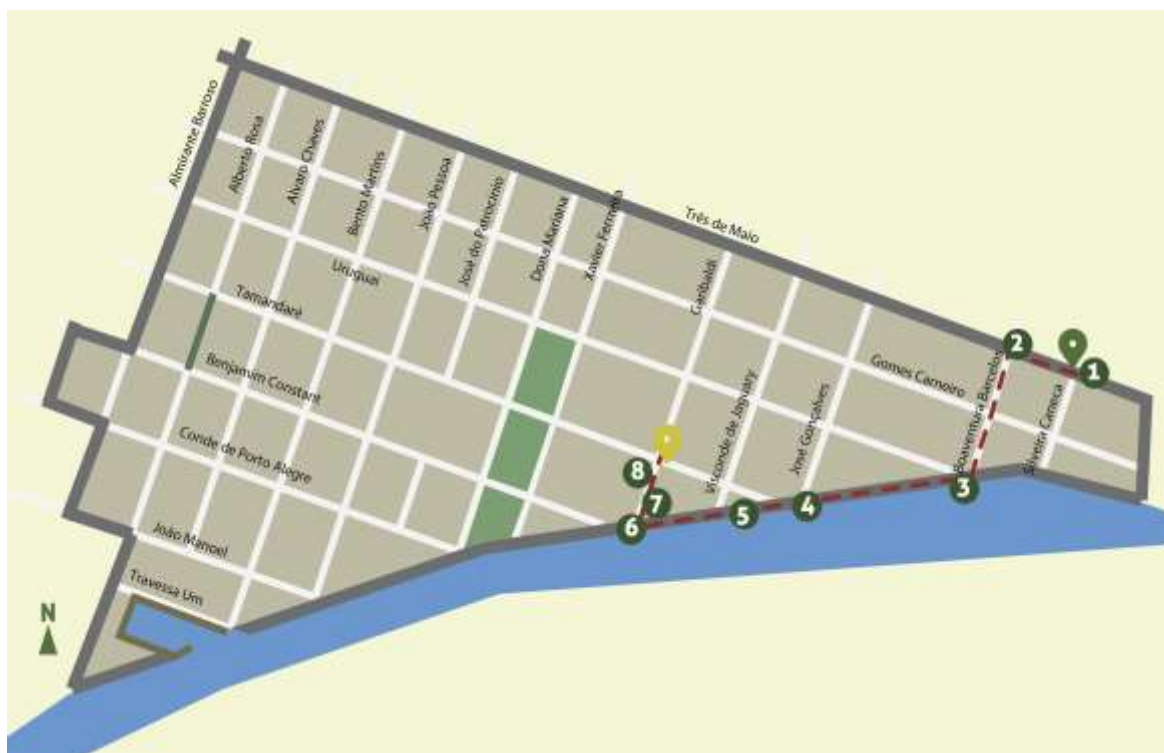


Figura 46 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_06_33 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.



Figura 47 – Trajeto e fotos da entrevistada EM_06_33 anos.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Quanto às fotografias, sinalizadas na Figura 47, a entrevistada justificou suas escolhas explicando que a Foto 1, canal na rua Silveira Caneca, é um aspecto negativo devido ao mau cheiro e presença de mosquitos; Na Foto 2, ela sinalizou a rua sem pavimentação, com buracos e água acumulada. Já na Foto 3, a fachada de um prédio ocioso com as janelas quebradas é um aspecto negativo. A Foto 4, de uma

cabine de trem, foi registrada por tornar a paisagem singular e representa aspectos que a entrevistada considera positivos observar enquanto caminha. As Fotos 5, 6 e 8 mostram a paisagem e as atividades do Porto. Na Foto 7, há a presença de lixo sob a calçada, situação que prejudica o caminhar.

Nesse sentido, a entrevistada destacou que, além de morar na região, frequenta o bairro por lazer:

*Eu gosto de pedalar, procurar um ambiente mais calmo. O Quadrado. Ver prédios antigos, prédios abandonados, na verdade [...] também gosto de tirar foto. Desses lugares antigos. [...] Aqui, ó. Que é onde eu sempre procuro, Sabe? Eu **gosto muito da arte, de ver desenhos**. É, são pontos que, talvez, pra muita gente não vão dar bola. Mas eu gosto de ver. É história, né? (EM_06_33 anos).*

Como foi possível observar, aspectos de ordem emocional e memorialística apareceram nas falas de todas as participantes. Conforme já exposto no Capítulo 2, as escolhas dos trajetos para caminhar são baseadas em aspectos físicos e psicológicos. No entanto, confirmando o já exposto, os aspectos físicos (caminho mais curto, rápido e com menos dispêndio de energia) por si só não são determinantes para a escolha do percurso. A identificação com o ambiente urbano, a sensação de conforto pessoal, pressa, humor, medo, entre outros, são aspectos psicológicos que interferem diretamente na escolha do trajeto e, conseqüentemente, na apropriação do espaço urbano (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 2015).

Mais ainda, no sentido de conforto pessoal, a entrevistada EM_04_26 anos disse:

*Olha, eu gosto muito da Ocupa porque quando eu cheguei aqui essa região aqui era um prédio completamente abandonado. A altura que tinha, que tem aquele muro ali era tudo de lixo. Era muito lixo. Se você entrava nesse prédio tinha muita desova de capinha de celular, de roupa, de preservativos, de várias coisas que muitas pessoas ficavam escondidas esperando os estudantes voltarem pra casa depois do rolê. Então tinha muito assalto aqui. Daí a Ocupa entra nesse lugar porque além de ser um lugar de muita segurança ele é um lugar que ele é um **lugar que eu sinto que mudou muito a minha realidade. Diminuiu o meu medo** (EM_04_26 anos).*

Conforme as entrevistadas, a região do Porto possui diversos atrativos. Além da Universidade e seus diversos cursos distribuídos no bairro, a paisagem e as atividades noturnas e culturais fazem com que o bairro tenha uma dinâmica interessante para caminhar, como se observa no excerto da entrevista de EM_06_33

anos: “[...] é que **tem o que olhar**, na verdade, né, pra quem gosta de coisa de antiguidade mesmo. Porque aqui tem muita fábrica” (EM_06_33 anos).

A entrevistada EM_01_33 anos, por sua vez, destacou as imagens dos grafites como um dos atrativos para as suas escolhas: “E tipo, a rua do Galpão é uma rua que eu gosto e **acho bem bonita** por conta dos grafites também” (EM_01_33 anos). Nesse sentido, ela também citou: “Outra coisa que eu gosto aqui das ruas do Porto, na real, é a questão dos rituais de matriz africana, que agora seja um pouco complicador por conta das sujeiras e tudo mais” (EM_01_33 anos). Os aspectos culturais e de lazer também foram mencionados por outra entrevistada:

Como eu trabalho na universidade, e essa parte toda do Porto aqui é uma parte que eu tenho bastante contato, tem a coisa da Batucantada que a gente tem nos finais de semana, vai no centro de artes, vai no quadrado. O próprio quadrado é um lugar que eu gosto de ir, assim, sem compromisso, de eu sentar, tomar um mate, conversar (EM_02_49 anos).

Verifica-se, assim, que, além do aspecto afetivo, questões culturais são determinantes nas escolhas dos trajetos. Destaca-se, nessa ordem, que as atividades que ocorrem nos espaços públicos, bem como os grafites são atrativos para que essas mulheres caminhem a pé pela região. Tais movimentos de ocupação desses espaços, portanto, têm o potencial de conferir sensação de segurança às transeuntes.

À guisa de síntese, as entrevistadas se inserem nesse espaço da cidade para fins, sobretudo, de trabalho/educação, já que a maioria delas tem vínculos formais com a universidade, seja profissional, seja acadêmico. Além disso, destaca-se que há entrevistadas que residem na região, que, dessa maneira, é um elo entre o espaço privado do lar e o espaço público, que, neste caso, é representativo de suas relações familiares, tal como a entrevistada que se mudou para o bairro quando se casou. Sendo assim, evidencia-se que tal inserção corresponde a um contexto no qual as mulheres se deslocam por esse espaço para atividades reprodutivas (padaria, posto de saúde, creche, entre outros).

Outro aspecto relevante diz respeito às atividades de cuidado exercidas por mulheres, pois, vale lembrar, a entrevistada EM_02_49_anos citou, de uma perspectiva emocional, que um dos espaços escolhidos para fotografar é o colégio de onde buscava sua sobrinha e a praça infantil. Nesse mesmo sentido, a EM_03_38 anos destacou que pontos do trajeto foram escolhidos pelas caminhadas que

realizava com o filho. A EM_05_33 anos, ademais, dedica-se a atividades de cuidado com a comunidade no Quadrado.

Isso corrobora o exposto na revisão teórica deste estudo no que se refere às jornadas femininas de trabalho. Além de atividades laborais/acadêmicas, três das entrevistadas reverberaram funções de cuidado com o outro em suas relações com a cidade (CALIÓ, 1997; KERN, 2021; HIRATA; KERGOAT, 2007; MERLI, 2018).

Os aspectos físicos, cujos pontos positivos e negativos foram apresentados nas figuras constantes nesta subseção, são aprofundados a seguir.

4.2 Condições Físicas a que estão Sujeitas as Usuárias

A fim de atingir o objetivo específico (b) avaliar as condições físicas a qual estão sujeitas as usuárias da mobilidade a pé. Uma vez que essas condições já foram apresentadas, inicia-se com uma síntese dos principais pontos negativos por elas destacados. Conforme as entrevistadas, os principais problemas no que tange ao aspecto físico do trajeto foram: falta de iluminação, ausência de ciclo faixas e policiamento. A sensação de insegurança vinculada a falta de iluminação consta na fala de EM_05_33 anos: *“Ah, **iluminação e buraco por tudo**, né? A nossa cidade é muito mal iluminada, ainda mais dentro das comunidades. Querendo ou não, é os lugares de mais risco, né? Acesso às comunidades”* (EM_05_33 anos).

A falta de manutenção de calçadas e a dificuldade em atravessar as ruas apareceram menos, possivelmente por nenhuma das entrevistadas possuir algum tipo de limitação de movimento. Nesse sentido, a entrevistada EM_04_26 anos lembra:

*De repente, se eu fosse PCD, o negócio seria... sentiria a coisa bem mais... Uma pessoa PCD nas ruas do Porto, nossa! **Sofre até pra subir uma calçada**, sabe? Então...não é uma coisa que impacta a minha vida, a condição que eu tenho, né? Mas... eu vejo que faz muita falta né essa acessibilidade* (EM_04_26 anos).

A falta de acessibilidade é percebida em todo bairro: pouquíssimas calçadas apresentam piso direcional e, quando os possuem, é em apenas um pequeno trecho, não permitindo que o deslocamento se dê em toda a sua extensão. Na Figura 36, registra-se o piso tátil que indica, a deficientes visuais, a entrada de um dos espaços da UFPel:

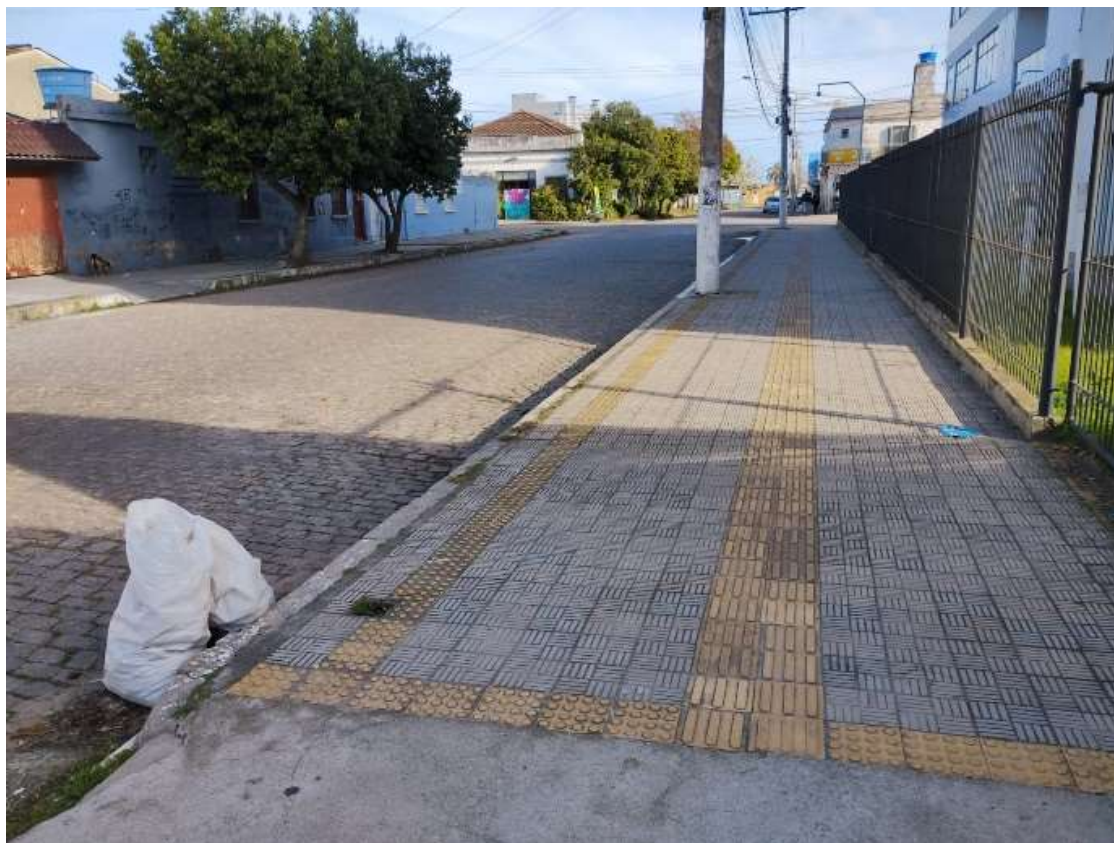


Figura 48 – Guia tátil em frente ao Centro de Artes da UFPel.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Já a fotografia da Figura 49, a seguir, exemplifica uma descontinuidade repentina do piso tátil, que, além de impossibilitar que uma pessoa com deficiência visual percorra todo o trajeto planejado, pode provocar acidentes, uma vez que o calçamento, a partir do ponto em que o piso direcional cessa, está danificado e irregular.



Figura 49 – Guia tátil em apenas um trecho da calçada na rua Conde de Porto Alegre.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

De maneira geral, não há conflito entre ciclistas e pedestres, pois os ciclistas utilizam a via para se deslocar. As ciclofaixas só estão presentes em duas ruas da área de estudo (ao longo da rua Cel. Gomes Carneiro e na rua Alberto Rosa entre Conde de Porto Alegre e Travessa um) e não há conexão entre elas. Porém, em alguns pontos, o deslocamento a pé nas calçadas é dificultado ou até mesmo impossibilitado, fazendo com que o pedestre opte por caminhar na via, gerando conflito com outros modais. A Figura 38 mostra os espaços citados:



Figura 50 – Ciclofaixas do bairro.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

A falta de ciclofaixas foi ponto concordante entre todas as entrevistadas, mas, como bem avaliou EM_02_49_anos, não basta apenas a existência das faixas, é fundamental que elas sejam respeitadas:

Muitas vezes eu estou andando de bicicleta e eu vejo o carro estacionado em cima da faixa de bicicleta, numa boa, como se fosse lugar normal de estacionar. Então, assim, eu tenho muito cuidado, quando eu estou andando de bicicleta, eu tenho muito cuidado, eu já fui prensada por um carro contra um caminhão, que eu me vi numa situação que eu achei que agora eu vou morrer, foi assustador (EM_02_49 anos).

A falta de respeito dos motoristas com os ciclistas também foi ilustrada por EM_06_33 anos:

[...] pra mim, que sou ciclista, que tô sempre pedalando, tem que estar sempre se cuidando, porque, tipo...Hoje mesmo eu tava vindo reto e o cara tinha que dobrar. Ele não deu pisca e eu se não freasse o cara vinha por cima de mim, né? Então eles não têm respeito com o próximo (EM_06_33 anos).

A presença de prédios industriais ociosos junto com uma via pouco iluminada e a falta de atividade na rua tornam o ambiente pouco seguro para pedestres e ciclistas da região. Como se observa na fala de EM_06_33 anos: “*Estavam arrumando, mas tem muita iluminação que é tão precária que já se torna perigoso para quem gosta de passear, né?*”. A fotografia da Figura 51 corrobora essas afirmações, ao apresentar a Rua Conde de Porto Alegre, fachadas cegas, baixa iluminação, calçada sem manutenção e faixa de passeio estreita.



Figura 51 – Rua Conde de Porto Alegre.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Outros elementos também prejudicam o deslocamento a pé, como obstrução da calçada por automóveis e arbustos, que podem servir de esconderijo para potenciais assaltantes ou abusadores. As imagens da Figura 52 ilustram:



Figura 52 – Casas com muro baixo na rua João Pessoa e na Conde de Porto Alegre.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

O mesmo se observa na Figura 53, que evidencia vegetação desordenada e o muro baixo.



Figura 53 – Calçadas irregulares, entulhos e muros que podem servir de esconderijo para assaltantes e/ou abusadores.

Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Uma das principais características do Porto é a presença de grandes prédios abandonados: fábricas e depósitos que estão em desuso. Tais características criam um espaço singular e interessante para observação durante o dia. Entretanto, os grandes muros e fachadas cegas fazem com que a percepção de segurança seja significativamente reduzida, como se nota nas imagens da Figura 54:



Figura 54 – Calçadas sem manutenção e presença de fachadas cegas na rua Dona Mariana.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

A experiência de caminhar fica significativamente mais negativa à noite. A falta de iluminação (lâmpadas queimadas e altura dos postes) junto a prédios ociosos e com pouca atividade na região à noite agravam a insegurança. Assim, prejudicam a experiência de estar nas ruas, como se perceber nas imagens da Figura 55.



Figura 55 – Ausência e/ou iluminação precária.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Cabe destacar que a precariedade da iluminação reverbera diretamente nas escolhas dos trajetos das entrevistadas e, sobretudo, na decisão de não andar a pé em períodos noturnos. Isso é evidenciado na fala de EM_04_26 anos, que afirmou: *“Se eu tô numa rua que é mais escura, ela, com certeza, já tá fora da minha rota. Até porque, na maioria das vezes, a gente tá caminhando sozinha”*.

A precariedade das calçadas, com buracos, falta de manutenção e desníveis, também são pontos levantados pelas participantes, como comprovado através de levantamento fotográfico. Nesse sentido, EM_05_33 anos faz uma crítica à falta de pavimentação na região do Quadrado, que, em dias de chuva, fica embarrada: *“[...] tu sabe que é tortura, né? Desde... da entrada aqui de casa, que eles não terminaram, eles ficaram de voltar pra arrumar o Quadrado. E não voltaram, né? Nossa entrada tá assim, “maravilhosa”* (EM_05_33 anos). As fotografias da Figura 56 corroboram a fala dessa entrevistada:



Figura 56 – Rua sem pavimentação no Quadrado e Calçada com diversos desníveis na rua Uruguai.

Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Em relação às condições físicas das calçadas, o caminhar na faixa de passeio é livre de obstáculos em quase toda região. Contudo, em alguns pontos, as copas de árvores de porte pequeno ocupam um espaço da área caminhável. Percebe-se também que falta manutenção em diversos pontos, dificultando o caminhar e podendo causar quedas e ferimentos, devido a buracos e material solto, como se nota na Figura 57. A falta de acessibilidade está presente em todas as calçadas, principalmente

devido à maioria não apresentar guias táteis e rampas ou, quando as possuem, foram executadas de maneira inadequada.



Figura 57 – Calçadas sem manutenção: Rua Dona Mariana.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Como apontado no Relatório de Inventário de Mobilidade Urbana de Pelotas (2018), os passeios não são adaptados as PCDs, principalmente pela falta de continuidade e interligação e, ainda, pela falta de segurança para atravessar a via.

Percebe-se que mesmo que o município possua Código de Obras (PELOTAS, 2008), com orientação para execução e manutenção de passeios, não há cobrança para que as melhorias sejam feitas. Os passeios pavimentados apresentam diversos problemas, como: pavimentos inadequados, falta de continuidade, obstáculos como desníveis, materiais de carga e descarga, entulhos, veículos estacionados, falta de pavimento entre outros, como apresentado no Relatório de Inventário de Mobilidade Urbana de Pelotas (PELOTAS, 2018).

A mobilidade ativa é impactada, uma vez que a caminhabilidade na região encontra severos obstáculos, que, assim, impedem o livre deslocamento de pessoas por esse espaço urbano (BARRETO; GILSON, 2013). Os resultados desta subseção vão ao encontro, ainda, do que afirma Azevedo (2008) sobre a priorização da infraestrutura para veículos motorizados. Ademais, corroboram afirmações de Aguiar (2003), que destaca a ausência de ações de órgãos governamentais quanto à manutenção de espaços públicos dedicados a pedestres. Como visto no referencial teórico, os impactos dessa paisagem urbana se estendem ao aspecto econômico, uma vez que as ruas deixam de ser atraentes (SPECK, 2017; GEHL, 2013). Isso se

relaciona diretamente com as questões de violência contra mulheres, tema da próxima subseção.

4.3 Mobilidade e Violência

Nesta subseção da análise, adentra-se especificamente nas questões que se relacionam com a violência contra mulheres nos espaços urbanos. Assim, esta parte do trabalho volta-se para os objetivos específicos de (c) compreender e analisar como se dá o deslocamento das mulheres no contexto urbano e (d) verificar como outras características (cor da pele, orientação sexual, identidade de gênero) interferem na vivência das mulheres nos seus deslocamentos a pé.

A violência urbana é, conforme averiguado nas entrevistas, um dos principais fatores que levam mulheres a não andar a pé. Nesse sentido, EM_01_33 anos contou: *“Olha, eu já fui assaltada várias vezes, então isso pra mim é relevante. Assalto caminhando na rua com faca”* (EM_01_33 anos). A entrevistada EM_03_38 anos também relatou um episódio dessa espécie de violência:

Aí quando veio passou um guri de bicicleta, um gurizote. E me puxou. Me puxou a bolsa. E eu deixei cair a minha sacola com as minhas coisinhas, minhas comprinhas. Porque era tudo difícil naquela época. Até a minha mãe me ajudava quando eu precisava de algum auxílio. E aí saí correndo atrás do gurizinho. Aí levou meu celularzinho velho. Meus documentos tive que fazer tudo de novo (EM_03_38 anos).

Situações semelhantes foram expostas por outras duas entrevistadas: *“A gente ama vir para o bar do Zé e se encontrar e tal, mas eu já vi um tiroteio aqui, eu já vi uma pessoa levar um tiro, ficar morta na esquina, e o rolê todo acontecendo. Seguir o rolê* (EM_04_26 anos). EM_01_33 anos, por sua vez, declarou: *“[...] as festas que rolam nesse outro lado aqui são terríveis. É muita violência, sim, porque dá muita briga. [...]. Não tem noção guria. É a galera se puxando os cabelos e rodopiando aqui no meio da rua”* (EM_01_33 anos).

No entanto, é necessário ressaltar que as violências sexuais são as mais frequentes. Todas as entrevistadas relataram já ter sofrido alguma espécie de assédio, por serem mulheres, ao transitar nas ruas de modo geral e, em especial, na região a qual se refere o presente estudo. Esse assédio, contudo, nem sempre é explícito, como revelou a entrevistada EM_01_33 anos:

Cara, eu acho que enquanto mulher eu me sinto um pouco mais insegura em andar na rua [...] como agora passar na frente de uma oficina e ser....comida com os olhos, literalmente. Sendo que eu não olhei para a cara de nenhum dos caras, assim, nem sei que cara eles têm (EM_01_33 anos).

Esse aspecto é corroborado pelo depoimento de EM_02_49 anos, que destacou:

Eu acho que toda mulher já passou por situações assim de ser constrangida ou de sentir medo quando está caminhando, eu já fui seguida na rua. Aí aqueles caras que passam por ti, que dizem que vão te pegar, vão te passar a mão, vão fazer isso, vão fazer aquilo (EM_02_49 anos).

Ainda, o assédio que ocorre sem a materialização de uma ameaça ou uma “cantada” foi endossado por EM_03_38 anos:

As pessoas olham, né? Os homens. O jeito de olhar, né? Ah, uma vez eu estava de bicicleta e um cara meio tarado passou por mim e falou não sei o que e eu passei bem ligeiro. É porque é mulher, né? Vê se é com homem, vê se eles vão fazer isso aí com a mulher. E você percebe. Até o jeito de olhar (EM_03_38 anos).

Nota-se, nessas falas, que essa espécie de violência, frequentemente, é velada, embora relatos como os de EM_03_38 anos e de EM_02_49 anos demonstrem que não são raros casos de perseguição e aproximação inadequada de homens. Assim, trata-se de uma insegurança, no que tange ao caminhar a pé, assimilada por mulheres ao longo de suas experiências de vida. Dessa maneira, entende-se que a sensação de insegurança por simplesmente estar no espaço público atravessa a identidade das participantes do estudo. Ademais, conforme verificou-se nas entrevistas, as entrevistadas entendem que as experiências negativas quanto ao deslocamento a pé são comuns a todas as mulheres.

Segundo EM_04_26 anos, a percepção de insegurança nas ruas é tão grande, que ela prefere, muitas vezes, ficar em casa. A maioria dos seus deslocamentos é feito a pé, porém em pequenas distâncias e durante o dia:

Porque eu acho que a gente que é LGBT a gente acaba virando muito alvo. Enfim, mulheres também, no geral, são muito colocadas nesse lugar de vulnerabilidade e são punidas por isso na rua. Então me vem em mente sempre casos bem catastróficos, como os casos de linchamento social de várias travestis em várias partes do país. Então pode ser que talvez não aconteça comigo. Mas pode ser que aconteça ou se não acontece comigo, com alguém muito próximo (EM_04_26 anos).

A sensação de insegurança de estar no espaço público fica bastante evidente quando a participante EM_04_26 anos, mulher trans, relatou fatos que ocorrem com travestis e transexuais no Brasil.

Então eu sinto meio isso, que a gente em relação à rua, é um contexto bem nebuloso, assim, porque às vezes a gente está decidindo sobre a nossa vida, ou morte, que é real, assim, sabe? O caso da Dandara, que é um caso que fica muito marcado, essa travesti que é linchada no Recife por um coletivo de homens cisgêneros, e ela é morta à paulada, assim, no final carregam ela num carrinho de mão, tipo, é horrível. Esse é o cenário da violência social contra identidades não cisgêneras, pessoas trans, muitas mulheres vivem isso, não são só as mulheres trans, muitas mulheres cisgêneras também vivem linchamentos por serem identificadas como bruxas, e isso acontece nas ruas [...] Todo esse imaginário que fala, assim, de uma situação nacional, eu acho que impacta na forma como eu ocupo a cidade de Pelotas (EM_04_26 anos).

A sua percepção de insegurança também é reforçada por situações vivenciadas por ela mesma ou por amigas e pessoas próximas.

[...] tá andando na rua, assim, e os caras vindo correndo e dando voadora, assim, ó, passando perto da cabeça minha da minha amiga. Muitas vezes, muitas vezes isso na Bento, já vi isso aqui no bar, por exemplo, já vivi coisas também, no bar do Zé, já vivi quando eu morava perto do Anglo, logo que eu cheguei, tudo, já vivi algumas situações bem marcantes, assim, mas nunca fui agredida, assim, de, tipo, ficar desacordada. Isso não, ficar mal, assim, tipo, não poder levantar, mas já presenciei amigas minhas e já tive que reagir coletivamente pra defender amigas minhas também (EM_04_26 anos).

Salienta-se, no excerto anterior da entrevista com EM_04_26 anos, que as agressões físicas são uma constante para mulheres transexuais. Elas ocorrem, ademais, de forma que as surpreende e, como referiu a participante do estudo, há até níveis de agressão, fato que a levou a ressaltar que, com ela, nunca houve um tipo de violência em que ela ficasse “desacordada”.

As falas de EM_04_26 anos corroboram com o que foi discutido no Capítulo 2, demonstrando que a violência de gênero é agravada quando os corpos dessas mulheres não se enquadram nos padrões heteronormativos que regulam a sociabilidade nos espaços públicos (FERNANDES; LIMA, 2019).

As agressões se manifestam também em relação a cor de pele das mulheres e, dessa forma, as mulheres negras são mais vulneráveis, como indica EM_05_33 anos: “*Sim... senti discriminação por ser preta, por ser mulher*” (EM_05_33 anos). Nesse sentido, ela prossegue:

Me chamou, não olhei. E aí ele disse assim, vai, então, sua neguinha não sei o que. Aí eu fiquei com tanta raiva. Fiz um fiasco, chamei meu irmão e só sei que eu fiz chamar o chefe da obra e ele foi pra rua, porque não sabia mais eu ver ele ali. Porque é uma falta de respeito. É uma coisa também que eu sempre bati de frente, não fui de levar desaforo pra casa. Tipo, olhar, beleza, às vezes a gente até se sente desconfortável com o olhar da pessoa, mas ainda tu falar da piada, eu acho muito desagradável. Porque se eu fosse, porque tem tipo de mulheres que ficam mal, que não saem nem de casa depois, dependendo do psicológico da pessoa, né. É que, graças a Deus, eu tava eu sempre escutei bastante do pai da minhas irmãs também, que a gente na real, como já por ser mulher e preta, passar na rua já é um desafio, né. Então a gente tem que estar preparada porque pode ser que venha chumbo grosso aí (EM_05_33 anos).

A cor da pele interfere na experiência de caminhar também para EM_06_33 anos:

Ah, a gente tem aquela, como é que eu vou te dizer...Cara, existe aquele preconceito que bate, uma nega passando ali, bate, esconde o celular, alguma coisa assim. Entendeu isso? Ah, tem, tem. Eu que sou da pele negra.Já vi muitos olhares. Não pra mim, Não aconteceu comigo, né? Mas com pessoas próximas de mim. Bah, tá louco, eu tava na esquina e a mulher guardou o celular. Ela só falava, que por ser negra, ela achou que eu ia assaltar ela e... eu tava bem arrumada (EM_06_33 anos).

Em relação a locais ou trajetos na região que costuma evitar de caminhar, a entrevistada EM_05_33 anos indicou a rua Benjamin Constant durante a noite. Ao contrário do que apontaram outras participantes do estudo, que afirmaram preferir ruas mais movimentadas, EM_04_26 anos disse que prefere, justamente, os espaços em que sua corporeidade pode passar despercebida. Assim, ela prefere ruas menos movimentadas,

[...] porque eu tenho a sensação que a gente, enquanto um corpo que é lido, como um corpo mais frágil, sei lá, às vezes tem um corpo ou um corpo, assim, que não precisa ter escrúpulos com você. Quando você está nesse lugar em que as pessoas não precisam ter escrúpulos com você, prefira não encontrar ninguém seu azar de encontrar a pessoa errada, sabe? Então, eu prefiro ir pelas ruas mais pouco movimentadas, assim, para não encontrar pessoas. onde eu sei que não vai ter muito fluxo de carro e tal (EM_04_26 anos).

Além de evitar determinadas ruas ou locais, a respondente evita usar cabelo solto e já se escondeu atrás de carros para não ser vista na rua e assim evitar possíveis agressões.

Um homem, quando ele encontra uma travesti, uma pessoa trans ali, uma pessoa não-binária, ele sabe onde está a pessoa. Ele tem um conceito que é: te bato que nem homem. Ele não legitima a minha já identidade.

Então ele vai me bater como ele acha possível. Ele acha que homem tem que apanhar que nem homem e eles batem e matam que nem homens. [...] E eu acho que é o medo que ele se instaura, de alguma maneira, de uma maneira tão perigosa, né? Eu já conheço... tive uma prima que foi... sofreu um feminicídio com 35 anos do namorado dela que estuprou, cortou a cabeça dela, sabe? Coisas horríveis. E isso me faz ter medo. Por outros motivos, né? Não enquanto a condição dela, como mulher, negra, cisgênera, mas como pessoa trans, de ver que as pessoas podem ser muito perversas, assim. E às vezes eu tenho medo, assim, do meu vizinho, que eu não conheço, sabe? De quem pode entrar no pátio da casa que eu moro. Né? Então a gente nunca tá livre, assim, desses cenários (EM_04_26 anos).

A violência percebida nas ruas é estendida a outros espaços públicos. Segundo a participante, frequentar a Universidade traz várias contradições, pois, apesar de ser o local onde ela busca realizar seus sonhos, é um espaço de constante disputa, a exemplo da hostilização recebida ao utilizar os banheiros da instituição através de atitudes e, também, de mensagens deixadas em forma de cards com conteúdo transfóbico.

Eu sempre encontrei umas artes muito cínicas, questionando a presença de um homem. [...] Eu vou questionar a arte? Que foi lá arrancar a arte? Sabe? Essa arte, quando ela não é arrancada, quem é arrancada sou eu. Eu sou arrancada dali (EM_04_26 anos).

Ainda sobre a Universidade, ela apontou que é um espaço que lhe protege de “uma morte física”, mas que o preconceito, o machismo e a transfobia causam prejuízos emocionais e psicológicos.

[...] a cultura de gênero, ela conduz a nossa forma de habitar o espaço ou não habitar o espaço. A gente não habita o espaço. A gente tá sempre fazendo o cálculo onde eu vou ser menos agredida. [...] Eu sinto isso, e aí se tu se sente tão violentada num contexto desse, como é que tu vai querer se sentir pertencente de um lugar que te violenta? (EM_04_26 anos).

Quanto ao caminhar nas ruas, foco desta investigação, a entrevistada relatou como suas características pessoais impactam na experiência de andar a pé. A feminilidade e não binariedade também afetam a sua vivência de estar nos espaços públicos.

[...] essa coisa de andar na rua com um hibisco atrás da orelha, com uma saia e um bigode, as pessoas dizem que é lindo no palco, que é lindo enquanto metáfora artística, mas se você quiser ser isso, ser isso na sua vida, aí as pessoas se opõem, porque eu acho que elas se sentem afrontadas. Foram ensinados tanto o que é ser homem, ser mulher, que quando alguém ousa não ser isso, parece uma heresia (EM_04_26 anos).

Ela contou que acredita que, por ser uma mulher branca, possui privilégios em comparação às pessoas negras no que tange à abordagem policial. Assim, essa fala revelou que, para mulheres trans, especialmente quando se trata de não-brancas, o policiamento ostensivo, ao contrário de dar a sensação de segurança, é uma presença que causa medo. Ainda, cabe dizer que EM_04_26 anos ressaltou, desde o início da entrevista, que não anda a pé durante a noite. Para ela, portanto, o espaço público é perigoso ao ponto de preferir restringir sua movimentação. Configura-se, aqui, um indicativo de que elementos comumente reconhecidos como capazes de dar a sensação de segurança à população, como iluminação, policiamento e ocupação dos espaços públicos, são, para as mulheres trans, um risco.

Como dito anteriormente, as violências sexuais não são sentidas por todas as mulheres da mesma maneira. A entrevistada EM_01_33 anos, mulher cisgênero e homossexual, afirmou: “[...] *sim, já sofri comentários homofóbicos, já sofri assédio por homens que insistem em alimentar o fetiche por casal de mulheres*” (EM_01_33 anos). Esse depoimento confirma, à semelhança das afirmações de EM_04_26 anos, que existe um risco maior para mulheres que não seguem padrões de corporeidade e sexualidade impostos às mulheres em contextos machistas.

Em outro trecho da entrevista, a mesma participante do estudo falou sobre seu comportamento no que tange a aspectos afetivos: “*Não tenho medo de demonstrar afeto, de andar de mãos dadas na rua ou beijar publicamente, porém sempre busco frequentar, habitar espaços que me sinta acolhida e à vontade para isso*” (EM_01_33 anos). Chama atenção, nesta fala, uma contradição da entrevistada. Ela afirmou não ter medo de demonstrar afeto em público, mas, ao dizer que prefere fazê-lo em locais específicos, acaba por afirmar, ainda que implicitamente: a rua não é um espaço seguro para ela e sua namorada do mesmo modo que seria para um casal heterossexual. EM_06_33 anos, mulher cisgênero, negra e lésbica, falou como é estar com sua namorada nos espaços públicos:

[...] as pessoas não respeitam, né? Estou dizendo em termos de homens, né? Eles olham mesmo e não respeitam. Não estão nem aí se é um casal, se tiver que soltar uma tiradinha, solta, entendeu? E eu já passei por momentos assim com ela. [...]. Tem vezes que até eu tenho que te falar, eu prefiro andar às vezes sozinha do que estar às vezes com ela, entende? (EM_06_33 anos).

A percepção de insegurança também pode ser sentida por aspectos simbólicos, como o apresentado na imagem Figura 58, na qual uma pichação homofóbica em uma

fachada de uma casa evidencia o quanto o espaço urbano pode ser discriminatório e violento.



Figura 58 – Pichação homofóbica.
Fonte: ACERVO DA AUTORA, 2023.

Verifica-se, portanto, como aspectos que transcendem as questões técnicas impactam nas escolhas das mulheres integrantes do estudo quanto aos seus deslocamentos a pé. Como já discutido no decorrer da análise, a cor da pele, a orientação sexual e a identidade de gênero exercem influências significativas no que se referem ao andar a pé pelas ruas da região. Assim, as questões que dizem respeito ao gênero e cidade, bem como a percepção de segurança, são determinantes, inclusive, quanto à escolha das entrevistadas de evitar essa espécie de deslocamento. Isso confirma o exposto por Speck (2017) ao apontar a necessidade de se compreender os diversos mecanismos que tornam uma rua segura. Para além de ruas e calçadas, ponto relevante para o combate à criminalidade (JACOBS, 2011), é preciso notar as formas como pessoas distintas e grupos distintos experenciam o espaço urbano e formulam percepções igualmente distintas sobre a violência (GEHL, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, como anunciado na introdução, a defesa foi a de que o espaço público é fator preponderante no que se refere à integração econômica e social. No entanto, vislumbrava-se, desde o início da pesquisa, a partir de percepções empíricas, que caminhar pelas ruas de uma cidade oferece experiências distintas para cidadãos e cidadãs, o que se deve, em grande medida, à divisão dos gêneros quanto à ocupação dos espaços públicos. Assim, a caminhabilidade, em específico para as mulheres, foi a tônica desta investigação.

Tendo isso em vista, elegeu-se, como objetivo geral do estudo, primeiramente, analisar como o desenho urbano pode contribuir para o fortalecimento dos deslocamentos a pé das mulheres. Para tanto, realizou-se uma revisão teórica acerca da perspectiva feminina, que envolveu verificar como as questões de gênero se relacionam com as cidades. Também foram feitas revisões teóricas acerca das violências de gênero, como violência sexual e importunação sexual, interferem nas escolhas de mulheres ao se deslocarem a pé. Ainda, com vistas a atingir tal objetivo, além do levantamento físico e da observação, outro método adotado foi a realização de entrevistas caminhadas com seis mulheres.

Dessa maneira, os resultados revelaram que há aspectos importantes do desenho urbano que influenciam tais escolhas. Entre elas, cita-se a ocupação dos espaços públicos, o que está diretamente relacionado à arquitetura urbana e atrativos capazes de fazerem pessoas desejarem estar no espaço público. Nessa ordem, grafites, construções prediais e iluminação pública, conforme visto nas entrevistas, somado a fatores emocionais, como as memórias afetivas das entrevistadas, mostram-se de extrema relevância. Esses aspectos, portanto, confirmam o exposto na revisão teórica: a humanização desses espaços é preponderante quanto ao deslocamento a pé feito por mulheres.

Desse modo, quanto ao objetivo de **apresentar diretrizes para elaboração de políticas públicas de planejamento urbano, visando criar espaços públicos mais seguros e acolhedores, incentivando cada vez mais a mobilidade ativa**, cabe destacar: são necessárias políticas públicas que não se restrinjam aos aspectos específicos do planejamento urbano. Em outras palavras, embora iluminação, acessibilidade, calçamento, paisagem urbana, incentivo a eventos e ocupação desses

espaços, a violência de gênero é, ainda, o maior impeditivo para a caminhabilidade de mulheres.

É preciso notar que o tema da sensação de segurança revelou-se mais complexo no que tange a mulheres transgênero e homossexuais. Em um primeiro olhar, pode-se pensar que policiamento ostensivo e a ocupação de espaços públicos seja uma alternativa para aumentar essa sensação de segurança. No entanto, como revelaram duas entrevistadas que não atendem a padrões heteronormativos, a presença de mais pessoas nas ruas e maior policiamento figuram como fatores de medo e/ou inibição para essas mulheres. Assim, defende-se, diretrizes para a criação de espaços públicos mais seguros perpassam, necessariamente, a afirmação dessas identidades, educação e conscientização acerca da diversidade e a repressão a violências praticadas contra esses sujeitos.

Vale lembrar que a pergunta formulada no desenvolvimento do projeto de estudo foi: Como o desenho urbano pode contribuir para o fortalecimento dos deslocamentos a pé das mulheres? Assim, as entrevistas, especialmente a realizada com EM_04_26 anos, mulher transsexual, revelaram-se profundamente dramáticas no decorrer das entrevistas. Evidenciou-se, ademais, a impossibilidade de responder à questão de pesquisa de forma simplificada. O desenho urbano pode, sim, favorecer os deslocamentos a pé, como visto nas falas das entrevistadas que citaram a paisagem urbana, a beleza dos espaços, as atividades culturais propiciadas por esse mesmo desenho. Contudo, como visto, a experiência de andar a pé atravessa as identidades femininas diversas de formas também diversas. Isso endossa o já exposto quanto à necessidade de políticas públicas de combate à violência de gênero e o direito das mulheres de andarem pelos espaços públicos sem o frequente medo de estupros, assaltos, agressões físicas e verbais.

Assim, considera-se que os dois objetivos citados foram atingidos e a pergunta norteadora foi respondida, ainda que a resposta aponte para a necessidade de medidas que vão além das questões de planejamento urbano no sentido *strictu*. Outro objetivo do estudo foi: a) analisar como as mulheres estão inseridas na cidade (trabalho, lazer, atividades de cuidado e manutenção da casa), observando as relações público/privada. Este foi atingido na fase da revisão teórica, especialmente na seção 2.2 *Gênero e Cidade*, e aprofundado na subseção 4.1 *Relação e afinidade com a região*. Já o objetivo de b) avaliar as condições físicas a qual estão sujeitas as usuárias da mobilidade a pé foi atingido via análises do espaço físico, apresentadas

na seção 4.2 *Condições físicas a que estão sujeitas as usuárias*. Esse objetivo também esteve em vista nas análises da subseção 4.1 *Relação e afinidade com a região*, na qual foram apresentados mapas com os trajetos escolhidos pelas mulheres integrantes do estudo, fotografias e falas sobre suas relações com o espaço.

Quanto ao objetivo de (c) compreender e analisar como se dá o deslocamento das mulheres no contexto urbano, verificou-se que, entre as entrevistadas para esta dissertação, esses deslocamentos se dão, principalmente, para fins de estudos ou trabalho. Isso foi visto na subseção 4.3 *Mobilidade e violência*, mas também na categoria de análise sobre suas inserções no espaço urbano. Ressalta-se que, devido ao recorte investigativo, métodos e técnicas para a formação da amostra de pesquisa, a maioria das entrevistadas possui algum tipo de vínculo com a UFPel e/ou reside na região. Dessa maneira, andar a pé por esse espaço da cidade é uma prática comum, voltada para os fins expostos.

No que tange ao objetivo de (d) verificar como a raça interfere na vivência das mulheres nos seus deslocamentos a pé, também foi atingido, e mais, verificou-se que, que as mulheres negras pertencentes à comunidade LGBTQIAP+ são as mais vulneráveis às questões de violência.

Assim, isso se configura, também, em uma limitação do presente estudo, que se converte em sugestões para investigações futuras. Considera-se relevante, portanto, novas pesquisas, que poderiam, à guisa de exemplo, ter como *corpus* apenas mulheres negras e/ou mulheres transexuais. Visões nesse sentido poderiam permitir, em uma perspectiva interseccional, verificar quais os aspectos do espaço urbano trazem experiências distintas para mulheres e, então, abordar a questão da caminhabilidade a partir desses focos. Ainda, é preciso dizer que, embora a diversidade da amostra de pesquisa tenha se mostrado pertinente para traçar um panorama, essa mesma heterogeneidade evidencia fragilidades do estudo no que tange ao aprofundamento das experiências subjetivas do andar a pé.

Apesar de o número de respondentes ter sido adequado aos objetivos propostos, permitindo cercar o tema de investigação, um número maior de integrantes da pesquisa e/ou outro delineamento metodológico poderia revelar interfaces não exploradas. Cabe destacar, no entanto, que as violências de gênero foram relatadas por todas as participantes, que, de forma unânime, reverberam o quão desafiador é, para mulheres, o deslocamento a pé e o convívio com o medo de estupros, importunação sexual, assaltos, agressões físicas e verbais, entre outros. Nesse

sentido, atingiu-se uma saturação amostral, uma vez que, muito provavelmente, qualquer outra mulher entrevistada relataria episódios semelhantes.

5.1 Recomendações de Diretrizes para Elaboração de Políticas Públicas

A partir das considerações expostas acima, fica evidente que ainda há falta de atenção do poder público em elaborar políticas públicas com enfoque de gênero. Assim, diante dos resultados coletados neste trabalho, foram elaboradas algumas diretrizes que, embora possam parecer óbvias, não tem sido prioridade dos planejadores urbanos.

- Melhorar a iluminação pública de maneira que o passeio seja contemplado;
- Garantir que as calçadas sejam executadas conforme o código de obras, respeitando dimensões, inclinação e materiais adequados;
- Plantar árvores nas calçadas;
- Garantir que as ciclofaixas e ciclovias sejam interligadas e permitam deslocamento entre bairros;
- Adequar velocidade e fluxo de automóveis junto as ciclovias para priorizar a mobilidade ativa;
- Elaborar estratégias para garantir diversidade de atividades na região, equilibrando serviços, educação e lazer;
- Promover a criação de faces de ruas mais agradáveis e acolhedoras, no lugar dos muros e fachadas cegas existentes na região;
- Elaborar estratégias de ações educacionais junto à comunidade com enfoque na conscientização acerca da diversidade e a repressão a violências praticadas contra mulheres e comunidade LGBTQIAP+.

Conforme exposto ao longo desta pesquisa, a caminhabilidade traz diversos benefícios às cidades: saúde e bem-estar, segurança, requalificação urbana, incentivo à economia local, entre outros. Contudo, entre a teoria e a prática, ainda há um longo caminho a percorrer. Percebe-se que, em muitos casos, ainda se prioriza o deslocamento motorizado com colocação de asfalto e alargamento de vias, além de

baixos investimentos em infraestrutura para pedestres, o que se confirmou neste estudo, que registra imagens dos espaços urbanos citados, capturadas recentemente.

Da mesma forma, compreende-se que as políticas públicas com enfoque em gênero são essenciais ao desenvolvimento sustentável como descritos na Agenda 21, para garantir diversidade, igualdade e direito à cidade para todos. Finalmente, é notório que são necessários avanços para que tais políticas sejam efetivamente aplicadas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Fabíola de Oliveira. **Análise de métodos para avaliação de calçadas**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) – Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, São Carlos, 2003.
- AL-ALAM, Tauê Cardoso. **De operário a universitário**: transformações na paisagem do bairro Porto em Pelotas. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande-FURG, Rio Grande, 2011.
- ALCANTARA, Denise de. Rua Pires de Almeida: observação incorporada de um lugar público particular. **Paisagem ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 22, p. 30 – 40, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/89796/92597>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- ALMEIDA, Guilherme Pinto de. **Porto Memória**. 2. ed. Pelotas: 222, 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 9050**: 2020: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS – ANTP. **Cidades a pé**. [S.l.]: ANTP, 2015. E-book (Série cadernos técnicos). Disponível em: http://files-server.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2015/11/27/A0850675-28AD-46DC-9B57-664DF1BA766A.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS – ANTP. **Sistema de Informações da Mobilidade Urbana da Associação Nacional de Transportes Público – SIMOB/ANTP**: Relatório Geral 2018. [S.l.]: ANTP, 2020. Disponível em: <http://files.antp.org.br/simob/sistema-de-informacoes-da-mobilidade--simob--2018.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- AZEVEDO, Cristiane de Fátima Figueiredo. **Transporte não motorizado e a mobilidade sustentável**: os deslocamentos a pé na região Sudoeste do Recife. 2008. 201 fl. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2008.
- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 449-469, mai./ago. 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETTO, Margarita; GISLON, Milanez. O flâneur revisitado: processos de revitalização urbana e caminhabilidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. X, n. 1, p. 54 - 77, jun. 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 3, 2005.

BRASIL. **Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997**. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Brasília: Presidência da República, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9503compilado.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 1 de julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências (Estatuto da Cidade). Brasília: Presidência da República, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm#:~:text=LEI%20No%2010.257%2C%20DE%2010%20DE%20JULHO%20DE%202001.&text=Regulamenta%20os%20arts.,urbana%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (Lei Maria da Penha). Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 22 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012**. Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana; revoga dispositivos dos Decretos-Leis nºs 3.326, de 3 de junho de 1941, e 5.405, de 13 de abril de 1943, da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e das Leis nºs 5.917, de 10 de setembro de 1973, e 6.261, de 14 de novembro de 1975; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12587.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos (Lei do Feminicídio). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018**. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga

dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais) (Lei da Importunação Sexual). Brasília: Presidência da República, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 14.071 de 13 de outubro de 2020**. Altera a Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997 (Código de Trânsito Brasileiro), para modificar a composição do Conselho Nacional de Trânsito e ampliar o prazo de validade das habilitações; e dá outras providências (Código de Trânsito Brasileiro). Brasília: Presidência da República, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l14071.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.071%2C%20DE%2013%20DE%20OUTUBRO%20DE%202020&text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%209.503,habilita%C3%A7%C3%B5es%3B%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias. Acesso em: 15 jul. 2021.

CALIÓ, Sonia Alves. Incorporando a Questão de Gênero nos Estudos e no Planejamento Urbano. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA. Observatório Geográfico, 6., 1997, [S.l.]. **Anais eletrônicos** [...]. [S.l.]: Observatório Geográfico, 1997, p. 1-9. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=967>. Acesso em: 09 mai. 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Vereadores. **Site da Câmara de Vereadores**, Pelotas, 02 ago. 2017. Disponível em: <https://www.pelotas.rs.leg.br/processo-legislativo/vereadores>. Acesso em: 01 set. 2023.

CAMPOS, Lorraine Vilela. Cisgênero e Transgênero. **Brasil Escola**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/cisgenero-transgenero.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2022.

CIDADES EM FOTOS. Fotos de Pelotas. **Blog Cidades em Fotos**, [S.l.], [2020?]. Disponível em: <https://cidadesemfotos.blogspot.com/2012/11/fotos-de-pelotas-rs.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher-“Convenção de Belém do Pará”. **CIDH**, [S.l.], 1994. Disponível em: <http://www.cidh.org/basicos/portugues/m.belem.do.para.htm> Acesso: 31/05/2021.

D'ÁVILA, Manuela. E se a cidade fosse nossa? *In*: SITO, Laura; FELIX, Mariana. **E se as cidades fossem pensadas por mulheres?** Porto Alegre: Zouk, 2021. p. 13-16.

DIAS, Katia Helena. UFPel: Uma Escrita em Três Séculos. Arquivo da CCS / Bibliografia do escritor e historiador Mário Osório Magalhães / NEAB/FAUrb/UFPel, 2014. Disponível em: < <https://wp.ufpel.edu.br/45anos/> > Acesso em: 24 jul.2023.

DUTRA, Lara Borges; MACHADO, Línia D. Lopes. A violência de gênero contra a mulher nos espaços públicos. **Revista Jurídica Eletrônica**, [S.l.], v. 6, n. 8, p. 6-8, fev. 2017.

ÉNOIS INTELIGÊNCIA JOVEM. #Meninapodetudo: como o machismo e a violência contra a mulher afetam a vida das jovens das classes C, D e E?. **ÉNOIS**, São Paulo,

21 de maio, 2015. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/08/ENOIS_meninapodetudo2015.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

FERNANDES, Amanda Carvalho; LIMA, Carlos Henrique Magalhães de. O planejamento urbano e a violência contra a mulher no espaço público: reflexões a partir de experiências na França e no Brasil. *In*: CONGRESSO DA ARQUISUR, 23., 2019, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/arquisur-2019/papers/o-planejamento-urbano-e-a-violencia-contr-a-mulher-no-espaco-publico--reflexoes-a-partir-de-experiencias-na-franca-e-no?lang=pt-br>. Acesso em: 05 set. 2021.

FERREIRA, M. A. G; SANCHES, S. P. Índice de Qualidade das Calçadas – IQC. **Revista Transportes Públicos**, São Paulo, v. 1, n. 91, p. 47-60, 2001.

FIRMINO, Camila R.; SILVA, Filipe. H. E.; VIANA, Pedro H. P. C. Desigualdades de gênero no serviço público federal. *In*: CONGRESSO CONSAD DE GESTÃO PÚBLICA, 8., 2015, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: Consad, 2015. p. 01-10.

GALETTI, Camila C. Hildebrand. Direito a cidade e as experiências das mulheres no espaço urbano. *In*: Encontro Anual da Anpocs, 41., 2017, Caxambu. **Anais Eletrônicos** [...]. Caxambu: Anpocs, 2017. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt34-8/10916-direito-a-cidade-e-as-experiencias-das-mulheres-no-espaco-urbano/file>. Acesso em: 22 set. 2021.

GAMRANI, Sarah; TRIBOUILLARD, Clémentine. **Gênero e Cidades**: guia prático e interseccional para cidades mais inclusivas. [S.l.]: BID- Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2021. Disponível em: <https://publications.iadb.org/publications/portuguese/document/Genero-e-cidades-Guia-pratico-e-interseccional-para-cidades-mais-inclusivas.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2008.

GONZAGA, Terezinha de Oliveira. **A cidade e a arquitetura também mulher**: conceituando a metodologia de planejamento urbano e dos projetos arquitetônicos do ponto de vista de gênero. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-26082022-150751/pt-br.php>. Acesso em: 09 set. 2022.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

INCHAUSPE, Ícaro Vasques; SILVA NETO, Francisco Luiz Pereira da. O Sofá está na Rua: uma etnografia sobre pontos de encontros e formas de sociabilidades na região do Porto na cidade de Pelotas/RS. **Revista Ponto Urbe** [online], [S.l.], n. 24,

jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7656>. Acesso em: 22 set. 2021.

INCLUA-SE. Sobre o movimento popular Inclua-se. **Blog Inclua-se**, São Caetano do Sul, 10 abr. 2010. Disponível em: <http://incluase.blogspot.com/2009/04/largura-do-passeio.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

INSTITUTO CAMINHABILIDADE. Caminhabilidade. **Site Instituto Caminhabilidade**, [S.l.]. 2022. Disponível em: <https://caminhabilidade.org/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica** [boletim IBGE], n. 38, 2021a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 01 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades e Estados**: Pelotas, 2021b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/pelotas.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

INSTITUTO DATAFOLHA. Assédio sexual entre as mulheres. **Instituto Datafolha**, São Paulo, dez. 2018. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/01/11/bfed1c72cc0eff5f76027203648546c5bbe9923c.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Retratos das desigualdades de gênero e raça – 1995 a 2015**. Ipea, [2015]. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO – ITDP Brasil. **O acesso de mulheres e crianças à cidade**. [S.l.], ITDP, jan. 2018. Disponível em: http://itdpbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/01/ITDP-Brasil_-O-Acesso-de-Mulheres-e-Crianças-a-Cidade-V3_JUL-2018.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO/LOCOMOTIVA. Segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade: as mulheres e seus trajeto. [S.l.], 2021. Instituto Patrícia Galvão/Locomotiva. Cartilha eletrônica. Disponível em: https://assets-institucional-ipc.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2021/10/LocomotivaIPG_PesquisaSegurancaMulheresemDeslocamentosFinal-1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KERN, Leslie. **Cidade feminista**: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LIBÓRIO, Daniela Campos, SAULE JÚNIOR, Nelson. Princípios e instrumentos de política urbana. In: CAMPILONGO, Celso Fernandes; GONZAGA, Alvaro de; Freire AZEVEDO, e André Luiz (coords.). **Enciclopédia jurídica da PUC-SP**. Tomo: Direito Administrativo e Constitucional. Vidal Serrano Nunes Jr., Maurício Zockun, Carolina Zancaner Zockun, André Luiz Freire (coord. de tomo). 1. ed. São Paulo: Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/76/edicao-1/principios-e-instrumentos-de-politica-urbana> Acesso em: 25 ago. 2018.

LIMA, Maria Rosa Tesser Rodrigues de. **Mobilidade Urbana em Planos Diretores: Análise Sintática da Malha Viária da Área Conturbada de Florianópolis**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

MARQUES, Paulo Lopes. Arte do grafite brota nas ruas de Pelotas. **Arte no Sul – UFPEl**, Pelotas, 01 out. 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2019/10/01/arte-do-grafite-brota-nas-ruas-de-pelotas/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MERLI, Giovanna Augusto. **Lugar de mulher é na cidade**: desenho urbano para inclusão de gênero na cidade de Uberlândia. 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1440>. Acesso 06/05/2021

MICHAELSEN, Alexandra. Agenda 2030: quais os esforços para promover o desenvolvimento sustentável? **Politize!**, [S.l.], 02 set. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/agenda-2030/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MICHELON, Francisca Ferreira (org). **Patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas** [recurso eletrônico]. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. Disponível em: <<https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4869>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MONSELL, A. J. Deslocamento do artista e seu público para a comunidade: práticas dialógicas no espaço cultural Instituto Hélio D'Ángola. **Paralelo 31**, v. 2, n. 18, p. 462, 24 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU MULHERES. **Declaração e plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher**. ONU, Pequim, 1995. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

PELOTAS. **Lei nº 5.502, de 11 de setembro de 2008**. Institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências (Plano Diretor Municipal de Pelotas). Pelotas: Prefeitura Municipal, 2008a. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/2008/550/5502/lei-ordinaria-n-5502-2008-institui-o-plano-diretor-municipal-e-estabelece-as-diretrizes-e-proposicoes-de-ordenamento-e-desenvolvimento-territorial-no-municipio-de-pelotas-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 15 jul. 2021.

PELOTAS. **Lei nº 5.528, de 30 de dezembro de 2008**. Institui o Código de Obras para Edificações do município de Pelotas, e dá outras providências (Código de Obras para Edificações do Município de Pelotas). Pelotas: Prefeitura Municipal, 2008b. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/2008/552/5528/lei->

ordinaria-n-5528-2008-institui-o-codigo-de-obras-para-edificacoes-do-municipio-de-pelotas-e-da-outras-providencias. Acesso em: 15 jul. 2021.

PELOTAS. Prefeitura Municipal. **Relatório do inventário da Mobilidade Urbana de Pelotas**, Pelotas, 2018. Disponível em: [https://www.pelotas.com.br/storage/plano-mobilidade/2020/Relat%C3%B3rio%20do%20Invent%C3%A1rio%20da%20Mobilidade%20Urbana%20\(novembro%20de%202018\).pdf](https://www.pelotas.com.br/storage/plano-mobilidade/2020/Relat%C3%B3rio%20do%20Invent%C3%A1rio%20da%20Mobilidade%20Urbana%20(novembro%20de%202018).pdf). Acesso em: 15 jul. 2021.

PELOTAS. **Decreto nº 6.209, de 19 de setembro de 2019**. Aprova o Plano de Mobilidade Urbana Sustentável do Município de Pelotas/RS, e dá outras providências. Pelotas: Prefeitura Municipal, 2019a. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/decreto/2019/621/6209/decreto-n-6209-2019-aprova-o-plano-de-mobilidade-urbana-sustentavel-do-municipio-de-pelotas-rs-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 15 jul. 2021.

PELOTAS. Prefeitura Municipal. **Plano de mobilidade urbana sustentável de Pelotas**, Pelotas, 2019b. Disponível em: [https://www.pelotas.com.br/storage/plano-mobilidade/2020/Plano%20de%20Mobilidade%20Urbana%20Sustent%C3%A1vel%20de%20Pelotas%20\(setembro%202019\).pdf](https://www.pelotas.com.br/storage/plano-mobilidade/2020/Plano%20de%20Mobilidade%20Urbana%20Sustent%C3%A1vel%20de%20Pelotas%20(setembro%202019).pdf). Acesso em: 15 jul. 2021.

PELOTAS. Mapa Urbano Básico. **Prefeitura Municipal de Pelotas**, Pelotas, 2023. Disponível em: <https://pmpel.maps.arcgis.com/apps/View/index.html?appid=805046dd7e72460ea073579e20a75fcd>. Acesso em: 01 jun. 2023.

QUEIROZ, Danielle Teixeira *et al.* Observação Participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, n. 15, v. 2, p. 276-83, abr/jun 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/Observa%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf. Acesso em: 01 jun. 2023.

PRINZ, Dieter. **Urbanismo I: Projecto Urbano**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

RIBEIRO, Beatriz Castro. **Assédio Sexual em Espaço Público em Portugal: Obstáculos à Implementação do Artigo 170.º do Código Penal ao Nível dos Burocratas de Rua da PSP**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2021.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso *et al.* **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SANTORO, Paula. **Gênero e planejamento territorial: uma aproximação**. Campinas: ABEP, 2005. Disponível em: <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/3378/3237>. Acesso em: 06 mai. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abreu: Expressão Popular, 2015. Disponível em: https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/10/genero_web.pdf. Acesso em: 30 ago. 2023.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 8., 2023. Pelotas. **Anais eletrônicos** [...]. Pelotas: UFPEL, 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/sbqp2023/pelotas/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SOARES, Helena Borda. **Cor e identidade do ambiente urbano**: o bairro Porto, Pelotas/RS. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SOFÁ NA RUA. **Salve, sofazeiras e sofazeiros!** Pelotas, 27 mai. 2022. Facebook: Sofá na Rua. Disponível em: <https://www.facebook.com/sofanarua/photos/3279829668964059>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SPECK, Jeff. **Cidade Caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TRANSPORTATION RESEARCH BOARD – TRB. **HCM2010**: Highway Capacity Manual. WASHINGTON, DC: TRB, 2010. v. 4. Disponível em: <http://sites.poli.usp.br/d/ptr3531/HCM2010-Chapter%2036%20-%20Travel%20Time%20Reliability.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 121/132.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, n. 22, v. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA CAMINHADA

(SEMIESTRUTURADA)

Introdução

- 1) Por qual motivo você frequenta o bairro?
- 2) Há quanto tempo?
- 3) Do que você mais gosta na região?
- 4) Você pode explicar como é um dia típico na sua rotina? O que faz e onde vai?
 - a) Quais tipos de transporte você utiliza? Em dia de semana e final de semana tem diferença?
- 5) Conte para mim, em quais momentos/quais atividades você costuma fazer a pé?

Comportamento

- 6) Existe algum trajeto que você evite caminhar? Como ele é?
- 7) Existe algum horário que você prefere caminhar?
 - a) Você anda a noite?
 - b) Costuma andar sozinha?
 - c) Você se sente segura enquanto caminha (em relação a todos os tipos de segurança – de trânsito e pública)?

Experiências

- 8) O que faz o caminhar ser uma experiência positiva para você? Tens alguma memória específica?
 - a) Quem estava junto? Horário? Sentimento...
- 9) O que faz o caminhar ser uma experiência negativa para você? Tens alguma memória específica?
- 10) Como você sente que seu gênero determina suas experiências enquanto caminha?
 - a) Aspectos positivos?
 - b) Aspectos negativos?
- 11) Você sente que sua cor ou raça afeta sua experiência enquanto caminha?
- 12) Existe alguma outra característica sua que você sente que afeta a sua experiência ao caminhar?

Barreiras

- 13) O que te impede de caminhar mais? (questão social, infraestrutura, outra)

- 14) Você gostaria de caminhar mais?
- a) (sim) o que a ajudaria a fazer isso?
 - b) (não) o que faria você querer caminhar mais?
- 15) O que você acha que a municipalidade deveria fazer para incentivar os deslocamentos a pé?
- 16) Há mais alguma coisa que gostaria de me dizer?

APÊNDICE B – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_01

[00:00:03] Pesquisadora Tá gravando. Eu tenho um roteiro aqui, sobre o que tu sente em relação a algumas coisas, tá? E depois a gente caminha, vai fazer um trecho, que tu escolher. Não precisa ser grande.

[00:00:42] EM_01 Não precisa ser grande o que?

[00:00:43] Pesquisadora O trecho, não precisa ser muito grande, demorado.

[00:00:48] EM_01 Vamos caminhar.

[00:00:51] EM_01 Tá, mas qualé que é?

[00:01:03] Pesquisadora Eu vou te fazendo perguntas.

[00:01:05] EM_01 Tá.

[00:01:06] Pesquisadora Quais são as primeiras palavras ou frases que vêm na sua cabeça, quando você pensa em como eu me sinto quando ando a pé?

[00:01:30] EM_01 Pessoas. Trânsito. E cuidado. São palavras que me vêm na cabeça assim, quando eu tô caminhando na rua. Era isso?

[00:01:50] Pesquisadora Como é que você se sente?

[00:01:57] EM_01 Eu me sinto bem, me sinto confortável e procuro carregar coisas comigo que me deixem mais à vontade caminhando na rua. Tipo fone de ouvido, que eu não tô com ele hoje, mas é isso. Geralmente é quem me acompanha.

[00:02:18] Pesquisadora Costuma esperar o ônibus?

[00:02:21] EM_01 Não.

[00:02:25] Pesquisadora Quando você tá sentada ou parada em algum espaço público, como você se sente?

[00:02:33] EM_01 Dependendo do espaço público, me sinto bem. Procuro espaços que me deixem confortável também. Mas se não me sinto confortável, eu saio. Pode ser por n fatores né..

[00:03:02] Pesquisadora O bairro que a gente vai entrar agora...Por que que tu frequenta esse bairro?

[00:03:14] EM_01 Eu frequento esse bairro porque é o bairro que eu vim morar depois que eu saí das casas dos meus pais. E aí é um bairro que eu me sinto familiarizada. É por isso.

[00:03:27] Pesquisadora Quanto tempo?

[00:03:28] EM_01 Que eu moro aqui?

[00:03:31] Pesquisadora Quanto tempo que tu frequenta essa região?

[00:03:33] EM_01 15 anos, pelo menos.

[00:03:35] Pesquisadora O que tu mais gosta na região?

[00:03:41] EM_01 De caminhar domingo de manhã por causa da paisagem. É muito mais legal, tu tem outra percepção das ruas no domingo de manhã, sério.

[00:03:55] EM_01 Na real tu sabes que a Helô fazia festas na Original Beer. Tu sabe onde é ali na Praça do Porto, sabe? A cervejaria? A gente pode fazer a volta e passar por lá. A gente pega o Uruguai e a gente sai direto lá. A cervejaria, a Helô fazia as festas e eu trabalhava nas festas, então eu saia quase 8 da manhã. E era super bom pegar o domingo de manhã cedão, porque também era mais vazio, a paisagem era muito mais bonita também. Silenciosos. Mas tá, aí eu tô viajando aqui, né?

[00:04:41] Pesquisadora Eu vou parar um pouco aqui.

[00:04:43] EM_01 Por?

[00:04:44] Pesquisadora Porque eu vou terminar essas perguntas e depois eu quero que tu comece a registrar alguma coisa que a gente pode acabar passando.

[00:04:50] Pesquisadora A gente fica só conversando.

[00:04:51] EM_01 Não vamos ficar, tá.

[00:04:53] Pesquisadora Quer registrar mais alguma coisa?

[00:04:55] EM_01 Não, vamos indo.

[00:04:57] Pesquisadora Não, tudo bem

[00:04:58] EM_01 Olha só, nessa rua aqui que é Alvaro Chaves, Esquina Gomes. Aqui moravam uns amigos, vários já moraram nessas casinhas, então era uma rua que eu também andava bastante. Só que é uma rua que eu considero extremamente perigosa. O Gui, por exemplo, acha Alberto Rosa perigosa. Eu já desconfio um pouco do Alvaro Chaves, tá? E eu morei numa casa mais adiante, que eu vou te mostrar qual é também. E tinha um cara aqui que também vendia umas coisas que a gente...(risos).

[00:05:47] Pesquisadora Você pode explicar como é um dia típico na sua rotina? O que faz, onde vai?

[00:05:56] EM_01 Hum...Uma coisa típica. Sei lá, acho que às vezes quando eu vou no quadrado, meio dia, talvez. Não sei se isso poderia ser.

[00:06:20] Pesquisadora Como que é o teu dia?

[00:06:22] EM_01 O meu dia é acordar, sair de manhã, ir pro trabalho. E aí depois eu saio, vou pra casa, dou uma banda às vezes em outros lugares. E é isso.

[00:06:42] Pesquisadora Que tipos de transporte você utiliza? Em dia de semana? E se final de semana tem alguma diferença?

[00:06:49] EM_01 Eu utilizo carro ultimamente e final de semana eu tento não fazer nada de carro. Mas acabo usando carro. Sempre. Eu ando de bike também. Atualmente não muito, mas ando.

[00:07:09] Pesquisadora E quais momentos ou quais atividades você costuma fazer a pé?

[00:07:19] EM_01 Ir na casa de alguém ou ir trabalhar. São coisas que eu costumo fazer a pé.

[00:07:24] EM_01 E ir no centro também, são coisas que eu costumo fazer a pé. No supermercado, coisas assim.

[00:07:33] Pesquisadora Existe algum trajeto que você evite caminhar? Como ele é?

[00:07:41] EM_01 Eu evito caminhar...Você quer que eu cite as ruas ou lugares? Por exemplo, eu morei um tempo na Anchieta, entre Tamandaré e Benjamim. E por exemplo, eu já fui assaltada ali. Então são caminhos que dependendo do horário eu não faço mais. Tamandaré, Benjamim. Se eu for para o sofá na rua, que é no domingo, dependendo do horário eu não volto nem pela Conde de Porto Alegre e nem pela Benjamim. Eu venho subindo um pouco mais. Nem a Conde, nem a Benjamim. Eu venho até Tamandaré ou venho vindo ali pela Mariana ou pelas outras bandas até chegar na Gomes. Mas não venho por essas. São trajetos que eu evito. Porque eu acho que tem um fluxo que não é muito legal.

[00:08:41] Pesquisadora Costuma andar a noite?

[00:08:45] EM_01 Não.

[00:08:46] Pesquisadora Costuma andar sozinha?

[00:08:49] EM_01 Sim.

[00:08:50] EM_01 Nessa casa aqui. Eu já morei aqui um tempo, mas não era uma casa minha. E lá no meio da quadra foi onde eu tive um café. Essa aqui é a Tamandaré. Alvaro Chaves, Alberto Rosa. Quer voltar para lá?

[00:09:16] EM_01 É o teu caminho.

[00:09:23] Pesquisadora Você se sente segura enquanto caminha? Em relação a todos os tipos de segurança. Trânsito, segurança física.

[00:09:33] EM_01 Me sinto segura em determinado momento do dia ou horário. Mas me sinto segura.

[00:09:43] Pesquisadora O que faz o caminhar ser uma experiência positiva para você? Tem alguma memória específica?

[00:09:54] EM_01 Os grafites, essas coisas que eu gosto de fotografar. É uma memória que me faz gostar de caminhar e fotografar a rua, né? É isso. Eu acho.

[00:10:12] Pesquisadora O que faz ser uma experiência negativa?

[00:10:17] EM_01 Isso. É tu passar por um bando de homens e ser... E ser... Olhada demais. É isso. Isso eu acho realmente desconfortável.

[00:10:42] Pesquisadora Tem alguma memória específica?

[00:10:44] Pesquisadora Bom, agora acabou de rolar.

[00:10:46] EM_01 É.

[00:10:47] EM_01 Acabou de rolar.

[00:10:52] Pesquisadora Como você sente que o seu gênero determina suas experiências enquanto caminha? Aspectos positivos e negativos.

[00:11:02] EM_01 Essa experiência vale como experiência? Cara, eu acho que enquanto mulher eu me sinto um pouco mais insegura em andar na rua. Por uma questão de abordagem, assim, indireta às vezes. Como agora passar na frente de uma oficina e ser... Comida com os olhos, literalmente. Sendo que eu não olhei para a cara de nenhum dos caras, assim, nem sei que cara eles têm. Mas é isso. Esse é o negativo.

[00:11:34] EM_01 O positivo é...Encontrar a poética da rua que eu quero. Está aqui, olha. Toda alegria poética.

[00:11:58] Pesquisadora Você sente que a sua cor ou raça afeta sua experiência enquanto caminha?

[00:12:03] EM_01 A minha não.

[00:12:06] Pesquisadora Existe alguma outra característica sua que você sente que afeta sua experiência ao caminhar?

[00:12:13] EM_01 Não. Eu acho que não.

[00:12:26] Pesquisadora O que te impede de mais? Pode ser questão social, de segurança, qualquer coisa.

[00:12:33] EM_01 Um pouco de... disposição... Bem real. Atualmente. E...Tempo também, às vezes. Talvez no horário que eu gostaria de caminhar eu não.... esteja fazendo outra coisa, assim. Não role.

[00:12:58] Pesquisadora Você gostaria de caminhar mais?

[00:13:03] EM_01 Sim.

[00:13:04] Pesquisadora E o que te ajudaria a fazer isso?

[00:13:07] EM_01 Disposição mesmo.

[00:13:13] Pesquisadora O que você acha que a municipalidade deveria fazer para incentivar os deslocamentos a pé?

[00:13:22] EM_01 Ahm... Acho que é uma questão de, às vezes, de segurança mesmo. Ruas mais iluminadas. Trajetos mais definidos, assim, para caminhar também. Não uma pista para caminhar, mas... sei lá, um desenho urbano melhor pra caminhar. Não sei. Acho que é um pouco isso. Tipo, olha isso aqui.

[00:13:51] Pesquisadora Desenho urbano que tu fala...seria infraestrutura? qualidade de calçada? iluminação?

[00:13:58] EM_01 Aham. Iluminação, faixa para ciclistas.

[00:14:08] EM_01 Iluminação, iluminação, faixa para ciclista com certeza. Necessitaria de mais e mais trajetos que ligassem a cidade. São bem limitados, né? Acho que uma iluminação já ajudaria mais.

[00:14:29] Pesquisadora Então, achas que tem mais alguma coisa que tu querias comentar

[00:14:33] EM_01 A princípio, não. A princípio, acho que eu vou querer repetir essa caminhada. Me sentindo intimidada com esse gravador. Lá é a Original Beer. Tu nunca veio nesse lugar aqui? Olha só que bonito aqui esse rua é, tu não acha?

[00:16:39] Pesquisadora Agora eu vou te dar a nossa câmera. E aí tu vai fazer registros com ela.

[00:16:52] EM_01 Sobre?

[00:16:54] Pesquisadora O que tu quiser.

[00:16:55] Pesquisadora E aí tu vai usar essas coisinhas aqui, que apareça só uma pontinha.

[00:16:59] EM_01 Para?

[00:17:00] Pesquisadora O que tu acha positivo, que tu gosta, que tu acha bonito, não sei o que. Que apareça um pedacinho pra gente saber identificar depois o que tu quer colocar. E negativo, um buraco, uma sensação de insegurança. Aí tu coloca isso aqui pra depois a gente conseguir identificar. E tu pode também falar, que vai gravando. Como tu quiser a foto. Teu olhar. Só quero que essa coisinha apareça um pedacinho pra gente poder saber se é algo positivo ou negativo que tu quer registrar.

[00:17:39] EM_01 Uhum, segura aí então.

[00:18:47] EM_01 Sabes que eu fotografiei essa rua por causa dessa memória bem afetiva assim mesmo, que é a questão da gente sair das festas, que ali, na cervejaria, na Original Beer, era. E da gente traçando esse caminho assim, domingo, e daí às vezes a gente ia por aqui, pegava e ia até o quadrado, a gente matava amanhã o restante da manhã no quadrado.

[00:19:32] EM_01 Outra coisa que eu gosto aqui das ruas do Porto, na real, é a questão dos rituais de matriz africana, que agora seja um pouco complicador por conta das sujeiras e tudo mais. É uma zona que tem várias terreiras aqui, né? E aí, enfim, eu entro numa profunda com isso assim. Mas gosto de encontrar essas coisas por aqui. Acho poético também.

[00:20:34] EM_01 Legal esse questionário de perguntas que tu tem, porque...são...Perguntas interessantes.

[00:20:48] EM_01 Eu adoro essa casa aí também. Pode ser?

[00:22:41] EM_01 Bom, vou ficar assim.

[00:22:43] EM_01 É a minha mão que treme, no real.

[00:23:03] EM_01 Ah, vou te dizer que eu odeio aquela esquina ali.

[00:23:06] Pesquisadora Eu ia te perguntar agora.

[00:23:08] Pesquisadora Tu disse que não gosta de caminhar nessa rua.

[00:23:11] EM_01 Aham.

[00:23:13] EM_01 Que aspectos que tu não curte nela?

[00:23:19] EM_01 Bom, eu não gosto dessa rua porque tem coisa de autoescola o tempo inteiro. E eu odeio essa galera da autoescola.

[00:23:29] Pesquisadora Memória afetiva ou ou tem algum outro evento?

[00:23:32] EM_01 Rodei seis vezes na autoescola, amiga.

[00:23:36] Pesquisadora Tá bem.

[00:23:38] EM_01 Acho que eu tenho motivo suficiente por isso. Né? Mas, então, eu acho a Benjamin uma rua meio estranha. Eu já fui assaltada na Benjamin também, então... Não sei, não gosto muito. Mas eu já pichei aqui na Benjamin, ali na biblioteca UFPel. Da UFPel. E tipo, a rua do Galpão é uma rua que eu gosto e acho bem bonita por conta dos grafites também. Então a perspectiva vai mudando assim também. Sei lá. Mas vai essa esquina aqui pra mim, ela é tihosa.

[00:24:15] EM_01 A gente ia tirar uma foto vermelhinha nela, né?

[00:24:37] EM_01 Eu tô falando, isso aqui que tá ficando gravado vai virar tudo contra mim, um dossiê contra mim.

[00:25:13] EM_01 Adorei essa coisa do vermelho e do verde. Não sei se ficou...Mas tu acha que isso é relevante?

[00:25:45] Pesquisadora O quê?

[00:25:47] EM_01 A gente tirar uma esquina. esquina.

[00:25:48] Pesquisadora Dessa esquina. Por que que tu não gosta dela?

[00:25:54] EM_01 Por vááários motivos. Um deles era por causa da autoescola. Sei lá.

[00:26:17] Pesquisadora Se tu fosse pensar em coisas que tu gosta que aconteçam aqui, tipo, em algum lugar...

[00:26:26] Pesquisadora Sei lá, te dar um exemplo, assim, eu gosto porque aqui tem o prédio da universidade, eu gosto porque aqui acontece a tal.

[00:26:31] Pesquisadora Tal. que tu apontaria dessa região que tu curte, que acontece?

[00:26:35] EM_01 Os eventos de rua e a arte urbana. São coisas que eu gosto e que tem bastante nessa rua.

[00:26:41] Pesquisadora Eventos de rua quais?

[00:26:44] EM_01 Atualmente o sofá na rua e as festas do galpão, assim, também, que são boas. Porém, aqui é uma coisa, as festas que rolam nesse outro lado aqui são terríveis. Terríveis. É muita violência, sim, porque dá muita briga. Totalmente o oposto do galpão e são fronteiras as duas né.

[00:27:10] Pesquisadora Aqui o que que é?

[00:27:12] EM_01 Aqui é um café, mas lá na esquina é uma festa... Deve ter o nome ali na frente da... Bah! Não tem noção guria. É a galera se puxando os cabelos e rodopiando aqui no meio da rua. Tipo, domingo de manhã, assim. Então já teve uma edição do sofá na rua que teve o festival de grafite, tá? E era uma galera malucona, assim. Bem pesado, na real. E aí dá outras tretas aqui, né? E aqui que essa esquina já é outra coisa, assim, ali no galpão, então é outra vibe.

[00:27:56] EM_01 Aqui é a Dona Mariana entre Benjamin e José do Patrocínio, né?

[00:28:35] EM_01 Olha que legal o reflexo desse prédio aqui. Então, é isso, sabe?

[00:28:40] EM_01 Eu também curto caminhar porque eu curto fotografar a rua.

[00:28:45] EM_01 Tá vendo o reflexo na água?

[00:28:54] EM_01 A gente pode tentar tirar uma foto dessa poça d'água e fazer ela como um aspecto positivo.

[00:30:30] EM_01 Não sei se ela está num modo que não aparece.

[00:31:12] EM_01 Bom, mas tu entendeu, né? Por que é que eu gosto de caminhar.

[00:32:27] EM_01 A gente pode tirar uma foto dos grafites em geral, com aspecto positivo também. O que tu acha?

[00:34:26] EM_01 Mas olha que legal essa parede com esse Né? Eu gosto muito. Né? Eu gosto

[00:34:30] EM_01 esse Né? Esse Né? Né? Né? Né?

[00:34:31] Pesquisadora Né? Né? Tá Né? Né? Né? Né? Eu gosto também.

[00:34:33] EM_01 Gosto também.

[00:34:46] Pesquisadora Mesmo que tu ache que não faça sentido, tu registra.

[00:34:51] EM_01 Tá.

[00:35:00] Pesquisadora Pode ter qualquer coisa pra ti, entende?

[00:35:04] EM_01 Sim.

[00:35:04] Pesquisadora Me diz uma coisa, tu por ser uma mulher lésbica, percebe diferenças em andar acompanhada de uma parceira? Comentários?

[00:35:10] Rita Aham,sim, já sofri comentários homofóbicos, já sofri assédio por homens que insistem em alimentar o fetiche por casal de mulheres.

[00:35:14] Pesquisadora E isso modifica a forma como vcs se caminham juntas?

[00:35:16] Rita O tenho medo de demonstrar afeto, de andar de mãos dadas na rua ou beijar publicamente, porém sempre busco frequentar, habitar espaços que me sinta acolhida e à vontade para isso.

[00:35:22] EM_01 Eu gosto de passar aqui porque eu gosto dessa arte, dessa cafeteira.

[00:35:26] EM_01 Já tinha visto...

[00:35:27] EM_01 Não!

[00:35:29] EM_01 Olha se não é demais essa cafeteira.

[00:35:35] EM_01 Ah, tem uma cafeteira aqui.

[00:36:47] EM_01 Ih, olha só. Tem também, né? Essas frases que eu acho legal, né? A gente pode fotografar também?

[00:37:03] Pesquisadora Tudo.

[00:37:05] EM_01 Ah, olha só que legal.

[00:38:24] EM_01 Bora?

[00:38:49] Pesquisadora Tem mais umas que eu não te perguntei e que depois eu fico pensando.

[00:38:55] Pesquisadora Tu te preocupa com o que tu tiveste pra sair?

[00:39:03] EM_01 Às vezes sim, às vezes não.

[00:39:07] Pesquisadora Quando que tu cuida?

[00:39:15] EM_01 Ah, na verdade... Eu me visto de uma forma que eu fique confortável... E que eu me sinta menos assediada na rua. Tipo, hoje esse short que eu tô é curto demais até. Normalmente eu não uso tão curto assim. Por uma questão de conforto, pra poder ficar confortável mesmo. Eu geralmente tô de calça. Preto.

[00:39:59] EM_01 Só pra finalizar. Se você já presenciou, já viu ou sabe de violência, assédio ou nesse sentido, assim, questão de gênero.

[00:40:25] EM_01 Olha, eu já fui assaltada várias vezes, então isso pra mim é relevante.

[00:40:32] Pesquisadora Que tipo de assalto?

[00:40:34] EM_01 Assalto caminhando na rua com faca. Sei lá. Uma abordagem de assalto, sim.

[00:40:46] EM_01 De assalto. Isso.

[00:40:56] Pesquisadora Muito obrigada pela sua entrevista.

APÊNDICE C – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_02

[00:00:01] Pesquisadora É, estamos gravando.

[00:00:05] Pesquisadora A gente faz o trajeto que tu quiser, se tiver alguma coisa em mente, ou se tu só quiser ir andando mesmo.

[00:00:40] Pesquisadora Quais seriam as primeiras palavras ou frases que vêm na sua cabeça, quando tu pensa em como tu te sente quando anda a pé?

[00:00:51] EM_02 Isso é bem relativo, porque andar a pé é uma coisa que... Eu tenho a coisa de poder andar a pé, é uma coisa que me dá uma sensação de liberdade. Mas, dependendo do local onde a gente anda a pé, tem toda essa coisa da exposição do corpo. Então, tu está vulnerável, dependendo do que te traz, se traz objeto de valor, ou simplesmente do corpo da gente, de ser agredido, de atacado. Atacado. Como mulher a gente tem muito disso, né? Então é isso, é uma sensação que é bem dúbia, porque tem essa coisa do bem-estar de estar caminhando, eu gosto bastante de caminhar, mas por outro lado tem essa coisa da insegurança, que não é em todo lugar que a gente pode caminhar com essa tranquilidade.

[00:01:33] Pesquisadora Tu costuma esperar ônibus?

[00:01:35] EM_02 Faz muito tempo que eu não uso mais ônibus.

[00:01:38] Pesquisadora E tu costuma sentar em alguma praça, ou assim, calçada, alguma coisa?

[00:01:43] EM_02 Sim, é uma coisa que eu costumo fazer, assim, porque, tipo, quando eu encontro alguém parar pra conversar, aí é isso, ou a gente senta na beira da calçada pra conversar, ou aqui, quando tem intervalo de aula, a gente faz um pouco disso, assim, de, ah, vamos sentar na beira da calçada, o pessoal vai fumar um cigarro, vai fazer, eu não fumo, mas, enfim, o pessoal vai fumar um cigarro, porque a gente senta na beira da calçada, ou encosta na parede, fica, é um hábito que eu tenho, assim, de parar pra conversar com as pessoas na rua.

[00:02:07] Pesquisadora E tu se sente segura? Como é que tu se sente nesse espaço?

[00:02:10] EM_02 Nesses lugares, nos lugares específicos que eu faço isso, normalmente eu me sinto tranquila, assim, não é uma coisa que me deixe desconfortável, sei lá, com medo.

[00:02:22] Pesquisadora Essa região, você por qual motivo?

[00:02:26] EM_02 Ah, eu tenho bastante coisa da minha vida que é aqui, né? Eu faço mestrado ali no ICH, agora não tô com disciplina nesse semestre, mas, mesmo assim, tem reunião de orientação, tem um monte de coisa. Como eu trabalho na universidade, e essa parte toda do porto aqui é uma parte que eu tenho bastante contato, tem a coisa da batucantada que a gente tem nos finais de semana, vai no centro de artes, vai no quadrado. O próprio quadrado é um lugar que eu gosto de ir, assim, sem compromisso, de eu sentar, tomar um mate, conversar. Esse ano, agora, já não tá mais, mas até o ano passado, a minha sobrinha estudava aqui, nessa escola que fica a dois quadros daqui de onde a gente tá. Então, tem bastante referência, assim, o porto é um lugar que tem bastante atividade, então, apesar de eu não morar nessa região, é um lugar que eu frequento bastante.

[00:03:17] Pesquisadora Há quanto tempo tu frequenta o porto?

[00:03:19] EM_02 Nossa, eu não sei, não sei.

[00:03:24] Pesquisadora Há quanto tempo tu frequenta o porto?

[00:03:26] EM_02 Nossa, nem sei, faz muitos anos. Porque eu comecei a trabalhar no Anglo em 2013, e eu já frequentava o porto antes de noite. A noite no porto, assim, eu sempre fui de ir no Papoeira, no Zé, tinha uma época que tinha o Wong Bar, que era ali naquela esquina que a gente passou, sabe? De frente de canto de conexão ali, era o Wong, que eu ia ali. No outro lado, que agora é um prédio que está fechado, foi por muitos anos também, foi um barzinho ali. Depois, no ano de 2016, a gente teve uma campanha para reitor, para a eleição para reitor, e a candidatura do nosso candidato ficava naquele prédio ali, a sede da candidatura. Então, a gente fazia atividade ali sempre. E aquilo, né, acabava saindo, pra caminhar de um lugar para o outro, porque aí tu vai, vai dar uma olhadinha no bar, vai não sei o que, e aí aquela, aquele trajeto que a gente faz circulando por ali. Então faz pelo menos uns seis anos, sete anos que eu frequento o porto, assim, frequento com frequência, bom, mas frequento bastante, né? O sofá na rua é uma coisa que a gente vinha seguido também. De 2010 para cá, eu venho bastante no porto, eu fiz a minha especialização no IFISP ali, na Sociologia também, então também, né, desde essa época assim, de 2007, quando eu fazia a especialização, até agora, há pouco tempo. Eu ando bastante por aqui.

[00:05:05] Pesquisadora Que tu mais aqui? Ai,

[00:05:05] EM_02 Aqui? Ai, nem sei, eu acho que o porto tem um clima gostoso, assim, eu não sei o que é aqui, mas eu até já andei procurando casa para

morar aqui, porque eu gosto muito dessa região, eu acho assim, tem uma, uma, ele não tem uma estrutura de bairro, parece, o porto tem uma coisa meio de centro da cidade, assim, essas ruas grandes, o movimento, e acho que o contato com a universidade também, por ter esse monte de prédio da universidade aqui, e as atividades assim, que tem no porto, porque é isso, assim, tem barzinho, tem festa, tem atividade de final de semana, as coisas que tem, sofá, tem, sei lá, tem um monte de coisa legal para se fazer no porto, tem umas praças boas, tem, eu acho que o porto é um lugar, eu tenho uma sensação de acolhimento, assim, do porto, parece que, de uma mini cidade dentro da cidade, sei lá, eu acho gostoso, assim, eu acho que o porto tem essa, essa característica.

[00:05:58] Pesquisadora Pode me dizer como é um dia típico na tua rotina? O que faz e onde vai?

[00:06:05] EM_02 Olha, eu trabalho na universidade, né, é turma integral ali, eu tenho um contrato de, eu tenho um contrato, tem o meu trabalho, minha jornada de trabalho é de 40 horas, então, manhã e tarde, eu trabalho na universidade, agora, né, eu tenho um contrato de, então, manhã e tarde, eu trabalho na universidade, agora, nesse período, a gente tá com um programa de, o PGD, que chama, que é um, que é de teletrabalho parcial, então, eu tenho um turno em casa e um turno na universidade, mas, normalmente, eu venho de manhã para a universidade, faço um turno lá, vou para casa, trabalho em casa, às vezes, no final da tarde, tem alguma outra atividade que eu saio, agora, hoje mesmo, tem ensaio da Batucantada, eu vou para o ensaio, que é no centro de artes, então, a minha rotina é meio isso, universidade, casa, casa, universidade.

[00:06:59] Pesquisadora E como tu faz esses trajetos, de que forma?

[00:07:02] EM_02 De carro.

[00:07:05] Pesquisadora No final de semana, você utiliza o carro também?

[00:07:10] EM_02 Menos, né, no fim de semana, normalmente, eu pego o carro para fazer a parte do transporte dos instrumentos da Batucantada, que eu sempre tenho que levar ali do centro de artes para o quadrado, então, eu venho de casa para o centro de artes, eu venho de carro. E para ir no supermercado, quando eu vou, assim, eu visitar alguém, mas, normalmente, eu procuro no final de semana andar de bicicleta ou andar a pé, não ando muito de carro.

[00:07:41] Pesquisadora E aí, eu ia te perguntar quais são os momentos ou as atividades que você costuma fazer a pé?

[00:07:48] EM_02 Assim, a pé, eu faço, são esses trajetos mais curtos, assim, tipo, se eu sair para algum lugar que eu vou de Uber, às vezes, assim, vou num barzinho, vou de Uber, e depois, daquele lugar para outro, eu vou a pé, ou, sei lá, se eu vou em algum lugar no centro, assim, que eu vou, eu vou de ônibus raramente, mas, normalmente, de Uber até um determinado lugar, e aí, depois, eu faço as outras voltas todas a pé, eu moro próxima do centro, às vezes, eu volto a pé, mas, é mais isso, assim, os trajetos mais longos, eu prefiro fazer de bicicleta, porque é mais fácil.

[00:08:26] Pesquisadora Existe algum trajeto que você evita caminhar?

[00:08:31] EM_02 Ai, vários, vários. A gente tem, a região da cidade que eu moro lá, que é perto, lá perto da minha casa, eu moro na Marcílio Dias, da Marcílio Dias para Bento, é um trajeto que eu não faço a pé de jeito nenhum quando eu tenho que ir para algum lugar. Ali que eu te dizia, aquele Carlos Laquintinie ali, que é o colégio da minha sobrinha, aí, às vezes, eu deixava ela aqui, ia para a aula, ali onde a gente se encontrou. Então, é um caminho que, por bastante tempo, eu fiz, assim, quando a minha irmã não pode pegá-la, ou eu tenho que buscar, eu tenho que levar, às vezes, eu estava em aula, levava comigo, fazia essa volta aqui, então, esse caminho aqui é um caminho, é.

[00:09:20] EM_02 É. Mas... me perdi.

[00:09:28] Pesquisadora Os lugares que você evita caminhar?

[00:09:30] EM_02 Os lugares que eu evito caminhar, tem vários lugares que eu evito caminhar, principalmente, assim, lugares próximos da minha casa ali, eu saio, às vezes, eu saio dali de casa, tem barzinho ali perto, tem o bloco que é perto da minha casa, eu faço aquele caminho a pé final da tarde. Mas, tipo, se eu tiver que descer para a Marcílio Dias, da Marcílio para Bento, eu não vou a pé de jeito nenhum, porque é uma zona que tem, que é complicada ali, que tem acesso para Castilho, que eu não faço esse caminho a pé. Acho, assim, que região que faz parte da minha rotina, que eu não faço a pé é essa, e aqui, no final do porto, a gente tem a casa dos indígenas e quilombolas, na esquina ali da dona, não, não é dona Mariana, é Garibaldi com Gomes Carneiro, e que é bem próximo do Anglo, e às vezes tem reunião, tem alguma coisa ali, daria tranquilamente para ir a pé do Anglo, para aquele

trajeto, mas é um trajeto que eu não faço a pé nem de manhã cedo, nem final de tarde, porque é uma zona que a gente sabe que é complicada, que tem assalto, que tem umas abordagens que a gente não sabe direito qual o sentido, então, que eu evito de fazer.

[00:10:37] Pesquisadora E costuma andar à noite?

[00:10:40] EM_02 Andar a pé?

[00:10:42] Pesquisadora É.

[00:10:45] EM_02 A pé não, a pé eu evito, claro, esses deslocamentos que eu te digo aqui mesmo, no porto, quando a gente sai de noite, porque é uma zona que eu saio. Os bares são próximos. E às vezes eu deixo o carro na Benjamim e vou para o Papoeira, vou para o Bar do Zé, eu faço o caminho para o carro, e acho tranquilo, não me sinto insegura nessa volta dos bares do porto, eu não tenho medo de andar.

[00:11:11] Pesquisadora E tu andas sozinha?

[00:11:13] EM_02 Eu ando sozinha ali. Agora, há poucos dias até eu tinha estacionado mais perto de CH lá, que não tinha vaga, e eu fiz toda a volta na quadra a pé, sozinha, mas é que tem muita gente na rua, tem muita gente andando, um bolinho de gente conversando e tal, então, não sei, essa coisa de ver gente ao longo do trajeto me deixa mais tranquila.

[00:12:06] Pesquisadora Em relação aos outros tipos de segurança, tipo trânsito e pública, se sente segura enquanto caminha? Em relação à estrutura mesmo, se sente segura em relação às calçadas, à iluminação, ao tráfego, à bicicleta?

[00:12:22] EM_02 Eu acho assim, a bicicleta é uma coisa complicada na cidade, porque já tem bastante, eu acho que do tempo que eu comecei a andar de bicicleta pela cidade para agora, tem muito mais faixas de vias de bicicleta, e as pessoas já respeitam mais. A gente vê às vezes os motoristas parando, dando preferência, mas assim, ainda não é uma coisa que faz parte da cultura, as pessoas andarem de bicicleta, as pessoas respeitarem bicicleta.

[00:12:48] EM_02 Muitas vezes eu estou andando de bicicleta e eu vejo o carro estacionado em cima da faixa de bicicleta, numa boa, como se fosse lugar normal de estacionar. Então, assim, eu tenho muito cuidado, quando eu estou andando de bicicleta, eu tenho muito cuidado, eu já fui prensada por um carro contra um caminhão, que eu me vi numa situação que eu achei que agora eu vou morrer, foi assustador. Então, é isso, eu acho que não tem essa coisa do cuidado, inclusive de

quem fiscaliza trânsito, sabe? Às vezes a gente reclama que está interrompido, que tem carro passando pela ciclofaixa e nada acontece. Mas eu acho que é uma mudança de cultura que está acontecendo, que as pessoas estão andando mais de bicicleta e estão, aos poucos, aprendendo a respeitar. Mas eu já notei que, tipo, o carro maior, essas caminhonetes e tal, é que eles têm menos respeito pelo ciclista do que os carros mais populares. E sobre a iluminação, está meio largado, dependendo da zona da cidade que a gente anda, é escuro total. Aqui no Porto mesmo tem uns trajetos que a gente passa, às vezes, essas ruas principais aqui, principalmente essas ruas da universidade, eu acho que elas são mais conservadas, mais iluminadas. Mas se a gente andar, tipo, essa parte aqui da Tamandaré, aquelas outras duas ruas ali, se tu passar de noite, tu vai ver que é completamente escuro, assim. E, tipo, segurança pública, policiamento é zero, não tem nada. A gente não vê nada de policiamento na rua, nessa região aqui. O policiamento pouco que a gente vê é bem no centro da cidade.

[00:14:33] Pesquisadora Agora sobre experiências. O que faz o caminhar ser uma experiência positiva para você? Tem alguma memória específica?

[00:14:42] EM_02 Ai, eu não sei. Eu gosto da sensação de caminhar, assim. A coisa da gente não estar preso em equipamento que te leva de um lugar para outro, tipo, não estar dentro de um ônibus ou de carro. Eu acho que a sensação de tu poder andar com as tuas próprias pernas, de tu ser... o teu corpo ser suficiente para tu te deslocar, eu acho uma coisa gostosa, assim. E dependendo do período, eu agora estou num período da minha vida que eu não tenho tido muito tempo de sair para caminhar. Mas eu já fiz muito disso, assim, de, tipo, ah, hoje eu simplesmente não vou pegar o carro para sair de casa. Eu vou a pé porque é mais gostoso de andar a pé, sabe? Eu acho uma experiência gostosa, assim, andar a pé. É que às vezes a correria, o número de atividades que a gente tem no dia te obrigam a usar um meio de transporte mais rápido, né? Mas até pela região que eu moro e onde eu trabalho, a distância me obriga, muitas vezes, a usar mais o carro do que eu gostaria. Mas eu gosto de andar a pé, eu gosto da experiência, assim, de ver coisas, de cruzar com cachorro, com criança, com gente sentada na beira da calçada. Às vezes tem uns velhinhos sentados na beira da calçada, sabe? É que essa coisa de observar as pessoas. Eu acho gostoso isso, de tu estar andando, de tu estar prestando atenção em detalhes que quando tu está andando de carro tu não vê, sabe? Às vezes eu tenho... Até quando eu ando, tipo, eu entro e eu estou dirigindo e eu estou num Uber

ou num ônibus, eu perceber coisas da cidade. Nossa, isso aqui foi reformado, eu não tinha visto, porque a gente está tão focado no trânsito, né? Então eu gosto dessa coisa do andar prestando atenção de onde eu estou, porque também o andar de tu estar de cabeça abaixo, fixo só no teu trajeto, tu não presta atenção nisso. Então esse andar mais descomprometido com o horário, com uma série de coisas, assim, eu sei de onde eu parti e onde eu preciso chegar. E daí eu construo o meu trajeto de acordo com o que me agrada ver no caminho, passar pelo caminho. Então é isso, eu acho que o andar é uma experiência de percepção do ambiente que tu está diferente de quando tu está num outro meio de transporte qualquer.

[00:16:41] Pesquisadora E o que faz a caminhada ser uma experiência negativa? Se tu tem alguma memória específica.

[00:16:47] EM_02 Ah, eu acho que toda mulher já passou por situações assim de ser constrangida ou de sentir medo quando está caminhando, eu já fui seguida na rua. Aí aqueles caras que passam por ti, que dizem que vão te pegar, vão te passar a mão, vão fazer isso, vão fazer aquilo. Simplesmente de ficarem te olhando de uma maneira, né? Às vezes a gente passa num lugar que tem três, quatro homens e simplesmente faz aquele silêncio assim, tu vê que todos te seguem quando tu está, o olhar que segue. Então assim, a gente, é essa coisa de tu estar com o teu corpo exposto para qualquer tipo de agressão, né? Então dependendo do lugar, se eu posso caminhar num trajeto que eu me sinta segura, que eu possa passar por lugares mais iluminados, com mais gente e tudo mais, andar a pé é uma experiência super prazerosa. Mas se eu sei que eu vou ter que cruzar com lugares perigosos, né? Que a gente sabe que são potencialmente perigosos, eu já evito porque eu acho assim, é uma coisa que é traumática nesse sentido, de tu estar sendo seguido, eu já reagi a uma pessoa que estava me seguindo na rua, numa determinada situação, no centro da cidade, assim, eu vi que ele estava me seguindo, eu deixei a minha filha no colégio, na época era criança, deixei ela no colégio e estava indo para o meu trabalho e no centro, bem no centro da cidade, assim, na praça, o Coronel Pedro Osório ali, eu estava chegando e o cara veio e eu senti assim, o corpo dele próximo do meu, eu senti que ele ia fazer alguma coisa comigo e eu reagi, eu estava com uma sombrinha de cabo de madeira na mão e eu espanquei o cara no meio da praça e foi assim, uma comoção, todo mundo parou, e assim, todo mundo para para ver e sem saber o que é, ninguém se mete, né? Então, assim, vai que é uma briga de namorado, e se fosse, a obrigação das pessoas é tomar uma atitude, ajuda, sabe? Mas não, não aconteceu

nada, eu bati no cara, ele fugiu, assustado, porque acho que não esperava a reação, né? E foi uma coisa assim, que eu lembro como se fosse hoje, faz muitos anos isso, e foi uma coisa bem traumática, assim, e já aconteceu em várias outras situações, de ser seguida, de me sentir assim, perceber que eu estava sendo seguida, atravessar a rua, quando eu trabalhava à noite, teve uma época que eu trabalhava à noite ali no centro do curso de matemática, e tinha que caminhar até o carro todas as noites, de ver outras mulheres andando na rua e chegar e dizer, eu posso andar do teu lado, que eu estou com medo, sabe? E de fazer isso, fiz isso muitas vezes, de ver outras mulheres, e dizer, eu estou com medo, eu posso andar contigo, porque a gente não tem opção, tu tem que te deslocar até o teu ponto de chegada, e não tem o que fazer. Então, já passei por muitas experiências traumáticas, e hoje eu evito bastante, assim, lugares onde eu não saiba, assim, que tem um mínimo de segurança, eu não vou, se eu não tenho outra alternativa, eu não vou, porque realmente não. Já passei da fase de estar, por necessidade, assim, de não ter outra forma de andar, de só poder andar a pé, então hoje, quando eu posso, eu evito.

[00:19:45] Pesquisadora Como você sente que o seu gênero determina as suas experiências enquanto caminha? Tem aspectos positivos e negativos?

[00:19:54] EM_02 Olha, em relação a gênero, eu acho que a gente só tem aspectos negativos, né, porque, tipo, se tudo que, todas as experiências ruins que um homem pode ter andando pela rua, a mulher também tem, e mais, né, porque a gente sabe que, numa situação, digamos, dizer assim, ah, se eu estou caminhando pela rua e eu sou assaltada, estão levando coisas materiais, leva o meu celular, minha carteira, dinheiro, sei lá, cartão de crédito, eu, tudo isso eu vou poder, de alguma maneira, repor, mais cedo, mais tarde, com mais ou menos sacrifício, eu vou poder repor, mas no momento que a gente sofre uma agressão sexual, que é o grande medo de toda mulher quando anda na rua, né, porque um constrangimento, uma situação que a gente se sente mal, a gente se sente agredida, de ouvir um palavrão, de passarem a mão no teu corpo, mas, tipo, de sofrer uma violência mais grave, assim, é o grande medo de toda mulher, porque a gente evita passar numa rua que tem um terreno baldio, uma coisa qualquer, até praças, às vezes, a gente evita de passar por causa disso, né. Então, eu acho assim, a percepção de ser uma mulher caminhando na rua, né, enquanto o ambiente ao redor é minimamente segura, é uma experiência como qualquer pessoa que gosta de caminhar, independente do seu gênero, né, mas

no momento que tu tá caminhando em lugares onde tu tem que ter um pouco mais de cuidado, por todas essas questões, porque tá escuro, porque tem terreno baldio e tudo mais, a insegurança é muito maior, não sei se eu me fiz fez compreender, em relação a isso, porque além de todas as agressões possíveis, de ser assaltada, de qualquer coisa, a gente ainda tem sempre esse medo da agressão sexual, né, que é mais uma coisa, mais uma potencialidade de ser vítima.

[00:21:40] Pesquisadora E tu sente que a tua cor ou raça afeta a tua experiência enquanto caminha?

[00:21:46] EM_02 Eu acho que sim, no sentido de estar menos exposta por ser uma mulher branca, né, porque eu acho assim, que enquanto mulher a gente tá mais propensa à questão da violência sexual, né, de ser agredida, mas por ser uma pessoa branca, as abordagens, né, numa situação assim, ah, eu frequento os bares do Porto aqui, e teve uma época que tinha muito disso, de abordagem policial nos bares do Porto, e a gente sabe que o racismo é determinante no momento de fazer uma abordagem mais ou menos violenta, né, então nesse sentido eu sei que, ah, se tiver uma abordagem em relação, ah, estão vendo se as pessoas estão, sei lá, fumando maconha, às vezes acontece, sabe, todo mundo fumando maconha, cara, se for comigo eu sei que não vai acontecer nada, sabe, que não vão, ninguém vai me encostar na parede e me revistar ou coisa assim por eu ser uma pessoa branca, então a gente tem, a gente sabe que isso é determinante, assim, que a cor da pessoa é determinante no momento de uma abordagem policial. No momento de outras, outros tipos de abordagem, de assalto, de outras coisas, não acho que vai fazer diferença, porque, né, se é pra assaltar, não, mas a abordagem policial acho que faz toda a diferença, assim.

[00:23:06] Pesquisadora Existe alguma outra característica sua que você sente que afeta a sua experiência ao caminhar?

[00:23:13] EM_02 Eu não sei, eu percebo assim, ó, tem toda uma coisa de, da atitude de quando a gente caminha, né, eu acho que quando a gente caminha encolhida, isso eu já percebi, assim, tipo, se eu tô andando na rua e eu vejo que tem uma situação assim, tipo, aquilo que a gente sabe, vamos mexer, vamos falar uma piadinha, vai, se eu levantar minha cabeça e encarar aquelas pessoas, a forma, eles murcham, principalmente os homens têm muito disso, assim, eu acho que a atitude é quando a gente tá caminhando, né, a forma vai ter, ah, roupa eu não acho que determine, acho que tem uma série de coisas que eles falam, ah, isso não, não,

acho que não, eu acho que tem a ver, assim, a atitude mesmo, de levantar a cabeça e olhar no olho, sabe, quando tá passando, acho que isso é uma coisa que determina muito e tem a ver, eu acho que tem a ver a coisa de como tu vai te vestir no sentido de, não de roupas insinuantes, mas eu digo assim, as vezes quando a gente tá de calça jeans, tênis, camiseta, não sei o que, ou se tu tá com uma roupa assim, tu tá mais bem vestida, com acessórios, com maquiagem, com não sei o que, eu acho que tem aquela coisa de, tu não é daquele lugar, sabe, quando a gente tá com a roupa mais simples, andando mais, ou com os objetos, tipo, não tô carregando o celular na mão, como eu tô agora, de calça, com bolso, com as minhas coisas num bolso, não tô com uma bolsa volumosa e tal, eu acho que tudo isso tem um pouco de, não sei se realmente mudaria numa situação de ser assaltada, mas eu me sinto mais tranquila quando eu tô andando assim, com menos acessório, com menos volume no corpo, de bolsa, de mochila, de carregar um notebook na mochila, ou de carregar o celular na mão, essas coisas assim, eu acho que faz diferença, mas principalmente a atitude, eu acho que a atitude tem a ver assim, de tu não demonstrar medo quando tu tá andando, uma mulher que não demonstra medo quando tá andando, eu acho que é menos agredida no sentido de piadinhas dessas coisas, já percebi.

[00:25:18] Pesquisadora Você já trocou de roupa ou escolheu uma roupa assim, pensando que eu vou caminhar, vou estar num tal lugar, já pensa?

[00:25:26] EM_02 Já, mas assim, coisa que...

[00:25:29] Pesquisadora Além do conforto...

[00:25:31] EM_02 Acho que de muito tempo atrás eu já ter feito isso, mas de perceber que não faz diferença, sabe? Eu já aconteceu assim, tipo, eu vou sair pra caminhar e botar essas calças de suplex que marca o corpo, ou botar uma calça de abrigo, se for pra ouvir uma piadinha, não vai ser pela calça de suplex ou pela calça de abrigo, não vai fazer diferença, porque acontece e acontece independente da roupa.

[00:25:57] Pesquisadora O que te impede de caminhar mais?

[00:26:00] EM_02 Tempo. Basicamente é tempo.

[00:26:03] Pesquisadora Você gostaria de caminhar mais?

[00:26:04] EM_02 Sim. Por isso, isso é uma coisa assim, eu já pensei em vir morar no porto, eu tenho vontade de sair do apartamento onde eu moro pra morar numa casa. E estive olhando, é que sempre fica a coisa da segurança além do caminhar, né? Porque, tipo, pra eu estar entrando em casa, onde eu moro é um

condomínio, eu entro, o porteiro abre o portão, eu entro, guardo o carro e tô tranquila. Eu estar numa casa, eu vou ter que abrir o portão, eu vou ter toda essa coisa de chegar e de sair, principalmente de noite, né? Eu penso um pouco nisso, assim, mas eu gostaria de ter essa possibilidade de estar num lugar como aqui, que eu posso me deslocar. Se eu moro aqui, onde eu tô, eu posso ir até a faculdade a pé, eu posso no final de semana nos ensaios ir a pé. Essas coisas assim, de pequenos trajetos, que em tempo que eu tinha mais proximidade com o meu local de trabalho, eu fazia mais a pé. E hoje eu não faço porque é longe e porque o tempo tá sempre apertado. Aí, tipo, pra eu poder sair a pé, eu teria que sair e acordar uma hora mais cedo. E aí é uma hora de sono, que entre dormir um pouquinho mais e caminhar um pouquinho mais, eu tô preferindo dormir. Mas eu gostaria, assim, gostaria de ter essa coisa de morar mais perto e poder andar mais.

[00:27:16] Pesquisadora O que você acha que a municipalidade deveria fazer para incentivar os deslocamentos a pé?

[00:27:20] EM_02 Pé? Nossa. É, eu não sei se isso é uma coisa... eu acho assim, aumentar a segurança, eu acho que é um ponto, assim. Mas não acho que seja o principal determinante das pessoas andarem a pé, eu acho que tem muito mais a ver com as ocupações, assim. Porque eu vejo que quem mora próximo de... Os estudantes aqui mesmo moram próximo da faculdade, eles vão a pé independente da segurança. Não é a falta de segurança que determina, assim. Não é só a falta de segurança que determina. Eu acho que tem mais a ver com a distância mesmo. Mas eu acho que se tivesse sim que apontar coisas que poderiam melhorar, eu acho que a iluminação é uma questão que a nossa cidade tem muito problema de iluminação, tem muita rua mal iluminada. Aqui no Porto, como eu te falei, tem essas pequenas transversais aqui todas, são super mal iluminadas. Essa coisa de poda de árvore também, de evitar de fazer esses focos, como aqui até não tem, mas às vezes tem esses arbustos, assim, que chegam para a beira das calçadas, que são lugares que a gente pode se esconder alguém, que a gente já fica com medo de andar, né. E a ampliação do serviço da guarda municipal, de ter mais focos, assim, que a guarda circulasse, também acho que intimida um pouco, e que não tem na cidade. A gente vê a guarda municipal basicamente no centro. Então é isso.

[00:28:38] Pesquisadora Bom, as perguntas básicas são essas

[00:28:45] Pesquisadora Agora, não sei para que lado tu quer ir, pra onde tu quer caminhar.

[00:28:50] EM_02 Para lá.

[00:28:52] Pesquisadora Eu te dou duas pecinhas, vermelha e uma verde. A vermelha que vai marcar coisas que tu acha negativo, qualquer coisa, que te dê uma sensação ruim. E aí tu vai tirar uma foto, e aí tu vai colocar na calçada, e aí tu vai tirar uma foto, e aí tu vai colocar na calçada, e aí tu vai botar no cantinho essa pecinha vermelha, para depois eu identificar que é um aspecto ruim. Se tu quiser falar alguma coisa, e aí vai gravando também, para alguma justificativa. E a peça verde, contrário. Se lembrar também de falar alguma coisa, ou que tu achou que eu podia ter perguntado, que deixei passar, também que pode complementar com o que tu quiser.

[00:29:53] EM_02 Essa praça aqui eu gosto, aquela onde a gente estava, eu acho bonito, isso aqui, essa possibilidade de tu ficar aqui na praça e na beira da água ao mesmo tempo.

[00:31:15] EM_02 Essa pracinha aqui era o colégio da minha sobrinha, antes era aquele ali.

[00:31:19] EM_02 E aí eu vinha seguida tirar ela, retirar a criança.

[00:31:26] EM_02 Eu acho bonitinho essas...É isso que eu digo, o porto tem essa coisa gostosa que tem, ao mesmo tempo, tem um monte de casa antiga. Eu acho bonito esse estilo de casa. E essa coisa meio arborizada, meio...

[00:31:43] EM_02 Sei lá. E as ruas são mais largas, não é aquela rua estreitinha de bairro. Por aqui tinha um lugar que era... Eu acho que era isso, que era uma festa, eu não me lembro mais. Eu vinha bastante.

[00:32:00] EM_02 Esse outro aqui, que é um grandão, que é a antiga fábrica de fiação e tecidos. Esse troço aqui todo, que diz original Bear ali. Antes também tinha uma época as festas da Helô, que eram feitas nesse lugar aqui. A gente vinha bastante aqui. E aí ficava isso aqui tudo cheio de carros estacionados e tal. E é aquela coisa, a gente vai pra porta. Vai lá e olha o movimento, eu não sei.

[00:32:26] EM_02 E essa parte aqui da cidade é bonita até de noite. E em 2019, no carnaval de 2019, que foi aqui no Porto. É uma coisa muito assim, as pessoas falam, ah, a violência do carnaval e tal. Mas no carnaval de 2019, eu lembro que eu vim de Uber, mas não tinha como chegar, porque estavam as ruas tudo fechadas. Então ele deixou na Benjamin, lá uma quadra antes da cotada. E eu andei isso aqui tudo a pé de noite. E aí deu pra ver essa coisa, as pessoas na rua. Aquela coisa que a gente, eu tenho lembrança, pelo menos de cidade pequena, das pessoas

sentarem na calçada com umas cadeirinhas de praia e ficarem olhando o movimento. Sei lá, 10, 11 da noite, de estar assim, as pessoas sentadas, calor, fevereiro, né? As pessoas sentadas na calçada, com as crianças brincando e tal. E eu andando, fantasiada, indo para o desfile da Teles de noite.

[00:33:29] EM_02 Essa parte aqui, eu acho, na outra quadra, eu sou meio desorientada também. na outra quadra aqui que tem uma padaria que eu gosto de comprar pão, que é Pão gostoso, eu acho que é uma quadra pra cima.

[00:33:47] EM_02 Que aí, de deixar, de vir pra buscar a Luciana, que é minha sobrinha, na escola, é de estacionar ali e ter um tempinho e fazer só umas voltinhas aqui, de caminhar.

[00:34:05] EM_02 Esse estilo de casa aqui que eu acho um amor.

[00:34:23] EM_02 Ai gente tá aqui, essa coisa que a gente fala que a prefeitura cuida mais do centro da cidade, tá isso aqui é coisa de morador também de estar botando lixo na praça. Mas tu vê, a praça é tão bonitinha, né? E aí o pessoal vem e larga um...um móvel. No meio do...Tem eco ponto pra deixar essas coisas, mas as pessoas simplesmente largam o lixo. E não tem coleta, né?Porque tu vê que tá aí lixo, galho de árvore, um monte de coisa. Cheia de grade.

[00:35:54] EM_02 Essas ruas aqui, que eu digo que elas estão umas ruas bonitinhas, assim, agradáveis, mas tem essa... Essa coisa da iluminação. Não tem iluminação aqui nessa região. Aqui, se tu andar de noite, é assim, ó. Olha ali, a lâmpada. Aquela não sei se é queimada quebrada. Mas é assim, as lâmpadas queimadas, quebradas, ninguém faz substituição. Aí tu caminha e não... evita, já dobra. Só que aquela rua não dá pra passar, porque é uma escuridão. Até a tardezinha é gostosinha mas quando o baixa o sol.... é...já evita. E essas coisas de falta de cuidado que tem, assim, de tu não ver manutenção, as calçadas são quebradas e não tem... Eu não sei se isso seria a prefeitura, as pessoas mesmo, porque eu acho que... A calçada é do proprietário, né?

[00:37:14] Pesquisadora A prefeitura diz quais são os materiais, os tecidos, toda característica técnica. Diz como tem que ser, mas o proprietário é quem é responsável por fazer e dar manutenção.

[00:37:54] EM_02 Isso aqui que eu falei, ó. Vou tirar de longe pra não aparecer as crianças. Criança brincando na rua. Esse horário, o dia, não tá muito propício pra isso, mas se tu der uma volta por aqui, assim, verãozinho, fim de tarde, tem um monte de gente com as cadeirinhas na calçada, olhando o movimento,

aproveitando o ventinho fresco, o fim da tarde. Tem esse gostinho de bairro, assim, no Porto, e tem esse aspecto mais de rua de centro, por ser larga, tem mais prédio e tal, que não é aquela coisa que se tu for pra as três vendas, que eu acho que aqui tem mais essa cara de centro. Essa UBS aqui é boa, o atendimento deles é bem eficiente.

[00:39:47] EM_02 Quando eu saio pra caminhar, eu faço assim. Um hábito que eu tenho. Faço. Mudando a direção. Para fazer essa caminhada exploratória, dar uma olhada. Porque é isso, eu sei que estou estacionada lá para voltar, então eu vou indo. Eu gosto de fazer isso. Quando eu saio, é isso, de um ponto para o outro, eu sei. Tem várias possibilidades de trajeto, então eu faço assim, agora vou dobrar nessa, vou olhar nessa, aí tem uma coisa que chama a atenção, aí eu atravesso, olho de perto. Eu até de carro, agora eu estou fazendo um outro caminho, diferente que eu faço para ir para o trabalho, que eu vou pela Bento, depois pego por baixo aqui na Juscelino, mas antes, quando eu vinha pelo centro, até de carro. Eu tentava dobrar em outras ruas, passar por outros lugares. Sei lá, ver os trajetos diferentes. Mudar a paisagem. É bom, exercício mental bom também.

[00:41:54] Pesquisadora Eu acho que era isso,

[00:41:57] EM_02 É bom de vez em quando dar uma caminhada, fora do programado do dia a dia, é legal. Essa ideia de conversar caminhando é bom, né?

[00:42:12] Pesquisadora A gente já vai observando outras coisas. Não sei se quer me dizer alguma coisa mais ?

[00:43:42] EM_02 Acho que não, desligar.

[00:43:42] Pesquisadora Tá. Obrigada!

APÊNDICE D – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_03

[00:00:00] Pesquisadora Está gravando, tá? Vou explicar. Eu tenho algumas perguntas que são base, tá? E depois eu vou te pedir pra fazer alguns registros fotográficos. Eu vou te dar uma câmera fotográfica e tu vai tirar algumas imagens de algumas coisas que tu acha legal e tu acha ruim aqui na região. Por onde tu costumas andar? Por onde é que tu quer ir?

[00:00:37] EM_03 Meu trajeto é por aqui, por ali.

[00:00:42] Pesquisadora Eu só preciso que seja pro lado do porto.

[00:00:50] EM_03 Então vamos lá pro lado do Otroporto.

[00:00:52] Pesquisadora Nós vamos caminhando e vou te fazendo perguntas O que vem na tua cabeça em palavras ou frases quando tu pensa assim, como eu me sinto quando eu estou caminhando a pé?

[00:01:14] EM_03 Ah, me sinto livre. Me sinto bem. Livre.

[00:01:22] Pesquisadora Tu costuma pegar ônibus?

[00:01:24] EM_03 Pego, pego.

[00:01:25] Pesquisadora E quando tu tá na parada de ônibus, como é que tu se sente?

[00:01:29] EM_03 Insegura e...por causa do tempo também, né? Demora muito. Às vezes é complicado o horário. Não tem horário certo.

[00:01:39] Pesquisadora Que horas tu pega?

[00:01:41] EM_03 Às vezes é...Eu costumo pegar aqui na esquina, aqui. Vou com o meu guri na outra esquina ali da Gomes Carneiro. Ele pega uma e sete passa o ônibus. Tá, mas às vezes quando eu quero pegar, eu pego...Eu não consigo pegar os horários direito, aí eu acabo... acabando mais cedo. E às vezes muda também os horários. Agora mesmo, com a universidade nas férias, aí mudou os horários. Ficou ruim, né? Ficaram pouco ônibus.

[00:02:22] Pesquisadora O que que te deixa insegura quando tu tá nesses espaços?

[00:02:27] EM_03 Ah, quando passa alguém meio suspeito, eu fico bem... Bem insegura por causa do meu celular, né? Como eu já fui assaltada uma vez, aí eu fico... Fico com medo.

[00:02:39] Pesquisadora E tu costuma ficar em praça ou ficar na frente das casas, em calçada?

[00:02:46] EM_03 Ah, sim. É, na frente de alguma casa, sim. Lá na outra esquina, onde o meu filho espera aqui, eu digo para ele, espera aqui. Aqui que já tem bastante gente, né? Se for numa parada meio à deserta, é meio perigoso.

[00:03:00] Pesquisadora Mas quando tu não tá em parada, assim, costuma frequentar praça ou que nem aqui no Porto, costuma-se muito colocar a cadeira, assim, na frente de casa e ficar... Tu faz esse tipo de coisa?

[00:03:09] EM_03 É, quando a gente morava... Quando a gente morava em casa, a gente fazia. Quando a gente morava ali na Gomes Carneiro, a gente morava na Gomes Carneiro com o José do Patrocínio, a gente costumava colocar as cadeiras na frente, sentar, era bem bom.

[00:03:30] Pesquisadora E tu te sentia como?

[00:03:32] EM_03 Ah, me sentia... A gente se sentia bem, mas aí chegava um certo horário e não... Já vamos recolher, né? Recolhia já.

[00:03:41] Pesquisadora Tu frequenta o Porto por quê?

[00:03:48] EM_03 Porque... É o acesso, né? Pro lugar de trabalho, de estudo. Essas ruas aqui. Dá todos os acessos pra chegar na faculdade e nos trabalhos. Eu trabalho também aqui pertinho, também num outro lugar.

[00:04:07] Pesquisadora Há quanto tempo você mora na região?

[00:04:12] EM_03 Eu? Ah, faz um bom tempo já. Ah, faz um bom tempo já. Faz um bom tempo já. Assim... Um ano atrás eu morava no Fátima. Faz um ano que eu tô aqui nesses apartamentos, nessa casa. Mas eu morava... A gente morava lá no Fátima. Mas alguns anos atrás a gente já morou aqui, já. Em torno de... Ah, de uns... Seis anos, sete anos por aí.

[00:04:47] Pesquisadora O que tu mais gosta?

[00:05:01] EM_03 É meio calmo, né? É, eu gosto assim. Eu gosto do Porto.

[00:05:15] Pesquisadora Como é um dia típico pra ti?

[00:05:17] EM_03 Um dia típico? Ah, é um dia corrido. É um dia corrido, sim. Acordo pra levar meu guri pra escola. E já venho, e já vou, e já tenho que fazer alguma coisa.

[00:05:41] Pesquisadora Trabalha de manhã?

[00:05:42] EM_03 Eu largo ele na escola de manhã e depois eu vou trabalhar. Mas aí se tem que fazer mais alguma coisa. É tudo corrido, assim. Por causa do tempo né?

[00:05:53] Pesquisadora Tu volta em casa pra almoçar?

[00:05:57] EM_03 Depois eu volto pra almoçar. Depois também tem que deixar comida pro meu outro do Guri. Porque ele também vai pra escola. E é tudo meio correndo.

[00:06:06] Pesquisadora E aí pega ele cinco e pouco na escola?

[00:06:08] EM_03 Ah, ele vem sozinho. Aí em dia de faculdade...Ah, é pior ainda. Dia de faculdade é assim. Nos meus horários eu tinha que correr de lá pra pegar esse meu pequenininho na creche. Mas agora eu consegui conciliar assim, ó. Quando as minhas aulas se estenderem até mais tarde, eu vou deixar pro meu marido ou a minha mãe eles vão se regressar pra pegar.

[00:06:42] Pesquisadora Tu estuda a noite?

[00:06:43] EM_03 Não, é à tarde, mas tem umas cadeiras que vão até dez prá 7. E aí...Não tem como...Tem que fazer, né? Mas tem que ter auxílio de outras pessoas, né? tem que ter ter auxílio, né? Senão não dá. É, tudo é correria. Em cima do laço, quando eu tava estudando e tinha que vir correndo pra pegar...É tudo correndo, assim. Mas é bem legal. É boa a agitação.

[00:07:16] Pesquisadora Tu foi assaltada aqui ?

[00:07:20] EM_03 Ah, foi mais...Foi mais lá pro lado da minha mãe. Na Tamandaré com o Gonçalves Chaves. Que eu costumava muito(caminhar), assim, sabe? Assim, a gente não tinha Uber naquela época. Eu morava na praça Domingos Rodrigues, ali. Ali onde é o Rolim. Tem umas casas, onde tem um bar ali. Tem umas casas de aluguel. A gente morou uns 4 anos ali. Aí eu vinha vindo na minha mãe. A gente costumava vir, eu e o Roberto (esposo). Vamos a pé, viemos a pé. Também a gente era meio duro. Naquela época, mais duro que agora. E aí... eu tava grávida do meu gurizinho, do primeiro. Aí eu fui descer. Aí meu irmão estava tudo fazendo churrasco lá. E "não, não vai. Fica aí "....Aí eu inventei de descer sozinha com umas sacolas. Com uma bolsa. Aí quando veio passou um guri de bicicleta, um gurizote. E me puxou. Me puxou a bolsa. E eu deixei cair a minha sacola com as minhas coisinhas, minhas comprinhas. Porque era tudo difícil naquela época. Até a minha mãe me ajudava quando eu precisava de algum auxílio. E aí saí correndo atrás do gurizinho. Aí levou meu celularzinho velho. Meus documentos tive que fazer tudo de novo.

[00:08:49] Pesquisadora Que tipo de transporte tu utilizas?

[00:08:52] EM_03 O ônibus e o Uber.

- [00:08:54] Pesquisadora Em dia de semana, tu costuma usar....
- [00:08:57] EM_03 O ônibus. Quando eu preciso é o ônibus. Ou o Uber. Porque se tá com muita pressa é o Uber.
- [00:09:05] Pesquisadora Pra ir pra faculdade e pra ir pra para o trabalho?
- [00:09:09] EM_03 Ah, não. Aí eu vou caminhando.
- [00:09:13] Pesquisadora Tu usa o Uber e o ônibus quando?
- [00:09:17] EM_03 Quando eu tenho que levar meu gurizinho...Meu guri pra creche.Aí eu uso o Uber. O ônibus quando eu tenho que ir pro centro.Aí eu tenho que pegar o meu filho lá na minha mãe.Quando ela vai pegar ele na creche. Aí eu pego o ônibus lá e volto e pego ele. Vou de ônibus e depois volto.
- [00:09:38] Pesquisadora E final de semana?
- [00:09:39] EM_03 Ah, também. Se eu tenho que fazer alguma coisa eu vou e deixo. Se tem tempo, aí eu vou pra parada com ele. Ah, mãe, eu preciso fazer tal coisa.Eu vou deixar ele aqui.
- [00:09:50] EM_03 Onde é que mora tua mãe?
- [00:09:52] EM_03 Ali perto da Beneficência Portuguesa..
- [00:10:05] Pesquisadora Eu já perguntei o que são essas atividades que tu costuma fazer a pé. Tu vai pro trabalho ou tu vai pra faculdade? O que mais tu faz a pé?
- [00:10:17] EM_03 É, só faculdade. É, buscar o meu gurizinho meu pequeno na escolinha também. Vou a pé. Vou e venho a pé.
- [00:10:28] Pesquisadora Mercado, padaria?
- [00:10:29] EM_03 Não, tudo é a pé porque é perto, né?
- [00:10:31] Pesquisadora Sim, tu faz tudo a pé?
- [00:10:33] EM_03 Tudo a pé. É, tudo é bem pertinho.
- [00:10:40] Pesquisadora Tem algum trajeto que tu evita caminhar?
- [00:10:44] EM_03 Ah, pra lá. Pra Gomes Carneiro. Aquele lado pra lá é uma escuridão mesmo, né? Que aí se eu tenho que caminhar pra essa rua aqui 3 de maio também é escuro. Mais lá pra cima lá é uma escuridão. Ah, sim, aí eu evito.Tem que ir pela Dom Pedro II que é bastante iluminada, tem bastante movimento. Aí eu evito. Gomes Carneiro.
- [00:11:12] Pesquisadora Tu evita em qualquer horário ou tu evita a noite?

[00:11:16] EM_03 Eu evito a noite, só a noite. Tem mais risco de assalto.

[00:11:22] Pesquisadora Tem algum horário que tu prefere caminhar?

[00:11:26] EM_03 Ah, de tarde é bom. A tarde, na manhã também, na parte da manhã, é bom caminhar. Eu fiz umas caminhadas com o Roberto de manhã, mas aí não vingou. Só fui... como exercício. Só foi no primeiro dia pra dar um apoio moral e depois não foi mais.

[00:11:49] Pesquisadora Tu costuma andar sozinha?

[00:11:51] EM_03 Ah, bastante. Caminhando também. E às vezes de bicicleta. Quando eu tenho que fazer, eu vou.

[00:11:59] Pesquisadora Tu anda bastante de bicicleta, faz alguma atividade durante a semana ou é assim, esporádico?

[00:12:03] EM_03 É esporádico. Ah, eu vou pegar a tua bicicleta porque ele também usa bicicleta, né, o meu marido. Agora, como ele tem usado durante o dia, aí eu vou mais caminhando. Eu quero assim, vou lá no super, aí pego a bicicleta e vou com a bicicleta dele. Ou quero ir lá na minha mãe ligeiro, vou lá na minha mãe de bicicleta. É bem ligeiro, né? É mais rápido. Fico mais segura, assim, andando de bicicleta do que caminhando.

[00:12:45] Pesquisadora Tu já trocou de roupa, pensou no que ia vestir pra sair pra caminhar assim?

[00:12:56] EM_03 Sim. É, botar uma legging, mais folgada, assim, pra caminhar.

[00:13:04] Pesquisadora Pensa em conforto ou pensa em assédio?

[00:13:07] EM_03 Penso em conforto. Pra caminhar em conforto.

[00:13:14] Pesquisadora Em relação a outros tipos de segurança, por exemplo, de cair por causa de alguma coisa de calçada, ou de iluminação do trânsito, por exemplo, em algum lugar que é difícil atravessar a rua, você sente segura nesse sentido.

[00:13:34] EM_03 Aqui, aqui é horrível essa rua aqui, se atravessar. Quando eu vou deixar... a Garibaldi aqui, quando eu vou deixar o meu filho na escolinha pra esperar, até pq é asfaltada é muito ruim, são tudo desregulada, tem que prestar bastante atenção pra não cair. Até um dia eu vinha vindo e ele tropeçou por causa de um buraco. O risco é essa da rua aqui, que é ruim. Eu acho. E aquela Dom Pedro II. É ruimzinho, assim.

- [00:14:21] Pesquisadora Mesmo na faixa?
- [00:14:23] EM_03 Mesmo na faixa, tem gente que não para. E eu também, eu espero. Eu não atravesso.
- [00:14:31] Pesquisadora O que faz a experiência de caminhar ser positiva pra você?
- [00:14:36] EM_03 Saudável e prazerosa e é bom.
- [00:14:43] Pesquisadora Tem alguma lembrança, algum tipo, alguma coisa assim que pareça ser bem marcante, positivo?
- [00:14:50] EM_03 Uma paisagem, uma lembrança boa.
- [00:15:01] Pesquisadora O que faz pra me tornar uma experiência negativa?
- [00:15:14] EM_03 A insegurança. A insegurança é meio... Faz isso daí.
- [00:15:22] Pesquisadora Alguma lembrança negativa?
- [00:15:25] EM_03 Quando eu fui assaltada. Quando eu estava caminhando.
- [00:15:29] Pesquisadora Quando você foi assaltada estava sozinha?
- [00:15:36] EM_03 Estava sozinha, é. Mas só que eu senti que ele vinha vindo com a bicicleta. Mas quando eu senti o perigo já era tarde. Aí eu vi que ele vinha vindo atrás de mim de bicicleta. Mas que engraçada essa... E a rua é deserta, né? Que engraçada. Ele vem vindo pro meu lado e eu... Ele vai me assaltar. Mas aí quando eu fui ver já era tarde demais.
- [00:16:01] Pesquisadora Como você sente que o seu gênero determina a sua experiência enquanto caminha?
- [00:16:07] EM_03 É... As pessoas olham, né? Os homens. O jeito de olhar, né? Ah, uma vez eu estava de bicicleta e um cara meio tarado passou por mim e falou não sei o que e eu passei bem ligeiro. É porque é mulher, né? Vê se é com homem, vê se eles vão fazer isso aí com a mulher. E você percebe. Até o jeito de olhar.
- [00:16:33] Pesquisadora Então isso seria um aspecto negativo. Tem algum aspecto positivo?
- [00:16:37] EM_03 Do gênero?
- [00:16:39] Pesquisadora De caminhar por ser mulher.
- [00:16:41] EM_03 Ah, de caminhar? Positivo? Não. só os negativos

[00:16:47] Pesquisadora Você sente que a sua cor ou raça afeta a sua experiência enquanto caminha?

[00:16:54] EM_03 Não. Enquanto caminho, não.

[00:16:59] Pesquisadora Existe alguma outra característica sua que você sente que afeta a sua experiência ao caminhar?

[00:17:14] EM_03 É, acho que ao caminhar acho que não.

[00:17:22] Pesquisadora O que te impede de caminhar mais?

[00:17:25] EM_03 Ah, mais é tempo. Tempo. Se eu pudesse, eu caminharia. Ficaria só caminhando. Tem que ter mais tempo pra caminhar.

[00:17:40] Pesquisadora E você gostaria de caminhar mais?

[00:17:42] EM_03 Ah, gostaria.

[00:17:44] Pesquisadora E o que te ajudaria?

[00:17:46] EM_03 Ter mais tempo. Ah, saúde só, eu acho. Disposição e tempo.

[00:17:55] Pesquisadora E o que faria com que tu não caminhasse mais? O que te atrapalharia?

[00:17:59] EM_03 Só se a minha perna tivesse algum problema.

[00:18:11] Pesquisadora O que tu acha que a municipalidade deveria fazer para incentivar os deslocamentos a pé?

[00:18:15] EM_03 A municipalidade?

[00:18:17] Pesquisadora O que tu acha que a prefeitura podia fazer que incentivasse?

[00:18:21] EM_03 Ó, pra começar a iluminação. Botar mais luz. Pra cá, uma escuridão. Bah! Deus o livre! Botar mais e..., ter mais segurança. Policiamento. Deveria ter postos policiais nos lugares, nos bairros. Ou optar por guardas municipais, com os policiais.

[00:18:56] Pesquisadora Tu lembra de mais alguma coisa que tu queria me dizer, que eu deixei pra trás?

[00:19:02] EM_03 Não, é...Tem umas áreas bem escuras aqui. Só pra evitar de passar mesmo. Ali, a Gomes Carneiro com o Dig Lings, daquela rua ali. Não sei o nome daquela rua ali. Veador Barcelos. É um breu. Não dá pra andar.

[00:20:32] EM_03 Pode ser várias fotos?

[00:20:53] Pesquisadora Eu só preciso que quando tu for tirar a foto tu mais ou menos especifique pra depois eu saber o porquê.

[00:21:03] EM_03 Então eu vou tirar aqui o que é positivo e negativo essa imagem. Muita lembrança boa aqui.

[00:23:32] Pesquisadora Essa foi onde tu morou?

[00:23:33] EM_03 É mais pra lá. Foi lá na Mariana. Mas eu costumava andar por aqui. Nessa rua.

[00:24:25] EM_03 Ah, que positivo isso aqui também. Muito positivo. Muita lembrança boa. O caminho, o caminho que a gente tá fazendo agora, assim, de caminhar no meio da rua.

[00:25:38] Pesquisadora Tu costuma caminhar na rua?

[00:25:39] EM_03 Não. Eu costumo caminhar na calçada, mas como é que é aqui que não tem movimento?

[00:25:45] Pesquisadora Não, porque é uma observação minha. Mas é mais fácil a gente caminhar aqui do que caminhar naquela calçada, por exemplo, ali.

[00:25:52] EM_03 É, aqui eu sempre vim pelo meio da rua. Nas calçadas aqui não dá, né? Ali praticamente não tem nada. Tem espaço, mas a sujeira toma conta. Durante o dia é bonito. Esse céu é muito bonito. É demais, né?

[00:29:41] EM_03 Isso aqui é o ápice das melhores lembranças.

[00:29:52] Pesquisadora Aqui, campinho?

[00:29:53] EM_03 Campinho de futebol. Futebol. Pra cá e lá no outro campinho. Eu morava lá de frente àquele outro lá. Aquele outro campo lá. É um campinho também? Muita lembrança boa aqui.

[00:30:33] Pesquisadora Quando tu caminha, tem mais receio de segurança? Ser assaltada? Ou que tem mais receio do assédio, da violação.

[00:32:02] EM_03 As duas coisas.

[00:33:20] EM_03 Ah, tem uma lembrança aqui de uma casa, uma pessoa que já... uma pessoa que já foi. Não tá mais aqui, já partiu. Uma lembrança triste. Negativa. Fica marcado. Mas tem muita lembrança boa. Tem mais boa do que ruim.

[00:33:47] Pesquisadora Se estiver fazendo esse trajeto aqui sozinha, sente-se segura?

[00:33:53] EM_03 Mais segura acompanhada. Ah, às vezes eu...se eu tinha que ir num bar, assim, eu até botava uma coisa de capuz na cabeça pra disfarçar, né? Ficava com receio

[00:34:54] EM_03 Mas as mulheres têm que ter vários disfarces, infelizmente.

[00:36:18] EM_03 Saudade. Saudade, né? O tempo não volta mais.

[00:36:52] Pesquisadora O postinho aqui tu costuma usar?

[00:36:54] EM_03 Sim.

[00:36:54] Pesquisadora É bom?

[00:36:55] EM_03 É. Sempre fiz pré-natal. Sempre supriu as necessidades da gente.

[00:37:02] Pesquisadora Nessa escola que teus filhos vieram estudar?

[00:37:07] EM_03 Quase nessa aqui mas não. Ai acabou indo lá pra perto da minha mãe porque...não, nem minto, acabei saindo daqui e indo morar lá pra perto dela. E ele acabou indo pra escolinha lá perto. E acabou ficando lá. Porque depois eu retornei pro Porto de novo. Voltei. Voltamos a morar na Gomes Canela. Que a gente morava aqui, olha.

[00:37:33] EM_03 Aluga-se ali, naquelas casinhas.

[00:37:36] EM_03 Aí vou ter que fazer várias selfies. Só lembrança boa aqui. Aqui tem muita coisa boa. Só lembrança boa lá. Aqui também. Campinho. Eu vinha com a cadeira. Com a cadeira de praia pra cá. Quando o Arthur era pequeno, de carrinho. E ficava embaixo dessas árvores aí. Tem muita cocota aí. Elas ficam bem loucas. Tem ninho de cocota também. Elas são muito loucas.

[00:39:00] Pesquisadora Você costuma frequentar o sofá?

[00:39:03] EM_03 Não. Nunca fui, né? Só falar, mas nunca fui. Esses dias teve.

[00:40:08] EM_03 Nessa parada lá é uma lembrança. Aqui é só boa. Aqui eu vinha com o Arthur pra ele brincar, com o cachorro. Muita coisa lembrança boa dessa praça da Alfândega. Vinha final de semana. Com o cachorro pra passear. E com ele, com a bola, né? Adora uma bola.

[00:41:03] Pesquisadora Agradeço muito a participação.

[00:41:07] EM_03 Merece.

[00:41:11] Pesquisadora Obrigada.

APÊNDICE E – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_04

[00:00:09] Pesquisadora Tá gravando, né? Estamos gravando. Eu vou te fazendo algumas perguntas e tu escolhe por onde vamos.

[00:00:19] EM_04 Eu não sei porque eu estou sentindo que eu vou pra cá, vamos pra cá.

[00:00:40] Pesquisadora Por qual motivo você frequenta esse bairro?

[00:00:43] EM_04 Por causa da faculdade. E eu moro aqui também. Já são... desde 2015. E aí eu frequento muito mais por questões acadêmicas. E dentro da minha logística também é um lugar mais acessível de se morar, né? Eu prefiro investir, pagar um pouco mais quem sabe pra ficar aqui no porto, mas não precisar dos transportes públicos pra me locomover e tal.

[00:01:10] Pesquisadora Qual é a faculdade que você frequenta?

[00:01:13] EM_04 A faculdade de...? Aqui no Centro de Artes, Faculdade de Música Popular. Mas já fiz a faculdade de Teatro aqui também.

[00:01:22] Pesquisadora E do que você mais gosta?

[00:01:26] EM_04 Olha, eu gosto muito da Ocupa porque quando eu cheguei aqui essa região aqui era um prédio completamente abandonado. A altura que tinha, que tem aquele muro ali era tudo de lixo. Era muito lixo.

[00:01:52] EM_04 Se você entrava nesse prédio tinha muita desova de capinha de celular, de roupa, de preservativos, de várias coisas que muitas pessoas ficavam escondidas esperando os estudantes voltarem pra casa depois do rolê. Então tinha muito assalto aqui. Daí a Ocupa entra nesse lugar porque além de ser um lugar de muita segurança ele é um lugar que ele é um lugar que eu sinto que mudou muito a minha realidade. Diminuiu o meu medo.

[00:02:26] EM_04 E deixou muito mais agradável. Tem muita coisa cultural. Acho que um dos meus lugares preferidos do Porto tem sido a Ocupa.

[00:02:48] Pesquisadora Pode me dizer mais ou menos como é um dia típico na tua rotina?

[00:02:54] EM_04 Olha, um dia típico na minha rotina é um dia que eu vou pra... Fico muito em casa. Mais em casa do que eu gostaria. Até porque os RU's ficam ambos muito longe da minha casa.

[00:03:08] EM_04 Então às vezes é preferível não comer tão bem e ficar em casa do que ir até o RU a pé e voltar. Principalmente no turno da noite.

Durante o dia é mais tranquilo. Mas de noite eu acho mais hard ir voltar a pé, por exemplo, do RU pro ângulo.

[00:03:23] EM_04 Mas na minha experiência. De repente tem gente que se sente bem confortável e tal. Mas não é o meu caso. Então um dia típico tenha uma possível ida ao RU ou não.

[00:03:37] EM_04 E tem as aulas, esse deslocamento ali da região da cotada aqui pro Centro de Artes. Ou então pra região mais central, lá perto do Conservatório de Música, onde acontece coral e tal.

[00:03:56] Pesquisadora Tem aula todos os dias?

[00:03:58] EM_04 Tenho quatro dias da semana.

[00:04:02] Pesquisadora Que tipo de transporte você utiliza?

[00:04:06] EM_04 Olha, quando eu não vou a pé eu vou de Uber. Eu vou muito a pé. Então eu diria que eu me desloco muito a pé pela cidade e de Uber às vezes....vamos pra lá?

[00:04:20] Pesquisadora Vamos.

[00:04:21] EM_04 E de Uber, quando não é tipo, eu quase não uso ônibus assim. Só o da UFPell. Porque a maioria dos trajetos também são muito próximos. São bem nessa região do Porto.

[00:04:32] EM_04 Eu tô aqui em função da faculdade então acaba que os meus rolês acabam sempre dando pra fazer a pé. Mas quando é tarde eu ainda tô numa condição que eu consigo ter a possibilidade de voltar pra casa de Uber. Então eu faço uso

[00:04:49] Pesquisadora E muda alguma coisa final de semana ou você continua andando a pé?

[00:04:55] EM_04 Continuo andando a pé. E de Uber.

[00:05:08] Pesquisadora O que vem na sua cabeça? Quais são as primeiras palavras ou sentimentos quando você pensa em andar a pé?

[00:05:17] EM_04 Ai, primeiro depende da hora. Se for de dia, ai, vamos.

[00:05:20] EM_04 Vamos aonde você quiser. Na maioria dos lugares eu estou disponível. Agora de noite, de noite não tem essa parceria minha. Só se eu não tenho dinheiro mesmo, tem que ir em um lugar e tal, e aí eu vou e acabo me arriscando também.

[00:05:35] EM_04 Porque eu acho que a gente que é LGBT a gente acaba virando muito alvo. Enfim, mulheres também, no geral, são muito colocadas nesse lugar de vulnerabilidade e são punidas por isso na rua. Então me vem em mente sempre casos bem catastróficos, como os casos de linchamento social de várias travestis em várias partes do país. Então pode ser que talvez não aconteça comigo.

[00:06:04] EM_04 Mas pode ser que aconteça ou se não acontece comigo, com alguém muito próximo. Então eu acho que eu sinto em andar na rua de noite é isso. Às vezes eu deixo de andar na rua e é uma coisa que muitas pessoas trans têm falado sobre isolamento social. O que é o isolamento social?

[00:06:24] EM_04 A gente precisa de uma medida, uma crise sanitária no mundo inteiro pra saber que a gente tinha que parar, ficar em casa e se isolar, e a gente não podia sair e sentir o impacto disso. Mas nós, pessoas trans, nós já deixamos de sair em vários momentos. Porque a gente não quer se expor a esse ódio alheio, sabe? A gente não quer se expor a esse ódio alheio, a gente já está isolada socialmente há muito mais tempo que uma pandemia nos trouxe.

[00:06:53] EM_04 Claro que a pandemia deixou mais aguda, a gente não pôde decidir algumas coisas, mas melhorou muito.

[00:07:04] EM_04 Então eu sinto meio isso, que a gente em relação à rua, é um contexto bem nebuloso, assim, porque às vezes a gente está decidindo sobre a nossa vida, ou morte, que é real, assim, sabe? O caso da Dandara, que é um caso que fica muito marcado, essa travesti que é linchada no Recife por um coletivo de homens cisgêneros, e ela é morta à paulada, assim, no final carregam ela num carrinho de mão, tipo, é horrível. Esse é o cenário da violência social contra identidades não cisgêneras, pessoas trans, muitas mulheres vivem isso, não são só as mulheres trans, muitas mulheres cisgêneras também vivem linchamentos por serem identificadas como bruxas, e isso acontece nas ruas, isso não acontece nos... Todo esse imaginário que fala, assim, de uma situação nacional, eu acho que impacta na forma como eu ocupo a cidade de Pelotas.

[00:07:59] Pesquisadora Já vivenciou alguma experiência assim, negativa, quando tu caminha pela rua?

[00:08:03] EM_04 Já, já vivenciei de só ter do meu lado uma amiga travesti comigo e os Exus e pomba giras, e tá andando na rua, assim, e os caras vindo correndo e dando voadora, assim, ó, passando perto da cabeça minha da minha amiga. Muitas vezes, muitas vezes isso na Bento, já vi isso aqui no bar, por exemplo,

já vivi coisas também, no bar do Zé, já vivi quando eu morava perto do Ango, logo que eu cheguei, tudo, já vivi algumas situações bem marcantes, assim, mas nunca fui agredida, assim, de, tipo, ficar desacordada. Isso não, ficar mal, assim, tipo, não poder levantar, mas já presenciei amigas minhas e já tive que reagir coletivamente pra defender amigas minhas também.

[00:09:06] EM_04 E aqui em Pelotas, aqui na frente do Fora de Hora, então vou botar aqui pra marcar, na frente do Fora de Hora, que não é sobre o Fora de Hora, veja bem. Na frente do Fora de Hora, uma vez um cara, estavam tantos travestis aí, já era umas três da manhã, e aí a gente saiu, tava aqui, não sei o que aconteceu, o cara tava tratando uma das nossas amigas por pronomes masculinos, desrespeitando ela, dizendo que ela não conhecia a mulher, que todo mundo tava vendo que ela tava tentando enganar os outros, e aí ela se irritou e deu um empurrão no cara, o cara respondeu, apanhou, aí se sentiu humilhado, foi pra casa, saiu de carro, pegou uma barra de ferro, voltou com uma barra de ferro, e aí todas as travestis foram pra cima, e uma das travestis pegou uma pedra e tacou no carro, e aí eles voltaram, aceleraram, com tudo, os carros saíram pra casa, dizendo que iam buscar arma. E nisso as travestis já estavam correndo pra lá, e a gente conseguiu se abrigar na Ocupa.

[00:10:32] EM_04 A Ocupa foi o lugar que nos acolheu e nos tirou da rua até que o cara vazasse e tal. Então eu tenho essa memória bem nítida daqui. Como é Rio Grande do Sul, parece que tem uma coisa mais naturalizada com arma, com facão, com esse tipo de arma branca também, sabe? Bem pesada.

[00:10:54] EM_04 Então, o Centro de Artes, por exemplo, é um espaço público, né? E ele é um espaço de muita dúvida. Ele é um espaço que é muito bom porque eu tô aqui pra realizar os meus sonhos, tô aqui pra ter as vivências que eu quero, mas ao mesmo tempo é um espaço público em disputa, os banheiros eles estão em constante disputa pra ser um lugar acessível ou não pra pessoas trans, porque eu já cansei de ficar semestres e semestres sem ocupar o banheiro da Federal. Eu já fiquei assim, pouquíssimas vezes eu ocupei.

[00:11:40] EM_04 E geralmente, e quando eu ocupei, uma mulher entrou e falou assim, nossa, acho que eu tô no lugar errado. Ela me olhou e ela deduziu que com certeza ela estaria no lugar errado. Imagina. E aí, eu sinto que esse lugar é um espaço muito em disputa, num...

[00:11:58] EM_04 A gente sofre muita violência nesses espaços, violência por não poder usar quando a gente toma coragem e vai e usa o banheiro porque precisa, tipo, basic, precisa fazer um xixi, sabe? Direito ou xixi, é tipo isso. A gente entra e tem um monte de... Não tenho nada contra uma vulva, tá, gente?

[00:12:16] EM_04 Nada contra uma vulva, inclusive eu vim de uma, sabe, nasci de parto normal. Então, assim, não tenho realmente nenhum problema. Agora, quando usa isso pra dizer que nós não fazemos parte, que nós não estamos... Quando usa isso pra tentar demarcar que a gente tá sendo intrusa, e aí tem umas imagens que há muito tempo circulam aqui, uns cardezinhos bem pequenininhos por todos os banheiros do Centro de Artes.

[00:12:45] EM_04 E eles são cardezinhos que são artísticos. Mas pra gente, ou pra mim, que sou uma pessoa trans e que vai frequentar esse espaço público, que não é a rua, que é um espaço institucionalizado, mas é público, então se é público é um caminho por onde as pessoas podem cruzar. Eu sempre encontrei umas artes muito cínicas, questionando a presença de um homem. Existe um homem, tem um que é um palhaço, um bobo da corte, todo fantasiado, e embaixo, assim, você viu esse homem, ele fala coisas dentro da minha cabeça, não sei o quê.

[00:13:26] EM_04 Isso nos banheiros. Aí depois, agora tem a nova, a segunda versão, que também acho muito violento, é cuidar com esse homem. Sempre cuidado com esse homem. E aí é uma coisa artística, tu não pode falar porque é arte.

[00:13:41] EM_04 Eu vou questionar a arte, que foi lá arrancar a arte. Sabe? Não, essa arte, quando ela não é arrancada, quem é arrancada sou eu. Eu sou arrancada dali.

[00:13:54] EM_04 E eu já fiquei semestres sem usar o banheiro. Semestres, assim, e não é porque eu não estava com vontade de usar o banheiro. Porque uma coisa é isso, tem gente desse gênero que quase não curta os banheiros, e está tudo bem para elas, porque se elas quiserem entrar sempre elas entram, está garantido. Agora a gente é sempre esse enfrentamento, então, sem dúvida, esse é um lugar muito duplo, dubio.

[00:14:17] Pesquisadora Tu costumas fazer as atividades diárias a pé?

[00:14:27] EM_04 Tudo a pé. Só que, tipo assim, tem um bairro do lado, um negócio, um ensaio. Às vezes depois ensaio, alguma coisa assim, eu uso o Uber. Vamos subir aqui.

[00:14:46] EM_04 Aqui, ó, aqui também é um lugar super dúbio. Sabe por quê? Por que aqui é um lugar super dúbio? Porque é um lugar de maravilha, né?

[00:14:59] EM_04 A gente ama vir para o bar do Zé e se encontrar e tal, mas eu já vi um tiroteio aqui, eu já vi uma pessoa levar um tiro, ficar morta na esquina, e o rolê todo acontecendo. Seguir o rolê. Aqui nessa esquina, naquela, naquele lado ali. Já vi isso acontecer.

[00:15:16] EM_04 E... Ser muito naturalizado. Ai, é culpa do bar do Zé? Claro que não.

[00:15:21] EM_04 Mas, assim, aconteceu aqui e é uma paisagem dupla por isso. Eu já vi muitas cenas de violência aqui também. E também, ao mesmo tempo, já trabalhei muito como artista aqui, então já paguei meu aluguel, mas também já vi, tipo, cenas muito contraditórias. A Universidade Federal aqui e, logo adiante, a periferia ali, muitas vezes sem perspectiva de adentrar esse espaço.

[00:15:49] EM_04 Então, acho que são lugares bem marcados, assim, para mim.

[00:15:54] Pesquisadora Tem lugares ou trajetos na região que tu costumas evi

[00:16:02] EM_04 De noite eu evito a Benjamin. De noite eu evito a Benjamin. Se eu não tenho como...

[00:16:13] EM_04 Até onde tem a Ocupa, eu venho. Pela rua da Ocupa. Que aí eu me sinto segura. Mas, na outra, se eu não tenho opção de, tipo assim, eu sempre tento ir pelas ruas menos movimentadas.

[00:16:31] EM_04 Porque eu tenho a sensação que a gente, enquanto um corpo que é lido, como um corpo mais frágil, sei lá, às vezes tem um corpo ou um corpo, assim, que não precisa ter escrúpulos com você. Quando você está nesse lugar em que as pessoas não precisam ter escrúpulos com você, prefira não encontrar ninguém seu azar de encontrar a pessoa errada, sabe? Então, eu prefiro ir pelas ruas mais pouco movimentadas, assim, para não encontrar pessoas. onde eu sei que não vai ter muito fluxo de carro e tal.

[00:17:07] EM_04 Já me escondia atrás de carro porque eu fugia de carro que eu estava achando que estava me perseguindo, aqui por umas ruas aqui do Porto também. Mas eu acho que é mais isso, assim. A Benjamin, às vezes, eu evito.

[00:17:23] Pesquisadora Já pensou em roupa, assim, já chegou a trocar para sair ou não?

[00:17:32] EM_04 Olha, não, tem estratégias. Você

[00:17:39] Pesquisadora Você Você Você Você Você já pensou se como tu te veste influencia em como você caminha?

[00:17:42] EM_04 Sim, sim. Quando eu estou de cabelo solto, de noite eu não ando de cabelo solto.

[00:17:49] EM_04 De noite. Porque eu sinto que parece que o cabelo solto é uma passagem, primeiro para se sexualizarem e depois para te, em uma última instância, te agredirem. Né? E, tipo, um homem não...

[00:18:04] EM_04 Um homem, quando ele encontra uma travesti, uma pessoa trans ali, uma pessoa não-binária, ele sabe onde está a pessoa. Ele tem um conceito que é: te bato que nem homem. Ele não legitima a minha identidade.

[00:18:24] EM_04 Então ele vai me bater como ele acha possível. Ele acha que homem tem que apanhar que nem homem e eles batam e matam que nem homens. Né? Então, para mim, isso é a pior coisa, assim, sabe?

[00:18:37] EM_04 E eu acho que é o medo que ele se instaura, de alguma maneira, de uma maneira tão perigosa, né? Eu já conheço... Tive uma prima que foi... Sofreu um feminicídio com 35 anos do namorado dela que estuprou, cortou a cabeça dela, sabe?

[00:18:57] EM_04 Coisas horríveis. E isso me faz ter medo. Por outros motivos, né? Não enquanto a condição dela, como mulher, negra, cisgênera, mas como pessoa trans, de ver que as pessoas podem ser muito perversas, assim.

[00:19:15] EM_04 E às vezes eu tenho medo, assim, do meu vizinho, que eu não conheço, sabe? De quem pode entrar no pátio da casa que eu moro. Né? Então a gente nunca tá livre, assim, dessas...

[00:19:30] EM_04 Desses cenários. E eu acho que o Centro de Artes é muito berço de contradições. Porque ele te protege, talvez, de uma morte física, mas ele não te... E até por ali, né?

[00:19:44] EM_04 Porque eu já vivi, morei em casa com outras pessoas trans, que pra conseguir ir pra um estágio, né, não sei o que, precisava se cortar. Né? E isso tem tudo... Tá tudo muito conectado, né?

[00:19:58] EM_04 Porque aí essa é a pessoa que também não sai na rua porque tem medo. Né? Essa é a pessoa que não sai na rua porque tá cansada ou não adianta nem medo. Hoje eu não quero ser chacota de ninguém. Né?

[00:20:12] EM_04 Né? Então é como que a cultura de gênero, ela conduz a nossa forma de habitar o espaço ou não habitar o espaço. A gente não habita o espaço. A gente tá sempre fazendo o cálculo onde eu vou ser menos agredida.

[00:20:28] EM_04 Né? Então... Eu sinto isso, assim, e aí se tu se sente tão violentada num contexto desse, como é que tu vai querer se sentir pertencente de um lugar que te violenta? Né?

[00:20:41] EM_04 Se eu vou na aula e o meu professor toda vez dá exemplo machista de música ou transfóbico ou usa critérios somente biológicos pra pensar processos de anatomia desconsiderando, por exemplo, situações antropofisiológicas, né? Que é como o contexto antropológico, antropológico da pessoa modifica a fisionomia. Eu vivi isso na minha carne. Sabe?

[00:21:12] EM_04 De transicionar de gênero e sentir muito mais livre agora de expressar o meu gênero e de repente ser rastreada e punida. Né? Bem Foucaultiana. Rastreada e punida por isso porque a gente é, né?

[00:21:32] EM_04 E na hora que as pessoas precisam tripudiar matar ou rir de alguém nós somos eleitas. Então eu sinto um pouco disso. Então é pacífico andar na rua? Depende.

[00:21:46] EM_04 E aí vou confrontando esse processo antissocial que se traz também, né? Porque se traz uma antissociabilidade horrorosa, né? E a gente é artista. As pessoas querem que tu esteja sempre bem, brilhante, radiante, né?

[00:22:01] EM_04 E as vezes o pessoal tá tentando se manter dentro do próprio corpo. Eu acho que tá tudo muito perto do centro de artes assim, na minha experiência.

[00:22:15] Pesquisadora Tem algum horario que tu prefiras caminhar?

[00:22:35] EM_04 Prefiro de dia. Por todas essas questões. E com certeza o critério é segurança, né?

[00:22:42] Pesquisadora Sozinha?

[00:22:43] EM_04 Sozinha só se for de dia. De noite, só se eu estiver em outra cidade. Se eu estiver na minha cidade natal.

[00:24:17] Pesquisadora O que faz o caminhar ser uma experiência positiva pra você?

[00:24:23] EM_04 A Nina Simone fala que ser livre é não sentir medo. É isso que faz uma experiência de caminhada ser boa pra mim. Quando eu tô tão à vontade, seja por estar com alguém, ou seja por estar caminhando num lugar que eu me sinta mais à vontade, que isso me faz muito bem.

[00:24:42] EM_04 Agora, se eu preciso ficar... Sabe quanto precisa ficar muito atenta? Se eu preciso ficar muito atenta pra me sentir segura, eu não gosto. Tipo assim, ficar tendo que olhar demais pros lados, porque a qualquer momento pode...

[00:25:00] EM_04 Isso acaba comigo. Então, eu prefiro, às vezes, não caminhar, não sair de casa, do que sair e me sentir insegura. A vida é muito valiosa, sabe?

[00:25:12] Pesquisadora Em relação agora a outros tipos de segurança de trânsito, segurança de estrutura, por exemplo, obstáculos visuais, iluminação, buraco, tu percebe essas coisas e isso te faz alterar o teu caminho?

[00:25:33] EM_04 Com certeza. Se eu tô numa rua que é mais escura, ela, com certeza, já tá fora da minha rota. Até porque, na maioria das vezes, a gente tá caminhando sozinha, a gente tá na correria de um lado pro outro. Então, eu evito ruas escuras, coisas muito...

[00:25:55] EM_04 Sem luz, assim. Porque eu sei que isso impacta muito na nossa segurança, assim. Buraco nem tanto, né? Você tem um buraco na rua, mas é porque eu não sou PCD.

[00:26:09] EM_04 De repente, se eu fosse PCD, o negócio seria... sentiria a coisa bem mais... Uma pessoa PCD nas ruas do porto, nossa! Sofre até pra subir uma calçada, sabe?

[00:26:20] EM_04 Então... Não é uma coisa que impacta a minha vida, a condição que eu tenho, né? Mas... Eu vejo que faz muita falta né essa acessibilidade, assim.

[00:26:34] EM_04 Até pra pessoas cegas ou com baixa visão, acho que já é complicado, sabe?

[00:26:39] Pesquisadora Tu acha que a tua cor impacta de alguma forma tua forma de caminhar?

[00:26:50] EM_04 Eu acho que sim. Eu sou uma pessoa branca e aí eu tenho os meus privilégios em função disso, né?

[00:27:04] EM_04 Talvez eu não seja abordada pela polícia por ser uma pessoa trans branca. Talvez eu não seja o alvo da polícia justamente por ser branca. Mas eu sinto que por ser trans, principalmente quando eu estou em espaços que são só de pessoas brancas, eu sou marcada como uma pessoa trans. Eu sou a outra, né?

[00:27:28] EM_04 Não conquistei algumas dignidades. Então eu sinto que a minha cor impacta. Com certeza.

[00:27:37] Pesquisadora Tu acha que tem alguma outra característica tua que impacta na tua experiência de caminhar?

[00:27:46] EM_04 A minha feminilidade, a minha não binariedade, essa coisa de andar na rua com um hibisco atrás da orelha, com uma saia e um bigode, as pessoas dizem que é lindo no palco, que é lindo enquanto metáfora artística, mas se você quiser ser isso, ser isso na sua vida, aí as pessoas se opõem, porque eu acho que elas se sentem afrontadas.

[00:28:15] EM_04 Foram ensinados tanto o que é ser homem, ser mulher, que quando alguém ousa não ser isso, parece uma heresia.

[00:28:28] Pesquisadora O que te impede de caminhar mais?

[00:28:45] EM_04 O que me impede de caminhar mais? Parece repetitivo, mas é a segurança. A

[00:28:53] EM_04 A minha resposta parece repetitiva, mas é real, é segurança. Caminharia muito mais se eu me sentisse segura. Adoraria caminhar olhando as estrelas de noite, vir até aqui, no quadrado, curtir um momento de noite.

[00:29:11] EM_04 Adoraria.

[00:29:11] Pesquisadora O que você acha que precisaria para você se sentir segura?

[00:29:15] EM_04 Mais luz, mais iluminação no caminho. Criar um contexto em que as pessoas não precisam ter uma.

[00:29:30] EM_04 A pessoa que está fazendo a refeição acaba se sentindo mal. Tem tanta gente passando fome que chega a se sentir mal de almoçar.

Teria que diminuir essas desigualdades. Claro que a gente está metaforizando, mas eu acho que é isso.

[00:29:50] EM_04 As pessoas precisam ter mais oportunidades porque elas não precisam de repente ter que abordar alguém, pegar alguma coisa para sobreviver, para se manter. Acho que é um buraco muito embaixo. Muito concretamente, mais luz faria isso.

[00:30:07] Pesquisadora Policiamento?

[00:30:08] EM_04 Eu acho que o policiamento só iria reprimir as pessoas.

[00:30:14] EM_04 Não iria reprimir, de repente, a gente de vir aqui fumar unzinho, não fazer mal para ninguém. De vir aí com os nossos amigos e de repente os nossos amigos negros, mas de repente os nossos amigos chegam aí e são abordados porque essa polícia é racista, está no pacote. Então eu sinto que talvez traga essa ideia de segurança para algumas pessoas, mas não sei.

[00:31:05] EM_04 Vamos mais perto. Aqui é um lugar de muito bem-estar. E, no entanto, no meu primeiro álbum, eu fiz uma foto aqui.

[00:31:44] EM_04 E é isso, de ser um lugar que a gente precisaria ter mais áreas de convivência. Na beira de um espaço de.... uma área como um quadrado que tem um espaço bem natural e que as pessoas podem chegar e curtir, ficar um pouco aqui. Essa região tão diferente do que me contaram quando eu cheguei em Pelotas.

[00:32:13] EM_04 Super demonizavam essa região quadrada como um lugar de assalto. E o que eu vejo, na real, são famílias, final de semana, pescadores, espaços comerciais, agora a Polícia Ambiental, mas antes não tinha. E eu já me sentia super bem em estar aqui. E eu acho que atrapalha também, às vezes, um pouco a ocupação da cidade.

[00:32:38] EM_04 São os imaginários que a gente tem em relação a estereótipos como pobreza, vulnerabilidade, marginalização. Então eu acho que, às vezes, os imaginários que a gente tem sobre a cidade impedem a gente ocupar a cidade e ver o que realmente é e não ficar só nesse inconsciente coletivo. Então, vou até tirar mais uma verdinha daqui, porque esse lugar é muito necessário. E o Instituto Hélio d'Angola.

[00:33:09] EM_04 Um instituto vital fazendo um papel muito importante para cá e de desestabilizar um pouco esse imaginário que se tem dos

lugares que muitas vezes são tidos como mais empobrecidos. E é uma região que eu gosto muito aqui. Acho que também a imagem lá de Iemanjá, das Senhoras das Águas lá, é um lugar que também traz uma... um certo aterramento nesses imaginários também.

[00:33:52] EM_04 Acho que o sagrado é muito um ponte para a gente ressignificar esses lugares. E eu lembro que aqui, eu sempre vim cultuar imagens aqui, sempre vim cultuar orixás, entidades aqui nessas águas. E quando construíram aquela capela, eu acho que acentou, falou sim, esse lugar é muito espiritualizado também. E traz um outro imaginário, de repente as pessoas sentem mais a vontade ainda para vir aqui trabalhar em sua espiritualidade.

[00:34:25] EM_04 Eu gosto muito daqui. Acho que é um dos lugares mais interessantes que tem no porto. E eu gosto do Anglo também. Principalmente pela possibilidade de ver as águas assim, mas...

[00:34:40] EM_04 Acho o deslocamento até o ângulo a pé complicado, ainda mais eu que não uso bike. E às vezes eu sou uma pessoa que não uso bike, mas tem muita gente que não usa bike, porque eu posso pagar um Uber de vez em quando, talvez por isso que eu não tenho uma bike. Mas tem gente que só anda de bike, tem gente que não anda nem de bike, que não tem como comprar a bike. E aí acaba ocupando menos ainda esses lugares, esses espaços.

[00:35:10] EM_04 E eu acho que é isso. Acho que a gente vai... tem tanta discussão que se levantou nos últimos anos em relação à segurança de quem não é padrão, hegemônico ali, que a gente de alguma maneira também precisou criar táticas. E aí às vezes as táticas é não estar.

[00:35:33] EM_04 Às vezes tem alguns lugares que você não vai. Tem alguns lugares que você tem muito jacaré e a capivara não vai. E às vezes é isso. Eu não vou ir num lugar que eu sei que tem encontro de pessoas que são bolsonaristas, que são assumidamente racistas, misóginas, homofóbicas, transfóbicas.

[00:35:57] EM_04 Eu não tenho porque estar nesse lugar. Então às vezes a gente deixa de ir porque a gente tem que voltar pra casa. A gente vai nesses lugares e a gente encontra as pessoas sobrias, mas na saída a gente encontra as pessoas bêbadas. E um jovem de classe média, bêbado e depressivo é babado.

[00:36:16] EM_04 Faz misúrias. Vide todos os casos de violência com moradores de rua que são queimados, que são acordados com álcool e fogo ou banho frio. Porto Alegre, Itaí. Então, não sei, acho que esse imaginário é muito forte.

[00:36:34] EM_04 Tem um certo terror das ruas.

[00:36:38] Pesquisadora Só pra encerrar, se isso quer dizer que passou mais alguma coisa? Lembrou de mais alguma coisa?

[00:36:47] EM_04 Eu acho que no mais é isso.

[00:36:52] EM_04 De entender que existem aqueles lugares que muitas vezes são tipificados como lugares que são marginalizados mesmo, mas que produzem muitas seguranças pra gente. A Oca durante muito tempo foi esse lugar também que tu podia ir pra Oca, tinham moradores ocupantes da Oca que estavam lá ocupando aquele espaço e transformando aquele espaço num espaço em que tu se sentia segura de estar. Em que as pessoas que estavam ali também se sentiam engajadas com essa necessidade de transformar o espaço num lugar seguro. Em especial pra quem tava sofrendo racismo, transfobia, misoginia, machismo, enfim.

[00:37:38] EM_04 Alguma violência de gênero. Então eu sinto que a gente precisa tá ocupando mais esses espaços mesmo pra tentar criar esses espaços de uma maneira mais palatável pra gente. Que seja mais de boas pra gente ocupar. Porque pra terminar, tem uma música que é assim "Como é difícil tornar de ser herói, só quem tentou sabe como dói, vencer Satã só com orações."

[00:38:13] EM_04 A cidade é deles, eles decidem as leis, eles decidem onde tem luz onde não tem, onde tem asfalto onde não tem, onde tem saneamento básico onde não tem, onde é lugar empobrecido onde não é. Porque que o investimento do centro se gasta na casa do milhão pra reformar uma praça no centro da cidade e não se gasta um milhão reformando um bairro? Porque é isso, são os cartões postais então eles têm o dinheiro e a gente tem o que? As nossas preces contra Satã.

[00:38:48] EM_04 A gente tem a nossa fé de que um dia as coisas vão mudar, de que um dia sei lá, se não mudar pra todo mundo que um dia eu vou ter um carro pra me deslocar e poder me segurar e de repente dar uma carona com umas amigas. A gente só encontra um pouco na real. Então acho que é isso.

[00:39:08] Pesquisadora Lembrei de outra se tu acha que essas atividades como sofá na rua tu acha que muda a questão do bairro, de segurança?

[00:39:18] EM_04 Acho que muda. Acho que a muda mas aquela coisa sofá na rua também é uma experiência mais classe média atualmente acho que ela já foi uma experiência mais popular mesmo em que eu via a galera dos bairros

indo pro sofá na rua e de repente não só e aí também assim você é identificada nessa entrevista ou não? Não. Pode falar o que quiser.

[00:39:50] EM_04 Outroporto como patrocinador cultural ele te usou o nível da experiência cultural pra um outro lugar. Claro que a gente quer o investimento que as empresas de repente se tornem potencializadoras de práticas culturais mas a gente tem que fazer uma crítica que muitas vezes se gourmetiza o espaço se gentrifica o espaço expulsa algumas pessoas pra que outras possam caber. E aí como que tu faz isso? Tu não diz que não pode de pobre.

[00:40:19] EM_04 Não, você vende um churros a 10 reais você vende uma coca-cola a 7 ninguém expulsa ninguém de um bairro imobiliário você aumenta o preço do aluguel se gentrifica então eu sinto que essa experiência do sofá na rua sim, muda a qualidade, muda a experiência da cidade pra muitas pessoas mas pra gente que vai e volta de a pé que a gente precisa ou paga o teu Uber ou guarda pra tomar alguma coisa lá pra gente eu não sei se muda tanta experiência que a gente volta a pé e de repente... de repente a galera sabe que tem uma galera que vai voltar a pé e aí tempo tem que esperar pra saltar então assim, é contraditório... é contraditório mas eu sinto isso que o sofá na rua e outras experiências populares de rua o próprio Batu Cantada, os próprios carnavais de rua eles são experiências que eu acho que aí sim a gente toca nesses diversos públicos, que aí tem gente com as médias mas tem também pessoal que traz a sua cervejinha ali no isopor e vem curtir volta pra casa em família ou todo mundo a pé ou todo mundo de carro mas que tem essa possibilidade de deslocamento a minha única crítica é essa certa elitização num bairro super periférico como o Porto porque o Porto ainda é um bairro periférico não é tipo não tem saneamento exposto em todas as partes, mas a gente encontra isso, a gente encontra pessoas que passam fome nesse lugar e aí como que esses eventos são pra essas pessoas se você tá passando fome você vai ao sofá na rua, sabe? então eu fico pensando um pouco sobre isso... eu acho que sim, mexe na segurança mas... não mexe na segurança de todo mundo mexe na segurança de algumas pessoas eu acho que sim causa essa mudança

[00:42:28] Pesquisadora Acha que muda a dinâmica do bairro?

[00:42:31] EM_04 Muda sim até pra criar esses outros imaginários porque de repente o Porto não é só o lugar onde tem o Porto onde tem o Porto aqui das cargas e tal onde tem as casas, as madeiras ele é o lugar onde acontece o sofá na rua isso é interessante, onde acontece onde tem o Instituto Hélio d'Angola onde

tem a Batucantada onde acontece um monte de coisa e aí essas ações culturais são importantes nesse sentido dizer que não é só o que o imaginário nos traz não é porque não é asfaltado até aqui que essa rua é pior do que outras partes da cidade para se estar mas eu fico pensando sempre isso em quem que a gente está pensando? em quem que a gente está pensando quando a gente está investigando essa experiência? Porque até pra gente que vem para o PEL e que cortam o dobrado se fode para pagar aluguel, comer, se deslocar vestir durante o tempo de uma graduação até a gente que se fode ainda está num lugar de privilégio em relação a muita gente que não consegue acessar essa experiência e que mora aqui, que sonha e que não consegue entrar às vezes sinto que são muitos recortes e aí como estudante é esse olhar que eu tenho porque é isso, tem estudante que vive com cinco mil por mês tem estudante que vive só com a bolsa e que é quatrocentos reais, mas é isso esses mesmos estudantes são dentro da mesma universidade sendo cobrados e aí tu vai tem as tuas dez disciplinas obrigatórias ali no primeiro semestre beleza, tem as dez disciplinas aí você reprova teu score vai ficar mais baixo igual a hora que você vai conseguir solicitar uma vaga você não é prioridade mesmo que você esteja regulado no curso, então é difícil de conseguir bolsa o sistema é deles também e a gente só tem orações a gente tem orações contra satanas e fé e é isso, né? Deus lhe pague.

[00:45:06] Pesquisadora Tem alguém que precise dos teus cuidados?

[00:47:52] EM_04 Não, não tem assim mas já convivi assim muito com a gente enquanto grupo a gente cria estratégias de tipo assim não dá por sozinho então a gente sempre chama alguém pra ir junto sempre ter uma trava amiga junto

[00:48:19] Pesquisadora As atividades de cuidado que eu falo assim alguém que tu leve um rancho que tu cuide ou que tu tome conta de um sobrinho...

[00:48:31] EM_04 Não assim tão oficializado não mas a gente tem é isso que eu digo essas redes de apoio não é só sobre a gente se deslocar pros lugares as vezes a minha amiga hoje mandei dinheiro pra minha amiga que ela não tinha o que comer então também uma pessoa trans afro-indígena com homicídio aqui do Rio Grande do Sul Pinheiro Machado que também habitou muito as ruas aqui de Pelotas né já sofreu as dela aqui é isso mais redes de apoio assim informais nossa.

[00:49:16] Pesquisadora Obrigada pela entrevista.

APÊNDICE F – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_05

[00:00:01] Pesquisadora Tá gravando. E aí eu vou deixar o gravador aqui com você. Tá. Vou ligar o Strava pra marcar o ponto que a gente tá, porque depois a minha memória pode falhar. E aí, tô aqui. E o meu bloquinho vem na mão, qualquer coisa eu anoto. É muita coisa, né?

[00:01:06] EM_05 Então.. bah, não é barbada. Eu, a minha, tô remando ainda pra terminar. Ai, não é fácil. Instituto, casa, mais estudo, meu Deus.

[00:01:16] Pesquisadora Tens filhos pequenos?

[00:01:19] EM_05 Tenho.

[00:01:20] Pesquisadora Que idade?

[00:01:22] EM_05 Tenho o (nome do filho), que tem quatro anos. E tenho o (nome do filho) também, mas já tá grande, né? Que tem 18 anos. Mas tá um homem.

[00:01:38] Pesquisadora Tu vai escolher por onde tu quiser caminhar, tá? O outro, que é um trajeto que eu gosto, que eu conheço, ou qualquer coisa que a gente puder estudar. E a câmera...

[00:01:50] EM_05 Ah, eu adoro, pra registrar qual os dois.

[00:01:53] Pesquisadora A câmera é pra tu registrar coisas que tu acha que são positivas e que são negativas.

[00:01:57] EM_05 Ah, então eu já vou começar por essa rua, que eu acho que ficou muito bom, né? Eles terem asfaltado, arrumado a nossa entrada, até o acesso do quadrado. Só que, tipo, eles vêm até a Patran. Demais.

[00:02:10] EM_05 Bom, tu vem aqui todo sábado, tu sabe que é tortura, né? Desse.. da entrada aqui de casa, que eles não terminaram, eles ficaram de voltar pra arrumar o quadrado. E não voltaram, né? Nossa entrada tá assim, "maravilhosa". E essa pracinha só tá organizada porque é a Sagres que mantém, né? Nem a prefeitura.

[00:02:35] EM_05 Então, tipo...

[00:02:37] EM_05 O acesso bom é até aqui mesmo. Tanto que esse dia tinha uma baita de uma cratera aqui, e eles vieram só arrumar até aqui já, ao invés de aproveitar e arrumar o resto. É, só chegaram aqui mesmo. Mas, demais, aqui é um lugar que eu amo estar, né?

[00:02:54] EM_05 Tanto que eu tentei ir embora, eu vou ali, com a minha irmã, antes do meu pai falecer, e eu não consegui ficar lá. De jeito nenhum, eu sonhava com o quadrado todos os dias. E hoje em dia eu tô aí, né? Na função, tentando fazer o máximo que dá pra comunidade. Agora a gente vai pra uma rua ali também, que eu adoro bastante de estar, mas tá bem danificada, já prometeram um monte. Diz que tem... Diz que tem... No papel que tá arrumado lá, mas não tá. Como várias ruas da cidade de Pelota, diz que no papel tá asfaltado, arrumado, chega nas comunidades, não estão, né? Então, é isso.

[00:03:40] EM_05 Agora ali onde a gente vai passar também, que é a esquina onde eu cresci, na verdade, né? Sempre ficava naquela esquininha ali, porque o acesso é bem ruim, eu adoro passar por ali. Eu passo, bem dizer, todos os dias ali, né? E o acesso é horrível.

[00:03:57] Pesquisadora Tu mora e frequenta aqui, o bairro, há quanto tempo?

[00:04:00] EM_05 Desde que eu nasci, há 33 anos. Cresci aqui. Da época que mal tinha casas, que eu atravessava pelo banhado pra vir aqui pro pai, pelo pátio da minha avó Lucy.

[00:04:19] Pesquisadora Quais são os sentimentos que te vêm quando tu pensa em caminhar nas ruas? Primeiras coisas que vem na tua cabeça, que sentimentos?

[00:04:30] EM_05 Nossa, de liberdade. Eu adoro sair pra caminhar, né? Pedalar.. Eu me sinto muito livre.

[00:04:37] EM_05 Na questão dos pensamentos e da gente poder... Porque, na verdade, a gente é livre, mas nem pra fazer tudo que a gente quer, né? Por mais que a gente seja livre, a gente não pode fazer tudo que a gente quer. Mas o fato de caminhar... Como eu digo: a gente levantou, abriu os olhos, já tá tudo certo. Ainda mais quando a gente consegue sair pra caminhar assim e botar a cabeça em dia. Eu adoro sair pra caminhar e geralmente eu tô sempre com o meu marca-passos, que eu digo que é meus fones, né? Que me levam além. E eu acabo, com a música, observando várias coisas que às vezes a gente passa ali despercebido e não percebe, né?

[00:05:22] EM_05 E eu vejo que até o meu pequeno tem bastante dessa função. Às vezes eu passo por lugares e eu digo: "a gente já passou aqui". Ele

fala, eu digo, meu Deus. Imagina, ele tinha três anos, dois anos de idade. Como que consegue gravar os lugares, né? Tipo, de passar perto. É muito engraçado isso. Tu costuma

[00:05:50] Pesquisadora Tu costuma andar sozinha?

[00:05:53] EM_05 Eu ando bastante. Na verdade, eu pedalo mais do que eu caminho, né? Eu digo que a bicicleta é minhas pernas. E, geralmente, eu vou quase todos os domingos pedalando até o Laranjal, que eu amo. E geralmente eu faço esse trajeto, eu saio por aqui também e vou por baixo. Ainda mais agora que ali na Balsa eles estão arrumando todo o trajeto até a praia, né? Então tá bem bom de passar por ali agora.

[00:06:21] Pesquisadora E à noite?

[00:06:23] EM_05 À noite eu pedalo, mas é menos. Mas eu pedalo à noite. É que à noite, geralmente, a minha mãe... Desde pequena, né? A mãe sempre me diz que é perigoso. Como tudo. Até pra te ir na água com o caiaque. As pessoas aconselham a não ir sozinha. Então sempre à noite, quando eu pedalo, eu sempre tenho que convidar um amigo, uma amiga pra sair a pedalar comigo. E

[00:06:45] Pesquisadora E E como é que tu te sentes quando tu vai caminhar à noite?

[00:06:50] EM_05 Diversas formas. Tem ruas que tu não te sentes 100% segura, né? Não te sentes segura. Porque... Hoje em dia... Hoje em dia não. Tá pior ainda, eu acho, né? Essa função aumentou muito o número de viciados. E aqui é um lugar onde eu adoro estar. Aqui agora tem esse palquinho, mas não tinha. Eu sempre sentava ali. Ai, essa visão é maravilhosa, tu não acha? Aqui é a rua onde o acesso é horrível. Nós vamos passar agora aqui. Fazer a volta. Essa ruazinha poucos conhecem.

[00:07:21] EM_05 Esses dias o Uber veio me pegar aqui na mãe e disse: "Ai, isso aí é onde?" Eu disse, não, vai sair no quadrado. E ele: "ai, nem sabia, nem conhecia". Eu disse "Não, muita gente não sabe que tem esse beco." Na verdade, é um beco, né? Que é bem escuro à noite.

[00:07:37] EM_05 Aqui é muito escuro. Tu tem que passar com a lanterna do celular pra passar, porque não tem luz aqui nesse poste. E agora, a CEEE tá pra arrumar, né? Mas... Sabe como é? Estão pra arrumar os postes que ficaram caídos ainda do temporal e não arrumaram, então... O que é botar luz aqui? Não vão.

[00:07:57] EM_05 E aí é muito escuro aqui à noite, bah. A minha mãe nem sai aqui porque ela tem medo de cair num buraco, assim, e se machucar. Então, geralmente... A minha mãe foi até que passou ali e me gritou, mas eu disse que não podia falar na hora. Conhece a mãe, né? Aí a mãe mora aqui, ó. Nessa casa 35. Aqui foi onde eu nasci. E o pai sempre esteve lá, né? Aí a gente ia pra lá sempre corretiando pelo meio do banhado, que agora não dá mais pra passar. Tem casa, casa, casa.

[00:08:30] Pesquisadora O que tu gosta aqui, da região?

[00:08:39] EM_05 Ah, eu gosto da tranquilidade e da paz, porque aqui eu sei que eu posso andar até a hora que eu quiser e que nunca vão me assaltar. Aqui é super tranquilo pra isso, assim. Tipo, de eu deixar a porta aberta ali de casa e vir aqui na mãe, eu sei que ninguém vai mexer também.

[00:08:57] EM_05 A mãe- às vezes eu fico furiosa com ela-, porque eu chego aí, abro a porta e falo: "Ei, cadê a mãe?" "A mãe tá cortando lenha aqui numa quebrada e a porta aberta. Eu digo: "tu tá arriscando demais. Uma hora vão ver, tu tá sozinha aí..." Porque aqui acontece agora bastante... A função do quadrado tá mais movimentada. Então tem muita gente que não é daqui, né? Que vem de fora, então.

[00:09:19] Pesquisadora O que que é um dia típico na tua rotina?

[00:09:46] EM_05 Levar o meu filho pra escola.

[00:09:49] EM_05 É assim, né? Muito... Eu acho que a gente pode ir.. Até pelas ruas do... É pelo porto, né? Então a gente vai subir ali, até por uma... Um bairro com uma... As garagens ali que tu não conhece, que é o pessoal mais pobrezinho que eu ajudo. Aqui, a gente ajuda aqui da comunidade. Os mais perto são os mais...São vulneráveis mesmo.

[00:10:12] EM_05 Bom, aí eu levo o [nome do filho] pra escola. Quando eu não tenho ensaio pela manhã, eu vou pra casa, organizo a casa. E depois tem as atividades de instituto, né? Que eu sempre tenho roupa pra doar, tem que montar a aula que eu vou dar à noite. E aí quando ver já passa o horário, já tem que pegar o [nome do filho] quatro e meia na escola. Aí quando eu não tenho que deixar ele aqui na mãe, eu tenho que esperar o Felipe chegar pra eu poder ir dar a aula, mas tipo... Geralmente os dias sempre são cheios. Geralmente o meu dia mais tranquilo é na sexta. Que eu tentei deixar poucas coisas pra sexta, pra pelo menos eu relaxar, que é sexta-feira, né? Então eu sempre tento deixar o máximo de coisa pra fazer na sexta-feira.

[00:10:56] EM_05 E tem o sábado também, que eu sempre acabo trabalhando, que tem doação. E tem as meninas do BatuCantada também, que eu sempre tento deixar o lugar organizado. Então, a minha folga, quando eu tenho mesmo, é no domingo. Quando eu tenho, né? Porque igual tu sabe. Na real a gente nunca tem, porque no domingo tu tem que montar alguma coisa pra ti montar a tua semana. Eu tava trabalhando com a agenda e tive que botar também na agenda do celular, porque tipo, eu tava esquecendo de coisas da agenda igual. Então agora eu tenho o celular, que é mais fácil, né? Eu boto ali a minha atividade, o horário um pouco antes, que aí tá dando super certo assim.

[00:11:31] EM_05 Aí aqui é o... É... que falam garagem, né? Aqui é um lugar onde a gente ajuda bastante o pessoal

[00:11:41] EM_05 Que vem pra visita e que nunca ficou de bordo aqui. Muito. Porque a gente tá tentando sempre resgatar as crianças, que é difícil dizer em público. Difícil, imaginar. É tempo.

[00:11:53] EM_05 Mas é um lugar lindo aqui mesmo. Tu vê lá no fundo...

[00:11:57] EM_05 Da o São Gonçalo. Aí lá no fundo lá, dá o canal. Aí sai nas águas.

[00:12:04] Pesquisadora Ah, aqui tem como costear as águas?

[00:12:05] EM_05 Isso, tem. Nas águas sagradas. Aqui agora tão limpando, acho que vão precisar. É verdade, tem bastante gente agora. Ah, isso é horrível aqui. Agora parece que tão arrumando, né?

[00:12:24] EM_05 Agora parece que limparam,

[00:12:25] EM_05 Mas tipo, a galera não ajuda.

[00:12:27] EM_05 Eu tenho que saber tipo de roupas que eu dou pro pessoal daqui,

[00:12:32] EM_05 Porque eles... Tu vê, né?

[00:12:33] EM_05 Muita roupa fora, muita coisa. Eles não lavam roupa. Tem muita gente vulnerável assim, que não é de lavar roupa. Tem gente que reclama que não tem sabão, mas não, acho que é relaxamento mesmo. Porque minha mãe muito lavou com sabão de pedra a nossa roupa quando era criança. E meu pai dizia que sinal de pobreza não é questão de ser relaxado. Eu cresci escutando isso. Eu podia andar com roupa rasgada, mas as minhas roupas sempre eram limpas. Então acho que isso também vai, às vezes, na criação do que a gente recebe, né?

Apesar de ser... Claro que a gente tem menos condição as pessoas assim vulneráveis. Até a questão de educação, porque já vem uma mal-educação, né? Que diz que botar lixo no chão. Essas pequenas coisas que a gente tenta ensinar até as crianças lá, mas é uma luta constante de diversas coisas porque em casa eles não recebem, né? Essa função de... O Marquinho mesmo aqui da Sagres, ele tinha botado um tonel ali pra botar o lixo. Cadê o outro, né? Ele nem sabe, só sumiu. E é isso aí,

[00:13:35] EM_05 Fizeram um trabalho

[00:13:37] EM_05 Com diversos artistas, fizeram essa arte aqui que até o pessoal achou muito legal. Dali vieram as crianças, claro, parceiras, olhando o pessoal grafitar. Querendo ou não, é a arte na comunidade, né?

[00:13:49] EM_05 E isso

[00:13:50] EM_05 É muito importante de ter. Pra tentar também, de alguma forma, resgatar. Onde eu digo, onde a gente salva de 10, 1, né? Já é alguma coisa que a gente teve, porque a gente teve adolescentes

[00:14:06] EM_05 Que se perderam, que estão no crime agora.

[00:14:09] EM_05 Mas é isso, é um, dois. Alice conseguiu se formar, terminou média, agora tá fazendo faculdade. E tudo isso lá no projeto. Então, tipo, a gente sabe que tá fazendo bem pra algumas crianças, né?

[00:14:21] EM_05 Adolescentes

[00:14:24] EM_05 Que sentem falta de mais atividades. Eu até queria ter mais, só que tem que ter alimentação, porque é uma coisa que chama eles também. Ah, mas demais é isso.

[00:14:39] Pesquisadora Então...tu tem uma criança pequena né? Como é pra ti as questões de cuidar do filho com o trabalho?

[00:15:04] EM_05 A correria com a criança.

[00:15:06] Pesquisadora E como é que é? Tu divide com o teu marido esses cuidados?

[00:15:10] EM_05 Ele é muito parceiro quando ele tá em casa,

[00:15:12] EM_05 De tipo...ele chega do trabalho, o banho é com ele. Ele sempre dá banho no (nome do filho), porque eu pego na escola, ele não consegue já pegar. Tipo, agora de manhã ele foi em casa, ele foi levar ele na escola, aí o (nome do filho) diz, ah, eu quero que o banho vá, aí eu acabei indo junto, mas geralmente quando é um é o outro. Mas às vezes ele quer que os dois levem, né? E como rolou hoje de dar causalidade dos dois estarem em casa pela manhã, mas geralmente é eu

que levo e pego. Estragou o carro, antes era o Felipe que levava e eu pegava, só que aí agora como tá sem carro, ele tá tendo que trabalhar de bike, ele acaba saindo mais cedo. Não tem como ele levar o (nome do filho) ir pra escola. Mas a gente racha super bem as tarefas, ele é bem pação. Até demais, ele até mima o mastodonte, eu tô sempre tentando equilibrar, porque depois quando ele não tá, quem sofre sou eu, né? Mas é uma figura, mas a gente racha bastante as tarefas. É com a casa também. É

[00:16:07] Pesquisadora É parceiro?

[00:16:08] EM_05 Sim, parceirão.

[00:16:09] EM_05 Tipo, se eu faço a comida, ele lava a louça, se eu vou estender a roupa, ele varre a casa, arruma a cama. Agora ele tava na função do vaso, ele disse, não, deixa que eu arrumo as camas, porque eu só tenho reunião agora às nove, e aí depois só tenho compromisso à tarde. Aí tá, ele ficou fazendo as coisas dele, mas ele é um bom pai, um bom companheiro, né? Porque senão eu nem estaria com ele também. Porque tem muito dessa coisa hoje em dia, sabe? Da mulher ter que se desdobrar e fazer mil coisas, e o homem só trabalhar, mas a mulher também trabalha, então, né? Dependente, como eu digo, esses dias eu falei pra uma mulher lá, dizendo, ai, porque não sei, o gurizinho, e eu tenho pavor dessa coisa, porque o meu guri, ele já tem da escola essa coisa. Ai, você é de menina, mamãe, você é de menina. Eu disse, não, meu filho, tu pode usar o que tu quiseres. Que nem eu digo já, que ele incomoda os gatos e os filhos, os gatinhos são livres. Tu também, tu gosta que a mamãe fique te agarrando toda hora? Não, então, então deixa ele ser livre, hein? E eu passo muito essas coisas pra ele e o pai dele também, que é uma coisa que eu sei que é da escola. E aí eu falei pra mãe da criança, eu não crio o meu filho pra ser, ai, o homão, eu crio ele pra ser uma boa pessoa. Não sei se ele não vai seguir, não sei o que ele vai ser.

[00:17:28] EM_05 Eu não sei o que que ele vai ser, né? Eu falei, eu só quero que ele seja uma boa pessoa, independente do relacionamento que ele esteja, né? Com homem, com mulher, com três, quatro pessoas, não importa. Quero que ele se respeite, seja uma coisa que não engane ninguém, eu só quero que ele seja uma boa pessoa, independente do sexo que ele, que dá uma coisa, assim, quando as pessoas já botam aquilo na criança impregnada. Não, tu vai casar com fulano, vai ser isso e aquilo. Não, ele vai ser o que ele quiser. E a gente também tem bastante essa conversa com as crianças lá do instituto, esses dias, uma dizendo, ai, porque meu pai

quer que eu seja presidente, diz que eu tenho que ser machão, que eu tenho que comer as mulheres tudo. Tu acredita? Aquele gurizinho ali,

[00:18:11] EM_05 O...

[00:18:12] EM_05 Ai, meu Deus, Luiz Carlos, e tipo, tá explícito do que é criança, ele é uma menina, só que o pai impregna outra coisa nele, a gente vê, ele é doce, doce, doce, doce, ele gosta de brincar de boneco, mas só que ele não pode, porque o pai é super machista. Essa praça é onde eu me criei, que hoje em dia, ontem, que foi domingo, que é mais tranquilo, eu trouxe meu gurizinho pra pedalar aqui, ele adora, e a gente vem pedalando aqui mesmo, lá de casa, que ele aprendeu agora, e a gente pedalou, ele pedalou bastante nessa pracinha, é uma pracinha que eu adoro estar, adoro mesmo, até acho que a prefeita fez esse deck aí pras pessoas fazerem festa à noite, podia ter botado uns brinquedos pras crianças, sabe? Eu não sei se já chegou a vir nessa praça aqui agora, porque tipo, ficou uma coisa assim, tu vem, traz uns brinquedinhos na criança, mas não tem balanço, escorregador pra criança, ficou mais adulto, eu acho, eu trago a bicicleta do EZ sempre, e ele adora ficar dando voltinha aqui, é mais seguro, né? Porque não passa carro e tal, é bem tranquilo, mas é um lugar que eu adoro estar, que eu cresci, minha primeira escola foi ali, o Rolim, e aí depois eu estudei no La Quintinie, né? Depois que eu fui pro Félix, então tipo, essa praça era a minha casa, é a minha casa, me sinto super à vontade

[00:19:28] EM_05 Aqui, é, eu acho muito agradável mesmo.

[00:19:37] EM_05 Mas é isso,

[00:19:38] EM_05 Não sei se tu quer que a gente faça a volta pelo mesmo lugar, ou pode ser pela Benjamin?

[00:19:42] pesquisadora Como tu quiser.

[00:19:44] pesquisadora Quais são as coisas que tu evita, ou lugares que tu evita passar?

[00:19:49] EM_05 Ah, tu sabe que eu não tenho essas coisas? Não.

[00:19:51] pesquisadora Nem de horário?

[00:19:54] EM_05 Nem de horário. Eu digo que eu sou receosa, sim, mas eu passo, por diversos lugares que ninguém passa, tipo, eu já passei por aqui a noite, e a mãe dizia, ah, tu passou por lá, a noite, eu passei, porque quando eu vejo um bandido, porque eu já tive acesso a muitos ladrões, né, bandidos mesmo, e eles diversas vezes já me contaram que tipo, às vezes eles nem querem assaltar as

peessoas, só que tipo, as pessoas olham com cara de medo e desprezo, atravessa a rua, aí que eles vão lá e assaltam só de raiva, gente, tem muito isso. Então o que que eu faço? Eu faço eles sentirem agradável comigo, quando eu desconfio de qualquer coisa, eu olho no olho deles, dou oi, eles acham até que eu conheço. Um dia ele disse assim, "ó, tu tá ligado em mim, né?" eu disse, tô, tô ligado, nem tava nada, tô, "tô ligado em ti, já andasse lá no quadrado também", bah, pior que já, eu disse, não, tô ligado em ti, pô, pode crer, não sei o que, tipo, tava só eu e ele, assim, ó, tipo, pá, craqueiro, pesado, aí não bata de um cara, mas tipo, foi tudo super tranquilo, dei oi pra ele, e eu costumo fazer isso, porque eu não, tipo, na real, a gente não, eles são pessoas, né,

[00:20:58] EM_05 Então,

[00:20:59] EM_05 Tu vai tratar com desprezo, eu, geralmente, eu trato eles do mesmo jeito que eu queria eles serem tratados, tipo, uma pessoa me olha na rua, eu posso não conhecer, eu dou oi, porque eu acho que me olhou, quer dar oi, eu sou de dar bom dia, dar oi, tô dando oi pra todo mundo, eu sempre fui assim, e eu trato eles assim, agora, mais que nunca, até, porque a gente, eu tô fazendo parte de um espetáculo da Francine, que fala sobre mendigos, e eu converso direto com os moradores de rua, eu tenho até umas amizades que passam charrete, me gritam, e tal, e até falei pra Fran, sabe o que tá fazendo? Eu olhar com outros olhos, mas ainda, esses moradores, às vezes, eles estão catando nicho, e eu passo, e eles, tipo, nem tão muito, eu, oi, tudo bem, bom dia, eles ficam até assim, sabe, oi, tudo bem, bom dia, porque eles não esperavam aquilo, sabe, esses dias eu até mexi, passei com mamãe de carro, e aí tinha o senhor, todo caído, triste, na caçada, ele disse, e aí, meu amor, e o mamãe, tu viu o sorriso que ele deu, ele disse, sim, imagina, vai escutar de uma nega dessa, oi, meu amor, ficou faceira, e o mamãe, tu mudou a vida dele, mudou a manhã dele, eu disse, não, mas é isso aí, um sorriso, um bom dia, às vezes a gente acha que não, mas faz uma baita diferença, né, na vida das pessoas, aí é isso, eu acabo, às vezes, dizendo, eu aconselho as pessoas, olha, tu não passa por aquela rua ali à noite, que é perigosa, e tal, mas eu, se tiver que passar, eu acabo passando, por isso também, eu tenho essa coisa de segurança, de não ter medo dos moradores de rua. Aqui é onde

[00:22:30] EM_05 Acontece as provas, né, o pessoal deve estar ficando ansioso ali pra passar, que Deus quiser, vai dar certo, vai chegar a minha vez. Ah, é uma adrenalina,

[00:22:41] EM_05 Jesus.

[00:22:42] EM_05 O Filipe disse que a perna, ele disse que o dia, a perna dele tremia sozinha, e eu, ah, nem me falo, mas é isso aí, devagarinho vai.

[00:22:51] pesquisadora Você acha que o seu gênero influencia a forma como tu desloca ou como tu te sentes na rua?

[00:23:03] EM_05 Ai, dependendo do lugar, eu acho que sim. Por causa das pessoas, né, não por causa minha, eu acho.

[00:23:12] EM_05 Por causa das pessoas mesmo. Os olhares, já aconteceu o dia, o meu irmão tá caminhando e uma mulher atravessar a rua, porque ela ficou com medo que a gente fosse assaltar ela, meu irmão ficou furioso. Mas pelo

[00:23:22] pesquisadora Mas pelo gênero?

[00:23:25] EM_05 Pelo gênero também, né.

[00:23:27] pesquisadora São duas perguntas que eu tenho pra te fazer. É se como mulher que sente diferente, né, tipo olhares assédio ou porque.....?

[00:23:40] EM_05 Sim, com certeza. Diversas vezes de passar, tipo, eu evito de passar em frente de obra. Porque tem uns caras muito desrespeitadores. Que eu já passei aqui mesmo. Tinha uma obra grande uma vez, aqui, e aí eu não olhei, cara. Me chamou, não olhei. E aí ele disse assim, vai, então, sua neguinha não sei o que. Aí eu fiquei com tanta raiva. Fiz um fiasco, chamei meu irmão e só sei que eu fiz chamar o o chefe da obra e ele foi pra rua, porque nunca mais eu vi ele ali. Porque é uma falta de respeito. É uma coisa também que eu sempre bati de frente, não fui de levar desafor pra casa. Tipo, olhar, beleza, às vezes a gente até se sente desconfortável com o olhar da pessoa, mas ainda tu falar da piada, eu acho muito desagradável. Porque se eu fosse, porque tem tipo de mulheres que ficam mal, que não saem nem de casa depois, dependendo do psicológico da pessoa, né. É que, graças a Deus, eu tava eu sempre escutei bastante do pai da minhas irmãs também, que a gente na real, como.... já por ser mulher e preta, passar na rua já é um desafio, né. Então a gente tem que estar preparada porque pode ser que venha chimbo grosso aí.

[00:24:52] pesquisadora Então a outra pergunta seria como a tua raça interfere na tua experiência de caminhar?

[00:25:00] EM_05 Já, já senti discriminação por ser preta, por ser mulher. Mas...por certo momento eu já deixei algumas coisas passar, sabe. Eu ficava pensando depois, por que eu não falei? E aí depois tu vai te policiando. Na real, é

como eu digo, que é minha irmã que anda assim na rua, que parece que tu tá sempre tem que tá com uma... com colete, sabe. Sempre pronta pra receber aquele tiro, porque tu não sabe por que lado vai vir. Tem essa coisa também. A minha irmã vem de Floripa e sempre gosta de ir nos lugares mais caros aqui, porque ela foi muito pobre, não tinha, né. Agora, graças a Deus, ela tá com uma condição melhor. Então ela gosta, sempre quando ela vem, ela nos leva nos lugares melhores.

[00:25:46] EM_05 E ela disse, olha só, só nós de preta aqui, o jeito que estão nos olhando, mas eu tô nem aí. E é aí que eu vou ficar mesmo. Tipo, a gente já sentiu assim, na pele, essa questão, né. É desagradável, mas também é como disse, pelo menos a gente tá aqui. É que nem ela diz, a gente tem que tá ali pra mostrar pra ele que cada vez vai ter mais pessoas como nós, nesses lugares que não costumavam ter. E na real, começa essa luta por nós também, né. Incentivar, por isso que eu digo pras crianças, pras mulheres que estão sempre ao meu redor, que a gente pode ir onde a gente quiser. A gente tem que estar onde a gente quer estar, né.

[00:26:27] EM_05 Independente de qualquer dificuldade vai ter, não tem como. E como eu digo, ai, eu acho que tudo também de mão beijada ia ficar até ruim, é bom a gente ter o gostinho de a gente, ai, conseguimos fazer isso, conseguimos chegar até lá.

[00:26:45] EM_05 Isso sobre, acho. Essa fala, mas com certeza já me senti várias vezes. Já me fizeram sentir até deslocada, eu disse, ai, será que eu tipo, não, eu não tô no lugar errado as pessoas, que então que saiam? Elas que são mente pequenas, né. Sem amor no coração, como eu digo, porque isso, eu acho que tu não quer amor, tu não quer empatia pelas pessoas que não têm amor, na real. Nem por ti, tu acha que tu tem, porque se tu não consegue amar a ti, tu não vai amar o próximo, óbvio. Porque eu acho que pra te amar a outra pessoa, tu tem que te amar primeiro também, né. Só que, hoje em dia, infelizmente, eu acho que é isso que está faltando as pessoas, mais amor no coração mesmo.

[00:27:31] EM_05 Você pode dobrar na outra, acho que tem grafite lá de...

[00:27:42] EM_05 Essa rua aqui também, é uma que eu ando bastante de bike. Agora é só função dos asfaltos, né. Destruí tanta minha bike, mas essa é uma das ruas que eu costumo andar bastante

[00:27:53] EM_05 Nela. É esse o trajeto.

[SEGUNDA PARTE]

[00:00:05] EM_05 Tu queria perguntar a função da roupa, né?

[00:00:08] Pesquisadora É, a gente sabe que por essa função de assédio e tal, tu já pensou em trocar de roupa?

[00:00:14] EM_05 Ai, já. Ai, que saco, já. Já, isso já mesmo. É um saco isso. Até do lugar que tu vai, né? Tipo, ah, vou em tal lugar. Bah, que saco! Vai ter um monte de homem lá, vou ter que ir com uma roupa mais fechada já. Até de, às vezes, ir trabalhar lá no pai, saber que tinha um monte de cara lá com ele. Sei lá, não vou poder ir com essa roupa. E eu sempre me senti desconfortável com o meu seio. Porque ele é muito grande, tanto que eu quero diminuir, né? Se Deus quiser, eu vou.

[00:00:42] EM_05 Então quando eu era mais jovem, sempre foi uma coisa. Meu pai, às vezes, dizia: "Ai, um dia eu vou ver se eu consigo um dinheiro que ela se incomoda com as coisas dela." Porque meu pai via que eu me incomodava. E ficava também, por causa dessa função toda dos homens. Então, tinha aquela coisa, né? Imagina, bem novinha, já tinha um peitão enorme. E eu sempre gostei de decote também, né? Roupa curta e tal. Então, muitas vezes, eu disse "bah, não vou poder, pra tal rolê, eu não vou poder botar essa roupa." É um absurdo, né?

[00:01:07] EM_05 A gente tem que trocar de roupa pra ir... Na real, a gente deveria usar a roupa que a gente quiser em qualquer momento. Mas eu acho até que agora tá mais tranquilo, assim. Acho que já foi pior. Mas igual, com certeza, tu sabe que tu vai correr o risco de escutar uma merda de uma piada. E... É isso, né? A gente tentar lidar.

[00:01:33] EM_05 Esses dias mesmo, no verão passado, passou uma menina ali pela rua de casa, que é bem deserta. E eu escutei um babaca lá do fundo gritar. Eu disse: "Ah, eu vou me meter." Porque eu tenho essa coisa. Às vezes, aí, tem que me segurar pra não meter no barraco dos outros. Porque agora tá na moda essas roupas transparentes, que tapam só o bico do seio. E ela tava com essa roupa. Foi ano passado isso, no verão passado. Só que ela tava só com top, um sutiãzinho, e ainda tava com uma tatuagem linda no seio e tava tapando só o bico. E o cara falou assim: "Ai, por isso que tem que pegar e comer mesmo." E eu já disse pra ela: "Vai ali na polícia, já chama a polícia pra esse babaca." E ele escutou, mas ela passou reto e nem falou nada pra polícia. Eu já teria falado, já. Pelo menos pra ver se faziam alguma coisa, né? Porque olha o desrespeito.

[00:02:18] EM_05 E tem tudo isso, né? O risco que tu corre pra ir de alguns lugares, né? Nem todos. E eu vi ela passar por isso. Aí eu fiquei pensando

ainda, e a sorte dela é que era uma mulher branca, porque se fosse uma preta, podia ter sido pior até. Porque tem tudo isso também, né? Que eu já vi, que eu acho que os homens tratam muito pior as mulheres pretas, assim. Na questão até de como tu chamar elas. Eu vejo muito disso.

[00:02:53] EM_05 E eu acho que essa nova geração tá sendo muito mal criada pra ter isso. Hoje eu vi um depoimento de um menino falando que ele era muito feio, que ele tinha 18 anos e era virgem, que nunca tinha ficado com ninguém, que ele chega nas meninas, as meninas falam...- A gente pode dobrar aqui- as meninas falam que ele é muito feio. Pô, é só dizer que não quer ficar, o quanto ele se sentia incomodado com isso. Eu até postei isso, porque imagina um guri de 18 anos dizendo que mal tem vontade de sair de casa, porque as meninas já humilham ele horrores. O jeito que tu fala pra pessoa.

[00:03:28] EM_05 Por isso que eu digo, essa nova geração tá muito mal educada. Eu, o meu filho de 18 anos mesmo, que eu criei ele, desde os 18 meses de idade, ele não é nem um pouco do que aquilo.. Eu digo pra ele, tu não... Ai, tu te perdeu tanto do que eu te ensinei, do que eu... Tanto que ele foi embora pra morar com a mãe biológica, né? Porque eu tenho outro padrão, assim. Como eu digo, eu fui criada a moda quartel e eu tenho um monte de irmãos que eu já deserdei, porque não é aquilo que a minha mãe e meu pai ensinaram, sabe? Mas infelizmente tem esse risco que a gente corre com os filhos, né? Que já dizem, filho é pro mundo, meu pai sempre disse. Quer ser ajudado? O pai vai ajudar. Não quer? Eu não vou morrer por filho. Eu acho que é isso. Infelizmente, se o filho não quer ser ajudado, não tem como tu morrer por ele. Porque se tu morrer ali, o filho que não quer ser ajudado, você vai morrer e ele vai continuar fazendo as mesmas merdas. Então, tipo, não tem o porquê, né? E ele tem essa coisa.

[00:04:24] EM_05 Meu sobrinho já disse, o que convive com ele, né? O [nome do sobrinho]. Ele só fica com menina padrão. Eu falei: "Mas o que é menina, o que é mulher padrão?". Ele nunca ficou com uma mulher negra, tipo. E eu digo pra ele, tu vai ter muita coisa pra assinar, porque teu irmão é preto, né? Ele é alemão, do olho claro. E, então, tu vai ter que saber muito bem o que tu diz perto do teu irmão. Direto, a minha irmã vem de Floripa mesmo e fala horrores pra ele. Ele já nem vem muito aqui em casa, mas a gente tá sempre tentando auxiliar ele, né? E é difícil.

[00:04:55] EM_05 E eu digo, que tristeza que dá, porque assim, dessa mesma forma que tu pensa,.. Fez 18 anos agora, quantos não pensam que nem ele,

dos amiguinhos ali que ele convive? Até na função de "ai, seu bichona, não sei o que",... ele se dá com umas meninas trans e tal. Só que eu disse pra ele: "só que aí nas costas vocês falam merda. Então, tipo, na real, tu não é a favor." Minha irmã conversou bastante com ele sobre isso. "Então, na real, tu é preconceituoso." "Ai, não sou." "Tu és, porque tu anda com eles, mas igual você ri, você se folga em outras pessoas. Então, né? Então, tu não deixa de ser. Então, tu é também." Isso fez... Ele ficou pensando, não sei se adiantou muito.

[00:05:34] EM_05 Então tem essa coisa muito de, da nova juventude dizer: "Ah! eu só fico com padrão, escolho muito bem." É muito por aparência. Muito aparência. E é triste isso, né? Porque não é só isso. Aí o menino até falou: "Pô, o que vale é uma pessoa legal."

[00:05:50] Pesquisadora E por que que a beleza padrão tem que ser esta beleza? E não uma mulher negra?

[00:05:58] EM_05 Exatamente, exatamente. É verdade. Tem toda essa função. É o que o meu sobrinho fala. Porque eu ainda, eu lembro que um dia, [nome do sobrinho] me falou: "Ai, tia, olha aqui,..." A filha da Camila até, a Freda, queria ficar com ele. Só que eu disse: "Ai, [nome do sobrinho], ela é menor de idade e tal, ela é muito bonito, um corpão." "Não, eu falei pra ela." "Tá, mas olha que jeito tu falou com ela, porque ela é uma menina preta, eu sei que ela já teve várias frustrações, que a tia dela me falou, né, por mais que tenha um grana." E porque a parte maior ali, sabe, da função, da escola onde ela estudava, eram brancos, então ela se sentia desconfortável, né?

[00:06:42] EM_05 E ele disse: "Não, tia, eu falei pra ela, quando ela crescesse talvez a gente ficaria e tal, quando ela completasse a maioridade." Eu disse: "Não, porque até isso [nome do sobrinho], tu tem que te colocar sempre no lugar da pessoa que tu tá dizendo um não, né? Tu tem que dizer: 'não, de momento não', ou tu tá namorando, ou no momento não cola. Mas, tipo, tu tem que saber pra não ser grosseiro. Como tu queria que te dissessem um não? Entendeu? A gente tem que se colocar no lugar do outro. Tu não ia querer que fossem grosseiros contigo,

[00:07:13] EM_05 Esse também é muito o trajeto que eu faço, pra levar meu gurizinho na escola. Porque às vezes a gente até para nesse campinho aqui pra jogar uma bolinha.- Que ele estuda ali no São Francisco de Paula. Aí a gente sobe lá aquela rampa e dobra.

[00:07:32] Pesquisadora E no teu dia-a-dia, tu costuma usar, tu caminha pra fazer uma atividade ou tu costuma usar carro?

[00:07:37] Pessoa Muita bicicleta. Muita bike. Aí eu deixo, geralmente, em estacionamento a minha bike, porque eu não confio em cadeado. Então eu prefiro pagar estacionamento. Até agora tem um estacionamento que estão pedindo pra botar cadeado. Não sei se o pessoal tá entrando, o que que tá acontecendo. Ainda falei pro Felipe, vou ter que comprar um cadeado, que até no estacionamento estão pedindo agora pra botar o cadeado e tal.

[00:08:07] Pesquisadora Mas a maioria das atividades, tipo mercado, padaria?

[00:08:11] EM_05 Não, padaria eu vou. No mercado eu sempre vou de carro.

[00:08:15] EM_05 Aqui dá pra gente dobrar, fazer a voltinha por ali, que é uma rua que eu sempre frequentei bastante. Eu atravessava muito esse campo também, mas agora fecharam, né? Mas é bem calmo aqui também, bem tranquilo. Nossa,.. e tu sabe que aqui é... Bom, tu vai ver a ponte aqui, tu sai reto pela Osório, e depois tu cai lá no pântano.

[00:08:39] EM_05 Nossa, o pântano é muito... Favela, assim, em São Paulo, Rio de Janeiro. Meu, a pobreza, assim, ó, bah,.. as pessoas, não tem uma mesa. É tenso, é tenso.

[00:08:56] EM_05 Tanto que um dia o Rian, quando era mais novo, comendo e tal, tava com mania de sempre botar comida fora. Pedia e não comia. Eu disse pra ele: "Vou te levar embaixo da ponte pra tu ver que tem criança que não tem uma comidinha e tu não tá dando valor." E eu trouxe ele. Sempre ele pedia depois e até hoje ele fala: "Ah, eu lembro(...)", ele lembra: "(...)quando tu me levou embaixo da ponte pra mim ver as crianças pobres, que eu botava comida fora." Eu disse: "Sim". Porque imagina a gente botando fora e um monte de criança que não tem. A gente tem que dar valor porque, tipo, ia fora, né? E isso é uma coisa que, pelo menos, eu sei que ele aprendeu, né? Valores pela comida.

[00:09:33] EM_05 Mas é triste ver essa juventude, com esse pensamento que eles têm hoje em dia. Meu Deus do céu. Mas tá, a gente tá trabalhando pra que... Como eu digo, eu tô investindo nas gerações menores, né? Os mais jovens. Depois do... Antes dos 18, porque Jesus...Essa turma aí de 16, 18 anos... E o meu filho mesmo, o Rian, com 17 anos, ele pegou sarna de humana, de uma

guria. Aí eu falei pra ele: "Visse esses teus padrões, as meninas que não pedem pra você usar preservativo,..." E é bem isso. Eu disse: "Se daqui a pouco tu pegar uma AIDS, uma coisa vai ser pior, tu não vai conseguir tratar." Ele disse: "Eu fiquei até com vergonha de chegar no médico. Eu disse: "Não, ainda bem que tu foi, porque tem jovem que fica com vergonha e não vai nem no médico, né? Não vai mesmo."

[00:10:24] EM_05 Aí aqui é a ruazinha que eu te falei, que vai lá pra Osório. Aqui também tem uma escola. Que sai lá na Osório, depois sai no pântano. Aí essa ruazinha, Eu adoro passar de vez em quando. Às vezes eu deixo o [nome do filho] lá e chego a passar por aqui, que é tão tranquilo. Ali é a Sagras, né? E é uma rua que eu lembro que eu passava muito quando era criança, porque a mãe não deixava a gente passar a Bejamim. Então eu vinha até por esses lados aqui, que não dava nada, a gente conhecia todo mundo. E aí as pessoas diziam: "Ah, teu pai sabe que tu tá pra cá?" "Sabe". Não sabia nada! Ele mandava pedalar ali, pelo lado dos trilhos e eu que me passava pra cá.

[00:11:08] EM_05 Mas eu tenho muita recordação boa da minha infância. As minhas irmãs que já passaram mais trabalho assim, a gente não passou tanto. Mas a gente brincou, nossa, como eu digo... Até hoje eu tenho boneca, de quando eu era criança. Brinquei até os 15 anos de boneca. Eu dormi até os 16 anos com a minha mãe. Eu tava namorando, eu dormia com a mãe. Depois ela aumentou a casa e cada um teve o seu quartinho.

[00:11:36] EM_05 Mas a melhor fase da minha vida, imagina, dormia eu, a mãe, um dia dormia... eu namorava já com o Felipe. Dormiu eu, ele e o meu irmão, nessa função de respeito, sabe? Que hoje em dia também, jovens não querem,... só querem pensar em transar, transar, transar. Tipo, não tenho... Antes de namorar, eu dizia,.. meu, antes, pra dar um beijinho, tu já ficava toda... Agora, tipo, nem tem. Ontem, até um podcast, a mulher tava falando: "...Homens!.." Por favor, a mulher fez um depoimento das amigas num grupo que tem, que,.. nada a ver com papo, né? Mas ela ensinando os homens como tratar as mulheres, que eles querem só preliminares deles e mulheres não precisam. E ela dizia: "A gente precisa de tantos de ml, pra conseguir manter a relação lá." Mas, assim, foi perfeito, porque é bem isso orolê mesmo. E aí, depois, ele não querem perder, por isso, que às vezes acaba também de outras mulheres, porque mulher se entende mais, não adianta.

[00:12:34] EM_05 Eu tenho amigas, eu tenho uma adolescente, a Erika, que a primeira vez dela, ela me falou depois, pra mim e pro Silvio. Ela disse:

"Ah, eu perdi com fulano, foi horrível, ele me machucou, nunca mais eu quero." Imagina, traumatizou a menina. Tá, de certa forma, ela já ia ser bi, porque ela gostava de ficar com meninas também, né? Mas ela,.. fez ela levar medo agora de ter homens, e ela disse: "Agora eu só quero mulher na minha vida." E eu: "Tá, que bom que pelo menos as mulheres te trataram melhor." Ela tá tendo uma relação muito mais saudável com a menina que ela tá hoje em dia. Ta até quase casada, que é uma coisa que eu acho loucura, porque a guria tá recém com 17 anos. Mas tá, como eu disse, tão trabalhando, fazendo o rolê, beleza, mas eu acho que tudo muito rápido tá agora, sabe?

[00:13:18] EM_05 Eu fico tão emocionada de escutar do meu pequeno,que ele diz, quase todos os dias: "Ai mãe, eu não quero crescer, eu quero ficar criança, eu não quero ser grande." Eu disse: "Não filho, tu vai ser ainda muito tempo criança. A mãe de vez em quando ainda é criança também, então não te preocupe, vai demorar pra vir essa responsabilidade." "Ah tá, porque eu não quero crescer. E hoje em dia, as crianças da idade dele, várias dizem: "Ah porque, eu já tô com 6, já sou adolescente." "Ai só um pouquinho, nem pré-adolescente tu é ainda." E tem essas coisas também, né? Que loucura.

[00:13:57] Pesquisadora Te atrapalha? que tu percebe assim, em questão de qualidade de calçada?

[00:14:01] EM_05 Ah, iluminação e buraco por tudo, né? A nossa cidade é muito mal iluminada, ainda mais dentro das comunidades. Querendo ou não, é os lugares de mais risco, né? Acesso às comunidades. Tipo, ah, tu vai pro 'Navegante', pode sair daqui à noite pra tu ir pro Navegante, tu vai ver a escuridão que tu vai pegar, entendeu? É, acesso aos bairros são horríveis.

[00:14:25] EM_05 Eu acho que essa nossa prefeitura de hoje em dia, infelizmente, ela tá dando muito acesso só aos bairros nobres. Porque aí ela alega que a Dom Joaquim, ali aquela outra praça do mercado, que eu pedi pra botar pracinha daquelas,.. porque pô, podia ter uns brinquedos melhores desses de ferro, porque aguentam mais que a madeira. E a madeira solta aquele fiapo, dependendo, solta o fiapo e tal. Tem que viver cuidando. E se destrói mais rápido, né? E essa academia, porque as mulheres vivem pedindo aqui da comunidade que.. "não tem como botar?" "Ah, não, porque as empresas que pagam." Eu não acredito que as empresas vão pagar tudo sozinhas! É que é muito dinheiro desviado, é muita podridão,

assim, né? Ai fica.. sem ter muito.. Ela só falou isso, eu disse: "Ai, tá,.. Não tem muito mais porque eu já vi que não vai rolar mesmo.

[00:15:13] EM_05 Mas eu sinto falta disso dentro das comunidades. Iluminação e os acessos às calçadas. Olha aqui, é uma vergonha, né? Tem capim, tem buraco. A rua também tem buraco. Então, eu acho que isso é o que mais prejudica. A segurança, né?

[00:15:37] EM_05 Tanto que eu não sei até se não é por isso que eu prefiro muito mais a bicicleta, porque querendo ou não, a bicicleta te dá um acesso se tu precisar, dá uma corrida pra fugir, né? Melhor do que estar a pé. Então, não sei.. Me sinto mais segura de bike. Com certeza. Me leva mais rápido e me deixa mais segura também. Pros rolê todo.. que eu faço.

[00:16:02] Pesquisadora O que tu acha que a prefeitura poderia fazer pra incentivar as pessoas a caminhar?

[00:16:09] EM_05 Olha, essa função da iluminação e das calçadas, que não dá nem gosto, né? Sabe o que que eu acho também? A nossa cidade é muito mal arborizada. Tipo, fui mesmo ali... Vamos botar Gramado, que é bem pertinho, né? Nossa, tem fruta aí por toda... É uma cidade que te dá gosto de tu sair a caminhar. Bom, já deve ter ido lá também, né? Tipo, de eu colher bergamota, pegar laranja, da frente da casa dos outros, não tem problema nenhum.

[00:16:34] EM_05 Que nem ali, eu queria botar a frutífera, só que as pessoas roubam. Tipo, eu ia botar rosa agora ali na frente, eu tenho que saber o que eu vou botar na frente de casa, porque senão as pessoas pegam. E tem toda essa função, né? Porque também não tem segurança, as pessoas mal educadas, tipo, tu não pode ter nem isso. Eu botei uma Comigo Ninguém Pode na frente de casa, peguei a senhora na hora. Puxando. Eu disse: "Tu vai arrebentar a minha planta." "Ai, mas não é macho." Eu disse: "Não importa se é macho ou se é fêmea, é minha, tu ia pegar a moça. E ela: "Não ia" "Ia sim, tu ia arrancar a minha planta, tu me dá licença!". Ela ia arrancar. Ai ela saiu, o que eu tive que fazer? Fui lá, desenterrei, tive que botar lá dentro do pátio, porque ela ou alguém ia voltar e ia pegar a minha Comigo Ninguém Pode. Ai botei pra dentro, ontem mesmo ganhei um monte de mudinha, e eu vou ter que me organizar pra botar lá dentro do pátio. Podia botar umas rosas bonitas lá na frente, queria botar outra frutífera, mas não posso. Ai agora. O que eu botei de fruta lá na frente? Pitanga, e aquela roxinha, Amora. Botei elas lá. Maiorzinhas. Mas tipo,

eu tenho que deixar ficar maior dentro do pátio e replantar. E aí elas custam mais, né? Porque você mexe ali,.. Mas vamos ver, tô com esperança que venha.

[00:17:50] EM_05 Mas é isso, eu acho que ia dar gosto mais de você caminhar se tivesse mais arborizada, mais bonita, né?

[00:17:55] EM_05 Muito lixo, cigarro. Aqui na cidade, eu acho que era pra receber multa, essa função de tu botar lixo na rua. Tem gente que abre a janela do carro e joga. É suja a nossa cidade, né? Tanto que olha ali aquela rua que eu lhe levei mesmo, ali na esquina. É uma sujeira. Era pra dar... Porque eu acho também que quando toca no bolso das pessoas, eles pensam mais antes. Até pro pobre. "Não, tu botou o lixo lá na frente da tua casa, tu vai pagar." Nem que seja dez pila, vai ter que pagar. E eu acho que iam educar até melhor os filhos. Porque "ah, é dinheiro. Aí, a gente vai ter que pagar." Infelizmente é assim as pessoas, né? Ai meu gurizinho é um papel de bala, ele descasca a bala e me dá pra mim pôr no lixo se ele não tem bolso. E eu digo pra ele: "Isso aí, não vamos,.. porque assim ó, se chove, enche, e leva mil anos pra essa embalagem se decompor. " Tem que já falar sobre isso, né? Pras crianças.

[00:18:57] Pesquisadora Tu achasque se tu tivesse essas condições, tu caminharia mais?

[00:19:04] EM_05 Ai, com certeza. Com gosto. Uma coisa que eu faria com gosto mesmo.

[00:19:21] Pesquisadora Essa entrevista, ela é anônima, tá? Não vai ser identificada.

[00:19:35] EM_05 Também se fosse, não tinha problema.

[00:19:50] Pesquisadora Tu morou aqui a vida inteira, né?

[00:19:51] EM_05 Sim.

[00:19:52] Pesquisadora Tu acha que tem mudado, com a função da universidade e essas outras atividades culturais que estão acontecendo aqui, tu acha que tem mudado o perfil do bairro?

[00:20:00] EM_05 Na verdade, desde que eu conheço por gente, já tinha universidade ali, né? A galera vinha mais pra cá antes pra fumar mesmo. Escondido e tal, na época que eu era pequena. E eu acho que tem mudado isso, porque,.. Tá, na época do pai, que ele já não deixava a galera fumar ali na pracinha perto das crianças,.. Já botou uma militância, né? Na comunidade.

[00:20:25] EM_05 Eu acho que melhorou, sim, a função. Até agora, o pessoal, os professores estão trazendo mais os alunos pra estudarem aqui. E... porque eu, pequena, já tive acesso a essa comunidade. Porque o pai trouxe, eu lembro, os professores da Universidade de Percussão e já faziam atividade com as crianças. Mas era pouco, agora a gente tá tentando trazer mais isso.

[00:20:51] EM_05 E eu acho que, de certa forma, mudou sim, porque deu até mais emprego, né? Pode ver, tem um restaurante aqui, tem a lancheria ali, que a galera tá descendo mais pra cá e acaba gastando mais. Calorzão. Não tem medo. Tanto medo quanto antes. Vinha, mas vinha poucas pessoas pra cá. Agora, eu acho que tá vindo mais. E aí, querendo ou não, dá mais renda pra comunidade, né?

[00:21:51] EM_05 Ele tá com depressão. Eu tô tentando levantar ele, tá sem serviço, aí ele vai em casa, eu boto ele me ajudar a fazer umas coisas. Quando ele tá em casa... É que tem tudo isso, né? A gente é um pouco de tudo aqui. E tipo, ele é bem novo, ele dizendo... Ai, tu sabe que eu não acreditava. Mas os papos dele é bem legal. Sabe que eu não acreditava em depressão. Até muito ria, agora eu vi que é sério, eu senti vontade de me matar. Ele saiu, ele voltou três horas da manhã, ele foi pra BR, pra Minha. Aí, disse que um cara chegou nele, puxou a faca pro cara, Tava até de faca, Puxou a faca pro cara, e disse, ah, tô no mesmo corpo que tu.

[00:22:28] EM_05 E o cara, ah, não faz assim, Que Deus vai te iluminar e tal. O cara viria na rapadura e disse, Lucas, isso daí não era... Isso daí era... Porque o santo mandou alguém pra te falar essas palavras, e dizia a mesma coisa, tinha me arrepiado. E eu, que bom, que tu merece. Chegou o mensageiro, te enviou, Aí disse que vem pra casa, Chegou quatro horas da manhã em casa. E eu disse, meu Deus, é sério mesmo, né?

[00:22:49] EM_05 Aí tá. Agora eu falei pra ele, se tratar, se Deus quiser, vai. Não é fácil depressão, Mas eu disse, a gente tem que querer, né? Tem que ir, a gente dizer, não, vou me levantar, porque se tu deixar, fica só com os pensamentos ruins. Ela te mata.

[00:23:01] EM_05 Já tive um monte de vizinha que se matou. Agora, um aqui, há pouco tempo, o homem passou a falar com o pescoço só. Se debolou. Como isso? Eu fiquei, meu Deus, tem que ter muita, muita coragem. Aí o vizinho tentou salvar ali, o pessoal da rapadura foi, mas não adiantou nem um quadrado ali.

[00:23:17] EM_05 Aquela casa com, Com o portão azul lá. Foi triste. Eu não fui no enterro, Porque eu já não gosto de enterro, né? Pra mim ir tem que ser,

assim, ó, Tem que ir, Porque se não, prefiro ficar com a última lembrança da pessoa. Mas é isso, não sei se tem mais alguma coisa pra me perguntar. Tem só as perguntas de identificação agora, da idade.

[00:23:44] Pesquisadora Eu acho que eram essas as perguntas. Obrigada.

APÊNDICE G – ÍNTEGRA DA ENTREVISTA: EM_06

[00:00:32] Pesquisadora Estou gravando. Vou te entregar o gravador e a câmera.

[00:00:34] EM_06 Ah, tá.

[00:00:34] Pesquisadora Tu podes registrar qualquer coisa que tu queira. Aspectos bons e ruins quando tu caminha.

[00:00:58] Pesquisadora Tu costuma caminhar por aqui?

[00:01:00] EM_06 Sim, sim.

[00:01:01] Pesquisadora Todo dia?

[00:01:02] EM_06 Todo dia.

[00:01:02] Pesquisadora Por onde é que tu vai?

[00:01:04] EM_06 Eu vou em direção à Beneficência todo dia.

[00:01:11] Pesquisadora Ah, então a gente pode fazer esse trajeto que tu costuma caminhar.

[00:01:15] EM_06 Sim, sim.

[00:01:16] Pesquisadora E aí, com a câmera, a ideia é que tu faça registros de... Do que que tu acha positivo e do que que tu acha negativo. Qualquer coisa, entende? Tipo, pode ser uma paisagem ou pode ser um buraco, sabe?

[00:01:36] EM_06 Então é sobre as coisas que estão negativas...

[00:01:40] Pesquisadora E positivas.

[00:01:40] EM_06 E positivas.

[00:01:41] Pesquisadora É.

[00:01:42] EM_06 Tá, tá bem.

[00:01:43] Pesquisadora Aí só vou pedir assim, pra que tu fale. Pra poder depois eu registrar o que que tu tá entendendo sobre esse lugar, tá?

[00:01:49] EM_06 Sim, sim. Ah, então é mais prático entrar nos locais da área do porto mesmo, né? Porque onde o meu trajeto é só Gomes Carneiro e se vai até Beneficência.

[00:01:58] Pesquisadora Mas não tem problema.

[00:01:59] EM_06 Eu costumo pedalar. Tipo, eu curto, na verdade, andar pela volta, ver aquelas coisas antigas, coisas paradas, né?

[00:02:07] Pesquisadora O trajeto que tu achar interessante, tá? E conforme assim, ah, eu pensei em ir pra lá, mas eu olhei e agora, ah, eu quero dobrar aqui. Tranquilo, tá? O trajeto quem vai fazer é tu.

[00:02:16] EM_06 Tá bem.

[00:02:58] Pesquisadora Vou te fazendo algumas perguntas, tá? Enquanto isso, a gente vai tirando essas fotos, vai caminhando e eu tenho algumas perguntas que eu vou te fazendo.

[00:03:04] EM_06 Claro, sim. Pode ser, tranquilo. E eu só bato quando for algo onde chama atenção, fala.

[00:03:13] Pesquisadora É o que tu quiser. É, tipo...

[00:03:16] EM_06 Aqui é uma coisa absurda, né? Esse canal.

[00:03:19] Pesquisadora Pode dizer: olha, esse canal eu acho um absurdo por...e bate a foto

[00:03:25] EM_06 Tem que ligar porque eu acho que ela desligou. Aí posso falar?

[00:03:30] Pesquisadora Sim.

[00:03:33] EM_06 Bom, esse canal aqui eu acho um absurdo, né? Porque além do pessoal ser muito... A população mesmo em si é relaxada, né? Porque eles jogam lixo no canal. E o cheiro também. E o que se diz, mas também... Mosquitos, né?

[00:03:52] Pesquisadora Ah, sim.

[00:03:55] EM_06 Tem uma parte pra lá que eu acho horrível mesmo. Dobrar. É, eu acho terrível mesmo. E pode falar, né? Sobre o relacionamento das pessoas, né?

[00:04:07] Pesquisadora Pode tudo. Tá. Tu não vai ser identificada, sabe? No trabalho. Também. Fica à vontade pra falar. Tá tranquila.

[00:04:15] EM_06 Eu vou ser linhada.

[00:04:38] EM_06 Aqui no fundo mesmo é um absurdo. Se passa ali é vergonhoso, sabe? É um lixão.

[00:04:46] Pesquisadora Aqui tu costuma caminhar?

[00:04:47] EM_06 Costumo.

[00:04:48] Pesquisadora E é normal que tu caminhe aqui na via ou na calçada?

[00:04:54] EM_06 Eu pedalo mais, né? É que eu morava aqui na Tiradentes. Eu só comprei aqui porque era mais perto, né? É aqui. Depois a gente segue pra lá, que já é aquela zona. A gente era pra ter feito a volta por ali, né? Aquela pontezinha.

[00:05:21] Pesquisadora Quando tu tá na rua, quando tu sai pra caminhar, como é que tu te sentes?

[00:05:28] EM_06 Como é que eu me sinto?

[00:05:30] Pesquisadora Sim... como eu me sinto quando eu estou caminhando?

[00:05:35] EM_06 Bom, tem lugares aqui que quando eu caminho... Eu posso falar de lugares onde eu não acho tão positivo.

[00:05:45] Pesquisadora O que significa caminhar pra ti?

[00:05:47] EM_06 Ah, é liberdade, né? Me sinto bem, me sinto bem.

[00:05:52] Pesquisadora Mas não é em todo lugar.

[00:05:53] EM_06 Não, não é em todo lugar. Realmente as voltas é só quando eu tenho que ir mesmo trabalhar ou levar minha filha na escola. Ó, isso aqui mesmo. Bom, até hoje isso daqui nunca foi solucionado, né? Esse buracama horrível. Que são, tipo... Sabe quem dirige mesmo? Até o condutor de bicicleta também. É horrível passar. Só falam que vão selecionar esses casos aqui, mas... Desde que eu me lembre, desde criança. Nunca mudaram nada. Esse barrero, na verdade. Porque é uma rua morta, né? Que tu vê pouco trânsito. Não vê carro, moto passando. E

[00:06:50] Pesquisadora E E E as pessoas costumam caminhar aqui?

[00:06:52] EM_06 Ah, as que moram aqui na volta, sim.

[00:06:56] Pesquisadora Quais as atividade que tu costuma fazer a pé?

[00:07:14] EM_06 Eu gosto de correr. A pé não? Só caminhar mesmo, caminhar.

[00:07:19] Pesquisadora Ah, mas assim, quando tu... No teu dia-a-dia, como é que é?

[00:07:24] EM_06 O meu dia-a-dia?

[00:07:26] Pesquisadora Um dia típico pra ti, como é que funciona?

[00:07:28] EM_06 Assim, sem estar trabalhando?

[00:07:32] Pesquisadora Assim...de manhã, o que tu faz? O que tu faz de tarde? Como é a tua rotina?

[00:07:38] EM_06 Minha rotina diária é...Eu saio pra trabalhar, né?Tipo, seis e meia da manhã me levanto. Vou trabalhar. Chego um pouco em casa.

[00:07:46] Pesquisadora Como tu vai pro trabalho?

[00:07:47] EM_06 Eu vou de bike. Como se torna perto, eu vou de bike mesmo. Eu vou de bicicleta. Assim, eu pego esses trajetos que é asfaltado mesmo. Mais prático de vir. Porque eu não gosto de andar de ônibus, né? Por causa dos atrasos

[00:08:04] EM_06 Ah, é uma pena. Porque aqui é a parte onde é o lixão ali. Que é vergonhoso. Até limparam. Mas ontem eu passei. O povo é muito relaxado. Aqui é no meio. E eu procuro nem andar muito aqui. Até de se entristecer. Mas é eles mesmo. Mas aí são as pessoas, né? Aí são pessoas. Eu não sei se tiro foto dali ou não. Mas aqui não tem lixo.

[00:08:31] Pesquisadora Tu que sabe. Aí de manhã você vai trabalhar de bicicleta....Tu é casada?

[00:08:43] EM_06 Não, namoro.

[00:08:45] Pesquisadora Mas mora com alguém?

[00:08:47] EM_06 Não, cada uma no seu apartamento.

[00:08:49] Pesquisadora Tem uma filha pequena?

[00:08:50] EM_06 De 12 anos.

[00:08:52] Pesquisadora Que mora contigo?

[00:08:52] EM_06 Mora comigo.

[00:08:53] Pesquisadora Moram só vocês duas?

[00:08:54] EM_06 Só nós duas.

[00:08:56] Pesquisadora Aí tu volta pra casa. Meio dia?

[00:09:49] EM_06 Tá, então... Tem semanas que eu pego de manhã. E semanas que eu pego durante a tarde. Trabalho seis horas de corrida, graças a Deus. E aí meus dias diários. Tipo, hoje mesmo. À tarde agora eu vou sair. Mas eu gosto de pegar a bike e ir até o Porto, o Quadrado. Pegar o chimarrão, sentar, ver lá. Entendeu?Gosto de olhar pros... Ah, tem um monte de prédio. Tipo, antigo aqui, né? Abandonado. É uma das partes que me entristece muito. Porque tá tudo parado.

[00:10:21] Pesquisadora E com a tua filha?

[00:10:23] EM_06 Com a minha filha?

[00:10:25] Pesquisadora Como é que é a tua rotina de cuidado dela e da casa?

[00:10:30] EM_06 Função de casa. Assim, a gente mantém organizado. Agora mesmo. Como ela estuda de manhã, ela fica aqui na prima dela, que mora aqui umas três quadras da casa.

[00:10:40] Pesquisadora Ela vai sozinha e volta da escola?

[00:10:41] EM_06 Não, ela vai... Nas semanas que eu tô de manhã, ela vai e volta sozinha. Porque ela é aqui na esquina, aqui no Brusque. Por isso que eu deixo ela ir sozinha. Se fosse mais longe... Antigamente eu pagava a van, né? Mas como a gente tá perto, eu deixei ela ser escolinha. É o último ano mesmo. E aí... Durante a tarde, quando... A gente fica a tarde juntas, né? Mas aí, quando a prima dela convida eu deixo ela vir pra cá. Até deixo, né? Até um certo horário também, né?

[00:11:08] Pesquisadora E as atividades de manutenção da casa? Tipo, padaria, mercado... Tu faz a pé?

[00:11:18] EM_06 Ah, não? Não, não. Eu vou de Uber. Ah, padaria é pertinho. Rapidinha, alguma coisa... Que é perto, né?

[00:11:28] Pesquisadora Sim, padaria é bem perto.

[00:11:29] EM_06 Isso, isso. Assim, o mercado eu vou na Dom Pedro, onde eu trabalhava, no Paraíso.

[00:11:39] EM_06 Raramente eu vou no Krolow, como a minha namorada mora perto do Krolow, lá. Então, tipo, raramente eu vou lá.

[00:12:05] Pesquisadora Tu frequenta aqui o bairro por quê?

[00:12:09] EM_06 Eu gosto de pedalar, procurar um ambiente mais calmo. Quadrado. Ver prédios antigos, prédios abandonados, na verdade, né?

[00:12:21] Pesquisadora E tu mora aqui também, né?

[00:12:22] EM_06 Moro, moro aqui também.

[00:12:24] Pesquisadora E há quanto tempo tu frequenta o bairro?

[00:12:27] EM_06 33 anos.

[00:12:29] Pesquisadora Nasceu aqui?

[00:12:30] EM_06 É, nasci aqui.

[00:12:37] Pesquisadora O que tu mais gosta aqui na região?

[00:12:40] EM_06 O que eu mais gosto na região... Tem que ser aqui pela volta mesmo, né?

[00:12:48] Pesquisadora Como tu falou. Eu gosto de ir no quadrado. É uma coisa positiva para ti.

[00:12:54] EM_06 Sim, algo positivo para mim ali é o quadrado, né? Como é perto também, né? É onde eu posso descansar mais. Eu gosto de ir na rua, ver pessoas.

[00:13:04] Pesquisadora Costuma ir nos bares da volta?

[00:13:08] EM_06 Ah, já fu muito. Mas é muito... Hoje em dia eu acho muito perigoso, né? Eu não curto muito. Sabe como é que eu vou dizer? Eu gosto de ir, mas tu vê, é muita drogadição também. É uma coisa que nada contra, mas eu não curto.

[00:13:29] EM_06 Fico muito nesses lugares também, né? Também gosto de tirar foto. Desses lugares antigos. Eu acho que tem funcionamento isso aqui ainda. Mas não... Eu digo que são lugares muito abandonados mesmo. Não tem manutenção, porque eu acho que funciona alguma coisa aqui. Acho que é uma fábrica. Então já é algo negativo, né? Que tu passa pela... Pra quem vem pra cidade, olha isso daqui, e até se entristece. Mas em vista de outros bairros. Eu até acho que aqui bem calmo, sabe?

[00:14:22] Pesquisadora Calmo em que sentido?

[00:14:23] EM_06 Em sentido assim...se tu quer dar uma volta. Porque tu...é que tem o que olhar, na verdade, né, pra quem gosta de coisa de antiguidade mesmo. Porque aqui tem muita fábrica. Não sei se tu mora por aqui ou não.

[00:14:35] Pesquisadora Eu frequento bastante.

[00:15:45] Pesquisadora Existe algum trajeto que tu evita caminhar?

[00:15:55] EM_06 É que, assim, eu já estou acostumada, né? Mas... vamos falar de pessoas, é os sem terra ali, né? Ali na vilinha.

[00:16:06] Pesquisadora Tá, ali tu evita caminhar?

[00:16:08] EM_06 É que eu já estou acostumada, né? Mas, digamos assim...as pessoas...muitos que quiseram morar ali, não que falem mal, né? Porque qualquer bairro é perigoso, mas por ser, tipo, muito marginalizado. Entendeu? Muita drogadição, e, infelizmente, tem pessoas que roubam. É o que acontece muito, né?

[00:16:32] Pesquisadora Tem algum horário que tu prefere caminha?

[00:16:40] EM_06 Que eu gosto? É a tarde. Por agora, né? Ah, e outro aqui também. Aqui nessa área do porto, aqui sim, aqui eu já evito caminhar durante a noite.

[00:16:56] Pesquisadora Essa é minha outra pergunta, se tu anda à noite.

[00:16:59] EM_06 Não, não. Nesse lado eu já não ando. Eu já prefiro mil vezes andar pra aquela volta.

[00:17:23] EM_06 Sim. Agora pontos positivos, mesmo. Aqui, ó. Que é onde eu sempre procuro, Sabe? Eu gosto muito da arte, de ver desenhos. É, são pontos que, talvez, pra muita gente não vão dar bola. Mas eu gosto de ver. É história, né?

[00:18:08] EM_06 Imagina, né, se desse uma reforma aqui cheia de...Pô, lá mesmo, dali, eu me esqueci o nome. Mas eu me lembro. Quando eu era criança, da escola onde a minha filha estuda, a gente ia pra ali fazer, tipo, atividades. Era, tipo. Meio que um museu e hoje em dia tudo tá parado. Não sei serve pra alguma coisa ou não. Aquele prédio... Amarelo ali. Eu não sei se funciona alguma coisa. Mas antigamente a gente podia entrar, as escolas podiam entrar.

[00:18:44] Pesquisadora Tu costuma andar sozinha?

[00:18:46] EM_06 Costumo.

[00:18:51] Pesquisadora Em relação ao trânsito, quando tu tá pedalando ou caminhando, tu se sente segura?

[00:18:57] EM_06 Não, nem um pouco. Eles não respeitam, né? É... No dia a dia, às vezes eu não fico de horário.

[00:19:04] EM_06 Não é o horário...não que seja o horário de pico, mas pra mim, que sou ciclista, que tô sempre pedalando, tem que estar sempre se cuidando, porque, tipo...Hoje mesmo eu tava vindo reto e o cara tinha que dobrar. Ele não deu pisca e eu se não freiasse o cara vinha por cima de mim, né? Então eles não têm respeito com o próximo.

[00:19:24] Pesquisadora E a questão de estrutura, assim, de qualidade de calçadas, de vias?

[00:19:32] EM_06 Até a área que eu procuro sempre é onde tem ciclovia, né? Eu procuro sempre onde tem ciclovia. E mesmo onde tem a ciclovia, eles não respeitam.

[00:19:41] Pesquisadora E a qualidade da ciclovia?

[00:19:44] EM_06 Não, até que é bom... é boa.É, tá bom.

[00:19:47] Pesquisadora O que faz o caminhar ser uma experiência positiva pra você?

[00:20:01] EM_06 Além de ser saúde, né? O caminhar... Ah, e também pra passar um pouco do estresse do dia a dia, né? Quando não é serviço, o caminhar pra mim faz isso, o que eu tô fazendo agora. Vê?

[00:20:16] Pesquisadora Teve alguma experiência de caminhar que você achou legal? É

[00:20:31] EM_06 É isso que eu tô fazendo agora.

[00:20:32] EM_06 Eu tenho (inaudível) aqui. Com coisas que raramente a gente vê. Então, acaba chamando a atenção, né?

[00:20:54] Pesquisadora O que faz o caminhar ser uma experiência negativa?

[00:21:01] EM_06 O caminhar ser uma experiência negativa? Ah, vamos falar de ruas então, passar por buracos. Dia de chuva, então, nem pensar. Não dá. Que é a função que não dão manutenção né? E se é de falar de pessoas. Às vezes, num certo horário, tu vê muito bandidinho na rua. Então, tipo, pra mim, é uma visão negativa.

[00:21:29] Pesquisadora De manhã e à tarde, pra ti assim...as questões de assédio e assalto não interferem?

[00:21:39] EM_06 É mais... É, não se tem tanto assim, né? Mas, tipo, onde tem mais pessoas que pode correr esse risco, né? Não só o assédio em relação a transporte, mas, digo assim, também, como é que eu vou te dizer? Como é que eu vou me explicar isso pra ti? Ah, olhares, né? De homens. Entendeu isso? E como eu não curto essa parte homens, eu não gosto mesmo. E se está bom de entender tudo que eu tô falando.

[00:22:03] Pesquisadora Então, o que tu quiser falar, fica a vontade.

[00:22:03] EM_06 Sim, sim. Aqui é uma parte que o Porto comprou, né? Não, comprou não. É do Porto, né?

[00:22:31] Pesquisadora Tu já passou por alguma experiência negativa, além dessas dos olhares masculinos?

[00:22:44] EM_06 Negativa?

[00:22:45] Pesquisadora É.

[00:22:46] EM_06 Ah, sim. Quando eu estou com a minha namorada a gente passa por olhares bem negativos, meio preconceituoso.

[00:22:50] Pesquisadora Tu tem uma namorada? Eu tinha entendido namorado.

- [00:22:53] EM_06 Não, namorada.
- [00:22:54] Pesquisadora Tá. Então, tenho mais perguntas para te fazer.
- [00:22:58] EM_06 Aham.
- [00:23:00] Pesquisadora Estar no espaço urbano, com ela, tu te sente menos segura ou mais segura do que sozinha? Tu entende a minha pergunta?
- [00:23:12] EM_06 Tá, assim...quando estou no espaço onde tem pessoas?
- [00:23:16] Pesquisadora Tipo, caminhar na rua.
- [00:23:18] EM_06 Se a gente está, nós assim, eu e ela aqui,está tranquilo, mas onde tem mais pessoas,tem aqueles olhares,tem olhares negativos e tem aquele também, o assédio também, né?
- [00:23:30] Pesquisadora Aumenta o assédio quando tu está acompanhada?
- [00:23:33] EM_06 Sim, sim, porque as pessoas não respeitam, né? Estou dizendo em termos de homens, né? Eles olham mesmo e não respeitam. Não estão nem ai se é um casal, se tiver que soltar uma tiradinha, solta, entendeu? E eu já passei por momentos assim com ela. As pessoas não respeitam.
- [00:23:50] Pesquisadora E tu acha que o assédio em relação a ti aumenta quando tu está com ela?
- [00:23:56] EM_06 Sim, acho que até de propósito mesmo. Tem vezes que até eu tenho que te falar, eu prefiro andar às vezes sozinha do que estar às vezes com ela, entende?
- [00:24:08] EM_06 Porque eu acho que chama muito, acho não, chama muita atenção. Isso que hoje em dia a diversidade está aí, tem muitas, mas não sei, chama muita atenção.
- [00:24:18] Pesquisadora Tá, e pode me contar alguma experiência que vocês já passaram?
- [00:24:22] EM_06 Ah! O cara chegar e forçar uma situação, né? Não entender que ali era um casal. E achar que eram duas amigas que estão só de mãozinha. E chegar na pessoa. Tem que respeitar porque aqui é um casal, né?
- [00:24:36] EM_06 Tipo, eu trabalhei 12 anos ali no Paraíso, ali no supermercado, né? E aí a gente estava num barzinho aqui na volta e estava eu e ela, aí chegou um cara que sentou na minha mesa e ficou, e eu falei, "amigão, o que está

fazendo aí?" Ele, "ah, vou pagar uma cerveja pra vocês", "tá, cara não sei se tu entendeu que aqui é um casal. Se fosse um casal hétero tu ia pagar uma cerveja?"

[00:24:55] EM_06 Quero que tu entenda que aqui é um casal. É um casal, não são amigas. Aí o cara que se deu de conta e se retirou, Mas é que, tipo...

[00:25:02] Pesquisadora Mas mesmo que não fosse, né? Tu podia estar com uma amiga, ele não foi convidado.

[00:25:09] EM_06 Eu fico pensando. Entendesse? Porque eu acho que se fosse um casal hétero, o cara não ia chegar ali e ficar na tua volta. Tu e teu namorado, né?

[00:25:15] Pesquisadora Claro.

[00:25:15] EM_06 Agora, imagina, aí tem duas mulheres, os caras se aproveitam mesmo. E hoje em dia não tenho mais vergonha da minha sexualidade, que antigamente eu tinha, né? Ah, não andava de mão ainda, mas hoje em dia "to cagando e andando". Tô nem aí, eu ando de mão. Se tiver que, tipo, dar um beijo, eu dou também. Porque eu acho que cada um é cada um, né? Claro, não desrespeitando os outros, né, mas, é um casal.

[00:25:41] EM_06 Bom, aqui mesmo....aqui de noite não passo nem a pau. Por ser abandonado, tem, tipo, as pessoas invadem, né?

[00:26:18] EM_06 E o positivo mesmo, na volta, é questão do custo mesmo, né? Quando tem, tipo, movimentação dos caminhão, dos navios. Eu gosto de trazer meu sobrinho pra cá, ele adora ver os caminhão passando. Pontos negativos também, do acúmulo de sujeira, né?

[00:27:02] Pesquisadora Tu sente que o teu gênero influencia na forma, na tua experiência de caminhar na cidade, de caminhar, pedalar, de estar, assim, no espaço urbano?

[00:27:14] EM_06 Tipo, a minha sexualidade?

[00:27:17] Pesquisadora O teu gênero, tu acha que fosse um homem que ia ser diferente? Não, não.

[00:27:24] EM_06 Até esse ponto, até esse ponto não, né?

[00:27:28] EM_06 Mas...Como é que eu vou te falar, olhares que eu vejo quando eu olho fora, tá, eu sou lésbica, mas eu não sou masculino,

[00:27:39] EM_06 Masculina ainda, né? Tá. Eu tenho meu estilo, mas eu tenho amigos meus que são gays e são muito afeminados, então, o olhar é muito,

é muito preconceituoso, sabe? E eu me sinto mal, vendo isso. E tem pessoas que, como sabe, passa na cara, nota né?

[00:28:03] Pesquisadora Tu acha que a forma como tu te veste influencia?

[00:28:09] EM_06 Não, não, influencia, mas eu digo olhares preconceituosos, né?

[00:28:36] Pesquisadora Já trocou de roupa pra ir a algum lugar, alguma coisa assim?

[00:28:39] EM_06 Não, não.

[00:28:40] Pesquisadora Por medo de assédio? Não.

[00:28:41] EM_06 Não, não.

[00:29:14] Pesquisadora Em relação a tua cor, tu acha que influencia a tua experiência de caminhar?

[00:29:23] EM_06 Ah, a gente tem aquela, como é que eu vou te dizer...Cara, existe aquele preconceito que bate, uma nega passando ali, bate, esconde o celular, alguma coisa assim. Entendeu isso? Ah, tem, tem. Eu que sou da pele negra. Já vi muitos olhares. Não pra mim, Não aconteceu comigo, né? Mas com pessoas próximas de mim. Bah, tá louco, eu tava na esquina e a mulher guardou o celular. Ela só falava, que por ser negra, ela achou que eu ia assaltar ela e... eu tava bem arrumada.

[00:29:55] EM_06 Ah, eu trabalhei no supermercado também, os olhares também são diferentes dos segurança. Dizem que não, mas eu observava muito, só porque o cara é negão ficam cuidando. A gente só... Já passei por uma coisa assim, né? Mas... Eu vejo isso. Claro que eu vejo.

[00:30:48] EM_06 Aqui é um local que eu gosto muito de sentar, de ficar aqui também, né? De parar, só pra ficar vendo... Só pra olhar pra aquele espaço ali. Que me traz calma. É, me traz calma, sabe?

[00:31:11] Pesquisadora Tem alguma outra característica sua que você sente que afeta essa experiência de caminhar?

[00:31:26] EM_06 Não, não.

[00:31:34] Pesquisadora Você gostaria de caminhar mais?

[00:31:39] EM_06 Ah, eu sou meio preguiçosa. A vontade até tenho. Tipo, tô falando a parte de caminhar.

[00:31:49] Pesquisadora Mas tu pedala, né? Pedalar também trata de mobilidade.

[00:31:53] EM_06 Mas pedalar... Eu só ando pela volta aqui mesmo. Eu vou pro lugar mais tranquilo, assim, sabe? Pra ficar mais tempo.

[00:32:15] Pesquisadora Sair, pra ficar, assim, na praça?

[00:32:20] EM_06 De ficar mais tempo ali o quadrado, né? Que eu gosto mais de ficar. Ah, mas eu saio daqui da volta também. Não fico só no quadrado

[00:32:33] EM_06 Uma coisa assim. Tipo, agora mesmo eu almocei. Estava fazendo alguma coisa em casa. Ah, agora depois, mais tarde, eu vou pegar a bike e vou me sentar ali no quadrado. Até dar um certo horário. Esperar a minha namorada soltar. Ficar no quadrado ali. Vendo gente. Tomando um chimarrão, do nada. Só pra espairar mesmo na cabeça. Que a gente precisa disso, né?

[00:32:53] Pesquisadora Claro.

[00:32:54] EM_06 Às vezes é puxado. Mas aí eu procuro muito essa volta pra dar uma relaxada de mente mesmo.

[00:33:01] Pesquisadora O que tu acha que a prefeitura podia fazer pra incentivar mais as pessoas a caminhar e pedalar?

[00:33:08] EM_06 Arrumar, melhorar, melhorias né?

[00:33:11] Pesquisadora Melhorias do quê?

[00:33:12] EM_06 Tipo assim... Ah, tem espaços mesmo que são aquelas ruas que a gente passou. É uma rua...Pra mim é uma rua morta. Não tem... Ah, tem muita transição, mas... É esburacada, entendeu? É muito esburacada. A gente já está acostumada que pela volta tem muito prédio parado, muito prédio atirado mesmo. São coisas que vão demorar anos, mas podia ter uma melhoria, né?

[00:33:49] pesquisadora Iluminação?

[00:33:50] EM_06 Ah. É muito escuro sim. Acho que nessa volta mesmo iluminação, acho que não tem. É escuro mesmo. Não sei se arrumaram, né? Que é escuro que já impede da pessoa passar por ali. Aqui mesmo de noite já é perigoso, na verdade.

[00:34:14] Pesquisadora Tem mais alguma coisa que tu queira me falar?

[00:34:33] EM_06 Bom, então estamos falando sobre melhorias, né? É, tem calçadas muito ruins para se passar realmente. Estavam arrumando, mas tem muita iluminação que é tão precária que já se torna perigoso para quem gosta de

passar, né? Caminhar já evita de sair por causa dessa função do escuro, da... ser escuro, né?

[00:34:58] EM_06 É, mas é que estraga as pessoas, infelizmente.

[00:35:00] Pesquisadora E a quanto a velocidade dos carros?

[00:35:06] EM_06 Ah, não. Não respeitam, né? Faço tudo correndo. Tem que estar sempre se cuidando. É que aqui é uma área tranquila, na verdade, né?

[00:35:20] Pesquisadora Sim.

[00:35:21] EM_06 Quer dobrar lá, a gente vai reto e a gente vai de volta. Eu estou por ti.

[00:35:27] Pesquisadora Nós já estamos voltando.

[00:35:32] EM_06 Sim, sim.

[00:37:11] EM_06 Olha, a noite aqui é um ponto que é muito perigoso. Eu evito mesmo de passar por aqui. Não passo nem "a pau".

[00:37:21] EM_06 E ali no condomínio tem gente que comprou sem saber como é que era o local. Eu me lembro no início, quando a gente se mudou.

[00:37:30] EM_06 Ah, mas ali ficou como, "bah vai ser perigoso, como é que faz agora?" Tem gente que saiu, tipo, mora em regiões muito... Não que aqui não seja uma região ruim. É uma região boa de se morar também. Mas é por causa dessas funções, né? De muitos lugares abandonados. E função também da vila ali, né? Que agora arrumaram muito. Porque antigamente era pior ainda.

[00:38:07] pesquisadora Divide os cuidados da tua filha com alguém?

[00:39:38] EM_06 Não, eu sou mãe e pai. Mãe solo.

[00:41:03] Pesquisadora Você tem ajuda financeira?

[00:41:06] EM_06 Não, somente sozinha.

[00:41:09] Pesquisadora E o pai dela?

[00:41:12] pessoa2 O quê?

[00:41:13] pesquisadora Financeiramente, não. Mas ele ajuda a cuidar?

[00:41:16] EM_06 Não. Não. O pai da [NOME], eu terminei com ele quando eu tava com cinco meses de gestação sem saber que eu estava grávida. E aí ele sumiu no mapa, mas... Agora, de um ano pra cá, que ele fica na volta querendo saber dela, porque ele tá casado. Então acho que é mostrar pra mulher lá. Aí dá, às vezes, uns presentes pra a Lana, sabe? Mas não é aquela coisa, assim, de responsabilidade. Porque ele não tem responsabilidade. O meu trajeto é esse aqui, ó.

[00:41:59] EM_06 Porque eu pego a ciclofaixa, né? Então eu pego lá na ponta aí, viu?E vou até lá.

[00:42:05] EM_06 E... essa rota daqui é meio perigosinha. Se não ficar de olho te passam por cima. Mas é ótimo. Mais fácil de andar.

[00:42:35] pesquisadora Esta bem. Muito obrigada pela entrevista.

APÊNDICE H – QUADRO SÍNTESE ANÁLISES E OBJETIVOS

a) analisar como as mulheres estão inseridas na cidade (trabalho, lazer, atividades de cuidado e manutenção da casa), observando as relações público/privada; -> 4.1 afinidade -> 4.2 condições físicas
1. "Eu frequento esse bairro porque é o bairro que eu vim morar depois que eu saí das casas dos meus pais. E aí é um bairro que eu me sinto familiarizada." EM_01_33 anos
2. "De caminhar domingo de manhã por causa da paisagem. É muito mais legal, tu tem outra percepção das ruas no domingo de manhã, sério." EM_01_33 anos
3. "E era super bom pegar o domingo de manhã cedão, porque também era mais vazio, a paisagem era muito mais bonita também. Silenciosos." EM_01_33 anos
4. "O meu dia é acordar, sair de manhã, ir pro trabalho. E aí depois eu saio, vou pra casa, dou uma banda às vezes em outros lugares." EM_01_33 anos
5. "Eu utilizo carro ultimamente e final de semana eu tento não fazer nada de carro. Mas acabo usando carro. Sempre. Eu ando de bike também. Atualmente não muito, mas ando." EM_01_33 anos
6. "Ir na casa de alguém ou ir trabalhar. São coisas que eu costumo fazer a pé. E ir no centro também, são coisas que eu costumo fazer a pé. No supermercado, coisas assim." EM_01_33 anos
7. "Ah, eu tenho bastante coisa da minha vida que é aqui, né? Eu faço mestrado ali no ICH, agora não tô com disciplina nesse semestre, mas, mesmo assim, tem reunião de orientação, tem um monte de coisa. Como eu trabalho na universidade, e essa parte toda do porto aqui é uma parte que eu tenho bastante contato, tem a coisa da batucantada que a gente tem nos finais de semana, vai no centro de artes, vai no quadrado" EM_02_49 anos
8. "O próprio quadrado é um lugar que eu gosto de ir, assim, sem compromisso, de eu sentar, tomar um mate, conversar. Esse ano, agora, já não tá mais, mas até o ano passado, a minha sobrinha estudava aqui, nessa escola que fica a dois quadros daqui de onde a gente tá. Então, tem bastante referência, assim, o porto é um lugar que tem bastante atividade, então, apesar de eu não morar nessa região, é um lugar que eu frequento bastante." EM_02_49 anos
9. "(...) eu acho que o porto tem um clima gostoso, assim, eu não sei o que é aqui, mas eu até já andei procurando casa para morar aqui, porque eu gosto muito dessa região, eu acho assim, tem uma, uma, ele não tem uma estrutura de bairro, parece, o porto tem uma coisa meio de centro da cidade, assim, essas ruas grandes, o movimento, e acho que o contato com a universidade também, por ter esse monte de prédio da universidade aqui, e as atividades assim, que tem no porto, porque é isso, assim, tem barzinho, tem festa, tem atividade de final de semana, as coisas que tem, sofá, tem, sei lá, tem um monte de coisa legal para se fazer no porto, tem umas praças boas, tem, eu acho que o porto é um lugar, eu tenho uma sensação de acolhimento, assim, do porto, parece que, de uma mini cidade dentro da cidade, sei lá, eu acho gostoso, assim, eu acho que o porto tem essa, essa característica." EM_02_49 anos
10. "(...)eu tenho um turno em casa e um turno na universidade, mas, normalmente, eu venho de manhã para a universidade, faço um turno lá, vou para casa, trabalho em casa, às vezes, no final da tarde, tem alguma outra atividade que eu saio, agora, hoje mesmo, tem ensaio da Batucantada, eu vou para o ensaio, que é no centro de artes, então, a minha rotina é meio isso, universidade, casa, casa, universidade." EM_02_49 anos
11. "Normalmente, eu pego o carro para fazer a parte do transporte dos instrumentos da Batucantada, que eu sempre tenho que levar ali do centro de artes para o quadrado, então, eu venho de casa para o centro de artes, eu venho de carro. E para ir no supermercado, quando eu vou, assim, eu visitar alguém, mas, normalmente, eu procuro no final de semana andar de bicicleta ou andar a pé, não ando muito de carro." EM_02_49 anos
12. "A pé, eu faço, são esses trajetos mais curtos, assim, tipo, se eu sair para algum lugar que eu vou de Uber, às vezes, assim, vou num barzinho, vou de Uber, e depois, daquele lugar para outro, eu vou a pé, ou, sei lá, se eu vou em algum lugar no centro, assim, que eu vou, eu vou de ônibus raramente, mas, normalmente, de Uber até um determinado lugar, e aí, depois, eu faço as outras voltas todas a pé, eu moro próxima do centro, às vezes, eu volto a pé, mas, é mais isso, assim, os trajetos mais longos, eu prefiro fazer de bicicleta, porque é mais fácil." EM_02_49 anos
13. "É o acesso, né? Pro lugar de trabalho, de estudo. Essas ruas aqui. Dá todos os acessos pra chegar na faculdade e nos trabalhos. Eu trabalho também aqui pertinho, também num outro lugar". EM_03_38 anos
14. "É meio calmo, né? É, eu gosto assim. Eu gosto do Porto." EM_03_38 anos
15. "Entrevistada Um dia típico? Ah, é um dia corrido. É um dia corrido, sim. Acordo pra levar meu guri pra escola. Eu largo ele na escola de manhã e depois eu vou trabalhar. Mas aí se tem que fazer mais alguma coisa. É tudo corrido, assim. Por causa do tempo né? Depois eu volto pra almoçar. Depois também tem que deixar comida pro meu outro do Guri. Porque ele também vai pra escola. E é tudo meio correndo." EM_03_38 anos
16. "Por causa da faculdade. E eu moro aqui também. Já são... desde 2015. E aí eu frequento muito mais por questões acadêmicas. E dentro da minha logística também é um lugar mais acessível de se morar." EM_04_26 anos
17. "Eu gosto muito da Ocupa porque quando eu cheguei aqui essa região aqui era um prédio completamente abandonado. A altura que tinha, que tem aquele muro ali era tudo de lixo. Era muito lixo. Se você entrava nesse prédio tinha muita desova de capinha de celular, de roupa, de preservativos, de várias coisas que muitas pessoas ficavam escondidas esperando os estudantes voltarem pra casa depois do rolê. Então tinha muito assalto aqui. Daí a Ocupa entra nesse lugar porque além de ser um lugar de muita segurança ele é um lugar que ele é um lugar que eu sinto que mudou muito a minha realidade. Diminuiu o meu medo." EM_04_26 anos
18. "Um dia típico na minha rotina é um dia que eu vou pra... Fico muito em casa. Mais em casa do que eu gostaria. Até porque os RU's ficam ambos muito longe da minha casa. Então às vezes é preferível não comer tão bem e ficar em casa do que ir até o RU a pé e voltar. Principalmente no turno da noite. Durante o dia é mais tranquilo. Mas de noite eu acho mais hard ir voltar a pé, por exemplo, do RU pro ângulo. Mas na minha experiência. De repente tem gente que se sente bem confortável e tal. Mas não é o meu caso. Então um dia típico tenha uma possível ida ao RU ou não. E tem as aulas, esse deslocamento ali da região da cotada aqui pro Centro de Artes. Ou então pra região mais central, lá perto do Conservatório de Música, onde acontece coral e tal." EM_04_26 anos

a) analisar como as mulheres estão inseridas na cidade (trabalho, lazer, atividades de cuidado e manutenção da casa), observando as relações público/privada; -> 4.1 afinidade -> 4.2 condições físicas
19. "Eu adoro sair pra caminhar e geralmente eu tô sempre com o meu marca-passos, que eu digo que é meus fones, né? Que me levam além. E eu acabo, com a música, observando várias coisas que às vezes a gente passa ali despercebido e não percebe, né?" EM_05_33 anos
20. "Ah, eu gosto da tranquilidade e da paz, porque aqui eu sei que eu posso andar até a hora que eu quiser e que nunca vão deixar eu cair. Aqui é super tranquilo pra isso, assim. Tipo, de eu deixar a porta aberta ali de casa e vir aqui na mãe, eu sei que ninguém vai mexer também."EM_05_33 anos
21. "Eu gosto de pedalar, procurar um ambiente mais calmo. Quadrado. Ver prédios antigos, prédios abandonados, na verdade, né" EM_06_33 anos
22. "Sim, algo positivo para mim ali é o quadrado, né? Como é perto também, né? É onde eu posso descansar mais. Eu gosto de ir na rua, ver pessoas". EM_06_33 anos
23. "Tem semanas que eu pego de manhã. E semanas que eu pego durante a tarde. Trabalho seis horas de corrida, graças a Deus. E aí meus dias diários. Tipo, hoje mesmo. À tarde agora eu vou sair. Mas eu gosto de pegar a bike e ir até o Porto, o Quadrado. Pegar o chimarrão, sentar, ver lá. Entendeu?Gosto de olhar pros... Ah, tem um monte de prédio. Tipo, antigo aqui, né? Abandonado. É uma das partes que me entristece muito. Porque tá tudo parado".EM_06_33 anos
24. "Ah, não? Não, não. Eu vou de Uber. Ah, padaria é pertinho". EM_06_33 anos
25. "Também gosto de tirar foto. Desses lugares antigos. Eu acho que tem funcionamento isso aqui ainda. Mas não... Eu digo que são lugares muito abandonados mesmo. Não tem manutenção, porque eu acho que funciona alguma coisa aqui. Acho que é uma fábrica. Então já é algo negativo, né? Que tu passa pela... Pra quem vem pra cidade, olha isso daqui, e até se entristece." EM_06_33 anos

c) compreender e analisar como se dá o deslocamento das mulheres no contexto urbano e -> 4.3 - mobilidade e violência
1."(...) na Anchieta, entre Tamandaré e Benjamin. E por exemplo, eu já fui assaltada ali. Então são caminhos que dependendo do horário eu não faço mais. Tamandaré, Benjamin. Se eu for para o sofá na rua, que é no domingo, dependendo do horário eu não volto nem pela Conde de Porto Alegre e nem pela Benjamin." EM_01_33 anos
2."Me sinto segura em determinado momento do dia ou horário. Mas me sinto segura."EM_01_33 anos
3. "Garibaldi com Gomes Carneiro, e que é bem próximo do Anglo, e às vezes tem reunião, tem alguma coisa ali, daria tranquilamente para ir a pé do Anglo, para aquele trajeto, mas é um trajeto que eu não faço a pé nem de manhã cedo, nem final de tarde, porque é uma zona que a gente sabe que é complicada, que tem assalto, que tem umas abordagens que a gente não sabe direito qual o sentido, então, que eu evito de fazer. EM_02_49 anos
4. A pé não, a pé eu evito, claro, esses deslocamentos que eu te digo aqui mesmo, no porto, quando a gente sai de noite, porque é uma zona que eu saio. Os bares são próximos. E às vezes eu deixo o carro na Benjamin e vou para o Papoeira, vou para o Bar do Zé, eu faço o caminho para o carro, e acho tranquilo, não me sinto insegura nessa volta dos bares do porto, eu não tenho medo de andar.EM_02_49 anos
5. Eu ando sozinha ali. Agora, há poucos dias até eu tinha estacionado mais perto de CH lá, que não tinha vaga, e eu fiz toda a volta na quadra a pé, sozinha, mas é que tem muita gente na rua, tem muita gente andando, um bolinho de gente conversando e tal, então, não sei, essa coisa de ver gente ao longo do trajeto me deixa mais tranquila. EM_02_49 anos
6. "Pra Gomes Carneiro. Aquele lado pra lá é uma escuridão mesmo, né? Que aí se eu tenho que caminhar pra essa rua aqui 3 de maio também é escuro. Mais lá pra cima lá é uma escuridão. Ah, sim, aí eu evito. Tem que ir pela Dom Pedro II que é bastante iluminada, tem bastante movimento. Aí eu evito. Gomes Carneiro.EM_03_38 anos
7."Aqui, aqui é horrível essa rua aqui, se atravessar. Quando eu vou deixar... a Garibaldi aqui, quando eu vou deixar o meu filho na escolinha pra esperar, até pq é asfaltada é muito ruim, são tudo desregulada, tem que prestar bastante atenção pra não cair. Até um dia eu vinha vindo e ele tropeçou por causa de um buraco. O risco é essa da rua aqui, que é ruim."EM_03_38 anos
8. "Tudo a pé. Só que, tipo assim, tem um bairro do lado, um negócio, um ensaio. Às vezes depois ensaio, alguma coisa assim, eu uso o Uber." EM_04_26 anos
9."De noite eu evito a Benjamin." EM_04_26 anos
10."Eu sempre tento ir pelas ruas menos movimentadas." EM_04_26 anos
11."Porque eu tenho a sensação que a gente, enquanto um corpo que é lido, como um corpo mais frágil, sei lá, às vezes tem um corpo ou um corpo, assim, que não precisa ter escrúpulos com você. Quando você está nesse lugar em que as pessoas não precisam ter escrúpulos com você, prefira não encontrar ninguém, seu azar de encontrar a pessoa errada, sabe?" EM_04_26 anos
12."Já me escondi atrás de carro porque eu fugia de carro que eu estava achando que estava me perseguindo, aqui por umas ruas aqui do Porto também."EM_04_26 anos
13."E eu acho que é isso. Acho que a gente vai... tem tanta discussão que se levantou nos últimos anos em relação à segurança de quem não é padrão, hegemônico ali, que a gente de alguma maneira também precisou criar táticas. E aí às vezes as táticas é não estar." EM_04_26 anos
14. "A mãe- às vezes eu fico furiosa com ela-, porque eu chego aí, abro a porta e falo: "Ei, cadê a mãe?" "A mãe tá cortando lenha aqui numa quebrada e a porta aberta. Eu digo: "tu tá arriscando demais. Uma hora vão ver, tu tá sozinha aí..." Porque aqui acontece agora bastante... A função do quadrado tá mais movimentada. Então tem muita gente que não é daqui, né? Que vem de fora, então."EM_05_33 anos
15. "Onde eu digo, onde a gente salva de 10, 1, né? Já é alguma coisa que a gente teve, porque a gente teve adolescentes que se perderam, que estão no crime agora."EM_05_33 anos
16. "Eu digo que eu sou receosa, sim, mas eu passo, por diversos lugares que ninguém passa, tipo, eu já passei por aqui a noite, e a mãe dizia, ah, tu passou por lá, a noite eu passei, porque quando eu vejo um bandido, porque eu já tive acesso a muitos ladrões, né, bandidos mesmo, e eles diversas vezes já me contaram que tipo, às vezes eles nem querem assaltar as pessoas, só que tipo, as pessoas olham com cara de medo e despreza, atravessa a rua, aí que eles vão lá e assaltam só de raiva, gente, tem muito isso. Então o que que eu faço? Eu faço eles sentirem agradável comigo, quando eu desconfio de qualquer coisa, eu olho no olho deles, dou oi, eles acham até que eu conheço. Um dia ele disse assim, ó, tu tá ligado em mim, né, eu disse, tô, tô ligado, nem tava nada, tô, tô ligado em ti, já andassei lá no quadrado também, bah, pior que já, eu disse, não, tô ligado em ti, pô, pode crer, não sei o que, tipo, tava só eu e ele, assim, ó, tipo, pá, craqueiro, pesado, aí não bata de um cara, mas tipo, foi tudo super tranquilo, dei oi pra ele, e eu costumo fazer isso, porque eu não, tipo, na real, a gente não, eles são pessoas." EM_05_33 anos
17. "Além de ser saúde, né? O caminhar... Ah, e também pra passar um pouco do estresse do dia a dia, né? Quando não é serviço, o caminhar pra mim faz isso, o que eu tô fazendo agora.Vê?" EM_06_33 anos

d) verificar como a raça interfere na vivência das mulheres nos seus deslocamentos a pé. -> 4.3 - mobilidade e violência
1. "Os grafites, essas coisas que eu gosto de fotografar. É uma memória que me faz gostar de caminhar e fotografar a rua." EM_01_33 anos
2. "É tu passar por um bando de homens e ser... E ser... Olhada demais. É isso. Isso eu acho realmente desconfortável." EM_01_33 anos
3. "Cara, eu acho que enquanto mulher eu me sinto um pouco mais insegura em andar na rua. Por uma questão de abordagem, assim, indireta às vezes. Como agora passar na frente de uma oficina e ser... Comida com os olhos, literalmente. Sendo que eu não olhei para a cara de nenhum dos caras, assim, nem sei que cara eles têm. Mas é isso. Esse é o negativo." EM_01_33 anos
4. "O positivo é...Encontrar a poética da rua que eu quero. Está aqui, olha. Toda alegria poética." EM_01_33 anos
5. Eu gosto da sensação de caminhar, assim. A coisa da gente não estar preso em equipamento que te leva de um lugar para outro, tipo, não estar dentro de um ônibus ou de carro. Eu acho que a sensação de tu poder andar com as tuas próprias pernas, de tu ser... o teu corpo ser suficiente para tu te deslocar, eu acho uma coisa gostosa, assim. E dependendo do período, eu agora estou num período da minha vida que eu não tenho tido muito tempo de sair para caminhar. Mas eu já fiz muito disso, assim, de, tipo, ah, hoje eu simplesmente não vou pegar o carro para sair de casa. Eu vou a pé porque é mais gostoso de andar a pé, sabe? Eu acho uma experiência gostosa, assim, andar a pé. EM_02_49 anos
6. Ah, eu acho que toda mulher já passou por situações assim de ser constrangida ou de sentir medo quando está caminhando, eu já fui seguida na rua. Aí aqueles caras que passam por ti, que dizem que vão te pegar, vão te passar a mão, vão fazer isso, vão fazer aquilo. Simplesmente de ficarem te olhando de uma maneira, né? Às vezes a gente passa num lugar que tem três, quatro homens e simplesmente faz aquele silêncio assim, tu vê que todos te seguem quando tu está, o olhar que segue. EM_02_49 anos
7. "Então, já passei por muitas experiências traumáticas, e hoje eu evito bastante, assim, lugares onde eu não saiba, assim, que tem um mínimo de segurança, eu não vou, se eu não tenho outra alternativa, eu não vou." EM_02_49 anos
8. "Olha, em relação a gênero, eu acho que a gente só tem aspectos negativos, né, porque, tipo, se tudo que, todas as experiências ruins que um homem pode ter andando pela rua, a mulher também tem, e mais." EM_02_49 anos
9. "Porque a gente sabe que, numa situação, digamos, dizer assim, ah, se eu estou caminhando pela rua e eu sou assaltada, estão levando coisas materiais, leva o meu celular, minha carteira, dinheiro, sei lá, cartão de crédito, eu, tudo isso eu vou poder, de alguma maneira, repor, mais cedo, mais tarde, com mais ou menos sacrifício, eu vou poder repor, mas no momento que a gente sofre uma agressão sexual, que é o grande medo de toda mulher quando anda na rua, né, porque um constrangimento, uma situação que a gente se sente mal, a gente se sente agredida, de ouvir um palavrão, de passarem a mão no teu corpo, mas, tipo, de sofrer uma violência mais grave, assim, é o grande medo de toda
10. Então, eu acho assim, a percepção de ser uma mulher caminhando na rua, né, enquanto o ambiente ao redor é minimamente segura, é uma experiência como qualquer pessoa que gosta de caminhar, independente do seu gênero, né, mas no momento que tu tá caminhando em lugares onde tu tem que ter um pouco mais de cuidado, por todas essas questões, porque tá escuro, porque tem terreno baldio e tudo mais, a insegurança é muito maior, não sei se eu me fiz fez compreender, em relação a isso, porque além de todas as agressões possíveis, de ser assaltada, de qualquer coisa, a gente ainda tem sempre esse medo da agressão sexual, né, que é mais uma coisa, mais uma potencialidade de ser vítima." EM_02_49 anos
11. "Eu acho que sim, no sentido de estar menos exposta por ser uma mulher branca." EM_02_49 anos
12. "(...) a gente sabe que isso é determinante, assim, que a cor da pessoa é determinante no momento de uma abordagem policial. No momento de outras, outros tipos de abordagem, de assalto, de outras coisas, não acho que vai fazer diferença, porque, né, se é pra assaltar, não, mas a abordagem policial acho que faz toda a diferença. EM_02_49 anos
13. "(...)eu acho que a atitude tem a ver assim, de tu não demonstrar medo quando tu tá andando, uma mulher que não demonstra medo quando tá andando, eu acho que é menos agredida no sentido de piadinhas dessas coisas, já percebi. EM_02_49 anos
14. "A insegurança. A insegurança é meio...(...) Quando eu fui assaltada. Quando eu estava caminhando." EM_03_38 anos
15. "As pessoas olham, né? Os homens. O jeito de olhar, né? Ah, uma vez eu estava de bicicleta e um um cara meio tarado passou por mim e falou não sei o que e eu passei bem ligeiro. É porque é mulher, né? Vê se é com homem, vê se eles vão fazer isso aí com a mulher. E você percebe. Até o jeito de olhar." EM_03_38 anos
16. A Nina Simone fala que ser livre é não sentir medo. É isso que faz uma experiência de caminhada ser boa pra mim. Quando eu tô tão à vontade, seja por estar com alguém, ou seja por estar caminhando num lugar que eu me sinto mais à vontade, que isso me faz muito bem. Agora, se eu preciso ficar... Sabe quanto precisa ficar muito atenta? Se eu preciso ficar muito atenta pra me sentir segura, eu não gosto. Tipo assim, ficar tendo que olhar demais pros lados, porque a qualquer momento pode... Isso acaba comigo. Então, eu prefiro, às vezes, não caminhar, não sair de casa, do que sair e me sentir insegura. A vida é muito valiosa, sabe?" EM_04_26 anos
17. Se eu tô numa rua que é mais escura, ela, com certeza, já tá fora da minha rota. Até porque, na maioria das vezes, a gente tá caminhando sozinha, a gente tá na correria de um lado pro outro. Então, eu evito ruas escuras, coisas muito... Sem luz, assim. Porque eu sei que isso impacta muito na nossa segurança, assim. Buraco nem tanto, né? Você tem um buraco na rua, mas é porque eu não sou PCD. De repente, se eu fosse PCD, o negócio seria... sentiria a coisa bem mais... Uma pessoa PCD nas ruas do porto, nossa! Sofre até pra subir uma calçada, sabe? Então... Não é uma coisa que impacta a minha vida, a condição que eu tenho, né? Mas... Eu vejo que faz muita falta né essa acessibilidade, assim. Até pra pessoas cegas ou com baixa visão, acho que já é complicado, sabe?" EM_04_26 anos
18. "Eu sou uma pessoa branca e aí eu tenho os meus privilégios em função disso, né? Talvez eu não seja abordada pela polícia por ser uma pessoa trans branca. Talvez eu não seja o alvo da polícia justamente por ser branca. Mas eu sinto que por ser trans, principalmente quando eu estou em espaços que são só de pessoas brancas, eu sou marcada como uma pessoa trans. Eu sou a outra, né? Não conquistei algumas dignidades. Então eu sinto que a minha cor impacta. Com certeza." EM_04_26 anos
19. "A minha feminilidade, a minha não binariedade, essa coisa de andar na rua com um hibisco atrás da orelha, com uma saia e um bigode, as pessoas dizem que é lindo no palco, que é lindo enquanto metáfora artística, mas se você quiser ser isso, ser isso na sua vida, aí as pessoas se opõem, porque eu acho que elas se sentem afrontadas. Foram ensinados tanto o

d) verificar como a raça interfere na vivência das mulheres nos seus deslocamentos a pé. -> 4.3 - mobilidade e violência que é ser homem, ser mulher, que quando alguém ousa não ser isso, parece uma heresia." EM_04_26 anos
20. "Os olhares, já aconteceu o dia, o meu irmão tá caminhando e uma mulher atravessar a rua, porque ela ficou com medo que a gente fosse assaltar ela, meu irmão ficou furioso". EM_05_33 anos
21. "Sim, com certeza. Diversas vezes de passar, tipo, eu evito de passar em frente de obra. Porque tem uns caras muito desrespeitadores" EM_05_33 anos
22. "eu sempre escutei bastante do pai e das minhas irmãs também, que a gente na real, como já por ser mulher e preta, passar na rua já é um desafio, né. Então a gente tem que estar preparada porque pode ser que venha chumbo grosso aí." EM_05_33 anos
23. "Senti discriminação por ser preta, por ser mulher." EM_05_33 anos
24. "A gente tem que trocar de roupa pra ir... Na real, a gente deveria usar a roupa que a gente quiser em qualquer momento. Mas eu acho até que agora tá mais tranquilo, assim. Acho que já foi pior. Mas igual, com certeza, tu sabe que tu vai correr o risco de escutar uma merda de uma piada. E... É isso, né? A gente tentar lidar" EM_05_33 anos
25. "...e a sorte dela é que era uma mulher branca, porque se fosse uma preta, podia ter sido pior até. Porque tem tudo isso também, né? Que eu já vi, que eu acho que os homens tratam muito pior as mulheres pretas, assim. Na questão até de como tu chamar elas. Eu vejo muito disso." EM_05_33
26. "O caminhar ser uma experiência negativa? Ah, vamos falar de ruas então, passar por buracos. Dia de chuva, então, nem pensar. Não dá. Que é a função que não dão manutenção né? E se é de falar de pessoas. Às vezes, num certo horário, tu vê muito bandidinho na rua. Então, tipo, pra mim, é uma visão negativa." EM_06_33 anos
27. "Quando eu estou com a minha namorada a gente passa por olhares bem negativos, meio preconceituoso." EM_06_33 anos
28. "Se a gente está, nós assim, eu e ela aqui, está tranquilo, mas onde tem mais pessoas, tem aqueles olhares, tem olhares negativos e tem aquele também, o assédio também, né?" EM_06_33 anos
29. "Estou dizendo em termos de homens, né? Eles olham mesmo e não respeitam. Não estão nem aí se é um casal, se tiver que soltar uma tiradinha, solta, entendeu? E eu já passei por momentos assim com ela. As pessoas não respeitam." EM_06_33 anos
30. "Tem vezes que até eu tenho que te falar, eu prefiro andar às vezes sozinha do que estar às vezes com ela, entende?" EM_06_33 anos
31. "Cara, existe aquele preconceito que bate, uma nega passando ali, bate, esconde o celular, alguma coisa assim. Entendeu isso? Ah, tem, tem. Eu que sou da pele negra. Já vi muitos olhares. Não pra mim, Não aconteceu comigo, né? Mas com pessoas próximas de mim. Bah, tá louco, eu tava na esquina e a mulher guardou o celular. Ela só falava, que por ser negra, ela achou que eu ia assaltar ela e... eu tava bem arrumada" EM_06_33 anos .

b) avaliar as condições físicas a qual estão sujeitas as usuárias da mobilidade a pé; -> 4.2 condições físicas	
1. "Um pouco de... disposição... Bem real. Atualmente. E...Tempo também, às vezes. Talvez no horário que eu gostaria de caminhar eu não.... esteja fazendo outra coisa, assim. Não role."EM_01_33 anos	
2. "Acho que é uma questão de, às vezes, de segurança mesmo. Ruas mais iluminadas. Trajetos mais definidos, assim, para caminhar também. Não uma pista para caminhar, mas... sei lá, um desenho urbano melhor pra caminhar. Não sei. Acho que é um pouco isso." EM_01_33 anos	
3. "eu gostaria de ter essa possibilidade de estar num lugar como aqui, que eu posso me deslocar. Se eu moro aqui, onde eu tô, eu posso ir até a faculdade a pé, eu posso no final de semana nos ensaios ir a pé. Essas coisas assim, de pequenos trajetos, que em tempo que eu tinha mais proximidade com o meu local de trabalho, eu fazia mais a pé. E hoje eu não faço porque é longe e porque o tempo tá sempre apertado." EM_02_49 anos	
4. "eu acho assim, aumentar a segurança, eu acho que é um ponto, assim. Mas não acho que seja o principal determinante das pessoas andarem a pé, eu acho que tem muito mais a ver com as ocupações, assim. Porque eu vejo que quem mora próximo de... Os estudantes aqui mesmo moram próximo da faculdade, eles vão a pé independente da segurança".EM_02_49 anos	
5."E a ampliação do serviço da guarda municipal, de ter mais focos, assim, que a guarda circulasse, também acho que intimida um pouco, e que não tem na cidade. A gente vê a guarda municipal basicamente no centro. Então é isso." EM_02_49 anos	
6. "Ter mais tempo. Ah, saúde só, eu acho. Disposição e tempo." EM_03_38 anos	
7."Pra começar a iluminação. Botar mais luz. Pra cá, uma escuridão. Bah! Deus o livre! Botar mais e..., ter mais segurança. Policiamento. Deveria ter postos policiais nos lugares, nos bairros. Ou optar por guardas municipais, com os policiais." EM_03_38 anos	
8."O que me impede de caminhar mais? Parece repetitivo, mas é a segurança. A minha resposta parece repetitiva, mas é real, é segurança. Caminharia muito mais se eu me sentisse segura. Adoraria caminhar olhando as estrelas de noite, vir até aqui, no quadrado, curtir um momento de noite. Adoraria." EM_04_26 anos	
9." Mais luz, mais iluminação no caminho. Criar um contexto em que as pessoas não precisam ter uma. A pessoa que está fazendo a refeição acaba se sentindo mal. Tem tanta gente passando fome que chega a se sentir mal de almoçar. Teria que diminuir essas desigualdades. Claro que a gente está metaforizando, mas eu acho que é isso. As pessoas precisam ter mais oportunidades porque elas não precisam de repente ter que abordar alguém, pegar alguma coisa para sobreviver, para se manter. Acho que é um buraco muito embaixo. Muito concretamente, mais luz faria isso." EM_04_26 anos	
10."Eu acho que o policiamento só iria reprimir as pessoas."EM_04_26 anos	
11. "(...)nossos amigos (negros) chegam aí e são abordados porque essa polícia é racista, está no pacote. Então eu sinto que talvez traga essa ideia de segurança para algumas pessoas, mas não sei." EM_04_26 anos	
12. "A cidade é deles, eles decidem as leis, eles decidem onde tem luz onde não tem, onde tem asfalto onde não tem, onde tem saneamento básico onde não tem, onde é lugar empobrecido onde não é. Porque que o investimento do centro se gasta na casa do milhão pra reformar uma praça no centro da cidade e não se gasta um milhão reformando um bairro? Porque é isso, são os cartões postais então eles têm o dinheiro e a gente tem o que? As nossas preces contra Satã. A gente tem a nossa fé de que um dia as coisas vão mudar, de que um dia sei lá, se não mudar pra todo mundo que um dia eu vou ter um carro pra me deslocar e poder me segurar e de repente dar uma carona com umas amigas. A gente só encontra um pouco na real. Então acho que é isso."EM_04_26 anos	
13. "Ah, iluminação e buraco por tudo, né? A nossa cidade é muito mal iluminada, ainda mais dentro das comunidades. Querendo ou não, é os lugares de mais risco, né? Acesso às comunidades. Tipo, ah, tu vai pro 'Navegante', pode sair daqui à noite pra tu ir pro Navegante, tu vai ver a escuridão que tu vai pegar, entendeu? É, acesso aos bairros são horríveis." EM_05_33 anos	
14. "...sinto falta disso dentro das comunidades. Iluminação e os acessos às calçadas. Olha aqui, é uma vergonha, né? Tem capim, tem buraco. A rua também tem buraco. Então, eu acho que isso é o que mais prejudica. A segurança, né?" EM_05_33 anos	
15 "Sabe o que que eu acho também? A nossa cidade é muito mal arborizada. Tipo, fui mesmo ali... Vamos botar Gramado, que é bem pertinho, né? Nossa, tem fruta aí por toda... É uma cidade que te dá gosto de tu sair a caminhar. Bom, já deve ter ido lá também, né? Tipo, de eu colher bergamota, pegar laranja, da frente da casa dos outros, não tem problema nenhum." EM_05_33 anos	
16. "Mas é isso, eu acho que ia dar gosto mais de você caminhar se tivesse mais arborizada, mais bonita, né?" EM_05_33 anos	
17. "É, tem calçadas muito ruins para se passar realmente. Estavam arrumando, mas tem muita iluminação que é tão precária que já se torna perigoso para quem gosta de passear, né? Caminhar já evita de sair por causa dessa função do escuro, da... ser escuro, né?" EM_06_33 anos	

APÊNDICE I – ANOTAÇÕES DA PESQUISADORA

Caminhada teste.

1ª Caminhada 22/11/2022.

[REDACTED] e continuamos
fazer caminhadas nos finais de
tarde. A entrevistada escolheu o
local que eles costumam ir de
costa. Já os outros tarde e pegamos
caminhos mais latente escuros.

Eu estava um pouco tensa
com o percurso escolhido.

A entrevistada expressou que
permanecendo com o colega ela se
sentia mais segura para usar
roupas mais confortáveis (ela estava
vestindo top e short), dizendo ela
não escolheria esta roupa.

A pesar de no discurso a entrevista-
da parecer tranquila e segura, a
cada passo ou "movimento", o peso,
o trajeto e a velocidade da andar
se alteravam.

Com determinado momento um
homem "apareceu" (um dos dois
quedros de distância), ou seja,
o peso, quase uma marcha, e
ficamos em frente a Colada, lugar
mais seguro, de que a pessoa parou
se.

Foram de o quidado,
já estava mais quando retornamos

3º) [redacted] - 4 de abril - 2023.

15:50h. em frente ICH

Foi uma entrevista super tranquila. O dia estava bastante agradável (muito de tarde). Percebi que a entrevistada conhece bem o bairro e gosta muito de conviver na região.

O trajeto foi sendo escolhido no hora, e sempre impulsionado por algum estímulo visual, a entrevistada mostrou bastante interesse em descrever os pontos, como pontos de encontro nos parques e pontos de encontro em pontos de massa.

luz do porte. Box "maimute",
a diuio de percuras, a deus de
fermo completamente automática
no final do coninhado. indaga
elo sobre isso e ela não para
o dedo conta.

* Na colçada em questão, houve
uma família, de adultos e crianças
que utilizaram a colçada como
extensão de sua casa, prática
comum na região e que já é
característica do larvo.

Me senti segura e confortável
avante todo o tempo que
estive com a entrevistada.

2º) § 1º [redacted] 30/03/2023.
17 h.

Nos encontramos em frente ao meu prédio, e fomos o pé para o Porto.

O percurso foi escolhido durante a caminhada, ou por, ele lembrar de um lugar específico ou por trajetos mais seguros (mais iluminados).

Minhas percepções, de mesma forma que na caminhada, é que mesmo a entristecido dizendo que está confortável e segura de andar nos ruas, as escolhas "automáticas" indicam que a mente está sempre alerta.

Exemplos: • Desconforto ao passar em frente a uma oficina onde haviam 3 homens no calçada, o carro ocupava meio calçada e o passeio ficou estreito.

• No volta, estava escuro, a participante desceu da calçada, preferiu caminhar pelo rio, pois haviam pessoas no calçada, logo a frente, mas que não dava para distinguir sem as lanternas. Havia uma área que tapava a

Durante o percurso fomos fazendo registros fotográficos, a paisagem do entardecer no porto realmente é linda.

Alinhado cheio no ar e outono e os rios, um calçadinho, ainda estarem com poças d'água

S: [REDACTED] 20/06
17:20h

Nos encontros em frente ao ICH e conversamos em torno do centro de lutas e depois em direção ao quadrado.

Para mim foi muito emocionante conhecer um pouco da vivência dessa mulher. Tirei vontade de chorar em diversos pontos do entrevista.

Além dos aspectos de violência nos seus atos trouxe muitos questionamentos de violência dentro dos espaços públicos, desde a utilização dos banheiros até a deslegitimação da sua existência.

O medo, questionamentos de segurança aparecem o tempo todo durante a entrevista.

Fiz várias perguntas para entender a sua noção de cuidado de casa e dos filhos junto com a sua noção de trabalho e estudos para os respostas acabarem de resumindo em "é uma coisa".

Outra contradição foi quanto ao restrição pois disse que só se preocupava com o conforto dos rapazes mas ao final levantou a necessidade de se "desfazer" de pessoas para a vida seguinte, com a ajuda da meditação.

(10) [redacted] 06/06/2023

Início: 17:00h.

Nos encontramos em frente ao prédio que ela mora atualmente e fomos em direção ~~para~~ local que morava antes.

Pedi a um amigo que nos acompanhasse para fazer algumas registos fotográficos.

* As fotos que ela dizia fazer não ficaram boas com a máquina ~~que~~ que emprestei, já estas ~~eram~~ estavam com muito ruído.

Ela trabalha, mora e estuda no Porto, e consegue fazer estes dois comatos a pé.

• Tem 2 filhos, 11 e 13 anos, mora com o avô.

• Impressões: achei como entrevista difícil, respostas muito curtas e pouco explicativas.

Quando falava da filha pequena que ia ler e creche, imaginei que era uma criança de 4 anos.

ANEXO A – CÓDIGO DE TRÂNSITO BRASILEIRO

CÓDIGO DE TRÂNSITO BRASILEIRO

CAPÍTULO IV DOS PEDESTRES E CONDUTORES DE VEÍCULOS NÃO MOTORIZADOS

Art. 68. É assegurada ao pedestre a utilização dos passeios ou passagens apropriadas das vias urbanas e dos acostamentos das vias rurais para circulação, podendo a autoridade competente permitir a utilização de parte da calçada para outros fins, desde que não seja prejudicial ao fluxo de pedestres.

§ 1º O ciclista desmontado empurrando a bicicleta equipara-se ao pedestre em direitos e deveres.

§ 2º Nas áreas urbanas, quando não houver passeios ou quando não for possível a utilização destes, a circulação de pedestres na pista de rolamento será feita com prioridade sobre os veículos, pelos bordos da pista, em fila única, exceto em locais proibidos pela sinalização e nas situações em que a segurança ficar comprometida.

§ 3º Nas vias rurais, quando não houver acostamento ou quando não for possível a utilização dele, a circulação de pedestres, na pista de rolamento, será feita com prioridade sobre os veículos, pelos bordos da pista, em fila única, em sentido contrário ao deslocamento de veículos, exceto em locais proibidos pela sinalização e nas situações em que a segurança ficar comprometida.

§ 4º (VETADO)

§ 5º Nos trechos urbanos de vias rurais e nas obras de arte a serem construídas, deverá ser previsto passeio destinado à circulação dos pedestres, que não deverão, nessas condições, usar o acostamento.

§ 6º Onde houver obstrução da calçada ou da passagem para pedestres, o órgão ou entidade com circunscrição sobre a via deverá assegurar a devida sinalização e proteção para circulação de pedestres.

Art. 69. Para cruzar a pista de rolamento o pedestre tomará precauções de segurança, levando em conta, principalmente, a visibilidade, a distância e a velocidade dos veículos, utilizando sempre



Anexo A (continuação)



as faixas ou passagens a ele destinadas sempre que estas existirem numa distância de até cinquenta metros dele, observadas as seguintes disposições:

I – onde não houver faixa ou passagem, o cruzamento da via deverá ser feito em sentido perpendicular ao de seu eixo;

II – para atravessar uma passagem sinalizada para pedestres ou delimitada por marcas sobre a pista:

a) onde houver foco de pedestres, obedecer às indicações das luzes;

b) onde não houver foco de pedestres, aguardar que o semáforo ou o agente de trânsito interrompa o fluxo de veículos;

III – nas interseções e em suas proximidades, onde não existam faixas de travessia, os pedestres devem atravessar a via na continuação da calçada, observadas as seguintes normas:

a) não deverão adentrar na pista sem antes se certificar de que podem fazê-lo sem obstruir o trânsito de veículos;

b) uma vez iniciada a travessia de uma pista, os pedestres não deverão aumentar o seu percurso, demorar-se ou parar sobre ela sem necessidade.

Art. 70. Os pedestres que estiverem atravessando a via sobre as faixas delimitadas para esse fim terão prioridade de passagem, exceto nos locais com sinalização semafórica, onde deverão ser respeitadas as disposições deste Código.

Parágrafo único. Nos locais em que houver sinalização semafórica de controle de passagem será dada preferência aos pedestres que não tenham concluído a travessia, mesmo em caso de mudança do semáforo liberando a passagem dos veículos.

Art. 71. O órgão ou entidade com circunscrição sobre a via manterá, obrigatoriamente, as faixas e passagens de pedestres em boas condições de visibilidade, higiene, segurança e sinalização.

ANEXO B – ARTIGO 102 DO III PLANO DIRETOR

III - O Sistema Viário é constituído pela infraestrutura física das vias e logradouros que compõem a malha viária por onde circulam os veículos, pessoas e animais;

IV - O Plano Viário visa a implementação do sistema de transporte coletivo e dos meios não motorizados, valorizando os deslocamentos de pedestres e ciclistas e diminuindo a ocupação das vias centrais, por parte dos automóveis estacionados;

V - O Transporte Municipal é constituído pelos serviços de transportes de passageiros e de mercadoria, abrigos, estações de passageiros e operadores de serviços, submetidos à legislação específica para sua execução.

Art. 102 - Constituem diretrizes amplas da mobilidade urbana e sistema viário:

I - Reformular a atual estrutura viária radiocêntrica, mediante interligações transversais que integrem as diversas centralidades do Município, por meio da complementação do sistema-viário e das vias de ligação às áreas de adensamento preferencial;

II - Articular o sistema viário com as vias de integração municipais (zona rural) e as rodovias estaduais e federais, propiciando a melhoria dos acessos às propriedades e comunidades rurais;

III - Melhorar a estruturação espacial que consolide a cidade policêntrica;

IV - Implementar novos itinerários para o transporte coletivo urbano que propiciem a integração entre os bairros, mediante a utilização de rotas alternativas que não circulem pela área central;

V - Implantar obras viárias de atendimento ao sistema de transporte coletivo e de complementação do sistema viário principal, tais como abertura de ruas e conexões viárias;

VI - Melhorar a acessibilidade da população aos locais de emprego, de serviços e de equipamentos de lazer;

VII - Tratar de forma integrada as questões de transporte, trânsito e uso do solo;

VIII - Priorizar a circulação dos pedestres, ciclistas, veículos coletivos em relação aos veículos motorizados particulares;

IX - Implantar melhorias e alteração de circulação viária na área central, redefinindo as rotas para veículos de carga;

X - Implementar novos itinerários para micro-ônibus e vans na área central, na forma de transporte executivo, buscando incentivar a utilização do transporte coletivo em detrimento do individual;

XI - Implementar o estacionamento rotativo como forma de racionalizar o uso dos veículos particulares na área central;

XII - Regulamentar os serviços de transporte coletivo do município garantindo manutenção preventiva para o conforto dos usuários e controle de poluentes;

XIII - Permitir a integração do transporte coletivo com outros municípios;

XIV - Garantir a utilização do transporte coletivo municipal pelos portadores de necessidades especiais com qualificação;

Possibilitar o acesso do transporte coletivo e de veículos de serviço às áreas ocupadas por população de baixa renda;

XVI - Restringir a circulação de cargas na área central;

XVII - Garantir para as vias locais, a implantação de medidas físicas e regulamentares que redefinam as prioridades de circulação, para revitalizar as características ambientais das vias através da redução do domínio do automóvel e priorização de pedestres e ciclistas;

XVIII - Criar um sistema cicloviário que propicie a conectividade em toda a área urbana e integração com o sistema de transporte coletivo, estimulando o uso de bicicletas como meio de transporte;

XIX - Implementar ciclofaixas, paraciclos, bicicletários proporcionando conforto e segurança ao usuário;

XX - Revitalizar e construir passeios para qualificar a circulação de pedestres, assegurando a acessibilidade universal, em especial na Mesorregião CE 3, conforme mapa U-06 anexo à presente lei;

XXI - Proporcionar a criação de rotas acessíveis, conforme norma, conectadas ao sistema de transporte coletivo;

XXII - Aumentar os espaços destinados aos pedestres no perímetro da zona comercial central da cidade;

XXIII - Garantir a implantação, a qualificação e a manutenção das calçadas, prioritariamente, daquelas que acessam equipamentos públicos e comunitários.

Art. 103 - A mobilidade urbana compreende os seguintes conceitos:

I - Corredores Viários - vias, ou conjunto de vias, de diferentes categorias funcionais ou não, com vistas a otimizar o desempenho do sistema de transporte urbano;

II - Sistema de Transporte Urbano - conjunto das diferentes modalidades de transporte de passageiros ou de cargas e seu inter-relacionamento com a cidade;

III - Sistema de Transporte Coletivo - linhas e itinerários operados por veículos com tecnologias para média e baixa capacidade de passageiros, integrados ou não com outras modalidades de transporte urbano;

IV - Sistema de Transporte Seletivo - linhas e itinerários operados por veículos com tecnologias para baixa capacidade de passageiros sentados, serviços e tarifação diferenciados, integrados ou não com outras modalidades de transporte urbano;

V - Rede Cicloviária - conjunto de ciclovias, ciclofaixas e áreas cicláveis integradas com o sistema de transporte urbano;

VI - Centros de Transferência - terminais de manejo de cargas, de abastecimento, inclusive centrais de armazenamento e comercialização atacadista;

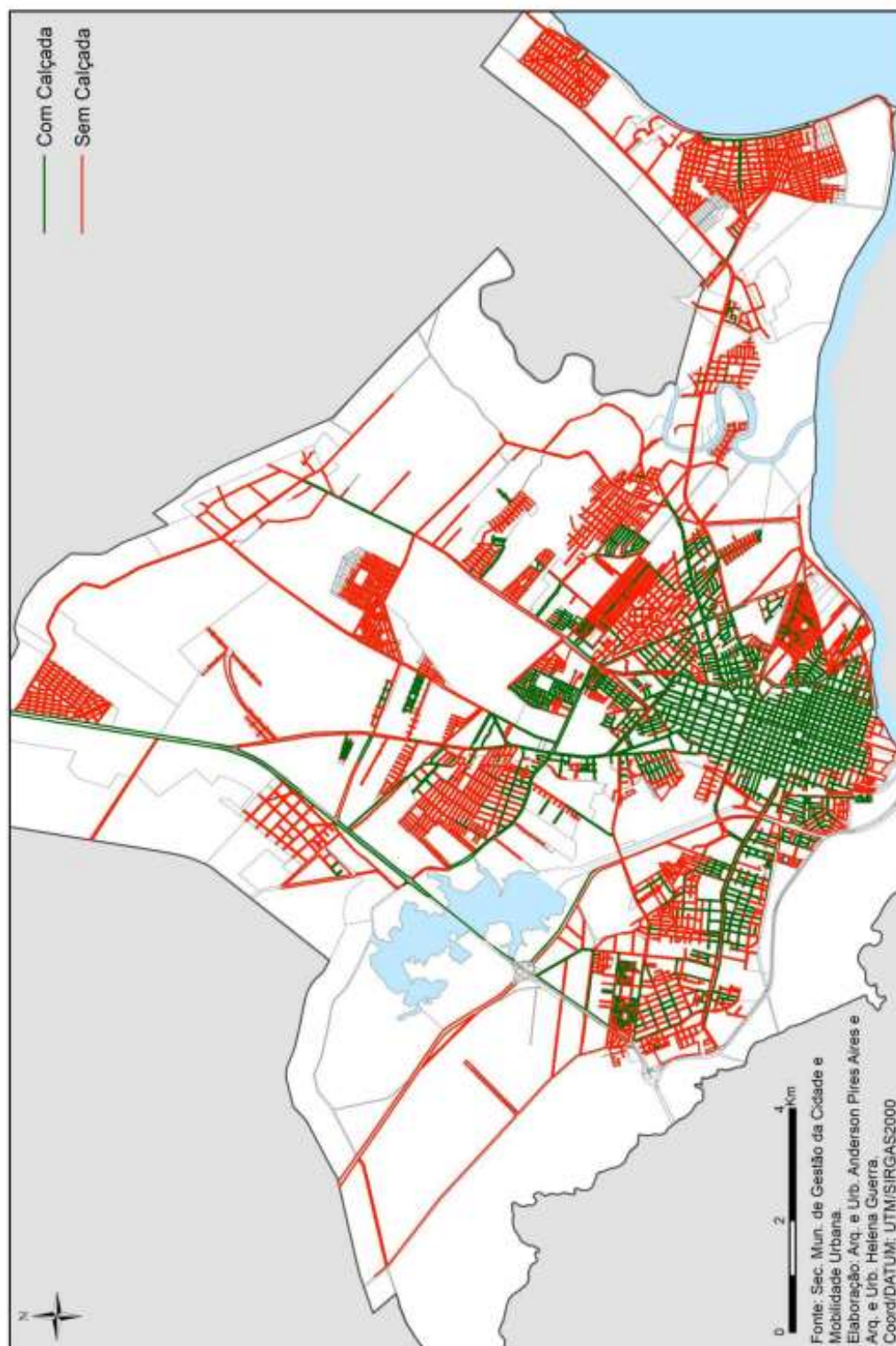
VII - Estacionamentos - estacionamentos públicos ou privados, integrados ao sistema de transporte urbano, com vistas a dissuadir o uso do transporte individual.

Art. 104 - O sistema viário municipal será classificado em Vias de Ligação Regional, Vias Arteriais, Vias Coletoras, Vias Locais e Ciclovias, conforme mapas U-03 e U-05.

Art. 105 - As Vias de Ligação Regional são vias interurbanas, expressas, autoestradas de deslocamento rápido, com função de fazer a ligação com municípios vizinhos, com acesso às vias lindeiras devidamente sinalizado.

ANEXO C – MAPA CALÇAMENTO E ILUMINAÇÃO DAS RUAS DE PELOTAS

Calçamento



Iluminação



ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –

TCLE

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa “Caminhar na Cidade: ressignificação do lugar sob uma perspectiva de gênero”, da pesquisadora Aracele Rocha Mahfuz. A seguir, são apresentadas as informações do projeto de pesquisa com relação à sua participação neste projeto:

O estudo pretende avaliar o desempenho da caminhabilidade para as usuárias na região do Porto em Pelotas/RS, com ênfase na seguridade social (violência de gênero nos espaços públicos).

Os resultados esperados auxiliarão no planejamento urbano visando criar espaços públicos mais seguros e acolhedores, incentivando cada vez mais a mobilidade ativa.

A coleta de dados começa em março de 2023, e terminará no mês de agosto de 2023. O estudo desenvolve através de entrevistas com mulheres e da aplicação do método “entrevista caminhada”, que consiste em lhe acompanhar durante um trajeto que você tenha o costume de andar, na qual deverá ser explicado ao pesquisador todo o percurso, os pontos positivos e negativos que te remetam o lugar.

Você poderá se sentir constrangido por ter alguém filmando e observando seu percurso, caso não se sinta à vontade é possível interromper o percurso ou a entrevista a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa é uma melhor compreensão dos elementos do espaço público que podem causar a percepção de inseguranças nas mulheres ao se deslocarem na cidade.

Você será informada do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A qualquer momento você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. As informações conseguidas por meio da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todos.

Eu....., tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e, para isso, eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Pelotas.

Endereço: Rua Gal. Telles, 265. Apto 103. Centro. Pelotas – RS.

Telefone: (53) 99167 0984.

Pelotas, de de 2023.